This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

A 857,044

PROPERTY OF THE
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

TRAGEDIA MARITIMA

Livraria Figueirinhas—Editora
Rua das Oliveiras, 75—Porto.

Composição e impressão—Typ. Universal
54, Trav. de Cedofeita, 56—Porto.

Direitos reservados

JOSÉ AGOSTINHO

Tragedia Maritima

ROMANCE HISTORICO

1.º VOLUME

1908
Livraria Figueirinhas—Editora
75, Rua das Oliveiras, 77
PORTO

(5 - 368.17)

PROLOGO

I

A caminho da côrte

A CIDADE DE EVORA, donde tinham saído ao caír da tarde, já lhes ficava longe.

Comtudo, os cavaleiros ainda a avistavam, porque o luar, muito claro, iluminava a região com intensidade maravilhosa, num diluvio de prata, se o não era de pérolas.

E um dos cavaleiros, o mais velho—homem de cincoenta annos, de rosto muito aberto, um pouco melancólico,—parecia ver, assim de longe, a cidade alemtejana com uma saudade enternecida que o seu companheiro ia chasqueando ás alfinetadas, sem piedade nem polidez.

—Vêde se acalmais o animo, Fr. Manuel, que não vos sucêda morrerdes de dó por estes caminhos... dizia o escarnecedor, que era joven ainda, ao homem de cincoenta annos, ao homem triste.

E o homem triste, o frade, ouvia isto e ouvia outros chistes levianos, mas não respondia.

Fr. Manuel da Salvação era evidentemente poeta. O seu olhar embebia-se na luz piedosa da lua, como um espirito sereno na doçura dum clarão do paraiso. Tudo o comovia e fazia triste: visos, pedras,

árvores; e a cidade, na sua eminencia, cercada pela fertil campina que a enriquece, a vista de Evora que está quasi posta na margem do Degebe, tributario do Guadiana, nunca o penetrara tanto de tristeza, tanto como agora, porque a ia deixar talvês para sempre, pelo menos por longos annos.

A sua Evora, a côrte de Viriato e de Sertorio, a cidade de Geraldo—o bandido rehabilitado pelo herói—vira-o nascer e, vendo nascer tambem seus pais e os seus avós, vira-os amar, sofrer e morrer.

Fr. Manuel da Salvação em Evora vivera sempre, e nella se devotara a Deus, á Eternidade.

No pó daquelle sólo deixára paixões e sonhos. Naquella terra conhecêra o que o mundo tem de efemero e ilusorio e o que o céo diz á alma, no golpe das primeiras decéções, na espuma das primeiras agonias.

E, apezar de ser todo da vida dos espiritos, sofria imensamente porisso, ao deixar a cidade que, talvês ha perto de 3:000 annos, os eborones fundaram no coração do Alemtejo. E' que nunca experimentara sair para tão longe da sua terra. Fr. Manuel da Salvação dirigia-se a Lisboa com destino á India. Mas, se o entusiasmava a vida de apóstolo entre os povos de Gôa, aonde queria principalmente dirigir-se, não lhe permitia a sensibilidade, nelle muito delicada, deixar sem lagrimas a terra onde crescêra e se lançara ás penumbras e severidades do claustro.

—Vêde que não toca a matinas para alçardes assim uns olhos torcidos—tornava o leigo com ar facêto, moderando a andadura do cavalo, para ir mais junto do frade, para o anavalhar mais ao ouvido com as suas chalaças.

Fr. Manuel volveu-lhe o olhar tranquilo, um olhar que parecia de cristal, e desta vez respondeu-lhe sem mostras de ofensa ou de tédio, com muito dó:

—Vindes prazenteiro, Manuel de Sousa, quando fugis, afinal, a um desgosto que vos devia turvar o coração... Sois forte d'animo, sois, mas que empedernido! Como nem da vossa linda terra levais saudades!

—Empedernido, porquê?—tornou logo o outro, rindo muito. Porque desprezei a carreira de clerigo, porque repeli a murça, a conesía, de que já era titular? Bem sabeis como eu me distraía com a pobresinha por causa da qual fujo para a côrte... Não seria nunca um bom clérigo.

—E pobresinha que deshonestastes—continuou severamente Fr. Manuel—negando-vos depois a desposa-la.

—Porque a não amo—gritou Manuel de Sousa em pleno descampado, mas já com gravidade—como não posso amar mulher nenhuma, porque eu sou todo cavalaria e amor da gloria! Que quereis? Assim me fês Deus e nada mais quero ver do que a minha Patria, que tanto ha mister de quem a honre e defenda!

—A espada que tem manchas não é abençoada por Deus...

—Quereis-me responsavel por caprichos e desvarios aos vinte annos? Muito é que eu, com labéo de covarde, fuja a cruzar ferros com os irmãos da mesquinha... Não a desposaria, por mais que me cercassem de ameaças, mas tambem podia, como sabeis, desfazer-me delles sem o socorro de ninguem.

E não o fiz. Prefiro vir comvosco á côrte e ficar moço-fidalgo d'El-Rei D. João III até poder seguir para a India. E' verdade que a India... oh! a India...

—Podeis contar com isso. Mas, pobre Manuel de Sousa, não espereis passar sem punição.

—D'El-Rei?

—Não.

—Dos irmãos della?

—Ainda menos, Manuel de Sousa.

—De quem, então? Os meus desprezaram-me agora, porque deixei a murça e, depois, porque não dei a mão de esposo a uma donzela, que, afinal, não amo. Não é já demasiado castigo e nojo o desprezo por tão pouco?

—Esqueceis-vos de Deus?

—Não, Fr. Manuel, acudiu o moço com gravidade, estremecendo todo: vós bem sabeis como sou crente e devoto. Mas Deus hade perdoar-me...

—Deus tudo perdoa, quando de todo o mal temos pezar bem de dentro.

—E não o tenho eu deste pecado?

—Não—volveu o frade com placidez austera. Vindes prazenteiro, como quem escapa duma emboscada.

Sómente assim vindes. No intimo, nem vós tendes dôr pela desgraça que fizestes...

—Dôr? balbuciou, apreensivo, Manuel de Sousa, evitando o claro olhar do frade.

E, depois, com alguma angustia, proseguiu:

—Já me vistes, Fr. Manuel, ambicioso e depredador? Não sabeis quanto me dóe o que se diz da India onde a febre do oiro desvaira tantas valentias? Fui acaso desleal a algum amigo, ou usurpador dalgum bem que me não seja devido? A não ser isto, em que fui levado pela paixão, quem roubei eu, ou molestei?

—Só Deus o póde dizer.

—Roubei a honra duma familia?—continuou Manuel de Sousa com exaltação—Queríeis que eu fosse antes mau esposo duma mulher que não posso amar?

—Não, não vos queria mau esposo, Manuel de Sousa, mas só porque não ha ninguem que nós não possamos amar quando o queiramos. Se a loucura vos

fês crêr que amaveis a infeliz durante momentos, porque a não poderieis amar, para sempre, se devéras quizesseis? Sabeis o que deve de ser impossivel ao coração humano? não é amar; é odiar.

— Assim o julgais, porque nunca tivestes paixões...

— Iludis-vos. O meu habito não é uma vestidura tranquila; é o sepulcro de muitas amarguras. Tambem devaneei e me perdi. O que eu não tenho, por mercê de Deus, é o remorso duma deshonra...

— Acredito-vos.

— Se o tivera, havia de chorá-lo e redimi-lo.

— Porque tendes esse feitio...

— Porque tenho este coração... E sabeis como eu choraria e redimiria o meu remorso? Envergonhando-me de ter repelido a desditosa; querendo ama-la, depois de a ter seduzido e engeitado; pagando-lhe o desamor com tanto amor, que ella e todos se esquecessem de que eu a deshonestara e depois a abandonara... E havia de amá-la sem esforço; mas, se Deus me castigasse com a impossibilidade de a amar, devotar-me-ia tanto a ella, como se do coração a amasse...

— Sempre me dissestes isso....

— E sempre me respondestes, que era impossivel... porque não podeis amar, dizeis vós. Mas, se assim é, porque desdenhastes da murça de cónego, ou vos não recolhestes ao claustro?

— Porque quero ser cavaleiro, bem o sabeis.

— Mas um cavaleiro tem de ser um apóstolo, se pretende redimir, com as suas culpas, as dos outros; e como o podeis ser vós, se ainda achais leve o que tão pesado deve de ser para a vossa alma?

Manuel de Sousa não respondeu.

O frade proseguiu com grande doçura:

— Pobre moço! E', pois, vosso destino virdes

a sofrer principalmente quando esperardes a gloria e as honras, porque o pecado tem de ser chorado e redimido. A culpa tem sempre a punição: vem ella amanhã, ou depois, ou, ás vêses, amargamente, nas ultimas horas da existencia... quando Deus o determina, emfim... mas vem sempre!

— Pois seja, fr. Manuel! volveu-lhe o moço com dureza. Que venha o castigo de Deus, se tal tem de suceder!

— Como sucede sempre, disse apenas o frade, olhando ao longe com melancolia, porque Evora desapareceêra por completo, e a vastidão da charneca lembrava, em nudez e em tristeza, a do mar alto, quando as ondas são planas.

Manuel de Sousa pareceu aniquilado debaixo duma tempestade intima. Caminhavam muito a passo, com mostras de tédio e indiferença, mas ambos cheios de dôr: Fr. Manuel, nostalgico e aflito pela dureza de Manuel de Sousa, e o moço, pungido sem poder dizer porquê. A espaços, entreolhavam-se. Nada diziam, mas as suas almas conversavam, doloridas e tristes.

Na curva duma verêda, Manuel de Sousa travou conversa:

— Julgais-me, pois, aceito na côrte de S. Alteza?

— Ides já admitido, como vos disse.

— Quanto vos dêvo!

— Tudo deveis a Deus, que vos quer livrar dos desgostos de Evora... e talvês doutras vergonhas que possam vir. Os irmãos da infeliz podiam ir a Lisbôa procurar-vos e, se vos demorais em partir para a India...

— Não lhes tenho mêdo! rugiu Manuel de Sousa, d'olhar em braza.

— Acalmai a vossa soberba, que eu bem sei

porque lhes fugis. Não é por mêdo, é para não dardes um fecho triste á vossa loucura. E muito vos agradeço por me atenderdes, e por virdes comigo para á côrte...

— Se não me tivesseis falado da India...

— Bem sei: não virieis.

Manuel de Sousa notou a melancolia profunda do frade e acudiu logo:

— Não vos atrigueis, Fr. Manuel, porque vos deve de ser conhecida a insania da juventude. Tudo isto é dos annos, ainda verdes... Nas aulas fui sempre assim, que tudo isto é dos impetos do sangue: mas já fui mais mofino, muito mais...

E, muito humilde, proseguiu:

— Saberão de tudo na côrte?

— Não o digais vós por vangloria, respondeu Fr. Manuel, com aspereza, que tarde se saberá.

— Por vangloria?! disse o moço com ar ofendido. Se eu até quizera que ninguem o soubesse!

— E ninguem o sabe. Para que o diriam os ofendidos, se elles querem tirar por suas mãos a desforra, e vos julgam escondido num dos arrabaldes de Evora?

E Fr. Manuel continuou com gravidade, fitando-o demoradamente:

— Agora, tende conta em vós nos Paços de El-Rei nosso senhor. Se já sabeis que a ninguem podeis amar, para que haveis de encher-vos de novos desassocêgos? E na côrte é um perigo, que vos póde perder para sempre.

— Podeis estar tranquilo — retorquiu Manuel de Sousa, solenemente.

E, de sobrolho carregado, varonil como já era aos vinte annos, a sua figura impunha-se pela energia e pela nobreza. De rosto oblongo, já povoado de barba negra, d'olhos grandes, ora duros, ora con-

templativos, com um nariz aquilino muito pronunciado e correto, Manuel de Sousa parecia mais velho, quando se formalisava assim.

O olhar, de duro, tornava-se profundo; ou, de contemplativo, quando o estava, fixo e penetrante.

O sorriso desaparecia-lhe, ficando os labios completamente cerrados como os de quem delibera.

Toda a sua figura se transfigurava e a leveza d'animo que se lia no seu riso, quando despreocupado, mudava-se toda em severidade e meditação, quando não podia rir.

E então Manuel de Sousa via as coisas com verdade e sinceridade. Principalmente, de todo elle transparecia uma tal firmeza, que inspirava respeito e confiança, que o tornava magestoso.

Fr. Manuel sorriu, satisfeito de lhe ler na face aquella sinceridade e aquella energia e ia a falar-lhe; mas o moço, enlevado no seu sonho, já lhe dizia, d'olhos perdidos na charneca infinita:

— O que eu apeteço é a India! Não vou lá buscar oiro nem pedrarias: vou buscar perigos, que deixem de mim um nome e gloria para o reino. Ah! Fr. Manuel, dava toda a vida para ser, ao menos um dia, Duarte Pacheco, ou D. Francisco d'Almeida, ou D. Afonso d'Albuquerque!

— E não quizereis ser D. Vasco da Gama? perguntou o frade, sorrindo.

— Quereis a verdade toda? Não sei porquê, não me tentam as glorias do mar. Grande feito foi o de Vasco da Gama e grande foi elle, como nenhum, por abrir o caminho da India, mas o que mais me praz é a peleja em terra, acometer fortalezas, atravessar palmares, pelejar em areaes e campos.

— Tendes então mêdo do mar?

— Não o acredito, ainda que mal o conheço dum dia, em tamanino, que fui ao Restelo. Heide atra-

vessá-lo, como os outros, mas, desde que o vi, se nelle penso, entra-me cá dentro uma tristeza... Sei que não viveria bem sobre elle....

—Já vosso pai assim não era...

Manuel de Sousa, ouvindo falar no pai, ficou mais triste do que grave e não respondeu.

Notou isto Fr. Manuel e pareceu ficar contente.

Depois, não soltaram mais uma palavra. Jornadeavam tão mudos, como se não se conhecessem.

Sem se consultarem, picaram de esporas ambos, quási ao mesmo tempo, e a andadura dos cavalos tomou o impeto e a vertigem dum rasgado galope.

II

Luz do céo

Fr. Manuel apresentou Manuel de Sousa Sepulveda na côrte de D. João III. Receberam-lh'o bem.

Depois, rogou com instancia que o deixassem ir com elle á India, a pelejar e a conhecer a vida.

Não lhe fizeram a vontade. A todos os pedidos lhe respondiam como S. Alteza não queria que ninguem partisse para o Oriente sem se educar bem no Paço, sem ter escola de cavalaria e praticas com os que sabiam dos segredos da governação.

Era isto manejo de Pedro d'Alcaçova, desejoso de substituir piratas e bandidos por verdadeiros fidalgos, ancioso por poder sustar a torrente negra que submergia a India.

Teve o frade de partir sem Manuel de Sousa e, ao abraça-lo na ponte de embarque, falou-lhe com tantas lágrimas, que o moço jurou tudo quanto Fr. Manuel lhe pediu, e até chorou com elle.

O frade rogava-lhe, por Jesus-Cristo, que não desrespeitasse os Paços da Ribeira e que na atmosfera da côrte aprendesse, resignadamente, a conhecer os vicios que tinha de combater em Gôa, ainda mais do que a canarins e a moiros. Dizendo-lhe isto, falava mais o olhar do que a voz. Parecia um santo.

E deixou-lhe conselhos piedosos para se reger na fervura das paixões, para fugir das rufiagens e das tavolagens, para expiar, digno e puro, o que elle julgava um grande pecado.

Manuel de Sousa viu-o ir tranquilo e confiado, porque a resposta do moço fôra duma firmeza tão grande, como se nella quizesse dar prova de todo o seu caráter.

Depois, emquanto a frota se perdia nas brumas da barra, o moço-fidalgo sentia uma angustia nova, uma saudade como nunca sentira. Conheceu então uma amizade talvês superior á que tinha ainda a seu pai, porque o aféto de Fr. Manuel da Salvação não traduzia egoismo e perdoava sempre: não falava de orgulhos; falava de paz da consciencia.

Quando não viu mais do que agua, céo e as outras embarcações que aquella náu atravessara, como se atravessaria um bosque flutuante, voltou ao Paço com a lentidão dum valetudinario.

Foi para elle um dia de tristeza e de meditação. A mulher que deixara em Evora fazia-lhe agora mais pena, e a India, o sonho constante, se agora lhe parecia ainda mais puro e extranho, mais o carregava de remorsos e compaixões, depois que vira partir o frade, e o ouvira, entre soluços e ancias.

Não era para amores — concluia sempre, e muito mais quando pensava nas lindas damas da côrte, frivolas, tão esquecidas da Patria, que só falavam de sêdas e de saraus.

Parecia-lhe cada vês mais, que não nascêra para criar familia, para viver na estreiteza monótona dum lar, para gastar o tempo a adorar uma mulher e a beijar criancinhas, lindas e loiras decerto, mas banaes como todos os seres inconscientes, que nem pensam em Patria nem em gloria.

Dos homens, tinha as impressões mais desgra-

ciosas. Nem lhes achava garbo, nem amor da cavalaria, nem talentos. Para elle só a bravura era virtude, e essa ia toda para a India trovejar e relampejar. Em Portugal ficava a vasa, fermentando espumas d'oiro e sêda.

Lisboa encantava-o, porque era esplendida; mas não o prendia, porque a achava languida.

As intrigas da côrte enjoavam-no como se fossem sempre sintomas de covardia.

Não o deslumbravam pompas: aterravam-no. O luxo dum sarau, sem saber porquê, lembrava-lhe a imponencia dumas exequias mal disfarçadas em festa.

Todos viam o Tejo de cristal: só elle o via de pérolas com muita lama á mistura.

Quando os nobres passavam em cavalgadas, tinha impulsos agressivos, desejaria reptá-los para um torneio. Mas, calmando-se, não os podia desprezar: odiava-os.

Só uma beleza da capital o enleava: era a grandeza panorâmica que se gosava dos visos, dos montes circumjacentes, da cintura ondulosa da região de Lisboa.

E para elles fugia, logo que lhe era possivel, logo que tinha uma hora d'ocio.

E, dos montes, dos miradoiros pedregosos, descia á pedra humida dos templos, como nunca, a procurar vozes d'orgão, perfumes de incenso, murmurios de almas recolhidas no supremo refugio.

E orava, orava muito, convencido de que se purificava assim, de que assim se rehabilitava.

Fôra sempre crente. Mas, antes de conhecer Fr. Manuel da Salvação, as suas preces eram automaticas como um costume. Falavam mais nellas os labios do que o coração. Rezava como quem se defende dum castigo supremo: não orava como quem sóbe acima da sua argila num grande vôo de humil-

dade e fé, a abnegar-se todo diante da gloria de Deus.

Não se enternecia assim. Acreditava e pensava pouco no que acreditava. Sentia, como que só por instinto, por propensão nativa, e por costume tambem.

As suas paixões não se amorteciam, orando: calavam-se por momentos e impeliam-no depois, como se a oração as não podesse destruir ou pelo menos atenuar, como se não tivesse poder para conservar a luz inefavel que lhe acendia, a espaços, no coração.

Ajoelhava, como quem obedece: levantava-se das lágeas do templo, como quem se ergue do peso dum jugo necessario.

Mas, de todos os seus defeitos, o maiór fôra sempre a soberba. Nenhuma linhagem lhe parecia tão alta como a sua. Em ninguem supunha tanto valor como nelle proprio. Bastante instruido, a sua soberba levava-o á crença de que as inteligencias dos outros eram sempre mais incultas e mesquinhas.

E, afinal, pouco prezava as letras. Para elle os poetas eram servos, ornamentos passivos da côrte dos reis ou dos fidalgos. O saber era o valor do escravo, ou, quando muito, do pequeno cortezão.

Todo o valor e toda a virtude estavam numa espada, e esta era tanto mais brilhante quanto mais implacavel a favor da Patria e do Rei.

Depois de se afeiçoar a Fr. Manuel da Salvação, a sua soberba recebeu um golpe profundo.

Orando, viu que se elevava: elevando-se, compreendeu que se humilhava.

E, quando refletia nisto, sentia-se melhor, menos do combate e mais da abnegação. Quasi admitia não ir á India senão de estamenha, voltando á vida de clerigo que iniciara em Evora.

Se o frade o tivesse acompanhado mais tempo,

Manuel de Sousa Sepulveda ficaria outro. Mas Fr. Manuel deixava apenas semeado o remorso: não pudera plantar a caridade estrema. O sólo tinha pouco ainda de humus.

E a visão da India, guerreira, aventureira, maravilhosa de gloria mundana, voltou-lhe, a excitar-lhe o patriotismo e o amor proprio, embora com torturas intimas.

Compreendia melhor a devoção: mas, saindo dos templos, Manuel de Sousa retomava ainda a envergadura de ferro.

Comtudo, deixara de rir, como ria. Tornou-se habitual a sua gravidade. Mas o que na côrte ficou célebre em pouco tempo foi a sua valentia insofrida, o seu brio e temeridade.

Numa noite apertaram com elle, de improviso, tres *valentones*. Confundiram-no com algum burguês descuidado. Cairam a fundo sobre elle os brigões, como assassinos, ao dobrar para o Rocio.

Manuel de Sousa travou da espada e fês a sua defeza. E logo, desarmados dois, correu sobre o que ficava armado, mas que recuava, livido, sem poder parar um bote.

Não valeu ao brigão toda a estrategia. A espada valia-lhe menos na mão do que se tivesse apenas uma navalha de ponta e mola. Manuel de Sousa desarmou-o tambem e, generoso á sua maneira, contentou-se em prostrá-lo no pavimento da rua, esbofeteando-o sem encontrar resistencia.

Viram isto alguns pagens e moços-fidalgos. O lance correu logo em toda a Lisbôa, com ruido.

D. Antonio d'Ataíde mandou-o chamar e festejou-o. Depois, falou-lhe em aventuras e brigas, como o sabia fazer o valido que El-Rei, mais tarde, fês Conde da Castanheira.

Manuel de Sousa respondeu com aprumo, que só

por acaso se vira envolvido na briga, e disse que achava improprio de nobres tão vergonhosa rufiagem.

De tudo soube D. João III, mas, encantado com a bravura do fidalgo de Evora, arrefeceu com elle pela sua altaneria diante do valido, e fês-lh'o saber.

Manuel de Sousa, fanaticamente monarquico, estarreceu e doeu-se muito então.

E, pela primeira vês na sua vida, acreditou nas miserias de muitos reis.

Mas, caindo-lhe um pouco dentro d'alma a figura tradicional da Monarquia, Sepulveda viu, melhor do que nunca, a radiosa figura da Patria.

A palavra simples e justa de Fr. Manuel fizera-lhe ver Deus, como nunca o vira: o despeito de S. Alteza, injusto e inesperado, fêz-lhe ver, com mais brilho e verdade, a Patria.

E deste amor, mais acrisolado, mais completo, mais perfeito, veio um pouco do abatimento da sua prosapia. Descobriu o que poucos então veriam: o valor enorme da coletividade—Povo, e o nada efemero da contingencia—individuo.

E viu que só se aprendia na côrte a não pelejar e a desprezar a virtude. A escóla das pelejas era a rufiagem: a escola da virtude era a tavolagem e a intriga.

Cheio destes pensamentos, porém, o seu amor proprio só se atenuava passageiramente, porque ao menor lance, tempestuava e predominava, sem freio e sem reflexão.

E, quando se esquecia do cristalino olhar do frade e da auréola imaculada da Patria, Sepulveda era sempre o barbaro aventureiro, cioso do seu sangue e da sua gloria, principalmente.

E, se dominava bem os apetites que o podiam lançar nas aventuras de capa e espada, pouco se habituava ainda a sofrear a dureza que, desde creança, lhe

desvirtuava a coragem, chegando a torna-la ferocidade.

Entretanto, esperava com ancia o dia radioso da partida para a India.

Comtudo, as frotas iam e vinham e elle sempre na côrte, emquanto outros, mais felizes, se partiam, cheios de jubilo, tão alheados dos seus entes mais queridos, que não vertiam uma lagrima nas amuradas das naus.

Um dia, trouxe-lhe uma náu uma carta para elle. Vinha de Baçaim.

Abriu-a e viu que era de Fr. Manuel da Salvação.

Ao ver aquelle nome, a sua alegria foi infinita, mas quási não foi menor o seu medo. Temia, além de noticias tristes, severidades que o maguassem, talvês recriminações pelo que desagradara a D. Antonio d'Ataíde, como o frade já poderia saber.

A's primeiras linhas, o seu olhar ficou humido de ternura. Só o frade lhe desentranhava do coração a sensibilidade que rara vezes o vencia. Depois, calmou-se e ficou sorridente, com uma resignação profunda.

E, de rosto voltado para o Tejo, com atenção religiosa, pôs-se a ler:

«Honrado Manuel de Sousa:

Ha muito vos quizera escrever e já o teria feito, se tão trabalhado não andara de perigos e doenças. Hoje que, por mercê de Deus, estou são e tenho algum repoiso nesta terra de Baçaim, vou conversar um pouco comvosco, para que vejais que não é digno de esquecimento quem de vós nem de tão longe se esquece.

Foi Deus servido dar-nos viagem tormentosa

até ao cabo de Guardafú, mas depois tão limpa e de bonança, que mais nos parecia cortarmos as aguas do saudoso Tejo do que irmos á mercê das vagas do Oceano. Desembarcámos em Diu numa manhã de grande calma e logo me parti para o Canará, chegando á cidade de Gôa ao entardecer dum dia de chuva.

Muito bom recebimento me deu sua senhoria o governador D. Nuno da Cunha, que já sucede a Lopo Vaz de Sampaio, e em Gôa nos demorámos, eu e outros religiosos, fazendo praticas aos canarins e chamando o povo aos templos.

Gôa, Manuel de Sousa, está tão cheia da alma de D. Afonso d'Albuquerque, o Grande, que só o que delle tem é digno de apreço e admiração. Mas palacios, muralhas e egrejas, não bastam para encobrir a devassidão e a ambição que ali medram. Os nossos soldados cada vês são mais piratas e os governadores perderam o credito de homens de bons costumes e de boa fé.

Os nossos, ainda mais do que os canarins, hão mister de prégações do Evangelho, de muitos clamores de clerigos e missionarios, pois nesta terra de molezas tudo é dar ensanchas aos vicios e despejar cóleras e soberbas. Grande mal é que os moços-fidalgos como vós não venham apercebidos, como é mister, contra este paúl humano, porque aqui se perdem os melhores e se tornam horriveis os maus.

Ha quinze dias que estou em Baçaim e, ora enfermo, ora muito ocupado, ando ha dias para vos escrever, até que hoje o faço, pensando com grande saudade em vós e desejando-vos socêgo do coração e fortaleza de fé.

Por isto, fica para outra carta o muito que tenho a dizer-vos de curiosidades da India, e vou falar-vos do muito que tendes a ponderar antes de virdes combater aqui por Cristo e pela Patria.

Habituai-vos, Manuel de Sousa, a não fazerdes aos outros o que não quererieis que fizessem a vós ou aos vossos, e tende sempre diante dos olhos, mais a gloria do Reino e da Fé, da Patria e de Deus, do que a propria vossa.

Não vos agasteis por qualquer coisa: habituai-vos a moderar impetos e a não romper prudencias, que são mais fortaleza do que os desesperos.

Não oiçaes intrigas, nem faleis alto de ninguem senão por bem ou por caridade e, se vos ofenderem, antes de pensardes na vossa linhagem, pensai em se tendes razão para vos desafrontardes.

Em todos os vossos desgostos e agruras, pensai primeiro em Deus e só depois na vossa espada e, se pudérdes evitar a vingança, conhecereis qual é a maior vitoria e balsamo do coração humano.

Não conheçais o ódio, nem a ambição, nem a vaidade, porque não vos acheis mergulhado na inveja e, ao partirdes para a India, lembrai-vos de que vindes precisar mais da virtude aqui do que nas terras da Patria.

Breve vos escreverei. Por hoje meditai isto e, se orardes, como espero, lembrai-vos deste vosso velho e enternecido amigo.»

O moço-fidalgo leu, releu, e, sem poder conter-se, desatou a chorar.

Nenhum amigo, nenhum livro, nenhuma bondade, lhe fazia assim bem ao coração.

A razão e o sentimento falavam naquella carta, naquella alma, com tanta verdade e tanta singeleza, que elle só podia admitir egual eloquencia em Jesus Cristo.

E, neste enlevo de palavras puras, tocantes e profundas, Manuel de Sousa já não via só o Povo, a Patria, a Virtude: avistava, como nunca, o mis-

terioso reino do Além, a misteriosa e submergente visão da Eternidade.

A propria India lhe esqueceu então por momentos. Chegou a não pensar que cingia uma espada. Teve saudades dos claustros onde conhecera o frade. E vergou-lhe então a cabeça e adormeceu a sorrir, como quem sonha e perdoa, ou como quem sonha que tudo lhe perdoam porque todos o amam.

III

O tédio d'El-Rei

O BERGANTIM REAL vinha de manso á flor das águas, embandeirado como um arraialsinho flutuante. Os seus pendões de sêda ondulavam ao sabor da aragem do Tejo, emquanto, refocilado nas alcatifas, o senhor D. João III olhavá para Lisbôa toda, piscando os ólhos verde-escuros, porque aquelle sol — sol de Março — ofuscava e queimava.

Tinha então Sua Alteza de 28 para 29 annos.

De estatura mediana e de cintura grossa, não o distinguia a esbelteza, não o destacava a elegancia.

Sobrava-lhe em largura de costas e hombros o que lhe faltava em pescoço, um pescoço baixo, gordo, sem nervuras salientes, mais flácido de carnes do que rico de sangue. Era atarracado, sem proporção nos membros.

Mas o rosto, cheio, de epiderme fina e côr de pérola, tinha alguma beleza, apezar da barba corredía. A frescura muito rubra dos lábios dava-lhe á severidade do sorriso uma amabilidade generosa, a expressão dum caráter afavel e tolerante. Os ólhos, nem azues, nem verdes, verde-escuros talvês, nem eram tão grandes, que fôssem contemplativos, nem

tão pequenos, que fôssem penetrantes. Naquella ocasião, pelo menos, o fundo do seu olhar era tão vago, quando o podia abrir, que mal parecia despertado.

Sua Alteza, pelo descaimento do labio inferior, muito humido e vermelho, e pelos vincos dos malares, via-se que ia atacado de tédio.

D. Catarina, a rainha, alta, magestosa, muito loira, de rosto oblongo e nariz d'águia, recostava-se ao lado com uma simplicidade natural.

Não muito formosa, mas principalmente afétuosa, tinha a magestade austriaca na doçura do misticismo. Irmã de Carlos V, o seu olhar era o da sua raça, olhar profundo e, ao mesmo tempo, movediço, mas com um clarão constante de ternura e benevolencia.

Na sua face, magnifica de sangue e vida, não havia um sulco de tédio e, comtudo, tinha alguns vincos de amargura.

A rainha, vindo d'Almada com seu esposo, não desfitava agora Lisbôa, gentil e languida ao sol duma primavera d'oiro.

Lisbôa então, vista do Tejo, já era um grande amfiteatro de casaria, entresachado de torres e hortas. O rio, deixando-se vencer pelo quadrilatero do Terreiro do Paço, e pela facha adjacente onde estava a Casa da India, desforrava-se dominando o sólo até muito perto da Sé e limando, caudaloso, toda a cidade, do ocidente ao oriente, em curvas deseguaes, aos caprichos.

A capital, já magnifica, ainda tinha limites que a não deixavam subir acima do que é hoje Largo de S. Roque, nem correr ao ocidente da atual rua do Alecrim.

Ao oriente, quedava-se em S. Vicente de Fóra, e a sua cêrca, amuralhada, com golpes de torres, deixava ver, do meio do Tejo, a cultura dos campos

ao norte, o que adelgaçava muito a figura da capital, estirando-a; e, por detraz das tristes verduras dos olivêdos, as curvas dos relêvos severos, montes que hoje são bairros, cortinas de serra que hoje são taludes da cintura de Lisbôa.

Acima do Convento da Graça, feriam o céo as agulhas dos Paços do Castelo. Mais abaixo, a catedral arrojava as suas torres tão alto, que, de longe, parecia estar no mesmo plano daquelles Paços. Depois tudo se humilhava mais. Viam-se melhor os desembocadoiros das azinhagas e as escarpas que desabavam, negras e áridas, sobre quintas e casaria. O campo dominava a cidade — a fortaleza, o muro.

Lisbôa perdia, nesse ponto, mais o aspéto guerreiro e minaz. Tornava-se mercadora e maritima, baixando os tétos quási á flor das águas, a auscultar as ondas, a ouvir quem chegava da India.

Mas D. João III, farto de Lisbôa e farto de si próprio, olhava e não via.

Molestava-o a claridade, apezar do toldo e, piscando os ólhos, em vês de aguçar a vista, disfarçava o sôno ou o mau-humor.

E o velho Antonio Carneiro, que fôra grande ministro de D. Manuel e o continuava sendo de D. João III, comentava isto em voz baixa com Pedro d'Alcaçova, seu filho e sucessor no leme do Estado, mancebo tão grave, que já parecia um velho.

— Desta guisa — dizia o ministro — el-rei nosso senhor parece mais velho dez annos, quási tão ancião como eu, quási tão merencório.

Pedro d'Alcaçova, de rosto aberto e inteligente, apesar da gravidade excessiva para a sua juventude, não respondeu logo. Ficou-se a contemplar o monarca que estava de perfil e, depois, poisou ólhos extranhos na figura escultural da rainha. Ficou assim minutos, d'olhar penetrante, olhar especial de

magnetismo, olhar que o fazia mais atraente e misterioso. Em seguida, lançou, de golpe, a mirada por toda a comitiva, sorriu com alguma ironia, e volveu a Antonio Carneiro:

—Praz a Deus, que tudo vá envelhecendo.

—Tudo, filho, tudo—retorquiu o velho com um suspiro d'alma.

E a sua reserva d'ancião e de prático desfês-se, numa pontada de saudade, num pieguismo sentido:

—Que tempos os de El-Rei D. Manuel! O Paço da Ribeira era uma escóla de galantaria e grandeza. Hoje é peor do que o Paço d'Alcaçova, nos seus tempos de luto. E nem porisso deixava de haver heróis como Afonso d'Albuquerque. Hoje, mais sisudos e mais fracos...

—Mais estragados... murmurou Pedro d'Alcaçova, cerrando os ólhos.

Antonio Carneiro contemplava, porém, já o rei, querendo ler-lhe na alma.

D. João III soerguêra o busto e passeava por todos o olhar baço. D. Catarina observava-o de soslaio e, de subito, ergueu-se, e desfechou um anciado suspiro, voltando-se toda para a cidade. Quem a visse bem de frente, vê-la-ia decerto sorrir, sorrir muito, olhar, olhar com ternura e aféto para a terra portuguêsa, mas tambem podia descortinar-lhe nas pálpebras as pérolas dalgumas lágrimas. Felizmente as pérolas vinham duma pupila azul como o céo: encantavam, iluminavam.

Antonio Carneiro e Pedro d'Alcaçova descobriram-lhe aquellas pérolas num raio de sol que lhe doirou todo o mármore da fronte esplendida.

E logo o velho, fitando o filho, sorriu e encolheu os hombros, ajustando a volta do pescoço.

Mas Pedro d'Alcaçova, que o compreendêra, disse-lhe baixinho, solenemente:

— Ella tem razão.

— A rainha?! estranhou o velho ministro, meneando a fronte branca.

Pedro d'Alcaçova continuou logo, sempre em voz discreta e rápida:

— El-rei não esquece a madrasta. Tem-lhe amor e ódio. Ora D. Leonor diz-se que vai desposar Francisco I de França...

— E não casou Sua Alteza?

— Vós bem sabeis, pai, que o amor não raciocina...

O velho ministro curvou a cabeça com amargura. Depois, naquelle dia, mais propenso a expansões, atraiu o filho pelas abas do pelote e disse-lhe, d'olhos nos olhos delle:

— Dizei-m'o a mim, como foi a paixão dos dois. Eu estava lá com El-Rei nosso senhor, D. Manuel, que ia volteiro que nem donzel em sarau. D. Leonor apareceu, linda como uma estrêla, e pasmou diante do Principe. Acompanhava-a Brites de Mendonça e foi a ella que, tomada d'assombro, perguntou, designando D. João: *Este es el bovo?* Tinham-lhe dito, para a dissuadirem de desposar o Principe, que era mal ageitado e falho de juizo...

— Perfidia do pai... murmurou Pedro d'Alcaçova, alteando o sobrolho. E, fitando D. João III que conversava indolentemente com a rainha, concluiu com piedade e calma:

— Aumento da verdade, que Sua Alteza tem certo desarranjo, da quéda que deu em pequenino...

Antonio Carneiro, porém, continuava, como se o filho nada lhe tivesse observado, e como se naquelle momento tivesse de ser falador:

— Depois, foi todo aquelle padecer de ciumes e raivas, ódio a ella por o humilhar com o preferir-lhe El-Rei seu pai, e loucura pela beleza della, agruras

que só eu sei... Foi vingançasinha e côrte, negar-lhe a mão de esposo e chorar por ella nas verduras de Almeirim... visitá-la, adulá-la...

—E agora, pai, aquelle tédio é a saudade della ainda. Rainha de França a vê já Sua Alteza, nas mãos do soberano mais dissipado da Europa...

—E as lágrimas da rainha... atalhou Antonio Carneiro, meditabundo, temendo a conclusão.

—São ciumes, negros ciumes devorados com cortezia, rematou rispidamente Alcaçova.

Entretanto, o bergantim deixára de ser batel em pompa e parecia, cheio de sol, á mercê da onda e do vento, uma tenda volante, a doidejar sobre uma enorme taça de pérolas. A comitiva conversava quási toda, depois de El-Rei se prender em dialogo com D. Catarina que voltára para junto delle, a sorrir e a bambolear-se de leve.

Lisbôa aproximava-se, pouco a pouco, como se fôra ella que, calçando pantufos de boninas e ondas de fogo, caminhasse, ainda árabe de tez, até á prôa do bergantim real. O Tejo estreitecia em frente da prôa.

Distinguia-se já, nitidamente, o Paço da Ribeira com a sua pontesinha pelo Tejo dentro, á espera dos bergantins aventureiros, á espera de rajás cativos.

No seu conjunto, o Paço da Ribeira não tinha outra imponencia que não fôsse a vastidão. Déra-lhe D. Manuel alguns primores ao frontispicio e fizera delle, afinal, uma especie d'armazem suntuoso das riquezas da India. Uma simples pedra sôlta da Batalha brilharia mais do que o melhor pórtico do Paço, de tão pouca alma que havia naquella arquitetura, que D. Manuel fizera ninho duma vaidade. A menor beleza dos Jerónimos, apezar do simples valor de parafrase que tem, como Arte, este monumento, ficaria excessiva no grande Paço da Ribeira, babel paralelo-

gramica que D. João V adornou mais tarde com uma torre de mármore e relogio, como Filipe II lhe deu a célebre galeria e pavilhão, chamados do *Forte*.

O que o espírito mediocre e ôco de D. Manuel déra de novo ao Paço da Ribeira fôra a grandeza e os arabescos dos salões. A cosinha deste Paço valia, em cubagem, e em garridice, o salão nobre dos antigos Paços de S. Martinho ou do Castelo.

Diz-se que havia no Paço da Ribeira uma das salas maiores de toda a Europa, sala com 130 palmos de comprimento e 76 de largura, apojáda de especiarias e purpuras.

Havia necessidade de armazenar, expondo-os bem aos ólhos dos parasitas da côrte, os produtos da India em sêdas, joias e esmaltadas loiças do Oriente. O palacio era balcão.

Apezar das linhas gigantescas, portanto, o Paço da Ribeira tinha um conjunto banal, com ridiculas pretenções a grande arte, pois não passava em tudo dum enorme depósito de mercadorias. Não representava um pensamento: significava uma vaidade. Não traduzia um sentimento: dizia alguma coisa dum crime—devorar sem produzir, entesoirar para corromper.

Entretanto, á esquerda de D. João III, pimponeava o seu garbo e o seu prestigio um moço da mesma edade que El-Rei. Esse moço, que tinha vindo a segredar doçuras a uma dama trigueira e hirta, estava-se aproximando de Suas Altezas, ancioso por que D. Catarina se afastasse, terminando a conversa que esmorecia aos poucos.

Como a rainha continuasse a falar com muita doçura no rosto magnifico, elle alteou a fronte e pôz-se a olhar d'alto para toda a comitiva. Era mediocremente belo, mas, porisso mesmo, cheio de fatuidade e presunção. Salvava-o da antipatia um traço

energico que parecia começar-lhe nos ólhos, muito sanguineos, e terminar no sorriso, acerado, tranquilo, um pouco sarcastico, um pouco pungente.

D. João III fitava-o, donde a onde, e sorria-lhe, a furto, como um pequeno mistificador ao seu cumplice. O moço via aquelle sorriso, sorria tambem, exteriorisava uma grande paciencia e indiferença, e corria os ólhos por damas, ministros, moços, fidalgos e fidalgas, escudeiros e cavaleiros, levando a mão direita á gorja de rendas.

Depois, volvia ólhos fátuos aos borzeguins muito justos e fixava o olhar na dama trigueira, toda afogueada e derramada, a pedir com os ólhos madrigaes e mesuras. Mas, de repente, a rainha dirigiu-se a uma senhora de edade meã que ia adormecida nas alcatifas com o abandono das grandes fadigas.

E o joven fidalgo correu então para Sua Alteza, de mão no quadril.

—V. Alteza ainda padece, disse elle, baixinho, todo curvado, apenas chegou.

D. João III alongou o labio inferior e não respondeu; cerrou os ólhos de todo.

Mas o fidalgo proseguiu com toda a liberdade:

—Não olvide V. Alteza aquelle remedio dos tempos de folgança...

—Muito folgámos, disse então El-Rei com uma voz que parecia de ventriloquo. Mulheres divinas... prazeres em abondança...

E, depois dum breve silencio, cravando ólhos vivos sobre a rainha, recostada a distancia, com encanto, soltou estas palavras:

—Que nada me desprazem os tempos d'hoje, D. Antonio d'Ataíde... O resto passa. Isto é mais rancor do que amizade.

E, mudando logo de pensamento, acrescentou ainda:

—Que tardança hoje a do bergantim!... Tomára-me no Paço... Este sol morde.

—Vai V. Alteza—acudiu logo o Ataíde—em guisa de entediado. Já assim não fôra, se tivesse vindo Luís Vitoria ou, ao menos, um dos jograes castelhanos...

—Até isso me aborrece, desabafou com mais facilidade El-Rei. Luís Vitoria é grande musico: elle e a sua gente são tangedores para matarem todas as tristuras. Mas, D. Antonio d'Ataíde, eu não estou merencóreo, estou desapegado do gosto á vida. Quanto a jograes, bem basta ver esses vassalos fazendo terreiro ás damas...

—V. Alteza agasta-se com galanteios...

—Sim, acudiu D. João III com vivacidade inesperada; não me prazem muito hoje. El-Rei meu Pai, que Deus tenha em sua guarda, esse era mais de saraus e de jogos. Era mais alegre e afortunado.

—As noticias da India são gostosas—observou o Ataíde, timidamente.

—Nuno da Cunha é um bom soldado, disse El-Rei com lentidão. Cá ao leme, vós, D. João da Silva, Luís da Silveira, D. Pedro de Mascarenhas, fazeis o que é mister. Vós e os velhos, do tempo de El-Rei D. Manuel, o Carneiro, o Conde de Vila-Nova, D. Alvaro da Costa, D. Antonio de Noronha... Todos me prazem, todos. Sabeis o que me despraz?

—V. Alteza o dirá.

—E' não ser eu mais de folguêdos, ser tão soturno cá de dentro...

O Ataíde curvou a cabeça. A rainha fitava-os de ha muito, em cheio, como que a querer compreendê-los, de cólo empinado e labios convulsos.

O bergantim ia tocar na ponte. Afastavam-se os bateis no rio a darem-lhe caminho e a comitiva

movia-se, fazendo rugir as sêdas e tilintar as armas. Lisbôa deixava já só ver os alicerces, perdendo-se ao alto o cacho da casaria e as flechas das torres. O sol era forte ainda, apezar de descaído sobre o poente, como uma esfera de braza que rola até ao mar.

Já estava em terra o almoxarife com o seu sequito. Cheirava a maresia viva. O sussurro da capital vinha envolto com o forte halito do seu peito de mármore e caliça, hálito morno de organismo em atividade, rijo de musculos, caudaloso de sangue.

Então El-Rei, levantando-se, disse ao ouvido do Ataíde com malicia:

—Que vos parece hoje a rainha?

—Senhor, muito formosa, muito louçã.

—E eu, D. Antonio d'Ataíde?

—Gentil como sempre; só um pouco entediado, mortificado...

—Pois não me lembra D. Leonor; sabeis o que me prazeria?

—Não, Senhor.

D. João III, então, num impulso nervoso, explicou tudo de golpe, com uma voz que lhe vinha das entranhas:

—Dar exterminio a todos os cristãos-novos de Lisbôa! — rouquejou.

E, mais aliviado, quási risonho, atravessou o bergantim que já estava amarrado na ponte, e não se resguardou mais do sol que até aí o oprimia.

D. Catarina lançou um olhar profundo a Antonio d'Ataíde, fês um gesto impercetivel a Antonio Carneiro e, cercada pelas suas damas, voltou-se a meio para o Tejo. Depois, sorrindo com afabilidade, disse a uma dellas, na sua voz quente e melodiosa, muito de leve picada de lágrimas:

—Vamos. El-Rei desembarca.

Um côro de charamelas cobriu as ultimas pala-

vras da esplendida rainha e a comitiva, silenciosa, magnificente de sêdas, diamantes de Narsinga e rubis de Ceilão, numa onda d'oiro, joias e rendas, saltou na ponte, abrazada ainda pelos raios do sol que descia.

IV

Dois moços-fidalgos

O Paço da Ribeira tinha um grande varandim, miradoiro e galeria, sobre o Tejo. Deste varandim viam-se flôres e águas de prata. A cêrca do palacio estava debaixo delle, correndo-lhe os jardins até á fita larga e faiscante do rio.

Os bateis quási enchiam o Tejo todo. Dir-se-ia que cada onda trazia um barco sobre o pequeno dorso. De espaço a espaço, alteava-se um galeão, um monte no meio de colinas.

Bandeiras, velas e mastros, formavam uma enorme floresta flutuante. O sol de Março beijava-a, iluminava-a e parecia querer abrazá-la; mas as embarcações, baloiçando-se languidas, bem diziam quanto lhes servia de refrêsco a aragem que subia da barra, trazendo olores de marisco e limos do mar, écos de marinhagem na faina.

O sol nascêra havia duas horas, sem nuvens, com um brilho especial que parecia impertinente, como o olhar nú dum ciclópe. O Tejo resplandecia e toda a Lisbôa se tornava imponente com aquelle resplendor, com aquelle derramamento de força e de luz.

No varandim, d'ólhos postos no rio e nas vélas das naus, dois moços-fidalgos, muito jovens, mas vigorosos, conversavam perto um do outro. Conversavam, indiferentes ao calor do sol, indiferentes ao panorama.

Um delles tinha a figura atletica dos soldados do Norte. Era espadaúdo e sanguineo. O seu rosto, dum redondo excessivo, era prejudicado pela curteza convexa da testa e pela pequenez dos ólhos. Quando olhava, perfurava. Quando enrugava a fronte, parecia que a raiz do cabêlo se lhe juntava á espessura torva das sobrancelhas.

Era muito moço e tinha já muito de varonil e, ás vêses, ao carregar a mirada, até parecia um velho, destes velhos que têm feitas de secura e frialdade d'alma as cãs e as rugas.

O outro, mais baixo, mais franzino, mais esbelto, tinha a alma toda nos ólhos e nos labios. Toda a sua figura parecia feita de tristeza e, ao mesmo tempo, de energia. Do primeiro esperava-se facilmente a brutalidade: do segundo, só podia esperar-se a utopia e a bravura.

Era o mais forte o que falava — áspero e cavernoso de voz, como se não tivesse vinte annos apenas. Tinha vestido uma especie de tabardo e calçava borzeguins luxuosos, bordados a oiro nos joelhos. O gorjal, sendo de rendas, parecia de ferro, de tão justo e hirto que o trazia.

— Na India, Manuel de Sousa, na India é o nosso campo — dizia elle. Bem me dóe não ir agora comvosco nas naus de Diogo da Silveira. Mas prende-me meu pai, que me quer dar de carrego a outro fidalgo, se El-Rei dér permissão.

— Na India! volveu o outro com a voz cantante e plácida. E' grande, muito grande a India e é mister que a salvêmos, Luís Falcão, porque correm no-

vas de grandes ruinas. Ah! não ter eu mais dez annos, não ser mais aguerrido e presto!

Falcão sorriu, como costumava — descerrando uns dentes carniceiros que luziam e ameaçavam. Depois, fusilou com ironia todo o Tejo, correndo a vista pelas naus e pelas águas, pela Outra-Banda, pelo indefinido que lhe ficava além...

— A India — disse elle com socêgo de sético — é o nosso tezoiro e mais nada. As lendas da India são boas para embaladoiro de infantes: o que praz a todos os guerreiros é que, á custa dalgum sangue, venha oiro, muito oiro!

—Nem só oiro... atalhou Manuel de Sousa com austeridade, aferrado á Fé.

—Sim, tambem a gloria!... Sim, a gloria, Manuel de Sousa. Pois eu quitar-me-ia bem da gloria, se me déssem uma náu carregada de canela, pimenta e gengibre do Malabar ou de linhos de Bengala ou de rubis do reino de Pegu... Verieis, Manuel de Sousa, como eu teria um paço como este da Ribeira: alcatifas, cofres de laca vermelha com lavores d'oiro, côlchas bordadas de sêda, mezinhas de prata anilada, móveis de madre-pérola com cinzeladuras prateadas... Jantaria e cearia, como el-rei D. Manuel, ao som de alaúdes e pandeiros e, quando a minha côrte me viesse beijar a mão, enchia-a de sandalo de Timor ou de camfora de Borneo... Isso é que é a gloria, Manuel de Sousa.

—Luís Falcão, vós desvairais...

Mas o outro proseguia sem a menor contrariedade, pomposo de sarcasmo:

—E mulheres da India, ardentes e pardas... E tudo no meu paço, a refrescar-me com os panos, emquanto os meus tangedores iam fazendo cantigas e gritando com rabecas... Ao cravo, o D. Jorge d'Almeida, o grande tangedor de tecla e os fidalgos

e donzelas a dançarem ao largo e outros a jogarem as dobras sem medo de penuria... que para tudo eu era bastante... Manuel de Sousa, não é isto a gloria? Pois é mister ir á India e ser como alguns viso-reis...

—Talvês maldizentes... começou Manuel de Sousa, talvês maldizentes os infamem..

Mas Luís Falcão não o deixou proseguir. Com as faces cheias de sangue e os ólhos excessivos de luz fulva, continuou ainda:

—O reino é uma miseria, como vêdes: vadios sem eira nem leira, que vivem da rufiagem e não têm um maravedi, gastando de dia o que pilham de noite pelas tavolagens, quando não fazem papel de terceiras e alcaiotas. Todos jogam ás escancaras e nenhum delles tem mais que o gibão e o tabardo, quando os não devem aos aljubeteiros. O que nos dá ensanchas é se Sua Alteza leva a côrte em viagem por essas gentes do campo. E' fartar, é fartar. Talamos tudo como os mouriscos, quando adrega de toparem arraial cristão. E' uma comedoria farta, viandas e frutas, donzelas e honestas matronas, vinho, dinheiro, carne, mulheres, tudo sem despeza, que as espadas cá estão á cintura. Se ha mister de segurança para os aldeãos, faz-se um escrito de divida e traz-se tudo, panos, frutas e oiro, cavalos, filhas donzelas, as consortes. Depois... que recêbam as dividas, emquanto, para folgança, lhes pômos ao sol as raises das cêpas, os milhos e os matagaes.

—Que vergonha! que vergonha!... murmurava Manuel de Sousa, muito pálido, como se fôsse a pique.

—Vergonha é a penuria—atalhou Falcão com ironia gelada. Sabeis que mais, Manuel de Sousa? Ide á India e fartai-vos! Lá para o anno que vem serei comvosco. Abri-me o caminho, se vos prouvér, que muito amigo vosso tenho sido.

E o moço-fidalgo correu o olhar pelo Tejo e fês o gesto de se retirar.

Mas, antes disso, tornou para Manuel de Sousa, de gengivas todas á mostra, como era o seu riso:

— Vou-me ao terreiro, a ver se a dama que sabeis me surde na varanda. Faz fraca maridança com o fidalgo-escudeiro que a recebeu em S. Domingos, e lá em casa é tudo dividas e lágrimas. Meu pai ainda me não ratinhou as dobras. Tenho mancêba, que vo-lo digo eu, Manuel de Sousa... Mancêba e noites á vela...

E Luís Falcão desfechou uma risada, fês uma cómica cortezia ao outro moço-fidalgo e abalou, cantarolando, d'hombros altos, descuidado de tudo.

Manuel de Sousa Sepulveda ficou pungido e humilhado, com a mão crispada, sem saber porquê, no punho da adaga que suspendia do cinto.

O seu olhar, humido e fixo, doía de ver-se, de tanto, que relampejava d'angustia, de quimera ferida.

Os seus vinte annos florescentes tinham aquella nódoa: uma tristeza que não lhe dava só gravidade, porque lhe dava excessiva rigidês' ás feições que, menos avincadas, seriam de criança.

Manuel de Sousa, entre os cem moços-fidalgos de D. João III, era julgado o mais distinto e mais esperançoso, mas o seu caráter incomodava os pequenos parasitas da côrte. Os rufiões detestavam-no. As mulheres temiam-no.

Esperavam delle mais palavras de justiça do que de alegria, embora as damas da côrte prognosticassem que feliz e rica de seus amavios seria a mulher que elle amasse.

Fazia impressão a sua sinceridade e lealdade; encantava, por vêses, aquelle seu ar severo, a ocultar uma bondade simples, profundamente ingenua; mas, quando Manuel de Sousa, alteado pela rétidão,

falava de honra, de brio, de amor patrio, o seu ambiente gelava-se e a figura delle incomodava, porque dominava.

Era amigo de Luís Falcão, apezar de tudo, como o podia ser, estranhamente, dum *bull-dog*. Dentro da sua fé, no intimo da sua quimera duma Pátria renascida, volvida á grandeza, á luz e á santidade de Nunalvares, cabia aquelle aféto a um monte de carne, paixões miseraveis e fóme de crápula. Manuel de Sousa acreditava na regeneração do moço-fidalgo.

Julgava elle que a India o salvaria, embora a fôsse procurar para se perder, para delapidar e usurpar.

A India, para Manuel de Sousa, era um estimulo ardente ao amor-patrio, á honra, á Fé. Não acreditava, porisso, no que se dizia dalguns visoreis e capitães, porque, na sua logica ainda muito infantil, taes infamias não cabiam dentro de tanta bravura.

Ora Luís Falcão era um valente. O seu cruel cinismo, pois, vinha-lhe só da convivencia com aventureiros ruins. A atmosfera de Gôa, pensava Manuel de Sousa, havia de rehabilitá-lo, de lhe dar coração e ideal.

Mas nem porisso deixava de sofrer a aguda mortificação da dúvida, quando ouvia num silencio doloroso a palavra, a emfase irónica de Luís Falcão. Relembravam-lhe nisto vergonhas e miserias de que não podia descrer. Depois de Vasco da Gama, de Pedro Alvares Cabral — apenas crueis em excesso — Manuel de Sousa bem via na India um pirata, Vicente Sodré, a garra depois do raio.

Cheio de tumultos intimos o deixou Falcão. Manuel de Sousa sentia essa ruina a dentro d'alma, de quimeras e crenças, ruina que póde fazer, dum for-

te, um inutil, dum apóstolo, um espétador aborrecido, com coragem cinica.

Mas, de subito, fitou a bandeira portuguêsa e viu que ella não flutuava; varria o ar, a luz, o espaço.

Não era um pano: era uma alma. Não era um simbolo: era uma entidade com nervos, com voz, talvês com olhar.

Como o Evangelho, podiam-na salpicar de lama, que ella, pela sua pureza intrinseca, encheria de sol o que ficasse de treva.

E o ar pareceu mais puro ao peito de Manuel de Sousa, porque o que elle julgava mecanismo dos pulmões, era vôo da alma.

E o moço-fidalgo de vinte annos, radioso como uma estátua de Adonis, lembrou então, no gesto e no olhar, o Condestabre no lance em que fês um reconhecimento das forças do inimigo, tendo apenas quatorze annos.

O varão emergia energico e puro. A Fé operava mais um milagre, porque o patriotismo atavico de Manuel de Sousa, patriotismo que lhe cantára, desde o berço, ódes e beijos, assombros e triunfos que enterneciam, vinha de Jesus, dum Cristo amoravel e justo que, á luz das espadas, mostrava o caminho seguro da Humanidade inteira.

Como todos os tristes, Manuel de Sousa falava sósinho quando meditava.

Porisso, minutos decorridos, estendeu o braço nervoso sobre o rio, sobre as naus, os bateis, as ondas, as bandeiras, e disse com doçura, mas com energia, com a emfase especial dos jóvens:

— Has de voltar a ser Portugal! Juro-t'o, Pátria, juro-t'o pela luz de Dèus que nos alumia!

E ficou a sorrir a tudo, ao sol e ás pedras, ás águas e aos mastros, porque dentro dum pedaço do

Condestabre cabe sempre muito de S. Francisco d'Assis, se dentro do aço viçam as flôres...

Nisto, travaram-lhe do braço. Manuel de Sousa voltou-se com mostras de agravado. Não se desperta, sem ira, dum sonho divino, quando o despertar é brutal e inopinado.

Um fidalgo de meia-edade, figura sêca, colhia-o pelo braço á luz esplendida do varandim.

—Desta guisa vos quedais, quando Sua Alteza ordena de vos procurar?—disse o fidalgo com aspereza e rapidez.

—Ninguem disso me deu novas senão agora vós... murmurou o moço-fidalgo.

—Devieis tê-las pelo adiantado da hora.

—Esqueci horas a ver o Tejo.

—Sabeis o que vai para a India. Diogo da Silveira consente-vos na sua frota... Parece que já pouco vos praz a gloria de batalhar em Gôa.

—Menos isso—rompeu Manuel de Sousa com força.—Dizei-me: a frota abala já hoje?

—Não—volveu-lhe o fidalgo com um ligeiro sorriso, aquietai-vos. Mas El-Rei quer-vos dar noticias do seu regimento.

E, suspendendo Manuel de Sousa, que já corria para o corredor, o grave fidalgo acrescentou com singular brandura:

—Não vos atrigueis, porque ireis comigo. Sabeis como vos tenho protegido.

—Sim, conde de Portalegre, nunca me esquecerei...

—Pois deveis-me o favor de El-Rei e de Diogo da Silveira, porque sois ainda de grande verdura d'annos...

—Grato para sempre vos fico. Bem sei que no snr. D. João da Silva, conde de Portalegre e grande senhor do reino, que em vós, tenho um pai...

—Severo mas justo, rematou o conde.

—Emquanto o Oceano lavar a terra... começou Manuel de Sousa, sinceramente.

D. João da Silva fês-lhe sinal de que cortasse o agradecimento. Depois, caminhando com elle devagar pelo corredor enorme, foi dizendo ao moço-fidalgo, acentuando muito as palavras:

—Este anno de 1529 será de alegria na India. Vai pouca gente, mas escolhida: Diogo da Silveira na náu Salvador; Rui Gomes da Grã na Flor-de-la-mar; Rui Mendes de Mesquita na náu S. Roque; e Antonio Moniz na náu Conceição. Ides vós e outros moços fidalgos. Aguardo daqui a mêses boas noticias de vós pela letra de D. Nuno da Cunha.

—Praza a Deus que tal seja.

—Bom é que saibais com quem ides lidar. Nuno da Cunha é honrado filho de Tristão da Cunha, que foi a Roma com a embaixada. Mais moço do que vós, pelejou na India ao lado do pai e do grande Afonso d'Albuquerque. Mas é duro e assomadiço. Tende conta com elle.

—Não me deslembrarei, conde.

—Está na India ha menos de anno e já deu boas lições ao sultão de Cambaia e ao rei de Calicut. Não podeis ter melhor nem mais trabalhado mestre.

—Mas dizei-me, conde...

—Silencio!

Ia passando a rainha sem comitiva, com a sua coifa de fios d'oiro e pérolas, parecendo mais loira na sua simplicidade.

D. Catarina viu-os e sorriu-lhes com encanto e singeleza.

Depois, seguindo com grande vivacidade, deixou no ar um perfume vago e desappareceu.

—Dizíeis?... perguntou D. João da Silva, ainda olhando em frente, comovido.

—Se vou como soldado ou como pagem, respondeu Manuel de Sousa.

—Dambas as coisas tereis mercê, tornou o conde de Portalegre, carregando a sobrancelha.

Desciam. Do intimo do coração do conde vinha decerto um grande sentimento, porque a sua gravidade ia tocada de tristeza, uma tristeza que ficava no olhar sem descer a entreabrir os labios, cerrados como o tumulo duma paixão. Manuel de Sousa alegrara-se tanto, que parecia mais homem. Um clarão de fé lhe alteava a estatura e abrazava os ólhos e os labios.

Nisto, ouviu-se uma voz dorida, cheia da plangencia especial da saudade. Seria alguma fidalga enamorada, a chorar o seu moço-fidalgo que se partia? Manuel de Sousa mal pensou nisso, porque a viagem empolgava-o: mas D. João da Silva, maguado até ao coração, caminhou mais devagar, penetrado de musica e melancolia, escutando e suspirando...

A voz desfaleceu, entretanto, ao som duma harpa, como vida que se desprende em murmurios de gemedoiro. Depois, calou-se de todo sem mais éco.

Voltou á face do conde a sua impassibilidade imperiosa e Manuel de Sousa, subjugado pela severidade tranquila de D. João da Silva, dominou todo o jubilo e não disse mais palavra.

Chegou aos ouvidos dos dois o susurro dum colossal enxame. Eram os cortezãos, caminhando, cheios de laçarias e joias, para o trono, quási oriental, de D. João III.

E uma gargalhada metalica cortou logo os ares, como o nordeste, ou como um chicote, gargalhada que parecia vir do fundo dum bojo, que fazia estremecer e era insolente, que comunicava o riso e fazia inquieto o coração.

O bôbo predileto da côrte, ria e palrava. Era

um jogral português que fôra soldado em Cochi, mercador e pirata em Ormuz, que fôra punido e lo, perdoado, porque sabia fingir que ria.

Manuel de Sousa, a principio, julgou ainda ouvir o riso de Luís Falcão. Depois, pelo timbre dorido da voz, compreendeu de quem era a casquinada: dum soldado cheio de lama e de gloria, de crimes e de lágrimas, de remorsos e de desilusões. E, porisso, quando ria, alguns riam só porque se envergonhavam de chorar; muitos se alegravam, porque aprendiam nelle a tragar a dôr.

Nesse mesmo momento ouviu Manuel de Sousa este brado, a correr pela abóbada:

—Moços-fidalgos! Moços-fidalgos d'El-Rei Nosso Senhor!

Era a chamada dos que deviam partir para a India. Manuel de Sousa arrojou-se á onda de brocados que cobria toda á côrte, cortando-a com vigor e ancia.

Entretanto, D. João da Silva limpava uma grande lágrima e seguia de cabeça baixa, como quem se resigna e aniquila, abandonadamente.

V

Pelejas de corações

Na noite desse dia, a horas altas, o conde de Portalegre conversava nos seus aposentos com um homem de figura energica, ainda moço, que não ocultava certo espanto, ao ouvi-lo.

No aspéto deste não deixava de haver uma vaidade de fidalgo antigo com restos da insolencia do brigão; mas a dignidade natural do seu porte, porte muito distinto, escondia aquelles traços.

D. João da Silva acarinhava-o, atraía-o pela doçura. Procurava torná-lo humano, condescendente.

Tinha soltos os cabêlos já muito encanecidos e, emquanto falava, punha a mão bastante convulsa na barba despenteada e quási que a arrepelava, de tanto que a torcia.

—Ide em boa hora—dizia elle—digno filho de Martim da Silveira, senhor Diogo da Silveira. Conheci vosso pai, de bastante moço. Sois o retrato delle. Sabeis bem quem é vosso cunhado para lhe lidardes com os modos sem desgosto. Nuno da Cunha é um homem de valor, mas agasta-se por qualquer coisa.

—Muito bem o conheço, conde—respondia o outro.

—Ides já grande, provido já capitão do Malabar. Muito já podeis. Sois de prudente conselho e animo. Defendei os moços-fidalgos, que se partem, dos perigos dessa costa...

—De peloiros, setas e vendavaes, só Deus os póde defender por mercê... atalhou, sorrindo, Diogo da Silveira.

—Nem só isso é dâno—acudiu o conde com vivacidade e alguma impaciencia. Ha o clima, ha as mulheres tão perigosas, tão incontinentes... verdadeiros demonios. Bem sabeis das artes e ousadias das canarins.

—Fazeis então de mim aio de moços-fidalgos?! volveu o Silveira entre altivo e maguado.

—Nem tanto, Diogo da Silveira, acudiu logo o conde; mas um bom capitão tambem póde ser conselheiro de verdes mancebos... Um levais comvosco, que me fica atravessado no coração...

—Já o suspeitava, conde.

—E a esse, Diogo da Silveira, declarou D. João da Silva com enfase, ao menos a esse, haveis de jurar-me que o zelareis como a filho vosso.

—Falais do moço-fidalgo Manuel de Sousa Sepulveda... disse, com lentidão, fitando-o muito nos ólhos, o capitão de Ormuz.

—Desse mesmo... respondeu o conde, encolhendo-se todo na sua cadeira de espaldar.

—Pois ficai descançado: não o deixarei sem freio. Tenho amor ao regimento, á disciplina.

—Manuel de Sousa é um moço intrepido. Tudo que tem lá dentro lhe está depressa nos ólhos e na bôca. Aquilo é só pelejar e ousar grandes feitos, ser soldado da Fé, cavaleiro do seu Rei e da sua Patria. Vai ter muitas agruras e se um conselho como o vosso o não aplacar mais...

—Assim me prazem os moços, trovejou Diogo

da Silveira, verdadeiramente satisfeito. Nuno da Cunha aos 13 annos já recebia feridas na India ao lado de seu pai... E' assim que se aprende a ser grande.

— Mas ha temeridades inuteis — volveu, a mêdo, o conde, tomado de certa vergonha. Pelejar é um dever; mas arriscar a vida, sem galardão para si e para a Patria...

— Ouvi-me, conde — atalhou então, muito rispido, Diogo da Silveira. Um soldado não pensa no que vai além do seu dever; peleja, e, ou morre, ou vence. Assim vejo a India, a vida na India. Estive lá em 1523, e assim naveguei e pelejei, pensando só em ferros, mastros e nuvens de inimigos. Se tivesse morrido a um canto de baluarte, na explosão duma mina, ou rendido de fóme e de fadigas, eu tinha sido tão leal português como se ganhára a vitoria do passo de Cambalão, como Duarte Pacheco.

D. João da Silva não replicou logo. Córou e empalideceu, os seus ólhos mal podiam abrir-se como se tivesse febre. Mas quiz responder. Comtudo, murmurou, antes, d'olhos fixos nas ponteiras dos pantufos, que mexia com desassocêgo:

— Quem póde ter mão no ardido moço-fidalgo?

E, depois, em voz alta, disse com audacia:

— Todavia, jurai sempre... Que vos custa fazer uma excéção de bom amigo?

— Que heide velar por Manuel de Sousa?... Mas, conde, é elle quiçá vosso filho?

D. João da Silva, ouvindo isto, fês-se livido e levantou-se logo, parecendo querer encobrir o seu enleio. Depois, tornou a sentar-se com os braços descaídos e a fronte baixa, com mostras de vergonha e pavor, ou talvês de assombro de si proprio.

Houve um grande silencio. Diogo da Silveira, sempre de pé, pôs-se a contemplá-lo com expressão

de curiosidade, cruzando os braços, mordendo o labio inferior. E, vendo que D. João da Silva lhe não respondia, repetiu a pergunta com repoisada impertinencia, bamboleando-se:

—E' quiçá vosso filho?

A esta insistencia, implacavel como um interrogatorio de juiz, o conde levantou-se com bastante energia e respondeu:

—Pois, juro por Deus, que, se o fôra, não vos pediria assim por elle. Quitai-vos de injustas suspeitas: Manuel de Sousa Sepulveda não é sequer da minha linhagem.

—Basta, conde—tornou Diogo da Silveira com generosidade irónica—é que vós, sempre tão aspero com moços-fidalgos...

—Sou carinhoso por este...—concluiu D. João da Silva, meneando a cabeça com amargura, mas levantando-a com mais coragem.

—Carinhoso como mãe tresloucada, se m'o perdoaes... como mãe, e não como pai... tornou o Silveira.

D. João da Silva não replicou. Parecia, principalmente, espantado de si proprio. Sobre esse espanto sentia um grande receio—o de revelar qualquer coisa de intimo, de profundo, talvês de inverosimil.

O olhar de Diogo da Silveira, agudo como a ponta duma adaga, incomodava-o, gelava-o todo. O capitão do Malabar era renitente a sentimentalismos. O seu coração pulsava só pela gloria e pela fama, pelo prestigio da sua raça.

Ia-se embora de Portugal quasi sem saudades. A India, que elle vira e que ainda não conhecia, chamava-o com o encanto duma fecunda noiva do Oriente.

Era proprio da sua familia aquelle despêgo do lar e da saudade. Todos os Silveiras pareciam nasci-

dos duma espada e dum peloiro, dum golpe e dum beijo de fogo. Tinham, porisso, quasi to os a dureza de Vasco da Gama com a obstinação heroica de Afonso d'Albuquerque. Onde elles estavam, estava o impeto, a bravura impiedosa que fende existencias e muralhas, com a cegueira do raio, cólera que não perdoa.

Para Diogo da Silveira, o filho mais querido valia menos do que a mais humilde pedra duma fortaleza, ainda menos do que, mais tarde, para D. João de Castro. Admirava, por exemplo, D. Francisco d'Almeida, não porque a dôr de pai o fizera cruel: mas porque a sua crueldade o absolvia, aos olhos delle, de ter chorado seu filho D. Lourenço. Era, além disso, um espartano, mas menos por amor ás austeridades da sua Esparta do que por ufania de linhagem.

D. João da Silva conhecia os Silveiras, desde Martim, pai de Diogo. E elle proprio, antigo servo de D. Manuel, já fôra, como elles, um duro cortezão, mavioso só com a Alteza do rei feliz, e sempre pródigo em lembrar heróis para as carnificinas da India. A sua consciencia lançava-lhe, pois, em rosto, como um crime, os seus reparos e suplicas de homem efeminado. Mais do que isso: humilhava-o saber que tinha de ser assim, de assim ser visto.

Mas, de chofre, o conde levantou a cabeça e ousou insistir ainda com a tenacidade dum maniaco:

—Diogo da Silveira, disse elle de voz tremula, mas obstinada, nada mais vos queria. Não me julgueis ensandecido: queria a vossa palavra de cavaleiro... e haveis de dar-m'a.

—Não prosigais—cortou o Silveira, de má catadura. Curarei, acima de todos, do vosso Manuel de Sousa... Eu vo-lo juro! Tudo que eu possa... tudo, podeis fiar que lh'o farei. Ficais tranquilo?

—Como vo-lo agradeço!... disse D. João da Silva, endireitando mais o busto.

—Nada mais quereis, conde? perguntou logo o Silveira com enfado, mas polidamente.

—Nada mais, Diogo da Silveira, senão que tenhais um sôno repoisado, como tanto careceis.

O conde de Portalegre viu-se então só. Cerrou os punhos como se tivesse sofrido uma afronta. Depois, quedou-se sentado, com a cabeça sobre o peito, parecendo dormir assim á luz pálida do grande candelabro de prata. E, imobilisado, muito livido, chegou a parecer morto. Minutos depois, uma dama jóven, branca de mármore, de feições irregulares, mas atraentes, entrou, deu uma pequena volta no aposento e foi sentar-se diante do antigo oficial da casa de D. Manuel. Sentada, fitou em cheio o conde com os ólhos brilhantes, cavados de olheiras. Em seguida, semi-cerrou os ólhos de fogo. Repoltreou-se, bocejou e ficou de mãos cruzadas no regaço. D. João da Silva sentira-a, e estremecêra: mas quiz reagir contra qualquer coisa que nella o dominava. Afinal, instantes decorridos, ergueu a cabeça e alteou as pálpebras enrugadas. Ficára muito palido, a contemplá-la, mais imbecil do que embevecido, humilhado.

—Olhais-me de má sombra? disse ella, nisto, em voz sumida, voz de enferma, impertinente.

—Não, mas não, filha—acudiu sôfrego o conde, levantando-se com ancia, correndo a beijá-la na fronte, a acariciá-la, a derramar-lhe na epiderme, pobre de sangue, todo o calor dos seus ólhos e dos seus labios.

E continuou com amargura, chorando-lhe a voz a cada palavra:

—Sim, filha, porque vos amo mais do que se fôreis filha,... minha filha, muito minha filha.

—Muitas vêses m'o tendes dito, atalhou ella

com grande tédio, brincando com as rendas do escapulario.

Mas Diogo da Silveira?

—Descançai. Manuel de Sousa irá protegido... Nem... entrará em pelejas...

—Que dizeis?

E ella então, rosada de alegria, apertou-lhe a cabeça com as mãos, e beijou-o muito na fronte.

E o conde, inebriado, proseguiu, mentindo, a conquistar com mentiras mais caricias, mais ilusões:

—Vai para Gôa, provido como secretario do Governador, ao que parece... Irá manejar a pena e não a espada... Demora-se um anno, o muito dois. Volta rico. Ali ganha-se muito oiro.

—Sua Alteza depois... Sua Alteza hade eleva-lo...

—Hade faze-lo seu ministro, não é verdade? interrompeu ella, de cólo alto e labios frementes. Nem lhe faz grande mercê, que muito mais vale elle do que Pedro d'Alcaçova, já hoje ministro devéras, embora o pai o seja de nome... Olhai, conde, que elle vale muito mais.

—Muito mais que Pedro d'Alcaçova e do que todos nós, filha, apoiou o conde servilmente.

—E—perguntou logo com timidez—falastes-lhe?

—Sim—volveu ella mais dorída, diminuindo de garbo: ha poucos instantes. Falamos... como sempre.

—E que vos disse? que vos disse?

—Ah! que sabe elle dizer-me?

E a jóven ficou mais livida e d'olhos arrasados de lagrimas. Parecia estar falando baixinho, como quem reza.

Depois, sufocando a tosse sêca, que chegara, tornou em voz maior do que um suspiro e menor de que um grito:

—O mesmo. Que nada me jurava. Que ia fazer-

se fidalgo-cavaleiro e depois veria. Pensa elle que vai pelejar... Jurou-me que não ama ninguem, mas não pôde jurar-me, não pôde jurar-me...

—Que vos ama!... Infame!

—Não digais isso, conde. A culpa foi minha. Fui eu que me ofereci. Suspeita-me. Não é natural? Vai para a India. Se o livrarem das mulheres-demonios de lá, quando voltar, hade saber como eu fui honesta, hade querer-me, tenho a certeza. Ainda hoje m'o disse a Virgem Maria...

—Disse-vo-lo a Virgem? perguntou o conde, animado de subito.

—Ouvi, conde. Eu estava no oratorio a rezar muito. De repente, a Virgem sorriu-me e ouvi esta voz: hasde ter a verdadeira felicidade! Ouvís? a verdadeira felicidade—ser esposa de Manuel de Sousa Sepulveda, não é verdade?

—Decerto, filha—volveu elle, mas de novo sucumbido. Que outra verdadeira felicidade podeis vós desejar?

—Decerto, mais nenhuma... Agora vai elle com ideias de pelejar, e não pelejará. Diogo da Silveira o livrará de todos os perigos... Meu Deus! eu creio agora, creio! Tenho fé, muita fé!...

—Sim, crêde, crêde, disse D. João da Silva com a unção dum apóstolo. A fé dá-vos saude, dá-vos côr, dá-vos alegria. Por mais duvidas que tenham de vir, crêde sempre. Manuel de Sousa podia lá não vos amar, Beatriz! Suspeita, porque vos declarastes primeiro. Não vos molesteis com isso. E' que Manuel de Sousa duvida de tanta felicidade... Se vos parece!...

—Sim, conde... meu pai... murmurou ella, d'olhos quasi cerrados, embalada no sonho.

—Vosso pai?!... E tenho-o sido, Beatriz!... Vosso pai bem do coração!...

Calaram-se. Beatriz cerrára de todo os olhos que elle beijava com ternura sofrega. A respiração della, mais profunda, mais fraca, parecia de quem dorme, cheio de fadiga, cançado de padecer, abandonadamente...

Mas o seu torpor foi rapido. De subito, abriu o olhar abrazado de febre, e murmurou com desalento, com a lentidão dos sucumbidos:

—Tenho um calor... uma sêde... uma agonia..

O conde fitou-a alvoroçado e todo elle estremeceu. Abaixo dos olhos Beatriz parecia ter duas chagas vivas, duas rosas de sangue. Via-se-lhe uma transpiração excessiva na fronte e os labios, como se lh'os queimassem de subito: estavam muito calcinados, negros.

—Recolhei-vos, Beatriz, disse então o conde, quasi a chorar, mas encobrindo a magua. Fatigastes-vos muito. O sono hade dar-vos melhor saúde.

—Eu vou, conde—volveu-lhe ella, de mão crispada no peito.

E, depois, ao erguer-se, voltou-se toda para elle e continuou com a maior doçura, sentimentalmente:

—Eu vou, meu pai, meu querido pai.

E, correndo para D. João da Silva, num impeto histerico, abraçou-o pelo pescoço, aos beijos, a soluçar, convulsa de dôr e de amôr.

E elle, afogado, ditoso, cheio tambem de lagrimas e de esperanças, de angustias e de sonhos, nada pôde responder-lhe. Cingindo-a pela cintura, encaminhou-a brandamente para a porta. Chamou pela aia, fitando sempre Beatriz nos olhos.

Veio depressa uma mulher parda e gigantesca. Era uma canarim. Beatriz seguiu-a.

Sairam as duas e D. João da Silva ficou a vê-la desaparecer, varado pela angustia.

Depois, fortificando-se no intimo com qualquer pensamento de fé, sentou-se ao abandono.

Sósinho, a sua dôr era-lhe mais suportavel. Espancava-a, meditando, por mais que, afinal, a exacerbasse.

Beatriz era uma sua pupila, uma engeitada que elle salvára da rua numa noite de rufiagem da sua segunda juventude, sendo já casado. Não o contrariara nisso D. Maria Manuel de Vilhena, sua esposa, com quem não vivia muito bem agora. E amou Beatriz mais do que seus filhos, tres moços e seis moças, altivos como a mãe, afastando-se delle quanto podiam. Nem o seu primogenito, D. Alvaro da Silva, lhe parecia tão bello.

Habituara-se, pois, a vêr a engeitada superior a todos, e a tudo. Se fôra mais moço, pretendê-la-ia com loucura. E comtudo Beatriz era tão imperiosa e brusca como os seus filhos e filhas. Muitas vezes, principalmente ao pensar que não tinha mãe nem pai, se punha a olhar para elle com tal fogo e insistencia de odio e colera, que o queimava no coração.

Era, a cada passo, aspera, orgulhosa, despótica. Não faltavam ocasiões em que se mostrava esquecida de tudo, ingrata. Eram frequentes os seus silencios de rainha olimpica que tudo acha inferior e grotesco. Em certas ocasiões o seu sorriso era tão agudo como uma mordedura.

A's vezes o conde perguntava a si mesmo porque a amava tanto. Mas, se ella aparecia, por mais sêca que fôsse de palavras e gestos, adorava-a. Porquê? Esta pergunta nunca tinha inteira resposta. Seria porque sua esposa desprezava, quanto podia, a engeitada, vivendo apartada della por completo? Talvês.

Não lhe conhecia a procedencia. Era bela, mas não era duma beleza modelar. Nada do passado o li-

gava a ella, nem sequer por lhe lembrar alguem que tivesse amado.

Mas não seria assim brusca por não poder dizer de que tronco fidalgo provinha, porque ella não admitia ser da plebe?

Afinal essa ira fazia-a desdenhosa; esse desdem tornava-a caprichosa, mas D. João da Silva, sofrendo com isso, esquecia-o quando ella estava. Porquê?...

Um dia, Beatriz apaixonou-se, num repente doentio, por Manuel de Sousa, sem que o moço-fidalgo a distinguisse com mais do que uma polidez amavel. Mas Beatriz amou-o logo com ardor de tuberculosa. Esperou; comtudo, em vão que elle correspondesse devéras.

Certa noite, num sarau do Paço, dançou com o moço-fidalgo. A principio, disse-lhe poucas palavras, palavras de tom hostil, estimulantes pela altaneria. Manuel de Sousa extranhou-as no impeto proprio da sua indole. E ella, ainda ingenua, iludiu-se com aquella ancia e com aquelle melindre, e desvelou-lhe todo o intimo, sem se conter, alucinada.

O moço-fidalgo pasmou e envaideceu-se, mas não mentiu. A principio, ouvidas as primeiras declarações, riu-se, o que ella julgou soberba de fidalgo. Depois, muito grave, deu uma resposta duvidosa — o que ella julgou suspeita por a vêr tão excessivamente franca. E cortaram de repente o dialogo: elle, por enleio e contrariedade, e ella, por ofendida, mas sempre apaixonada.

Depois disso, conversavam bastante no paço. Manuel de Sousa, um pouco apiedado, não dava uma resposta definitiva, mas habituava-se a falar-lhe dos seus sonhos. Numa destas entrevistas, Beatriz quiz dissuadi-lo de ir á India. Porem elle deixou cair estas palavras vagas, automaticamente, parecendo dizê-las a si próprio:

—Preciso de me tornar fidalgo-cavaleiro. Depois, pensarei melhor...

—Fidalgo-cavaleiro, como? perguntou ella, alvoroçada.

—Pelejando na India, disse elle com altivês — pelejando onde pelejam os verdadeiros portuguêses.

—E, depois, Manuel de Sousa, posso esperar?... perguntou Beatriz, convulsivamente.

—Decerto, respondeu elle, sem refletir bem, absorto no seu sonho, vendo mais a India do que Beatriz.

Desde então sorriu uma aleluia á alma della. Tornou-se mais bondosa, mais lhana, menos violenta. Todo o seu pensamento foi livrar Manuel de Sousa dos perigos da India, deixando-o embora ir á India. Naquella luta emagrecêra, tornara-se cadaverica de aspéto, mas, ultimamente, parecia curar-se, nutrindo e rosando-se mais, desenvolvendo-se, florescendo.

D. João da Silva estava encantado, embora sempre apreensivo. Amava-a com a mesma ternura, mas com menos dôr. Beatriz beijava-o e sorria-lhe com uma desconhecida doçura, com menos repelões de altivês.

A paixão do conde pela engeitada tornou-se fanatismo, preocupação eterna, culto.

E um dia ella contou-lhe tudo, entre beijos e amavios. O que a salvára de morrer fôra aquella esperança das palavras de Manuel de Sousa. E' que a vida della dependia da delle, afirmou e jurou então.

Desde este dia, o conde, começou a velar pelo moço-fidalgo com um zelo extranho, embora angustiado, que assombrava e comovia Manuel de Sousa, mas que tambem o mortificava.

O moço-fidalgo, porém, pouco a pouco, habituou-se a tê-lo do seu lado como um anjo-da-guarda. D. João III começou a fitá-lo. Um dia até, El-Rei

falou-lhe com uma cordealidade que o encheu de alegria e orgulho.

Pensou então com mais fé em ir para a sonhada India, apezar dos seus verdes annos. E falou nisso a Beatriz com uma emfase de cavaleiro-andante.

A principio, voltou ella a querer dissuadi-lo. Uma simples frase delle, comtudo, a convenceu. Manuel de Sousa começou a dizer, severo e obstinado, jogando as palavras como ameaças:

— Se não fôr á India, então...

— Basta! basta! acudiu ella — ireis á India!... Hei de pedi-lo ao conde de Portalegre! Podeis contar: ireis á India.

E, de si para si, Beatriz, acrescentára ingenuamente, sorrindo á sua quimera:

— Tudo se hade conseguir. Ireis á India e não pelejareis. As saudades da Patria, e talvês de mim, vos trarão depois... rico e aborrecido daquella terra. Diz-m'o cá dentro uma voz.

E logrou convencer D. João da Silva a acharlhe logar na armada de Diogo da Silveira. E levou-o a rogar o que o conde não rogaria para ninguem.

O conde de Portalegre bem conhecia a indole de Manuel de Sousa e bem sabia como Diogo da Silveira gostava de bons soldados. Fês, porém, o que pôde, como um herói. Mentiu a Beatriz e a si próprio. Arrastou a sua cruz até aonde teve hombros. Abnegou-se heroicamente. Humilhou-se em tudo para que ella vivesse, ao menos, duma ilusão, duma miragem.

Que mais podia fazer? Beatriz adoecia de novo, com a noticia da breve partida de Manuel de Sousa para a India. Quem lhe não absolveria as esperanças exageradas que vertêra no coração della? Quem lhe não perdoaria a mentira?

Tudo isto lhe falava agora dentro da alma. Tudo isto elle via, ouvia, como que sentia palpitar-lhe no coração. E respirava melhor, ao ver-se cada vês maior.

O conde de Portalegre, comtudo, tambem sentia uma dôr profunda que tinha tanto de desespero como de remorso. E essa dôr prostrava-o por fórma, que sentia o cérebro todo gelado, ao passo que o coração lhe parecia bater em cheio nas temporas, como um espancamento, como uma flagelação.

VI

Naus e tédio

A ARMADA de Diogo da Silveira estava quasi pronta, ou antes restaurada. Era de quatro naus: nau Salvador, nau S. Roque, nau Conceição e nau Flor-de-la Mar, naus que se refaziam de muitas jornadas, velhas a remoçarem-se.

Comandava-as Diogo da Silveira, embora sem o titulo de capitão-mór, como cumpriria.

A faina nos estaleiros de Lisboa era enorme. Naquelle tempo já os estaleiros de Lisboa eram os principaes. Depois delles, havia os do Porto e de S. Martinho, donde saíam naus, mas muito mais grosseiras.

A armada de Diogo da Silveira foi reparada, ou antes renovada, em Lisboa, na Ribeira das Naus, com madeiras do pinheiral de Leiria, semeado por D. Diniz, emfim, nos estaleiros que, por toda a Europa, só tinham eguaes na Biscaia. Mas não ficou uma armada imponente, armada de guerra. Gaspar Corrêa diz que as naus eram de carga.

Iam mais mercadores do que soldados. Não ia tambem uma só urca, vaso colossal d'ordinario, e empregado no comercio, mas poucas vezes nas nossas

frotas. As naus de Diogo da Silveira eram muito vulgares, com o seu aparelho redondo nos mastros, grande e do traquete, e com a mezena triangular. A lotação de cada uma pouco excedia 500 toneladas.

Nesse tempo, a marinha oferecia tipos curiosos de navios e embarcações. Havia as *barcas* e as *barchas*, os barineis, maiores que as barcas, ou lanchas, com mais dum mastro e com velas redondas. Havia as citadas urcas, ou carracas, naus enormes, geralmente, que em Portugal se não construiam e que se compravam principalmente a mercadores alemães. Estes gigantes maritimos chegavam a ter 900, 1:000 e 1:500 toneladas e eram pesadissimos. Cortavam tambem as águas, com o seu fundo chato e não tendo quilha, as taforeias, que eram aproveitadas para a condução de cavalos.

Rivalisando com as urcas em tonelagem e vencendo-as em elegancia, impunham-se os galeões, que eram grandes galés, tendo muitas vezes serviço de remos.

E, ao passo que as naus tinham tres mastros além do gurupés—ou traquete, grande e mezena—os galeões tinham quatro—traquete, grande, artimão e contra-artimão.

E, como as caravelas, os galeões tinham esporão e uma pôpa redonda e bojúda, além da quilha longa.

Dir-se-iam baleias com garras.

Havia ainda as galés e as fustas, embarcações de remo, pouco proprias para o alto mar. As galés, d'ordinario, arreavam-se de toldos e colchas e as que tinham dois remos por banco é que se chamavam fustas ou galeotas. Estas embarcações eram deliciosas, ás vêses: eram, ás vêses, vasos de luxo.

Ficaram célebres na Historia algumas galés reaes. A que D. Fernando mandou a Barcelona em

1370 encerrava camaras grandes, era ornada de luxuosos pendões e estandartes, tinha os aparelhos de sêda e, por ornatos, ao longo da coxia, e encastoados, grande quantidade de enormes dentes de javalis. Os remos eram pintados. Galeotes e besteiros vestiam com grande pompa e fulgor, asiaticamente.

Havia ainda a graciosidade latina das caravelas, que tão donairosas faziam agora o serviço da costa, depois de terem transportado os primeiros descobridores. As caravelas descendiam das antigas *caravos*. Inventadas talvês pelos portuguêses, eram navios muito ligeiros, com menos de 200 toneladas, com 3 mastros, e ás vêses mais, dispostos á latína e com o esporão sugestivo, com garra, como se não parecessem pombas.

Mas o que provava que as naus de Diogo da Silveira eram mais para comerciar do que para pelejar era terem o porão livre de anteparas e paióes. Os porões dellas não iam forrados de todo interiormente, como nos vasos de guerra. Revestiam-nos muito de leve, alguns esteirões. A camara era debaixo do chapiteu da popa, sendo no pavimento inferior os camarotes dos oficiaes. Os tripulantes lá tinham reservados os seus logares em cima e no convés, cabendo a um o seu pequeno *gazalhado* na coberta para alojamento de mercadorias.

Pintadas da côr de roxo-terra, já se alevantavam as 4 naus, emfim, no Tejo, com certa magestade, cheias de bandeiras multicôres.

Foi vê-las o snr. D. João III com quasi toda a côrte, bamboleando a sua fleugma. O povo acompanhou-o aos magótes. Alguns veteranos da India foram até á Ribeira, cheios de saudades.

D. Pedro de Mascarenhas, o estribeiro-mór, ia substituido pelo Conde de Vila Nova.

Foi este ministro quem fês a critica das naus,

antes de Sua Alteza falar, mas fê-lo com a maior economia de palavras.

—Naus de bastante poder—disse elle num tom de visivel desdem, lembrando-se doutras armadas magestosas.

E, suspirando, acrescentou, dando á vóz uma severidade penetrante:

—Bem cara nos fica a India, Senhor.

El-Rei, porém, estava de bom humor, o bom humor delle, humor que se parecia muito com o fastio. Cerrando os ólhos, de côr indefinivel como nunca, Sua Alteza respondeu descançadamente, com um leve acento de ironia:

—D. Manuel, que Deus guarde, obrigou-nos á grandeza. Havemos de gastar, de deixar roubar quiçá. Começando por a Casa Real, não sei como dar fim a tanto desgoverno... Mas a India, se come muito, dá-nos tudo. Que eramos nós sem a India?

Pedro d'Alcaçova pareceu ouvir de longe e aproximou-se com uma humildade muito habil, tão ironica como meditada.

—Não vos parece, Pedro d'Alcaçova? perguntou-lhe D. João III, fitando-o com bonhomia.

—E' como V. Alteza diz—respondeu o jóven ministro, ainda todo curvado. Nuno da Cunha precisa ser ajudado, porque ainda é mais energico do que Lopo Vaz de Sampaio. Pode V. Alteza esperar que Nuno da Cunha hade ser mais heroico do que Lopo Vaz...

—E espero que mais honrado—acrescentou D. João III, fingindo muita indignação, mas, na verdade, sem uma revolta sincera, porque El-Rei era inconsistente em tudo.

Pedro d'Alcaçova sorriu e não respondeu. O conde de Vila Nova viu o sorriso e fês um esgar de má vontade, pondo-se a crispar e a descripar alter-

nadamente a mão direita no punho da espada. Depois, cofiando as barbas, conteve a custo um desabafo e suspirou.

El-Rei compreendeu o mau humor do conde e apartou-se com elle, falando-lhe a meia voz.

Longe de Pedro d'Alcaçova, Sua Alteza disse com impeto ao conde de Vila Nova:

—Tendes má vontade ao filho de Antonio Carneiro?

—Senhor, volveu o conde, sem se perturbar, não é má vontade, que amigo velho sou do pai, servidor como eu de El-Rei D. Manuel que Deus tenha na sua guarda. E' que a um velho ministro como sou, não prazem dissimulações, como as dos modernos secretarios d'Estado... Nós, Senhor, falâmos sempre com outra verdade... com mais palavras e menos sorrisos...

—São maneiras, conde, atalhou D. João III, alçando os hombros largos. Dizem-me que o dr. João das Regras tinha um modo muito outro de falar do que tinha o Condestabre... Os Carneiros são meus servidores devotados. Sabeis o que foi e é Antonio Carneiro. Tendes visto o zelo de Pedro d'Alcaçova...

—O zelo e a inteligencia—acudiu o conde com sinceridade, de cabeça muito erguida.

—Muito me praz ouvir-vos assim—tornou El-Rei, já esquecido do que se estava dizendo.

E, olhando á direita, procurou D. Antonio d'Ataíde entre os fidalgos mais alfenins, os que já vestiam á estrangeira e que, nos passeios, cavalgavam em machos e deixavam os corseis de fogo.

D. João III queria sempre perto delle aquelle valido. Fôra seu companheiro de dissipações, quando principe. O futuro conde de Castanheira era fátuo e alegre, mas duma habilidade palaciana que o fazia unico de malicia e primor.

Depois, tinha o encanto da vivacidade: conversava bem. D. João III, fleugmatico e fraco de cérebro, animava-se, ouvindo-lhe contar as brigas noturnas em plena Lisbôa, raptos de burguêsas entre choques de ferros e uivos de chefes de familia. Via ainda com saudade aquellas trevas especiaes das noites de então na capital, noites de profundo silencio e, afinal, tão cortadas, ás vêses, de gritos, de fragor d'armas, de gemidos de moribundo, como clareadas quási sinistramente pelas chamas vermelhas dos archotes, que orientavam fidalgos e pagens em guerrilhas e escandalos.

Sua Alteza ostentava, como podia, uma austeridade condigna do espirito dôcemente religioso da rainha; mas no seu intimo nada julgava mais venial do que quaesquer aventuras de capa e espada, do que até o jogo desenfreado, que então devorava haveres, honras e energias a quási todos. Oh! se pudera voltar á vida de principe!...

Ninguem como D. Antonio d'Ataíde lhe podia fazer vibrar tanto esta corda sensivel.

Mas o valido soube-se procurado e fês-se desejado. Era uma das suas forças terriveis. Com grande astucia, fingia-se encantado com as naus, apezar de medíocres, de muito pacificas de aspéto. E não lhes poupava elogios. A Luiz da Silveira, outro valido de D. João III, declarava elle que S. Alteza estava excedendo a grandeza de D. Manuel; e, fitando ingenuamente D. Alvaro da Costa, perguntava-lhe se não era da mesma opinião. D. Alvaro da Costa, tantas vêses embaixador de D. Manuel em negocios dificeis, acenou com a cabeça e olhou para o outro lado, desdenhoso.

Entretanto, o conde de Vila Nova, mortificado por uma apreensão antiga, dizia a D. João III com teimosia;

—V. Alteza não conheceu talvês bem Lopo Vaz de Sampaio. Foi fidalgo com defeitos, mas muito caluniado... Foi fidalgo de valor, de muito valor...

El-rei pareceu não ouvir e, continuando decerto uma conversa íntima, disse-lhe de repente:

—Sabeis dos desposorios de D. Leonor, viuva d'El-Rei D. Manuel?

—Senhor, sim: é do dominio de toda a Europa.

—Francisco I é um rei habil: D. Leonor é da casa d'Austria, irmã de Carlos V, seu vencedor em Pavía.

—Perdão, Senhor, obtemperou o conde: Francisco I é obrigado a casar com ella pelo tratado de Cambraia, ha dias ajustado entre elle e Carlos V.

—Dizem que é um belo homem... continuou Sua Alteza, d'olhos piscos, um pouco enfadado.

—El-rei D. Francisco I é homem guapo decerto... Pena é aquelle defeito de genio...

—Não casa por amor, não! exclamou D. João III com o jubilo da vingança, animando-se, ganhando côr.

—Teúdas e manteúdas contam-se a El-Rei de França muitas favoritas...

—Que vida vai passar a viuva d'El-Rei meu Pai, que Deus guarde! concluiu S. Alteza em voz cava, em lamentação que traduzia prazer.

O conde de Vila Nova não respondeu e, nisto, aproximou-se D. Antonio d'Ataíde.

—Muito alheado de nós tendes andado, disse logo El-Rei, animando-se ainda mais.

—Senhor, respondeu o valido, com um dulçôr profundo, tenho estado jubilando com as naus.

—Não de muito poder...

—São de fortaleza, são, Senhor. V. Alteza está egualando, senão vencendo, o sr. Rei D. Manuel...

— Em frotas... em frotas... Quanto a homens d'armas...

— Quanto a esses, tambem V. Alteza não tem nada que invejar. Os novos são tão esperançosos...

— E que me dizeis desses cristãos-novos? rompeu El-Rei com impeto, arrastado por outra sugestão.

— Cumprem as leis, Senhor.

— Hipocritamente... Hei noticia, D. Antonio d'Ataide, do que estão de constrangidos nos templos e ermidas.

— Não tenho reparado nisso.

— E os homens da armada? continuou El-Rei com a costumada volubilidade. D. João da Silva dizme maravilhas de todos.

— Principalmente do moço-fidalgo Manuel de Souza Sepulveda, acudiu, rindo, o Ataíde depois de correr tudo á volta com os seus ólhos zombeteiros.

— De que rides vós?

— E' que o conde de Portalegre nunca se agoniou tanto por causa dum mancebo que vai a pelejar á India. Se elle fôra donzela...

E o favorito riu com grande franqueza, seguro da benevolencia real, levando a expansão ao estrondo.

D. João III dominou o riso, que a alegria do Ataíde lhe despertava e, forçando a fisionomia, fingiu-se mal humorado, ao ver que os cortezãos cochichavam.

— Basta de riso, D. Antonio. Como julgais Diogo da Silveira?

— Já vos tenho dito, Senhor, volveu o valido, logo serio e curvado: parece-me um excelente fidalgo. Demais, já esteve na India, como sabeis, em 1523...

— E os outros, Ataíde? continuou S. Alteza, frisando a subita doçura da voz.

— Dos dois Ruis, Senhor, conheço melhor o Gomes da Grã do que o Mendes de Mesquita.

Rui Gomes da Grã é cavaleiro de toda a honra e brioso de si.

— E Antonio Monis?

— Esse dizem que é cavaleiro de grandes pensamentos.

Mas nem D. João III nem D. Antonio d'Ataíde ligavam verdadeira atenção ao que estavam dizendo. Falavam como quem traz o espirito longe do seu ambiente, á procura dum rastro, duma existencia que vive longe, quasi sempre uma utopia.

D. Antonio d'Ataíde tinha o pensamento posto no seu atrevido sonho, a rainha, senhora de grande piedade e magestade que o fascinava singularmente. Mas D. Catarina, sempre afavel, sempre digna, era para elle duma reserva cortante. Nunca adivinhara no valido aquella veleidade, mas via no palacianismo delle um perigo, um auxiliar das possiveis loucuras do esposo. Evitava-o, pois, tanto quanto o vigiava. A's vezes, parecia sonha-lo, e vinha interpor, de subito, a sua figura suave, tranquila, singelamente magestosa. O valido saudava-a, com grande elegancia, e ella correspondia, sorrindo-lhe ao topo da gôrra. D. Antonio d'Ataíde raras vezes via os seus olhos fitos nos delle, e, quando tal sucedia, o olhar da rainha parecia convergir-lhe todo sobre o alto do nariz, entre os olhos, como quem penetra um cerebro, como quem lê numa alma.

E então o valido, hipnotisado, julgava de si para si que estava louco d'amor, quando a calma de D. Catarina o estava oprimindo e subjugando como um magnetismo natural, perfeitamente instintivo. Apezar de tudo, é certo que o valido conhecia algum terror diante daquella tranquilidade honesta e, pensando nisso, espantava-se com uma intima e te-

naz má vontade áquella a quem desejaria poder significar uma paixão absurda. E assim, elles ambos — a rainha e o valido — eram um original exemplo da luta dum espirito superior com outro, muito inferior.

D. João III, por seu turno, com a instabilidade dos frivolos, tornava a pensar, mais uma vez, na madrasta, que amava e odiava, que lhe não esquecia e que repelira, ao ve-la viuva, livre.

Daí, veio a monotona pergunta que fês ao valido Ataíde, depois de feita ao Conde de Vila Nova:

— Sabeis dos desposorios de D. Leonor, viuva d'El-Rei D. Manuel?

— E' do tratado... volveu o Ataíde com laconismo caviloso, armando em diplomata.

— Sim, á força...

— Francisco I não pode vencer Carlos V...

— E D. Leonor... é uma contribuição... de guerra.

— Senhor, é um belo dito.

— Não é meu... não é meu... — acudiu o rei com ingenuidade — é de Antonio Carneiro.

Calaram-se. Sua Alteza bocejava, arrependido, afinal, de ter descido á Ribeira das Naus. Nada o interessava já tudo aquillo; chegara-lhe um daquelles momentos de hipocondria em que a côrte lhe causava tedio e opressão. Num gesto vago, acariciava as barbas e, vincado de rosto, parecia dissimular um forte sofrimento nevralgico.

Depois, murmurou, rindo, perdendo toda a linha da sua vaga magestade:

— Achava-lhe chiste... achava-lhe chiste...

O Ataíde sorriu como uma mascara e fingiu-se extasiado.

E D. João III continuou, mascando, bamboleando-se um pouco:

—Tinha chiste... Paris precisa dum escandalo...

E, como o valido, embora sorrindo sempre, já mostrava estar muito intrigado, S. Alteza disse-lhe com uma gôsma especial na voz:

—Entendeis-me, D. Antonio d'Ataíde? Vós percebeis-me?... Pedro d'Alcaçova já teria adivinhado... Mas decerto, não me compreendeis?

—Senhor, não, respondeu o favorito com humildade extrema, bastante dorido.

—Francisco I podia ser um D. Jaime de Bragança... E, é notavel, tambem esta é Leonor.

No paço ducal de Vila-Viçosa, Leonor de Mendonça: em França, Leonor d'Austria...

—Mas, Senhor—observou então o valido com audacia—Francisco I é alegre, presunçoso, confia no que vale. E o assassino de Leonor de Mendonça, naquelle anno de 1512, era a figura mais triste e desconfiada da fidalguia de Portugal.

—Não hade faltar a El-Rei de França um Antonio Alcoforado... se elle quizer livrar-se da irmã de Carlos V... disse logo El-Rei, ditoso por se ver profundo.

—Ah! compreendo—atalhou, sorrindo, D. Antonio d'Ataíde. Inventa-se um amante, quando a esposa é molesta... Como V. Alteza adivinha os casos!

El-Rei agradeceu-lhe com o olhar vago o ensejo de se mostrar assim penetrante e fês um gesto ao seu mordomo. Pouco depois, toda a côrte se movia para o Paço da Ribeira como um cortejo de parasitas cobertos d'oiro e sêda, numa ondulação de giboia que vai digerir. Sua Alteza vira as quatro naus que iam partir para a India.

VII

Nas trévas

O DIÁLOGO corria manso. Era um diálogo de duas almas quebradas, quasi dormentes. Entardecia. O varandim do Paço, como o dos Capuletos, tinha ainda mais perfumes do que luz. Subiam-lhe aos contórnos de marmore os efluvios da terra, do rio e até do mar distante, como exalação duma ternura misteriosa que vem sempre da alma das coisas, ao caír do crepusculo.

Beatriz, transfigurada, tinha tanta serenidade como simplicidade. Nem o orgulho doentio da sua indole, nem a febre da sua paixão. A dôr excessiva fizera prodigios, dera-lhe o vislumbre instintivo da verdadeira bondade e do verdadeiro amor, feito de calma, abnegação e singeleza.

Manuel de Sousa, alegre, mas com o sentimento enternecido dos que, ausentando-se, sabem que deixam saudades, tinha a tranquilidade especial de quem equilibra os impetos dum jubilo com a doçura dum aféto, lisongeiro sempre quando elle se sacrifica á nossa alegria, quando sofre para que esta resplandeça.

—Ides, pois, dizia ella com uma paz extranha nos ólhos e na voz—ides, pois, viver na India...

—Pelejar, Beatriz, servir o Rei e a Patria!...

—Voltareis depressa?

—Decerto.

—Não vos esquecereis de escrever?

— Decerto, Beatriz.

—Os annos vão depressa. Se não vos derem o cargo de pelejar, o que tudo póde suceder, não vos enfadeis, que muitos serviços podeis prestar, escrevendo, á governação...

—Conheço melhor a espada do que a pêna... disse elle, muito contrariado, mas sempre calmo.

—A espada? volveu-lhe ella, um pouco mais palida. Nome tendes já vós de mancebo valoroso... Não vos parece que nem só a espada abre o caminho da fortuna?

—Da fortuna?! replicou elle com espanto, quasi ofendido.

Mas, reconsiderando, e fazendo um gesto de condescendencia, tornou com grande paz:

—Bem pensais, Beatriz.

E ella, mais animada, e ao mesmo tempo mais calma, disse-lhe então com simplicidade e ternura:

—Não vos apresseis em nada. Fazei como eu, que nada quero já, que vos deixo partir sem mais do que o pouco que me tendes dado. Na India meditarei o que vos aprouver e não vos pedirei nada, antes que tudo me deis. Porque haveis de dar-me o vosso coração, diz-m'o a Virgem Maria. Se ella m'o não dissesse, já tinha morrido...

—Beatriz! exclamou elle com brandura repreensiva.

—Não vos molesteis com isto, que é tudo sem agonia cá de dentro. Pensai em mim... mas escrevei-me... a mim ou, antes, ao conde, porque vós vereis quando vos pede o coração escrever-me a mim só, escrever-me sobre o que sabeis...

— Podeis esperar, Beatriz...

— Carta para mim?

— Noticias, noticias, murmurou Manuel de Sousa, d'olhos baixos, todo quebrado.

— Mais nada, Manuel de Sousa?!... Agora dizei-me: quando se parte a frota?

— Qualquer dia, talvês muito tarde...

— Enganais-vos, Manuel de Sousa — acudiu ella com vivacidade. A frota parte d'hoje a dois dias. Julgais assim desviar-me da despedida?

— Eu é que acho muito tarde — declarou elle, tranquilo.

— Querieis já hoje?

— Oh! se fosse já agora!...

— Tanto gostais de andar em naus?

Manuel de Sousa não respondeu. Pregou os olhos no chão. Inclinou-se, como se precisasse de esconder o rosto. Estava visivelmente oprimido. A serenidade que até ali o clareara e tambem o reprimira, perturbava-se-lhe. Ella, não podendo manter já a sua calma, afogueava-se de febre e respirava mal.

Nos olhos dos dois relampejavam tempestades. Manuel de Sousa sentia uma colera singular, colera contra si proprio pela fraqueza do seu animo deante dum capricho. E as perguntas intimas eram sucessivas e ásperas. Amava Beatriz? Não a amando, porque não cortava ali tudo? O seu reconhecimento ao conde podia obriga-lo a acalentar esperanças falsas? Seria honesto mentir? Não queria elle sinceramente só a vida da India, as batalhas, as aventuras? Não lhe parecia ridiculo quebrar-se em amores fingidos, quando, até agora, nenhuma mulher o dominára devéras, um minuto?

E ella, embora não lendo isto no coração delle, sentira, de subito, um vago presentimento de morte. E a sua fé no futuro turvava-se-lhe dum novo deses-

pero: a ideia, doentia mas insistente agora, de que viria a morte, num golpe, na mesma hora em que Manuel de Sousa lhe désse o coração inteiro. Quem lhe dizia isto, de repente? Não podia sabê-lo, e nunca o ouvira dentro de si, senão agora. A vibratilidade dos seus nervos de tuberculosa era, havia muito, fecunda em alucinações eguaes. Parecia-lhe ter visões e audições maravilhosas.

Via e ouvia tanto o que mais desejava como o que mais temia.

Deste estado, quasi repentino, dos dois, veio a mudança do diálogo que até ali fluira limpido e manso. Chegou o momento de se chocar a resolução brusca dum com a ancia atormentada do outro. O temporal estava iminente.

Manuel de Sousa carregava o sobrolho: Beatriz arquejava com uma dispneia profunda.

Caiu nesse mesmo momento a noite. Subiu do Tejo uma frescura carinhosa, mas que fazia tristeza e amor do silencio.

Superabundavam ideias e sensações. As palavras negavam-se, tornavam-se dificeis.

Sobejava em suspiros o que faltava em expressões. Ambos, já maguados, mais doridos se sentiram.

Elle, porém, via diante de si, pouco depois, e réta e brilhante, indiferente ás trevas e ás estrelas, só a fôlha duma espada. Beatriz avistava um navio, depois uma grande escuridão, no meio della uma figura garbosa, e, muito ao longe, aquella escuridão desfeita, sim, a figura delle junto á sua, num quadro de flores, mas tudo, de golpe, sepultado em trevas maiores do que as primeiras, porque era ella quem partia numa sinistra nau que tinha o feitio dum caixão.

A noite entretanto tornou-se tão profunda, que mal distinguiam um ao outro as feições. E a tristeza

dos dois, muito mais densa do que as trevas noturnas, encobria mutuamente as almas. O organismo arruinado della escaldava-se de fogo intimo naquella angustia, e a vigorosa saúde delle ia procurar no abismo da noite a brutalidade duma franqueza decidida, um arranco.

Comtudo, quem falou primeiro foi Beatriz. Tremia toda. Vergavam-lhe os joelhos; apoiava-se livida nos rebordos finos do varandim.

—Manuel de Sousa, nada vos custa partir? perguntou com aflição e com veemencia.

—Nada, volveu elle com rudeza, procurando ver-lhe os ólhos, quasi agressivo.

—Tendes a certeza de voltar... não é verdade?

—Tenho a certeza... velho e inutil, mas com um nome honrado...

—Dizeis velho, Manuel de Sousa?

—Digo, senhora, e mais vos digo, ouvi bem...

—Dizei tudo...

—Que não espereis mais por mim, concluiu elle como quem grita, ao quebrar um odioso grilhão.

—Manuel de Sousa!

—Beatriz!

—Quereis mortificar-me? Quereis saber mais do que a Virgem Maria?

—O que sei—volveu elle, implacavel, de cabeça alta, resolvido a tudo—o que sei é que não vos amo; o que sei é que nunca posso amar-vos!

—Nunca?!

—O que sei é que não devo mentir-vos, nem a vós, nem a mim, nem a Deus!

—Nunca?!...

—O que sei é que eu quero ser da Patria e do Rei, quero fazer da India, se pudér, a terra da minha gloria e da minha honra.

—Nunca?!...

—Nunca, Beatriz... Mas tendes tantos moços-fidalgos, tantos gentis-homens de melhor feição que a minha! Porque haveis de teimar, senhora? Não vos enoja serdes vós sempre quem se oferece e ser eu sempre quem recusa?

E estas palavras cortaram-na como uma chicotada, que rasga todo o rosto.

—Parti, Manuel de Sousa, rouquejou então Beatriz, d'olhos esgazeados e brilhantes, resoluta, mas convulsa. E' assim. Não tendes culpa em que a Virgem Maria me iluda. E quem sabe se a entendi eu bem? Parti. Não me deixais perdida, nem morta. Nem sequer saudosa, Manuel de Sousa. Ide-vos; se vos prouvér pelejar, pelejai. Se vos encantar morrer, morrei. Dai noticias ao conde. Quero só saber se chegastes são e salvo á India. Depois, eu saberei de vós o que fôr soando no reino. Se morrerdes, morreis porque o desejais. Não extranheis que não vá despedir-me á beira das naus. Nada tenho a esperar de vós: nada tendes a esperar de mim.

E, como elle nada respondesse, Beatriz sacudiu-o por um braço com vigor nervoso, quási viril, num grito:

—Ouvistes, Manuel de Sousa? Ou achais-me nisto tambem uma indigna?

—Ouvi, senhora, respondeu então elle surdamente, sem um abalo.

—E porque não respondeis?

—Que vos heide responder, Beatriz? volveu o moço-fidalgo com grande lentidão.

Ella cravou-lhe um olhar acerado e aflito, tomou o ar com angustia e volveu-lhe irritada:

—Que haveis de responder-me?

E, depois duma pausa breve, mal se podendo ter de pé, continuou, ferida até ao coração:

—Que haveis de responder-me? E pretendeis

ser fidalgo-cavaleiro!... Não, não, os cavaleiros não magoam o coração das mulheres; vencem inimigos que lhes resistam! Batem-se com cavaleiros, e não com damas... Manuel de Sousa...

E, de subito, levando a mão ao peito, ao centro da sua febre, caiu sem sentidos no pavimento, aos pés delle, a arquejar, mas, pouco depois, toda hirta.

Manuel de Souza, assombrado, mas colerico na sua dor, ia a baixar-se, a erguê-la, talvês a mentir-lhe mais uma vez.

Mas alguem o conteve. E aquella mão não parecia de carne e osso: parecia de ferro em braza. Não o segurava só: esmagava-o. Não o prendia: subjugava-o e queimava-o ao mesmo tempo.

A escuridão profunda não lhe deixava ver de quem era aquella mão—garra e châma—; e, comtudo, parecia-lhe conhecer o halito de quem a possuia. Quiz reagir e sentiu-se inferior. A sua cólera de moço não valia o desespero do velho que o oprimia. Estava rendido, empolgado.

A um pensamento subito, porém, quedou-se, resignou-se, esperou.

E, nisto, uma voz cavernosa e entrecortada disse-lhe ao ouvido, a arder em fogo:

—Matastes-la?

—Não sei...

—Ai de vós, se a matastes—continuou a voz rouquenha—porque ou tendes de me matar a mim, ou vos matarei eu a vós!

—Conde!...

—Tenho ouvido tudo, tudo. Sois empedernido. Sois um miseravel ingrato. Se não sois um covarde, esperai-me.

Manuel de Sousa queria responder, mas não pôde. Entretanto, D. João da Silva curvara-se, son-

dara o peito de Beatriz e levantára-se mais calmo, mas com a fronte toda alagada em suór.

Depois continuou, hostil e rancoroso:

— Ouvistes? esperai-me, se não sois um covarde...

Não se ouviu a nenhum delles mais uma palavra distinta. Ambos rugiram não sei que cólera, mas tudo sem um brado. Manuel de Sousa, entretanto, encostou-se ao varandim e esperou. Viu o conde debruçar-se sobre o corpo inerte, sentiu alguns beijos, ouviu-lhe alguns suspiros de face colada na della, num verdadeiro estertor. Depois, conheceu que Beatriz ia nos braços delle, inanimada ainda.

Percebeu que D. João da Silva, com um vigor admiravel, transportava Beatriz pelo corredor, arquejando com o peso, mas sem proferir uma praga sequer.

E ficou calado nas trevas. Contrariado, mas sem remorsos. Até lhe pareceu que nunca respirára tão bem. Sentia a consciencia em paz. Folgava de ter resolvido tudo dum golpe, aproveitando perfeitamente o ensejo. A India sorria-lhe como nunca, apezar de tudo aquillo. Nem um só grilhão o prendia agora a Portugal. Ia livre, forte, indiferente a tudo que não fôsse o seu dever, o seu sonho, o seu ideal.

Não compreendia paixões que não fossem aquellas suas — paixão pela gloria, paixão pela honra do seu nome e do da sua patria. Como havia de Beatriz morrer d'amor, se o futil amor que ella padecia, a não ser um capricho de mulher, não podia, no pensar delle, ocupar toda uma alma? Nada o prendia de sólido, nem um juramento, nem uma esperança clara. Acobardado, consentira algumas miragens; mas todas ellas desfizera num momento. Cumprira a tempo o seu dever. O conde ia bravejar, imprecar, chamar-lhe ingrato; mas Beatriz, voltando a si, do gol-

pe que lhe ferira apenas o orgulho, já aplacaria decerto muito a loucura do velho. Porque Manuel de Sousa não se conhecia ingrato. Era capaz de provar mais tarde a D. João da Silva todo o seu reconhecimento: o que elle não podia dar-lhe era a sua propria liberdade e menos a sua honra, o que julgava a sua honra.

E entregou o rosto com verdadeira delicia á aragem do Tejo, aragem que trazia efluvios das ondas do mar.

Pouco depois, sentiu os passos do conde. Pareceram-lhe lentos e firmes. Da sombra do corredor emergiu depressa indistintamente um vulto. A mão de ferro que lhe apertara o braço pesava-lhe agora sobre o hombro direito.

O moço-fidalgo não fês uma pergunta nem um movimento. D. João da Silva estava calmo, quási satisfeito.

A sua voz foi plácida, velada apenas para que o não ouvissem de longe:

—Não déstes cabo á obra—disse elle. Beatriz vive, como tem vivido depois que lhe aparecestes, Manuel de Sousa. Talvês que a vossa brutalidade m'a restitua. Assim o diz ella e eu acredito, porque fôstes muito vilão, como eu estive escutando, em toda a vossa conversa. Ide-vos, pois que talvês me désseis a vida, despedindo um golpe de morte.

—Snr. conde, nunca esquecerei as vossas mercês...

—Nada me deveis, Manuel de Sousa, nem mesmo deveis nada a ella, que vos amou por doença e capricho. Tinheis de ir á India. Ide tranquilo. Batalhareis como vós aprouvér e feliz de vós se numa peleja ou num naufragio encontrardes fim á vida...

—Morrerei pela Patria!

—Pela Patria ou pela ambição, tudo é morrer...

—Insultais-me, conde? rompeu Manuel de Sousa, esgotado de paciencia.

—Não, que não tenho que vingar. Se o merceis, Deus me vingará de vós.

E o vulto delle imergiu-se de novo nas trevas sem mais uma palavra.

Manuel de Sousa encolheu os hombros e voltou-se todo para o Tejo, tão satisfeito como se já fôsse na amurada dum navio, cortando espumas e semeando sonhos.

Parecendo resolvido a não dormir, a esperar ali o romper d'alva, o moço fidalgo acariciou a espada suspensa da cintura e pôs-se a ver se descortinava os contornos da India para além das trevas, para além das aguas, para além das estrêlas.

E, naquelle momento, parecia tão alto, que dominava toda a noite.

VIII

Mexericos e diplomacia

El-Rei D. João III tinha uma qualidade primacial: a docilidade. Não era fundamentalmente mau: era fraco de cérebro, desde uma quéda que déra em muito joven; e de que seria bom, coerentemente bom, a não ter sofrido aquelle desastre, era prova não tanto o ser dócil como o preferir com facilidade as boas sugestões ás más.

Apezar da influencia de D. Antonio d'Ataíde e de Luís da Silveira — que D. Manuel desterrára como nocivo de companhia ao Principe — podia nelle mais completamente o animo da rainha.

E D. Catarina, mais tarde tão energica e boa portuguêsa de adoção na regencia do neto, era sinceramente religiosa e duma honestidade encantadora. Além disso, inteligente, governando o esposo sem o vexar, fazendo-o respeitado pelo respeito que ella evidenciava ao rei fleugmatico, ou antes, doente, a rainha tinha tantos extremos por Portugal, que todos se esqueciam de que era irmã de Carlos V. A influencia, portanto, de D. Catarina foi a melhor das que sofreu D. João III.

Mas, se D. João III, por fraqueza propria da

sua doença, mostrou rancor á madrasta e aceitou as sugestões dum ódio exagerado aos cristãos-novos, tambem não foi avaro de indulgencia, quando alguem lhe mostrava a cegueira das paixões.

D. João III fôra tratado pouco benevolamente, em vida de D. Manuel, seu pai, pelos ministros Conde de Vila-Nova e D. Alvaro da Costa. Atribue-se a estes o privá-lo o rei finado do convivio dalguns validos que D. João III, na verdade, chamou á côrte, apenas subiu ao trono. Mas, vendo-os recomendados no testamento de seu pai, não os demitiu, conservou-os, ouviu-os sempre com deferencia e afêto, considerou-os, honrou-os.

Antonio Carneiro, habil ministro de D. Manuel, continuou á ser ministro e, como estava velho e cançado, fazia-se substituir por seu filho Pedro d'Alcaçova, tão inteligente, apezar de inculto, e talvês o ministro mais trabalhador de todos os que têm tido os reis de Portugal. Assim respeitava D. João III a vontade do pai, que lhe roubara a noiva.

Entendia-se perfeitamente com os Carneiros a rainha. No meio delles, D. Catarina governava de facto Portugal, quanto podia, porque a bela senhora não invadiu nunca pretenciosamente a liberdade governativa de D. João III. O que ella lhe deu, decerto, foi a força de religiosidade elevada que compensou muitos exagêros.

Assim, Pedro d'Alcaçova tudo dirigia, ocultando-se na maior modestia, fugindo á menor evidencia, e, detraz delle, figura simples e honesta, estava quási sempre, com seu conselho prudente e seguro, a rainha. D. Catarina, portanto, era como que a sombra duma sombra. Mas estas duas sombras sustiveram Portugal, por alguns annos, na derrocada a que o impelia a corrução importada do Oriente e tambem de grande parte da Europa daquelle tempo.

Assim o pensava Antonio Carneiro, na sua conversa, em vespera de partir a armada, com Luís da Silveira, o valido feito guarda-mór.

O velho Carneiro concordara nisto: a rainha ajudava-o muito a dirigir o espirito d'El-Rei.

Luís da Silveira, por seu turno, mostrava a maior fé no porvir. Uma coisa apenas o preocupava: era se El-Rei não deixava um herdeiro.

O pai de Pedro d'Alcaçova, ao pensar nisto, estremecia sempre, apezar da mocidade de D. João III.

O guarda-mór, porém, ainda fiava que, nesse caso, voltariam os tempos heroicos da regencia de Leonor Telles.

—Deus afaste essa desgraça—atalhava, nisto Antonio Carneiro com tristesa austera. Hoje não é então. D. Leonor, ha annos, corrompeu um punhado de fidalgos: a India, hoje, corrompe-nos todos os nobres e grande parte do povo. Quem veste hoje na côrte grevas e arnezes? Não vêdes o luxo dos pelótes e tabardos? Não vêdes bordados a oiro os borzeguins? São vulgares as opas de brocado e raras as couraças.

—Assim vestia Afonso d'Albuquerque, e foi um herói! —replicou Luís da Silveira.

—A quem vós o dizeis!... Albuquerque, na India... Posso descrever-vos de memoria como se apresentava em Gôa: pelóte curto de sêda de côr; calças de escarlata; pantufos de veludo; capa lombarda de setim côr-de-laranja, forrada de setim pardo, coifa d'oiro; gôrra de veludo preto e estoque guarnecido d'oiro... Mais alfenim que uma dama...

—Assim é.

—Mas Afonso d'Albuquerque tinha um peito de ferro, que convertia os brocados em malhas terriveis... compreendeis-me? E estes? A não serem ainda alguns velhos, todos elles, se vestirem d'aço,

— Assim o julgo — apoiou o guarda-mór por simples condescendencia.

E, cedendo á vontade de mexericar, proseguiu:

— Sabeis do ultimo escandalo da côrte?

— Dizeis do ultimo, ou dos ultimos? perguntou o velho com ironia amarga.

— Como vos prouver — continuou o Silveira — e anda nelle esse mesmo Manuel de Sepulveda...

— Entendo-vos. Tambem julgais sandeu D. João da Silva?

— Se vos parece! rogar por elle a Diogo da Silveira, como por donzela delicada...

— E é esse o escandalo?

— Sabeis o resto?... D. João da Silva é movido pela engeitada que tem em casa. Dizem que por ella arrefeceu no amor com D. Maria de Vilhena, a esposa, tão estimada filha de D. Alvaro de Portugal!

— E é esse o escandalo? repetiu Antonio Carneiro.

— Se vos parece! — continuou, um pouco mais desconcertado, o guarda-mór. A esposa, a filha do conde de Tentugal, posta de lado por uma engeitada; e D. João da Silva tão demente, que pede, a chorar aos pés de Diogo da Silveira, que poupem a vida... do mancebo dessa engeitada! Nisto deu o altivo fidalgo, o filho de D. Diogo da Silva e Menezes!

— Pois o mesmo eu fizera — disse Antonio Carneiro serenamente — se para casa trouvera uma engeitada e amor lhe tivesse. Não sabeis, porventura, o que é ser pai? Quem vos disse que D. João da Silva não ama a sua pupila como pai? Fiais-vos de linguas danadas?... Quanto a D. Maria Manuel de Vilhena, que eu conheço, como conheci sua mãe, al-

tiva como ella, e que foi D. Filipa de Mêllo, lembrai-vos que foi sempre soberba e desvanecida...

—Mas é sandice—obviou o Silveira—pedir que deixem ir á India um mancebo e logo que o livrem até duma arranhadura...

—Será, mas não escandalo, como dizeis.

—E' voz comum...

—Desventurados de todos, se a voz comum fôra sempre de verdade...

O guarda-mór curvou a cabeça, mordendo o labio inferior e passeando.

Antonio Carneiro, preocupado com outros pensamentos, continuou:

—Tambem meteu requerimento Luís Falcão, outro moço-fidalgo.

—Bom cavaleiro hade dar! apoiou logo Luís da Silveira, muito animado.

—Não vai ainda nesta armada...

—Ao menos esse partia sem mulher que o detivesse...

—Julgai-lo?

—Jurava-o pelos Evangelhos.

—Pois sabei, senhor guarda-mór, que melhor fôra elle não ir nunca á India.

—Duvidais da sua valentia?

—Não.

—Da sua lealdade quiçá?

—Decerto.

—Mal vos instruiram quanto a esse, Antonio Carneiro—volveu o Silveira com paixão.

—Mal instruido sois vós quanto a elle. Não ha mister na India de costumes dissolutos nem de homens ferozes. A India carece de homens honestos e de brandura de trato. Vêde como os canarins choram por Afonso d'Albuquerque...

—Mas Luís Falcão...

—Luís Falcão é ardido, mas é barbaro, é brutal: gosta do sangue pelo sangue. Quanto a costumes, anda sempre á cata de aventuras vergonhosas...

—Ora! de alguma mulher mal casada!...

—Como vós dizeis isso!

—Estamos hoje muito do avesso—disse o guarda-mór com grande tédio, encolhendo os hombros e puxando as barbas.

Antonio Carneiro sorriu, olhou para os papeis que tinha diante de si e pôs-se a folheá-los.

Luís da Silveira, entretanto, passeava ao longo da sala, carrancudo e brusco.

Contrariava-o aquella despaixão do velho ministro, mas era-lhe afeiçoado devéras, de ha muito.

Raras vêses concordavam, e, comtudo, o valido e guarda-mór estava mal, quando o não via frequentemente, e nelle se apoiava contra os murmurios de ladrão que o feriam. Mas não perdia o vicio, que trouxera da côrte de D. Manuel, de mordiscar os puros e de defender os espadachins e aventureiros, de contar escandalos, de avolumar acontecimentos.

Ninguem, menos do que Antonio Carneiro, lhe dava desabafo áquelle pendor, e com ninguem tentava elle tanto exercitá-lo. Batido, todos os dias voltava á carga. Sendo ambos velhos amigos, poucas vêses a sua conversa era bem humorada e concordante, porisso.

Quando discutiam, Antonio Carneiro estava em guarda sempre, como homem escarmentado e Luís da Silveira nunca afirmava nada sem esperar logo contestação, um golpe, uma vergastada.

Mas o guarda-mór temia mais do que isso o silencio do velho ministro. A face de Antonio Carneiro, quando se abstinha de resposta, exprimia

mais do que o maior argumento, porque relampejava de ironia.

E Luís da Silveira era muito vaidoso, para não sofrer com esgares ironicos, ainda que fôssem os dum velho amigo.

Depois, quasi sempre, o silencio de Antonio Carneiro era caviloso: era a preparação duma nova pergunta que o embaraçava; e, porisso, o valido preferia ir ao fim do que começar a dar origem a novo suplicio.

Apezar disto, o guarda-mór, ao afastar-se de Antonio Carneiro, ia sempre com pesar, com pena de não ficar ao pé delle. Detestava a contrariedade e prezava assim o contrariador.

Neste enleio, neste verdadeiro embaraço, Luís da Silveira foi salvo pela chegada de Pedro d'Alcaçova.

O jóven ministro, vendo o amigo de seu pai, sorriu com finura e saudou-o, curvado com galanteria.

—Vindes do Paço? perguntou Antonio Carneiro, levantando a cabeça branca e fitando-o com inteligencia.

—Da Casa da India, respondeu Alcaçova, dando ás palavras um tom indiferente e leve.

O velho ministro curvou-se de novo sobre os papeis, a folheá-los e a estudá-los.

Então Luís da Silveira disse a Pedro d'Alcaçova, só para cortar o silencio:

—Está marcada a hora da partida da armada?

—Ainda não—volveu-lhe o Alcaçova com um sorriso singelo, mas não olhando para elle.

E foi sentar-se ao lado do pai, debruçando-se tambem sobre os mesmos papeis, a ler, a perscrutar.

O guarda-mór compreendeu. Fês as despedidas

com o seu ar pachorrento e encaminhou-se para a porta. Foi acompanhá-lo, então, muito solicito, Pedro d'Alcaçova, dando-lhe a direita com veneração profunda.

—Não vos molesteis—dizia o valido de D. João III, penhorado e, ao mesmo tempo, mal disposto.

—Por tudo vo-lo dêvo—respondia o Alcaçova, cortejando-o sempre, de espinha recurva.

E foi despedi-lo com mesuras profundas, d'olhos baixos, de sorriso respeitoso, mas sem mais palavras.

Depois, voltou mais depressa e, sentado ao pé do pai, curvou-se logo ao ouvido delle, como se alguem estivesse a escutar no vestibulo e murmurou-lhe:

—Diogo da Silveira não tem uma mancha...

—Vistes bem... no anno de 1523?

—Podeis estar tranquilo.

—Qual a razão, pois?...

—As costumadas intrigas da côrte.

—E não hade ir capitão-mór da armada só porisso?

—Quanto a mim, não.

—Porque...

—Porque não vale isso cuidado e porque...

—Porque?...

—Porque tambem se experimenta Diogo da Silveira.

—Bem lhe basta ir capitão d'Ormuz... para ir lêdo...

—Sim, mas mais capitão de nau do que de frota, e isso póde pezar-lhe.

—O que não saberemos.

—Se lhe pezar de mais, em Gôa se saberá.

—Diogo da Silveira é ousado...

—E' rude, é d'antes quebrar que torcer: é brutal.

—Antes isso.

—E' porisso...

E, neste laconismo subtil, Antonio Carneiro e Pedro d'Alcaçova continuaram n examinar os papeis que estavam sobre a meza, tão mudos e indiferentes um ao outro, como se cada um se julgasse completamente só.

IX

Abyssus abyssum...

—Como vos sentis, minha filha?

Beatriz abriu os ólhos e não respondeu. Fitou o conde durante momentos, e tornou a cerrar os ólhos.

—Ainda muita febre? insistiu D. João da Silva.

—Que disse o fisico? perguntou ella com voz demorada, muito sêca.

—Que é mal de passagem, Beatriz. Assim o disse Mestre Gil.

—Tambem o creio, conde. Mal de passagem...

D. João da Silva sentára-se junto della, tomando-lhe as mãos viscosas e frias, e beijando-lh'as.

—Mal de passagem, repetiu elle com a voz mais firme. O tempo está lindo. Se visseis o jardim do Paço com aquelle sol e com aquellas sombras!...

—Flores! Muitas flores!

—E avesinhas e até abelhas, tudo numa festa!...

—E as cascatas...

—Parecem de perolas, Beatriz.

—E o rio, defronte...

—O Tejo, Beatriz, está lindo como se fôsse de prata fina...

—A primavera é bonita, não é, conde?

— Bonita? Chamai-lhe antes divina.

— Divina...

— Parece que Nossa Senhora desce á Terra com seu amado Filho a visitar as virgens e as criancinhas...

— Quem sabe? para as levar para o céo!

— O céo... tambem póde ser na Terra, com a paz do coração.

— Tende-la vós, conde?

— Eu... tenho, quando vos vejo lêda e sadia.

— Não a tendes, pois, hoje...

— Se tenho! O fisico disse: é mal de passagem.

— O fisico falou a verdade: é mal de passagem.

Beatriz calou-se como quem impõe aos outros o silencio. D. João da Silva ficou mudo a contemplala, sorrindo-lhe sempre, mas com todo o rosto amarelo, da côr do velho marfim.

Depois, muito humilde, murmurou-lhe:

— Se quizesseis distrair-vos...

Beatriz pareceu não ouvir.

D. João da Silva curvou-se mais para ella e repetiu:

— Se quizesseis distrair-vos...

— Distraída me vejo, volveu ella com grande tranquilidade.

— Pois distraís-vos comigo?!

— Muito... Se soubesseis! disse ella, sorrindo, e d'olhos cerrados de todo. Quem me fala nesta casa ao coração, senão vós?...

— Ah! dizei... dizei...

— Sim, conde, só vós. Se vós não fôreis, que era eu? Os fidalgos, quando têm filhos bastardos, deixam-nos nas pedras das ruas como os vilões... Alonso de Sepulveda é uma raridade... Esse bastardo vive como legitimo. Disse-m'o Manuel de Sousa...

— Sempre Manuel de Sousa...

— Pois foi ao acaso, que hoje mal me tem lembrado. Emfim, conde, snr. conde de Portalegre...

— Porque me não chamais antes pai? respondeu elle com doçura, apertando-lhe as mãos nas suas.

— Mas... se vós o não sois...

— Nem pelo amor?

— Oh! pelo amor...

— Dizei, Beatriz, dizei.

— Pelo amor... conde...

— Sim, que vos sou eu pelo amor?

— Mais do que pai, bem o sabeis...

E Beatriz fitou-o profunda e demoradamente nos ólhos.

D. João da Silva quiz sustentar-lhe o olhar e não pôde. Teve de curvar a fronte, de tão envergonhado como pungido. Mas as suas mãos apertavam tanto as della, que Beatriz estremeceu e rosou-se.

— Não é verdade, conde? tornou ella, não o desfitando ainda.

— E não vos faço horror? disse elle baixinho, ousando levantar a cabeça.

— Não — replicou logo Beatriz, sorrindo-lhe — fazeis-me só muita pena.

— Dizei... dizei...

— Pena... muita pena... porque não sois assim feliz...

— Não, não... — disse D. João da Silva despertado dum abismo, emergido dum segredo. Não, feliz nunca, minha filha! Não. Nunca o fui. Vida de aparencias, ter muitos filhos sem ter amor, envelhecer sem a liberdade do coração... Oh! Beatriz, Beatriz!

— Então, meu pai! Afligis-vos?

— Vosso pai? Mas é preciso que o seja.

O conde cingira-a com ardor pelo busto e falava-lhe mais perto da bôca do que dos ólhos, menos

alma com alma do que carne com carne. Beatriz, d'olhar cerrado, ouvia-o e sorria sempre. E D. João da Silva, de repente, não se conteve: os seus labios aproximaram-se, calcinados, ardentes, e, pela primeira vês, beijou-a demoradamente na bôca.

Mas, logo, calafriado, espantado, levantou-se e afastou-se sem ar, sem forças, sem presença d'espirito.

A furto, olhou para ella. Parecia dormir, sorrindo.

Mais animado, tornou a sentar-se perto de Beatriz, colhendo-lhe de novo as mãos.

—Beatriz! —disse elle numa melodia de velho-creança.

—Falai, falai sempre... —respondeu ella no mesmo letargo sorridente, no mesmo tom de extasis.

—Que heide eu dizer-vos?...

—Tudo... tudo... Tenho vivido a dizer eu essas coisas a mim mesma... Ah! conde, que pena! que grande pena me fazeis!

E, abrindo os ólhos, foi ella que se aproximou, de face purpureada, com os labios entreabertos. Mas, de subito, empalideceu muito e levantou-se. Depois, com inesperada gravidade, passeando nervosamente no aposento, disse a D. João da Silva:

—Sabeis que vos quero pedir uma mercê?

—Ordenai, Beatriz, respondeu elle, de fronte pendida.

—Vêde bem: peço-vos a dôr da vossa alma.

—Sou todo vosso, bem o sabeis.

—E concedeis-m'o, dais-me o que vos quero pedir?

—Porque o perguntais, Beatriz?

—Porque temo vos recuseis depois.

—Pois... juro-vo-lo!

—Basta, conde. De mais seria a vossa palavra.

—Dizei, pois.

—Escutai. Eu amo ainda Manuel de Sousa Sepulveda.

—Ainda?! gemeu elle, enrugando o rosto inteiro.

—E sempre.

D. João da Silva ficou de cêra, espantado e fulminado, e ao mesmo tempo tomado de cólera.

Depois, murmurou com tristeza, com a tristeza da maior resignação:

—E' justo.

E, em voz mais alta, heroicamente, subjugado em todo o seu intimo, continuou:

—Dizei.

Beatriz tornou então a sentar-se, chamando o conde a si com simplicidade afétuosa.

E depois, com tranquilidade, d'olhos nos ólhos delle, foi dizendo:

—Amo Manuel de Sousa. Não m'o leveis a mal, que muito vos amo tambem a vós. Elle vai para a India, fóge de mim, não me tem amor. Mas que se me dá disso? Amo-o eu, e é o que basta. Vai combater, eu bem o adivinho, e ninguem lhe poderá pôr estorvo a isso. Ninguem obriga um homem valente a não ser soldado da sua Patria.

—Talvês... Diogo da Silveira... balbuciou D. João da Silva, miseravel de aniquilamento.

—Não fará delle um letrado, se elle quer ser um cavaleiro. Não vos iludais. A que vai elle á India senão a pelejar? Porque me deixa elle assim, senão pelos combates?... Mas, conde, satisfeito de pelejas, eu heide lembrar-lhe um dia, pois tenho fé que tal sucêda. E eu heide estar perto delle; se morrer, conde, heide, ao menos, fechar-lhe os ólhos.

—Beatriz!

—Prometestes, jurastes...

— Mas dizei: que sonho é, pois, o vosso?

— Simples, conde: partir tambem para a India.

— Vós?!...

— Eu, conde, a vossa filha, á qual nada recusais!

— Beatriz! Beatriz! Refletistes bem?! Dais-me então um clarão de vida para me deixardes?!

E ella, imperturbavel, d'olhar fixo, de labios muito brancos, volveu-lhe:

— E porque não irei eu combater como tantas mulheres? Como elle havia de amar-me então! E os combates! Pelejarmos por Cristo e pela Patria, conde, que grandeza!... No Paço ha falta d'ar... Manuel de Sousa tem razão. A India deve de ser maravilhosa...

— Maravilhosa—proseguiu ella—maior do que tudo isto: a mesma côrte, a mesma cidade, o mesmo Tejo. Sabeis, conde, que me sinto melhor só de pensar na India?

D. João da Silva encolheu os hombros com desespero, não podendo soltar uma palavra.

— Melhor—disse ella ainda—melhor e maior, mais terna para a vida da alma!

E, vendo D. João da Silva aniquilado, com o ar imbecil, gritou-lhe:

—Mas porque não me respondeis?

O conde já estava em pé. Nem um vinco na fronte. Parecia todo de mármore.

Interpelado, sacudira o torpor. Posto de pé com um impeto cheio de firmeza, a sua fisionomia dominou todos os musculos, todas as crispações de dor e assombro.

Voltou-se para ella, hirto mas sereno e, tomando a sua melhor calma, perguntou-lhe:

— Beatriz, pensais na vossa doença? Lembrais-vos de quanto sois debil?

— Eu?!... Julgais-me ensandecida, conde? Que

tem a minha saúde com a minha alma? rompeu ella, desdenhosa.

—Porfiais em ir?

—Sempre.

—E se não vos deixassem?

—Pois não sabeis o que sucederia?

—Dizei.

—Se não me deixassem...

—Dizei tudo.

—Morreria, como se me estrangulassem!

O conde ouviu, meditou, fês-se cadaverico de côr, vacilou alguns instantes e sentou-se com os ólhos cheios de lágrimas. Depois, quiz replicar e só encontrou no peito um soluço convulso. Quiz falar-lhe, ao menos com a dôr dos ólhos febris, e conheceu que tinha diante de si um nevoeiro extranho. Quiz equilibrar-se na cadeira de espaldar e caiu de golpe no pavimento.

Beatriz viu-o baquear, notou que elle estava imovel, e não correu logo para elle. Parecia esperar ainda uma nova resposta de D. João da Silva. Depois viu que se iludia. O conde perdêra os sentidos, como ella numa noite de dôr, e elle socorrêra-a.

Cobriu-a nisto uma palidez profunda, talvês de espanto e talvês de dôr, a dôr dum breve remorso.

E então, num pequeno grito, foi erguer-lhe a cabeça de marmore que encostou com força ao seu peito. Dopois, aflita, cada vez mais cheia d'angustia, chamou-o, e, como elle não respondesse, inclinou-se toda sobre elle e beijou-o, na bôca, como elle a beijara, a pagar generosamente uma divida de ternura.

O deliquio dé D. João da Silva ia, pouco a pouco, decrescendo e Beatriz, cada vês mais anciada, desafogava-o da volta no pescoço e beijava-o sempre, impelida por um dever desconhecido. Rosava-se já de leve a face do conde e ella, na febre do seu amor

por Manuel de Sousa, confundia o velho com o mancebo e, beijando D. João da Silva, alheara-se tanto da vida concreta, que julgava estar cobrindo de beijos a face do amante moribundo, ao fim duma refrega, cheia de sangue e de gritos, na India misteriosa e esplendida.

E o conde despertou debaixo daquelle diluvio de caricias, encostado ao coração della. Abrindo os olhos, viu-a, sentiu-lhe as lágrimas e os beijos, e tornou a adormecer extasiado. Depois, duvidando de tudo, tornou a olhar e a sua bôca faminta encontrou a della num choque desvairado. Beatriz começava então a ver a realidade, mas, piedosa, beijava-o ainda, com menos fogo, mas com muita compaixão. Tornava-se mais grave, mas sorria-lhe ainda e os seus labios poisavam-lhe na fronte com o amor sereno duma filha, balsamicos, repassados de bondade.

Levantara-se D. João da Silva, entre envergonhado e deliciado, já vigoroso, suspendendo-a pela cintura para a poder beijar melhor, tendo nos ólhos uma chama subita, de loucura ou de crime.

Mas Beatriz afastou-se tão de golpe, que elle mesmo deu dois passos para traz, cambaleando, e logo de rosto pendido, aflito e miseravel, quando viu quem entrava.

Entrara no aposento D. Maria Manuel de Vilhena, esposa daquelle D. João da Silva, 2.º conde de Portalegre.

Entrara, um pouco pálida, mas altiva. Entrara e sentara-se logo, espalhando as saias tufadas com pompa. Um pouco nutrida, de meia edade, sanguínea e grande de corpo, a condessa tinha uma magestade natural. Os seus olhos negros, muito grandes, eram de expressão severa. O sorriso, desdenhoso e frio, dava-lhe uma gravidade de rainha que não sabe sorrir nem perdoar.

Beatriz viu-a sentar, viu-se fulminada pelo olhar della e quiz sair. Mas, reagindo logo, concentrou todas as forças do seu orgulho, e foi sentar-se tambem, cheia de coragem, com a face branca muito d'alto.

D. João da Silva, voltando a si da surpreza, ficou de pé, d'olhar baixo, com os braços cruzados, em espétativa.

A condessa esteve minutos sem dizer palavra, volvendo os olhos negros á roda, espionando, como que farejando os moveis, o této, o pavimento, os corpos gelados dos dois.

Depois, quási a meia voz e muito lentamente, disse como que do alto dum trono, pondo os olhos maiores e até como que mais negros:

— E' então verdade, sr. conde de Portalegre, o que se diz na côrte?

— E que se diz na côrte, senhora condessa? volveu-lhe D. João da Silva com olhar d'ódio, de soslaio, como quem agride á traição.

— O que acabo de ver, snr. conde, tornou ella, alongando o labio inferior.

— Mas o que acabais de ver é verdadeiro...

— Verdadeiro... como?

— Como? verdadeiro como o vistes, senhora.

E o conde, exaltado, fóra de si, cresceu para ella logo, sem proposito, sem naturalidade, sem senso comum:

— Ha muito, senhora condessa, que me deixaveis em paz... vós e os vossos filhos. Quem vos deu o direito de vir perturbar-m'a? Quaes são os vossos direitos sobre o meu coração?

— Os meus direitos, snr. conde, são os meus direitos — volveu ella com ironia de gêlo.

— Que direitos? Os direitos de ter sido mãe de filhos, como a fonte é mãe da agua que deita, sem

amor e sem dor? E falais vós em direitos, senhora condessa?! Vós... uma empedernida, uma enojada de tudo e de todos?

— Falo-vos nelles, snr. conde, antes de vos falar em deveres, disse D. Maria de Vilhena com a maior fleugma.

— Dizei.

— Uma só palavra: a engeitada é vossa manceba?

D. João da Silva ia a responder, mas uma voz aguda e rispida se antecipou, vibrando e golpeando os ouvidos dos dois.

Beatriz levantara-se da cadeira de espaldar e respondêra, branca de comoção, mas firme e rancorosa:

— Sou, sim, senhora condessa.

— Beatriz! Que loucura! suplicou apenas D. João da Silva, assombrado, cada vês mais livido, cada vês mais humilhado.

E a condessa, magestática e desdenhosa, observou sem um abalo, não fitando nenhum dos dois:

— Manceba dum moço-fidalgo... e dum velho conde! Falta-vos agora o meio-termo, senhora engeitada. Porque não vos amancebais tambem com um varão de quarenta annos?

— Porque não tive para isso alcaiota — replicou Beatriz desabrida, cerrando os punhos.

A condessa alongou de novo o labio inferior e não respondeu. Levantou-se, olhou á roda com grande frialdade de gesto e começou a sair devagar, com a imponencia dum galeão embandeirado, ao entrar na enseada com ondas submissas e chãs. Mas um grito cavernoso de D. João da Silva a deteve, já fóra do aposento:

— Ouvi. Olhai que a amo como filha. Se minha manceba fôra, di-lo-ia ella?

E a condessa, sem se voltar, respondeu-lhe descançadamente, com menos ironia do que desprezo:

—Tendes razão, senhor conde. Como filha lhe quereis... porque vós não tendes filhos nem filhas a quem possais dedicar amor. Nem sei como os gerastes...

E desapareceu, cheia de pompa, orgulho e ironia, rufando as sêdas, lembrando o Bucentauro no canal do Lido.

X

Carta da India

DIOGO DA SILVEIRA escutava com grande atenção Pedro d'Alcaçova. Antonio Carneiro não perdia tambem uma só palavra, aprovando o que o filho dizia, com um grave meneio de cabeça.

— Vêdes — dizia o jóven ministro — como ides encontrar a India. Cristovão de Mendoça no passado anno de 1528 muito nos mandou dizer por Antonio Tenreiro, mas muito mais nos diz, Diogo da Silveira, uma carta de Manuel de Macedo, leal português... carta chegada nas ultimas naus.

— Manuel de Macedo escreveu-vos?

— A El-Rei que nos faz a mercê de lermos a carta do mesmo Manuel de Macedo. Vão cumprir-se as ordens de Sua Alteza. Escutai.

Pedro d'Alcaçova então tomou uma carta volumosa, olhou de travez para seu pai, e começou a ler:

«SENHOR:

Já V. Alteza deve saber como Nuno da Cunha chegou á India, tendo partido de Portugal em abril do anno passado de 528. Tambem V. Alteza deverá ter noticia que foi Antonio Saldanha que em Cochim

deu as primeiras novas da chegada do Governador e sua armada.

Com muito prazimento de todos, começou de governar Nuno da Cunha, que é esforçado cavaleiro e leal português, pois que tomou depressa a cidade de Bombaça onde fês grandes prêsas e pôs sujeição a muitos infieis.

Mais coisas ainda enviou a V. Alteza o capitão d'Ormuz, Cristovão de Mendonça, pela boca de Antonio Tenreiro, homem de muito saber e acerto e o qual já na India houvemos noticia de que gastou só três mêses em ir a esse reino, depois de embarcar em Baçorá e ver as terras da Turquia, cidade de Alepo e outras, de ver Chipre, a Italia e outras terras da cristandade. Prouve a Deus que no mesmo anno de 528 eu cativasse o regulo Resxarafo, regedor d'Ormuz, como V. Alteza me mandou, e foi por esta maneira: Segui viagem pelo estreito d'Ormuz no navio de duzentos toneis, que V. Alteza, com grande mercê, me deu, e fui tomar no cabo de Maçandão onde houve noticia de estar Nuno da Cunha em Ormuz. E isto muito me agoniou, porque me veio suspeita do Governador querer prender o Resxarafo por ser poderoso de dinheiro e largo de dadivas e V. Alteza me ter dado papeis, por grande mercê, isentos do Governador e com poder para fazer o que me El-Rei encarregou. Porisso assentei logo comigo de entrar secretamente em Ormuz e prender o Resxarafo.

Deteve-se nisto Pedro dAlcaçova e disse a Diogo da Silveira com voz muito repoisada:

—Vêdes bem aqui, por Manuel de Macedo, os riscos das missões particulares. Não vos molesteis, pois, de não levardes maiores honras quanto á armada... Já ides capitão d'Ormuz, embora sujeito ao vosso cunhado.

—Que eu bem conheço, snr. Pedro d'Alcaçova —redarguiu o Silveira—como conheço o que é ser capitão na India.

—Decerto, mas não o conheçais em demasia. Entendeis-me? Ruim é que governantes façam do parentesco força para rasgarem o regimento d'El-Rei, encobrindo-se nas faltas.

—Podeis ficar tranquilo—disse apenas Diogo da Silveira, levemente contrariado.

—Ouvi—diz Manuel de Macedo:

Então me dava força todo o regimento de V. Alteza, embora Nuno da Cunha levasse em ponto d'honra prender elle o moiro, pois que V. Alteza me despediu para com a prisão deste regulo segurar todo o bem d'Ormuz, segurando tudo d'alevantamento, uniões e outros males. E me embarquei numa terrada, levando as provisões de V. Alteza com as defezas e grandes penas que pessoa alguma me fôsse á mão, antes em tudo me ajudassem para levar o moiro preso a Portugal. Levei comigo doze homens, meus criados, todos com saias de malha e cascos cobertos com barretes e fui a desembarcar-me antes de romper o dia, com elles, levando todas as armas secretas. E entrei em casa do moiro, e prouve a Deus que saía para fóra então o regedor que me conheceu do tempo em que o grande Affonso d'Albuquerque lá fês a fortaleza. E Resxarafo, porisso, me recebeu com gazalhado e eu o tomei pela mão e lhe disse: «Senhor Resxarafo, vêdes aqui uma carta d'El-Rei, que vos manda, a qual vos heide entregar perante o Governador, porque muito releva. Vamos lá». O regedor não desconfiou e foi comigo e com os meus á fortaleza. Mandei um meu homem ao Governador com carta em que dizia que El-rei nosso senhor me mandara a prender Resxarafo e que a isso ia ás suas casas e que sobre isso trazia d'El-Rei grandes pro-

visões para sua senhoria. E Nuno da Cunha viu-me chegar e eu disse: «Senhor, aqui vos trago preso Resxarafo, pois El-Rei nosso senhor me mandou do Reino a isto sómente...» E dei-lhe os papeis de V. Alteza, ao que o Governador muito se afrontou...

Interrompeu-se de novo Pedro d'Alcaçova, observando a Diogo da Silveira:

—Atentaes bem no que leio?

—Muito, senhor Pedro d'Alcaçova.

—Pois manda-vos El-Rei nosso senhor, que penseis em que as suas cartas têm tal força de lei, que o mais poderoso capitão se não deve afrontar com ellas e antes tê-las como ordens perfeitas. E mais vos ordena S. Alteza de que aviseis vosso cunhado como é preciso que todos na India, grandes e pequenos, assim o pensem e executem. Mal lhe irá, se elle, ou outrem, de tal se esquecerem. Bem tendes visto como El-rei desapossa Governadores e Viso-Reis.

—Sim, Nuno da Cunha—observou então Antonio Carneiro—é homem de impetos e ousadias...

—Nada esquecerei—disse Diogo da Silveira com firmeza, embora um pouco contrariado sempre.

—Continuai atento:

—E o governador me disse: Não cuidei, Manuel de Macedo, que éreis para tanto. Nem o Ravasco como vós tal faria, e bem vi que estava agastado, pois talvêz V. Alteza tenha noticia desse Ravasco, alcaide de Lisboa e maldoso e malsim. E mais me disse, que elle faria o mesmo, e ainda melhor, mas que estivesse eu á vontade, porque delle não tinha que esperar coisa de capitular.

Nova interrução de Pedro d'Alcaçova e nova pergunta ao Silveira:

—Atendestes bem?

—Atendi.

— E que vos parece nisto vosso cunhado?

— Um pouco cioso do seu brio.

— Mais, mais, Diogo da Silveira: e muito deseja El-rei que de tal vos compenetreis. E' pouco de leal servidor tanto agastamento contra um encarregado de El-rei nosso senhor.

— Fazei-lh'o ver, quando chegardes á India, disse Antonio Carneiro, do lado, com afabilidade.

— Não me deslembrarei, volveu o Silveira, de sobrolho descido.

— Mas não julgueis que é só isto — tornou Pedro d'Alcaçova, olhando para o Silveira e, depois, para o pai.

E, depois de percorrer com a vista toda a carta de Manuel de Macedo, acrescentou:

— Nuno da Cunha foi mais adiante. Ouvi com atenção.

E continuou a ler:

— Extranhei eu ao governador o seu afrontamento e lhe disse que tinha em má ventura minha o escandalo que de mim sua senhoria mostrava. Respondeu elle, que eu me enganava quanto ao seu agastamento, pois que só o molestava não compreender eu que El-rei me não recomendara, por o não julgar preciso, o respeito em tudo devido ao Governador, pois que eu em tudo procedera como se V. Alteza mais fiara de mim de que delle.

— Tambem assim o entendo — interrompeu Diogo da Silveira. El-rei nosso senhor não deu à Manuel de Macedo poderes maiores do que os que tem Nuno da Cunha. Cometeu-lhe uma acção e não lhe disse que para isso devia desacatar meu cunhado.

Sorriu-se finamente Pedro d'Alcaçova e Antonio Carneiro pôs-se a bambolear um pouco na sua cadeira.

Depois, o Alcaçova observou com grande delicadeza:

— Assim seria, se os papeis de Manuel de Macedo o não isentassem de todo do Governador. Quanto ao respeito devido, Nuno da Cunha bem via que o homem que lhe foi apresentar Resxarafo com tanta cortezia, a tal respeito não queria faltar.

Mas ouvi, e julgareis melhor:

— E logo me atalhou as primeiras palavras, dizendo que não altercasse com elle nem falasse muito nas grandes indulgencias de V. Alteza, porque, com tantas bulas e outras ainda maiores, podia eu ir ao inferno pela minha descortezia, como seria opinião de quem tudo soubesse. Quizera eu replicar, mas Nuno da Cunha, fóra de si, me proibiu que dissesse mais palavra, e rematou, que, se precisava d'algo, o pedisse. E assim me despediu.

— Que julgais agora? perguntou Pedro d'Alcaçova então, d'olhar muito profundo.

— Que meu cunhado se agastou demais, respondeu Diogo da Silveira, mas com muita desculpa.

Pedro d'Alcaçova olhou para seu pai demoradamente e continuou:

— E ali estive como preso nas casas que o Governador me deu até á chegada do navio. E, logo que elle chegou, pedi ao Governador, diante de muitos fidalgos, licença para me partir. E Nuno da Cunha me respondeu: «Honrado senhor Manuel de Macedo, não mostreis perante estes fidalgos que em vossos papeis viestes falto de licença para vos irdes, que para tudo tivestes muita habilidade. Ide-vos embora quando quizerdes. Aqui estão drogas que podeis levar; pedi-as ao feitor, se quizerdes e em tudo seja feita a vossa vontade». E eu, conhecendo que taes palavras encobriam ira, lhe disse: «Senhor, já disse a vossa senhoria que tinha muito pesar da

paixão que tomara em meu negocio; e assim o torno a dizer, que antes quizera morrer afogado no mar que vir aqui ter para lhe dar desgosto. E deixando isto, que é do mundo, digo, quanto ao que é d'El-rei nosso senhor, parece-me que em tudo o que fiz nada errei e antes muito acrescentei em minha honra em fazer o que El-rei nosso senhor me mandou. E, se errei, dê-me vossa senhoria qualquer castigo que quizer, que tudo sofrerei com paciencia por servir meu Rei e senhor.

—E que vos parece Manuel de Macedo? perguntou Pedro d'Alcaçova, interrompendo-se de novo.

Diogo da Silveira não respondeu.

—Não o achais completo de cortezia?

—Assim parece—volveu Diogo da Silveira, friamente.

—Tomais dôr por vosso cunhado—observou com lentidão Antonio Carneiro.

—Isso o tenho já conhecido—disse Pedro d'Alcaçova com a mesma tranquilidade.

E, tornando-se muito humilde, muito amigo, acrescentou sem esperar réplica:

—Ordena Sua Alteza de vos prevenirdes bem nessas paixões e de verdes que Manuel de Macedo seguiu muito bem o regimento que levava. El-rei nosso senhor manda que disto colhais lição para casos similhantes. Entendeis-me?

Diogo da Silveira acenou afirmativamente com a cabeça, suspirando e cofiando as barbas.

A este suspiro cavo, sorriu-se Antonio Carneiro e Pedro d'Alcaçova alçou o sobrolho. Mas, perfeitamente calmo, continuou na leitura da carta:

—E saiba V. Alteza, que Nuno da Cunha, ás minhas razões, mais se agastou, e tanto que, levantando-se da cadeira em que estava sentado, disse com grande furia: «Manuel de Macedo, ide-vos em-

bora, que essas razões são tão escudeiras, que lhes não posso responder». E mais palavras de raiva disse o Governador até que, escrita esta carta a V. Alteza pela nau que foi antes da que me vai levar ao Reino, se a Deus o merecer, eu pude contar estas verdades, a prevenir qualquer traição ou mexerico...

—Basta! disse Pedro d'Alcaçova. E, sentando-se ao pé do pai, fitou profundamente o rosto, um pouco transtornado, de Diogo da Silveira.

Depois, sempre de palavra lenta, tornou a perguntar:

—Que vos parece tudo isto?

—Sabeis já da minha opinião, volveu o Silveira com algum tédio, com um mau humor hostil.

Então Antonio Carneiro disse do lado, muito afetuoso:

—Merecestes a mercê de S. Alteza. Ides capitão d'Ormuz. O que El-rei vos manda, e quer que vosso cunhado observe, é que no governo da India mais deve ser honra o interesse de S. Alteza e do Reino do que os brios que dão altercações e desuniões. A India não ha mister de grandes senhores: ha mister de valorosos soldados.

—Assim o sereis, fio eu—continuou Pedro d'Alcaçova—que não menos que a coragem vale a boa obediencia aos regimentos d'El-rei nosso senhor.

Quanto ao mais, senhor Diogo da Silveira, no que toca á vossa missão, sabei que o Rei d'Ormuz esteve muito agastado com a prisão de Resxarafo, seu regedor, mas depois, aplacado pelas razões de Nuno da Cunha, ficou confiado que o Resxarafo foi trazido a Portugal para se tratar dos negocios de Ormuz.

—E—interrompeu Antonio Carneiro—o Governador tem seguido boas artes, porque muito havemos mister de paz naquellas regiões.

— Quer dizer — observou o Alcaçova — entende El-rei nosso senhor, que o capitão d'Ormuz tem de ser tão valoroso quanto prudente. Isto dissémos já, da parte de Sua Alteza, aos capitães das outras naus seu para regimento nos cometimentos que lhes cumprirem.

— Podeis ficar seguros e assegurar El-rei, disse Diogo da Silveira com sinceridade, mais aliviado.

— Nunca cedais a impetos — insistiu paternalmente Antonio Carneiro, porque vêde bem quanto podeis arriscar a India e todo o reino...

— E agora ide-vos — disse Pedro d'Alcaçova com um belo sorriso — que muito haveis ainda a prover na armada. Sois bom marinheiro. Não me cumpre lembrar-vos o preciso.

Diogo da Silveira levantou-se, saudou-os e, sem mais palavras, saíu, depois de cortejar profundamente.

Pedro d'Alcaçova atentou bem no sorriso de seu pai e respondeu ao pensamento que viu expresso nos seus labios finos:

— Não é quiçá o homem desejado, mas, como teve despacho d'El-rei nosso senhor, esperêmos pelo que vier. Bem leviano era, a principio, o proprio Afonso d'Albuquerque...

E o jóven ministro sentou-se, a revolver papeis. Antonio Carneiro observava com atenção os movimentos do filho e, quando Pedro d'Alcaçova, tomando a pêna, escrevia na sua letra nervosa, com a atividade que muito o fês célebre, o velho ministro sorria-se desvanecido e feliz.

Podia morrer — pensava elle, enternecido e orgulhoso. Os Reis de Portugal tinham ali ao seu serviço, um grande, um extraordinario ministro.

XI

Mestre Gil

Mestre Gil levantara-se muito cêdo e, apenas a pé, chamou em altos brados a sua Josefa. Chegou a velha criada com o costumado respeito e mestre Gil, apenas lhe apareceu, rubicunda e pantafaçuda, a figura da serva, sentou-se e tomou ares de quem vai fazer um discurso imponente.

Mestre Gil, se não falava bem, falava muito, e á propria criada prégava coisas que lêra em Aristóteles e outros sabios, ao que a Josefa, invencivelmente adormecida, nem sempre respondia com grandes entusiasmos, porque os seus bocejos eram de significação muito positiva.

Mestre Gil, porém, depois de começar um discurso, não via o auditorio e até nem se via a elle, porque, no calor da eloquencia, ás vêses, ao gesticular, descarregava grandes punhadas no proprio ventre, desacertando de as assentar na meza que punha sempre diante de si em tom catedratico.

Desta vês, comtudo, mestre Gil estava mais calmo do que o costume e, ao ver entrar Josefa, não rompeu, como sempre fazia, num exordio ex-abrupto, em guisa de catilinaria de Cicero, num grito como

este, muito da sua predileção: «Por onde tendes trazido vós as faculdades da alma, ó senhora Josefa?»

Não estava com o costumado humor o respeitavel Mestre Gil, fisico acreditado que devia seguir para a India na armada de Diogo da Silveira.

Grave, solene, tranquilo, esperou que ella acalmasse a respiração no fundo do peito enorme, e começou em tom pausado, em tom medido, com a maior austeridade:

—Da minha honra em tudo, respeitando-vos e respeitando-me, sabeis vós quanto se póde saber ácerca da minha vida sem mancha. Nunca vos toquei com um dêdo, nem nunca vos faltou o salario e até, em guisa de remuneração, alguns proventos tendes tido fóra do ajuste.

A senhora Josefa, muito espantada, quiz interpelá-lo.

Mestre Gil, porém, no uso da palavra, era implacavel. Ainda que tocasse de repente a rebate por algum tumulto como os do tempo de Leonor Teles, não interromperia o seu discurso, feito duma só peça com muito trabalho para que podesse ser cortado de repente, e assim perdido de todo o seu efeito.

Não quiz, portanto, ouvir a creada e continuou magestosamente:

—Sabeis ainda que nunca vos dei escandalo nem com donzela nem com matrona, e que, apezar de não ter mais de cincoenta annos...

Aqui a senhora Josefa sorriu e elle tomou uma nota depressa num papel que tinha deante.

—... nunca fui visto em brigas nem em tavolagens, nem a fazer terreiro a damas delambidas. *Nihil alienum a me puto,* bem sei: mas até hoje, decerto por grande mercê de Deus, nem volteiro nem estragado tenho sido, e prouve, todavia, a Deus dar-

me uma boa presença, sinal de grandes feitos em amor, se eu os cometera...

Novo sorriso da velha e outra nota apressada de Mestre Gil.

—Assim é que deixo a minha Pátria sem medo aos juizos temerarios e satisfeito com a minha mente. E aqui finda o exordio do meu discurso. Vamos agora á informação do assunto.

Sabeis, senhora Josefa, que acima duma serva e até dum pai ou dum filho, está El-rei nosso senhor, Sua Alteza o senhor D. João III, que Deus guarde, bem como, acima desta casa, está o nosso Reino.

Ha dias, o senhor Pedro d'Alcaçova Carneiro, filho de Antonio Carneiro, secretario d'El-rei, fês-me a mercê de chamar-me ás suas casas. E, perante elle, de sua bôca ouvi quanto S. Alteza admira os meus talentos e virtudes, pelo que me pedia, senhora Josefa, que seguisse para a India na armada de Diogo da Silveira que está quasi a despedir-se. Não fiz reparo á mercê, porque não sou desses letrados efeminados que têm medo das ondas do mar...

Voltou a sorrir-se a senhora Josefa e Mestre Gil, notando-o, fês outro rapido apontamento.

—Muito m'o agradeceu Pedro d'Alcaçova, chamando-me sabio e herói e dando-me instruções que vós não podieis compreender. E aqui pára a 2.ª parte do meu discurso. Vamos á peroração.

Senhora Josefa, o dever do vassalo é estar pronto para todo o serviço do seu Principe, deixando por elle não só creada, como mulher e filhos, se os tiver e, caso se arreceie de andar sobre o mar, fingir que nada lhe faz pavor nem duvida. Por estes e por outros arrazoados, senhora Josefa, solenemente vos notifico que vou deixar-vos e partir para a India numa das naus da armada de Diogo da Silveira. E agora falai, que tenho dito.

E mestre Gil suava copiosamente, quando pronunciou as ultimas palavras.

Mas a senhora Josefa não fês o menor discurso, nem verteu uma só das muitas lagrimas que o ilustre físico esperava ver-lhe correr dos ólhos piscos.

De mão na anca, num gesto de antiga colareja, a velha creada declarou:

— Que Nosso Senhor o leve em bem. Quanto a mim, honrado mestre Gil, nem de vós tenho agravo, nem dano. Pagastes-me sempre honradamente, e honradamente me tratastes.

— Heroica senhora Josefa! bradou então mestre Gil: prazeis-me assim, sopeando a vossa paixão. Comigo tendes aprendido, no que tenho o melhor prazimento. Mas...

E o notavel fisico levantava da meza o papel em que escrevêra as tres notas apressadas.

— Mas vamos, segundo a nossa usança, a discorrer sobre as vossas razões. Emquanto eu falava, as apresentastes em dois sorrisos que ides explicar.

Mestre Gil começou a ler a primeira nota: Riu-se a serva quando eu disse não parecer ter mais de cincoenta annos...

E, poisando o papel, acrescentou com olhar profundo:

— Porque vos ristes então?

— E' que — respondeu a senhora Josefa, toda a gente vos dá mais de sessenta.

— Devagar, volveu mestre Gil. Que pessoas apontais que tal dissessem?

— Ora! ora! Fernão Esteves, o alfaiate da Rua Nova, Gil Afonso, mercador e a Maria do Paulo, irmã de Fr. Antonio dos Anjos...

— Distingâmos — acudiu logo mestre Gil com ar triunfante. Disseram-me que não tenho aparencias de mais de cincoenta, Pedro d'Alcoçova Carnei-

ro, Antonio Carneiro, D. Antonio de Noronha e... basta. Ora, como estes valem muito mais do que os que apresentastes, está sem efeito o vosso argumento.

E mestre Gil voltou á leitura dos apontamentos.

A serva riu, ao dizer eu que tinha boa presença capaz de feitos d'amor. Porque ristes vós, senhora Josefa, ao ouvirdes-me que tenho figura para amores?

— Ri — volveu a serva — porque me deu o riso.

— Isso não é argumento grave, mas passêmos adiante. Temos agora aqui: a serva riu, quando eu disse não ser letrado efeminado... dos que têm medo de andar no mar. Isto é peor. Isto faz-me nojo, senhora Josefa. Vêde que isto afronta e agasta. Que tendes a dizer, senhora Josefa?

— Que tenho, mestre Gil! Tenho que bem me lembra, no anno passado, o que vós gritastes ao atravessar o Tejo num barco donde vos veio tal desarranjo no ventre, que emagrecestes muito.

— Oulá, senhora Josefa! clamou logo o fisico; apresentais muito fracas razões. Escutai.

Mestre Gil, porém, estava deveras embaraçado e, para ganhar presença d'animo, puxou a meza para mais longe do poderoso ventre, que se sentira afrontado de subito. Depois, cheio de força e de coragem, fitou em cheio a creada e disse-lhe com grande ironia:

— Está provado, senhora Josefa, que *quos Deus vult perdere*... Mas entrêmos no arrazoado. Vistes-me gritar na fusta, mas sabeis porquê?

— Ora! de medo, todos o disseram.

— E não podia ser de falta de prática, porque a arte de navegar, senhora Josefa, requer longa experiencia?

— Vós não governaveis a fusta...

—Podia ser, podia. Mas ha outra razão. Sabeis como iam nesse dia os meus humores?

—O que sei, mestre Gil, é que íeis amarelo como um defunto.

—Pois sabei que levava o bojo cheio de humores frios, e que gritei por doença e não por mêdo.

—Como vossa mercê quizer.

—Mas duvidais?

—Se quizerdes, creio.

—Perdeis a razão, senhora Josefa, pois não vêdes claro...?

Interrompeu mestre Gil uma voz rija ao fundo da escada, voz de homem energico.

—Daes licença, honrado mestre Gil? disse a voz no tom cantado da côrte.

—Suba—gritou elle—e logo para a Josefa:

—Ide ver se é alguem que precise de mésinha.

Voltou depressa a creada com aspéto perturbado.

—Quem é? perguntou mestre Gil, já em alvoroço.

—Parece que um fidalgo da côrte...

Mestre Gil levantou-se e compôs o vestuario com afan. Depois, ia a dar um passo magestoso para a porta, quando entrou um fidalgo de presença altiva e imperiosa, conservando a gôrra na cabeça.

—Ah! sois vós, senhor Diogo da Silveira?!

E o fisico, atónito e humilde, dobrou-se como pôde sobre o volume do ventre.

Depois, acudiu, cada vês mais pequeno:

—Mas fazei-me a mercê de sentar-vos, senhor capitão d'Ormuz, senhor capitão-mór.

—Sois vós Mestre Gil? perguntou o Silveira, não lhe desfitando a proeminencia do ventre.

—Eu mesmo, vosso humilde servo.

—Quereis então ir para a India?

—Assim m'o ordena El-rei nosso senhor.

—Atentastes no peso dos annos?

—Graças a Deus, não tenho enfermidades...

—Sabeis quaes os perigos do mar e da India?

—Assim m'o ordena El-rei nosso senhor.

—Mas preferirieis não ir?

—Nunca tive medo, senhor, e a vontade de S. Alteza é ordem sagrada.

—Já viajastes?

—Uma vez, senhor.

—Muito longe?

—A Almada, e estando o rio bem picado, que adoeci da travessia. Mas por S. Alteza morrerei sem queixume.

Diogo da Silveira sorriu e depois ficou calado a sismar, entre contrariado e risonho.

D'aí a pouco, tornou:

—Sabeis como eu quero os que fôrem na armada? Bons para pelejar, contra corsarios, se tanto fôr mister. Sois desses?

—Sou fisico, senhor, bem o sabeis.

—Bem o sei decerto, mas nas pelejas o fisico é tambem soldado.

—Obedeço ás ordens de S. Alteza.

—E se fôsse outro por vós?

—Muito agradecería a mercê... muito... acudiu com vivacidade Mestre Gil.

—Pois, calmai-vos, que não ides. O senhor Pedro d'Alcaçova informou-se de vós com uma vossa serva, e della soube que tendes muitos annos e sofreis muito no mar... El-rei permittiu que vos substituisse mestre Pero Annes. Comtudo, vim a conhecer-vos e a ouvir-vos, e se vos praz ir á India, podeis ir ouvindo as instrucções...

Mestre Gil olhou para Josefa com ar severo, mas desmentido pela alegria do olhar. E, gaguejan-

do, respondeu a Diogo da Silveira, d'olhos no chão e a dextra no alto do ventre:

—Emfim... se S. Alteza assim o concede... grande mercê... era, senhor capitão-mór...

—Ficardes?

—Sim, senhor Diogo da Silveira.

—Pois tal mercê podeis agradecer a El-rei nosso senhor.

E Diogo da Silveira, olhando á volta com verdadeira bonhomia, acrescentou:

—Para a India, gente moça e ousada. Carecem muito das vossas luzes no Reino para que vos arrisqueis...

E despediu-se logo, sem lhe querer ouvir os agradecimentos.

Apenas Mestre Gil, desfeito em mesuras, viu desaparecer o capitão d'Ormuz, dirigiu-se á Josefa com ares severos e ficou-se a contemplá-la fixamente, como se a fôsse maltratar.

—Porisso, nem uma lagrima!... disse, emfim, pretendendo inculcar severidade. Fostes vós a serva que falou com o snr. Pedro d'Alcaçova...

—Sim, fui eu, confessou a velha com coragem, que disse ao alabardeiro Manuel Homem como sois de edade e de nenhum animo para coisas de mar. E o snr. Pedro d'Alcaçova mandou-me chamar, e muito extranhou o que eu dizia e me disse como vós lá estivereis e tinheis jurado grande animo em coisas de mar e saúde limpa de toda a enfermidade. E eu lhe disse que tudo havia de ser para respeitar as ordens de El-rei nosso senhor. E o snr. Pedro d'Alcaçova, a rir, disse que El-rei vos dispensava, se quizesseis, mas que diria a Diogo da Silveira para vir falar-vos...

—Basta, basta! atalhou o fisico, cheio de magestade: conheceis mal a sintaxe, snr.ª Josefa.

—Mal, mestre Gil? Nem mal nem bem, que é

pessoa de quem nunca nem o nome ouvi, senão agora...

—O' *aurea simplicitas!* Mas distingâmos. Vós fizestes-me um mau serviço. Fostes dar-me por medroso e escalavrado, no que vos enganais. Mas, porque o fizestes por bom pensamento, aumento os vossos salarios em...

Mestre Gil não concluiu logo. Ficou-se a meditar por alguns instantes, e depois declarou:

—Emfim, eu vos direi quanto ficais ganhando. Podeis contar com mais alguns cruzados.

O fisico estava radiante, infantilmente alegre, por não ir para a India. A severa logica da sua palavra corria grandes riscos. Pedia-lhe o intimo uma girandola de interjeições. Não encontrava um substantivo e muito menos um verbo.

Sentia-se mais leve, mais desafogado. Dir-se-ia que o sisudo fisico desejaria bailar e foliar, de tanto que os pés cepudos se lhe mexiam dentro dos enormes pantufos.

Nesta ventura divina, o estremeceu a voz doutro recem-chegado.

Voz cavernosa, mais áspera do que cortez, disse do fundo:

—O conde de Portalegre!

Empalideceu mestre Gil: ficou a suar em bica a senhora Josefa.

E nenhum se mexia.

O conde ia subindo, e nenhum delles fazia um movimento. O fisico julgava D. João da Silva portador dalguma ordem severa de D. João III, que talvês insistisse em elle ir á India: e a senhora Josefa, cheia do mesmo pensamento, sentia a respiração tão prêsa, que julgou que ia morrer.

Pouco tardou o conde de Portalegre em aparecer. Ia triste, livido, de catadura pesadissima. Ape-

nas entrou, lançou um olhar vago á velha e fitou o Mestre Gil que, desconcertado e tartamudo, pôde apenas murmurar:

—Senhor conde... senhor D. João da Silva...

O conde de Portalegre, que parecia muito fatigado, sentou-se abandonadamente, mas começou logo:

—Um grave assunto de muito pensar...

—Desculpai-me—atalhou o fisico, aflito, mas pretendendo ser estrategico. Vindes cançado. Descançai um pouco antes de falardes. Entretanto, sempre vos direi que tive na maior veneração vosso egregio pai o senhor D. Diogo da Silva Menezes...

D. João da Silva não quiz ouvi-lo e proseguiu:

—Mestre Gil, ides dizer-me, por vossa honra, toda a verdade...

—Mas já a disse—acudiu o fisico, mais verde do que um prado em dia de chuva: obedeço sempre ás ordens de El-rei nosso senhor, mas se S. Alteza, como me disse o senhor Diogo da Silveira, póde fazer a mercê de escusar-me...

O conde franziu a sobrancelha, encolheu os hombros, e volveu:

—Não vos entendo, mestre Gil... Sabeis ao que venho?

—Senhor D. João da Silva, trazeis decerto uma ordem de S. Alteza...

—Não venho em nome d'El-rei: venho em nome de D. Beatriz, minha pupila—declarou D. João da Silva com grande impaciencia.

—Mas dizei, senhor conde, acudiu Mestre Gil, respirando alto com muito alivio, ao mesmo tempo que a senhora Josefa se benzia em acção de graças.

—Mestre Gil, tornou o conde com gravidade, dizei-me francamente como achais Beatriz...

—Muito doente de queixa do peito—respondeu o fisico—mas não em artigo de morte.

—Poderá sarar, mestre Gil?

—Tudo póde Deus Nosso Senhor. A enfermidade della, segundo Hipocrates e até segundo Avincena...

—Não discreteeis. O que eu vos peço é que me digaes se a pobre moça póde salvar-se...

—A' fé de quem sou, que não vo-lo sei dizer. Aquilo póde ser mal d'amores—haveis de perdoar—e então vós bem sabeis o unico remedio, senhor conde...

—E se fôsse? Se lhe désse o homem que ella deseja, salvava-se?

—Só de maravilha podia suceder o contrario.

—Jurais-m'o?

—Juro, senhor conde. Ha fartos exemplos na Historia. A filha mais velha do conde de...

—Ouvi. Poderia fazer uma grande viagem por mar?

—Muito grande, muito além do Restelo?

—Por exemplo: á India.

—A' India?! exclamou Mestre Gil, aterrado. Mas podia morrer no caminho...

—E se ella fôsse para ir casar-se lá com o seu amado?

—A não perecer em naufragio, senhor conde, podia ficar curada.

—Vêde bem, que não estejais enganado—acudiu D. João da Silva com ancia.

—Só a Deus pertence o que sucederá; mas, se não mandar o contrario...

O conde, cada vês mais livido, respirou doloridamente, e ficou calado alguns minutos.

Depois, mais calmo, tornou-lhe:

—E, se ella tiver o amado na India, poderá morrer de saudades?

—Se lhe quer muito de dentro e disso vem a sua enfermidade...

— Dizei, mestre Gil.

— Senhor conde, eu julgo que então não se cura.

— Morre?

— E' o mais de esperar-se.

D. João da Silva levantou-se, fazendo o gesto de sair. Mas voltou-se ainda:

— Ides vê-la hoje?

— Hoje, sim, senhor conde. E' dia de lá ir... e felizmente, como deveis saber, já não parto para a India...

O conde nada mais disse e, em passo lento, mas pouco firme, desapareceu.

Mestre Gil e Josefa, quando lhe não ouviram os passos, olharam-se significativamente. A alegria dos dois trasbordava. O novo susto era infundado. Um entusiasmo desconhecido os impelia para a expansão. Perderam toda a compostura. No auge do jubilo, caminharam um para o outro, incapazes duma palavra nitida, e, dominados pelo mesmo impulso, pelo mesmo sentimento, fizeram o que nunca tinham feito em toda a sua vida: abraçaram-se!

XII

Para a India!

Manuel de Sousa levantou-se ao romper d'alva. Dia sereno. O Tejo, belo como nunca, parecia falar-lhe de vida nova e misteriosa, dum futuro de luz tão desconhecida como divina.

A cidade ainda dormia. A frota, em frente delle, alteava-se numa penumbra indecisa, cheia de bandeiras, parecendo arquejar de impaciencia na paz do crepusculo.

Era desconforme o jubilo do moço-fidalgo. Tudo lhe parecia novo e inverosimil. Apenas vestido, e lançado um olhar ardente ao Tejo, desceu ao Terreiro.

O sol ia assomando, enchendo de luz os dez mil tétos de Lisboa, e principalmente as torres e visos.

Mas, de repente, Manuel de Sousa notou que uma certa melancolia o tomava, o trespassava, muito ao pé do coração. E apoquentou-o tanto, gradualmente, inexoravelmente, que se interrogou com assombro. Respirava agora com dificuldade e aos impetos de alegria por ir á India sentia que se juntava a pontada duma singular angustia, angustia que o espantava ainda mais do que o pungia.

Neste sofrimento inesperado, estacou ao meio da praça, como quem, pela primeira vez na vida, vacila deante dum caminho. Saudades, sentia saudades, elle que se julgava todo possuido pelo amor da gloria.

Mas saudades de quem? De Beatriz? Da mulher extranha que se lhe oferecia?

A esta interrogação, desceu profundamente ao intimo de si proprio, como um mergulhador. Que era para elle Beatriz?

Alguem que chega, oferece um beijo e desaparece como uma loucura, porque a repelem. Visão? Não: estorvo, obstaculo, um aféto que nos persegue e que se retira, vencido pela nossa indiferença. Aféto que não encontra correspondencia, voz que nos lisongeia, mas não nos encanta, luz que nos molesta e não nos ilumina.

Beatriz era bela, joven, apaixonada, mas para elle tinha um defeito enorme: o seu amor era inoportuno e, além disso, parecia-lhe todo dos nervos doentes, nada do intimo d'alma, nada de puramente ideal.

No fundo, aquelle amor era uma lamentação, uma suplica de fraqueza: não era a fé, não era o extasis. Impressionava, e esquecia. Fulgurava talvez, mas repugnava tambem.

Pensando em partir, teria dôr de a deixar? Não, que, só por a abandonar, desejaria elle partir.

Doía-lhe decerto que ella sofresse, mas doer-lhe-ia muito maís salva-la da mágua para viver com ella por todo o sempre! Não a amava e, menos que lamentá-la, apenas podia admirá-la, ou antes, extranhá-la. Saudades della? Não eram. Pensando em Beatriz, sentia, sim, pavor, como se ella podesse ir arrancá-lo á nau, algemá-lo com o cabelo d'ébano e dizer-lhe, louca de paixão: «Não partes!»

Mas que saudades eram, pois, as suas? A sua familia era o Paço e do Paço não tinha saudades, de tanto que o maguava a moleza da côrte. Amigos? Deixava alguns, mas tão egoistas, que nem com elles podia desabafar, que nem os via nas suas dôres e nos seus jubilos.

Manuel de Sousa nunca imaginara sofrer assim, mas, continuando a interrogar-se, viu que aquella dôr não o acobardava, não o dissuadia de partir. Absurdamente, mas iniludivelmente, obrigava-o a marchar, e chamava-o com doçura, como se o detivesse por instantes, para lhe agradecer um sacrificio.

Depois de muito refletir, o moço-fidalgo viu que era a Patria a impeli-lo em defeza da Patria. São assim os impulsos das Patrias: choram, porque as deixamos; mas impelem-nos vivamente para o desconhecido, quando as podemos servir em terras extranhas. E' que essas Patrias sagradas bem sabem que servilas longe dos seus beijos e do seu sol d'oiro, sempre d'oiro, é servir superiormente quem as excéde—a Humanidade e, portanto, Deus. Vagamente compreendeu isto Manuel de Sousa Sepulveda. E então, olhando para Lisboa, que despertava resplandecente no seu leito de boninas e espumas, viu-a linda e graciosa como nunca a vira.

Depois vieram-lhe á mente todas as belezas da cidade esplendida que ia deixar, como se elle fosse para uma nova amante e, porisso, na hora suprema, não pudesse deixar de vêr, peregrinos como nunca, os encantos da mulher que abandonava...

E seguiu pelas ruas fóra, numa despedida silenciosa e religiosa, a percorrer, talvez para não mais voltar, o que melhor o fascinava dentro dos marmores de Lisboa. Deixou o Terreiro, enorme, com os Paços da Ribeira, com a Casa da India, com o Ar-

mazem d'armas, ou Arsenal. Seguiu até ao golpe, sinuoso e pomposo, da Rua Nova, a rua que D. Diniz construiu e onde os mercadores, madrugando muito, já abriam as lojas tão magnificas e sortidas de damascos, sedas e veludos, de tapeçarias e maravilhas da India, que não havia então uma rua assim em toda a Europa. Cortou ruas e vielas, labirinticas e pejadas de comercio, e parou no desafogo irregular do Rocio, onde se fazia a Feira da Ladra.

Ali, vacilou. Seguiria para o ocidente? Vê-lo-ia, já embarcado. Para o oriente? Mas Lisboa já era grande.

Já então contava 328 ruas, 140 travessas, 89 bêcos e 62 vielas. Quereria despedir-se dalgum monumento predileto, das egrejas de S. Vicente de Fóra ou do Carmo, do paço dos Estaos ou do de Xabregas, da Casa dos Contos, do imponente Chafariz d'El-Rei, todo de marmore, ou dos visos de Santa Catarina e do Monte? Nem elle o sabia. De tudo que ia vendo ganhava saudades e tudo, agora que tudo ia deixar, lhe parecia maior, e mais esplendido. Sem pensar como, chegou ao alto da Graça e dali passou ao do Castelo. E respirou bem.

Estava na verdadeira e velha Lisboa, severa, retraida, encapotada na rijêza das muralhas.

A mercadora tumultuava até ao Terreiro do Paço: a guerreira, a heroica, apertava-se no seu capuz de pedra negra e ficava intransigente, quasi sem um sorriso, a mirar as loucuras e preguiças da outra. E Manuel de Sousa, ao vêr-se ali, sentiu-se bem, mais forte e mais inabalavel.

Se a Lisboa comerciante lhe dizia: navega e traze especiarias! aquella Lisboa, misto de moirisca e de cristã, gritava-lhe: navega, combate e fala em Jesus-Cristo! Dizia-lh'o, sim, que elle sentia-se ali mais varonil e abnegado.

Ali, sentia-se guerreiro e apostolo, crente e cavaleiro. Ali, nem um desmaio de fé ou de coragem. Se os tivesse, bastava-lhe contemplar uma seteira, uma barbacã, um pano de muralha.

E, de golpe, lembrou-lhe que assim devia de ser o contraste entre Lisboa e Gôa: a verdadeira Lisboa, a do Castelo, e Gôa, a Lisboa da Ribeira. E era preciso encher a capital da India da velha fé e energia da Lisboa do Castelo: rasgar brocados e tecer malhas de ferro, soterrar orgias e levantar fortalesas e templos. Cumpria-lhe levantar a Cruz e a Espada sobre cadaveres de canarins e moiros e, depois de alçada a igreja, e depois de solida a muralha, dizer, de cima das ondas do Mar Indico: Patria, este imperio foi teu peló terror e hoje é teu pela virtude e pela fé!

Que generosos devaneios!

E, como os devaneios fazem chorar, Manuel de Sousa, neste lance, chorou.

Destas lagrimas veio-lhe a tranquilidade.

Desta tranquilidade derivou-lhe a boa razão.

Um pessimismo austéro lhe disse dentro d'alma, que elle era fraco demais para salvar a India: mas o dever replicou-lhe que devia consagrar á Patria e á Fé todo o seu valor e todo o seu amor, a vida inteira, que, afinal, nada é.

Depois, que as decadencias não são eternas; que o muro desaba e ha alguem que o reconstrua; que póde cair um grande edificio, ficando delle as peores ruinas; mas, se as pedras eram de verdadeiro granito, essas ruinas pódem ainda valer por um castelo, uma pedra vale uma fortaleza.

Neste discutir intimo, julgou elle ver, num recanto da cidade de Lisboa, uma figura enorme, severa, toda vestida de ferro. Era seu avô, Martim de Sepulveda, a emergir da pompa de Sevilha, como

um paladino romano das delicias da Apulia, para como que encastoar-se nos granitos da muralha.

E, sendo elle castelhano, fôra tão amigo de portuguêses, tão português pelo sentimento, que não hesitara em ceder por completo e para sempre a D. Afonso V o seu formoso castelo de Noudar. E aquella figura épica de cavaleiro fitava-o, parecendo falar-lhe da Patria gloriosa que adotára, morrendo nella com um grande jubilo d'alma, no sagrado solar de Buarcos que D. Afonso V, em compensação, lhe déra, com toda a vila. Manuel de Sousa iria jurar que o via e ouvia.

Falava-lhe em fé, em coragem, em heroismo. Mostrava-se-lhe ali, naquella severidade, para lhe inspirar toda a austeridade. Manuel de Sousa esteve absorto longo tempo e, depois, quando dissipada a visão, alguem o fês descer do viso e lhe apontou o mar infinito, mas o Tejo antes do Atlantico.

Sem saber como, achou-se assim, arrebatado e meditabundo, pouco depois, no Terreiro do Paço. Resoavam trombetas. Pelo caminho, as ondas do povo eram já enormes. Corria um brado de bôca em bôca, ás ondas, em golpes de maré:

—Vai partir a armada! vai partir a armada!

No Terreiro, apeavam-se dos ginetes alguns cavaleiros. Um delles foi Diogo da Silveira, magnifico.

Chegavam damas e mulheres, vestidas de luto. Eram das familias dos que partiam, saudades que choravam.

De vez em quando, passava um frade, de vestes largas, e, olhando com alegria para a frota, abençoava-a, pondo os olhos no céo, para cima do sol. Era um sorriso de Jesus á expedição.

Nisto, chegaram mais cavaleiros e mais populares. O imenso Terreiro era uma seara de gôrras e de plumas. Houve então á mistura gritos e clamores,

canticos e queixumes. Velhos marinheiros choravam, apoiados em muletas, com as barbas brancas até á cintura. Mulheres aflitas erguiam os filhos, a chorar, como se quizessem comover El-Rei para lhes deixar em terra os maridos. Algumas velhas mães, exaustas de dôr e de soluços, estavam lividas deante da fita calma do rio, já sem lagrimas nem suplicas. De quando em quando, algumas donzellas desmaiavam de golpe no meio do tumulto, levando as mãos de neve aos seios arquejantes.

E, do Tejo, rompeu um fogo solene e cavernoso. Era a festa dos canhões da India, a cantar mais uma epopeia em Gôa e Diu. E aquellas salvas varreram a Lisboa mercadora e foram bater na pedra negra do Castelo. Foi dahi que ellas desceram, repercutidas, ás faldas dos outeiros de toda a região da grande capital. O castelo era bem o cérebro de Lisbôa: o cérebro e o coração.

De repente, a multidão abriu em duas alas, fendida num sulco profundo. Nesse sulco vinham homens de opas d'oiro e de pelótes de sêda com cirios nas mãos e os olhos no céo e nas águas. A' frente delles erguia um frade o pendão altissimo, cantando um *Te-Deum* admiravel de vibração e de sentimento. E seguiam-se marinheiros, clerigos e frades, no mesmo vôo espiritual, inundados de sol e de fé, alçando cruzes e guiões, almas com envólucros feitos de magestade e pompa.

Serenou então o tumulto do povo. Descobriram-se todas as frontes e a multidão produziu toda um murmurio comovido e tocante. Era um povo inteiro a orar antes do combate, antes da travessia épica de muitos mares. Voltou a ribombar o Tejo em todos os seus galeões e naus, como se o rio falasse assim a quem partia, assim, numa linguagem de guerra, que todos os marinheiros precisavam entender.

A procissão estava já perto da ponte de embarque. Os do sequito iam geralmente serenos. Alguns, mais comovidos, mais palidos, cerravam os olhos como se não podessem suportar o sol. Outros, mudos e radiosos, nem viam o que iam deixar.

Mas ali, veio uma torrente humana e pôs em desordem a procissão. Mulheres desgrenhadas, a soluçarem, de braços erguidos, colhiam os do sequito pelo pescoço, lamentando-se e suplicando. Houve então imprecações, lutas, um pouco de revolta e desespero.

E algumas, alucinadas por completo, procuraram D. João III que assistia em cima com a côrte, e gritaram-lhe, lividas, com os olhos fóra das orbitas:

— Fazei-lhes mercê! fazei-lhes mercê!

E a isto, seguiu-se um côro de prantos histericos. Ouviam-se chôros de crianças. Distinguia-se, de toda aquella angustia, o anatema profundo dalguns velhos que nunca tinham navegado. Mas os canhões do Tejo salvaram de novo. As charamelas e trombetas dominaram tudo com seus clangores.

Os cantos dos clerigos e frades ouviam-se, ás vêses, entre aquelles trovões e fanfarras, e as mulheres angustiadas então calmavam-se, e convertiam as lágrimas em preces, como se Maria de Nazareth surgisse a mostrar a sua dor muito mais pungente.

A rainha assistia, comovida, mas serena. A dôr do seu povo retalhava-lhe a alma: porém, a Fé tranquilisava-a como um balsamo e dava-lhe á melancolia uma serenidade magestosa.

D. João III, um pouco espantado com tanta angustia, olhava, comovia-se, e ficava d'olhar vago, como quem procura um desfecho, como quem tem a certeza de que toda a dôr é efemera.

Entre os moços-fidalgos, Luiz Falcão estava carrancudo e descontente, porque ainda não partia.

Diante delle, Pedro d'Alcaçova comentava a scena com Pedro de Mascarenhas e D. Antonio de Noronha. Mais longe, via-se D. João da Silva com todos os seus, afastados um pouco e só, junto delle, pálida, mas completamente serena, Beatriz. E, logo por detraz della, gordissimo, radiante, falador como nunca, espreitava para a Ribeira o honrado Mestre Gil, mastigando coisas de Aristoteles.

Visto assim de alto, o espetáculo era soberbo, unico. O Tejo parecia ainda maior; a pequenês das pessoas dentro da grandeza das naus destacava-se mais, falava mais do Infinito.

Chegou depressa o momento solene: o embarque de quinhentos homens. A' frente delles saltou, entre os primeiros, Manuel de Sousa que, de dentro da nau, correu a vista lentamente pelos Paços da Ribeira e pela cidade, espantado de não ter tido a despedida dum só amigo. E, depois, voltou-se todo para as brumas longinquas da barra.

Continuavam os canhões a rugir. Diogo da Silveira dava ordens como verdadeiro capitão-mór. O sol abrazava como se fôra em pleno verão, sol de festa e de vida.

Em cima, D. João da Silva olhava agora, livido e mudo, mas fitando sempre de través a engeitada. Beatriz, cada vez mais branca, estava hirta. Quasi não pestanejava. As mãos tinha-as fechadas como dois novelos de neve. Mestre Gil quiz gracejar. Um olhar della, rapido, cheio de fluido magnetico, o emudeceu.

Ouviram-se nistó em terra muitas charamelas e trombetas. Um clamor gigantesco partiu de todo o Terreiro do Paço. Clamor e soluço, pranto e oração, subiu aos ares e pareceu descair, pesado como a dôr e como o assombro, sobre toda a Lisboa, sobre todo o reino. E todos estremeceram áquelle brado, que tambem era chôro e tambem era hino.

Respondeu-lhe, das naus, a grita da marinhagem. Era o sinal da partida, o vozear sugestivo dos herois do mar.

No Terreiro todos se ergueram então nas pontas dos pés. Nos varandins, nas janelas, nos miradoiros, todos se debruçaram, descorados e ofegantes.

—Dai á vela! dai á vela! clamou alguem no rio, imperioso e brutal.

E as naus moveram-se logo, como elefantes que o solo despertou num tremor.

E do seio dellas ergueram-se braços, agitando panos, sairam brados, vitoriando El-Rei, sairam beijos, saudades, orações á gloria de quem ficava, écos de esperanças e de fé.

D. João da Silva fitou muito Beatriz, não a largando mais com o olhar inquieto.

A alvura della tinha então nodoas esverdeadas. As rosetas das faces eram mais vivas, pareciam crescer até á vermelhidão gretada dos labios.

Mestre Gil não se pôde ter:

—Lá vão elles. Quem sabe quantos voltarão? *Deus super omnia.*

Beatriz não o ouviu. Não se voltou.

Esteve a vêr desaparecer a frota, a vêr, calada, serena, como extatica, indifferente a soluços, a lágrimas, a estrondo de canhões, charamelas e trombetas, e quando as quatro naus pareceram devoradas pelas aguas, no meio duma floresta de galeões e barcos, voltou-se muito devagar para D. João da Silva e disse-lhe a meia voz:

—Assim me vereis partir qualquer dia, conde.

E D. João da Silva respondeu-lhe:

—Assim terei de perder a vida!...

FIM DO PROLOGO

PRIMEIRA PARTE

I

Um novo governador

Ia tomar conta do governo da India o seu duodecimo Governador, D. Estevão da Gama, antigo capitão de Malaca e filho de Vasco da Gama.

Tinham decorrido onze annos depois da chegada a Gôa da frota de Diogo da Silveira. Dois governadores, Nuno da Cunha e D. Garcia de Noronha — este o 3.º que gozara o titulo de Viso-Rei, — tinham tido em pé, ainda formidavel, a bandeira portuguêsa, a bandeira dos Frangues.

Estevão da Gama estava num arrabalde de Gôa, quando o seu antecessor, ás 11 horas da noite de 3 de Abril de 1540, morria velho e detestado.

No mesmo dia em que o Viso-Rei se finára, padecera o suplicio da fôrca, a um impeto de D. Garcia de Noronha, um pobre Francisco da Veiga. O justiçado fora preso peles criados do Viso-Rei.

Tinham-no visto envolvido em refrega noturna, tão farta de cutiladas, que houve um homem morto, o qual fôra estorcer-se na agonia á entrada da porta de D. Garcia.

Mas não fôra Francisco da Veiga o assassino. E assim o provou elle. E assim o clamaram frades

de varias comunidades e outras pessoas que tinham visto fugir o verdadeiro homicida.

O ouvidor geral assim o disse tambem com autoridade, protestando contra a furiosa sentença de enforcamento, que o Viso-Rei arremessou logo á cabeça de Francisco da Veiga.

Mas, como o ouvidor reagisse, falando em tirar devassa e em condenação por autos, D. Garcia de Noronha, demente de cólera, rugiu que o infame, porque tivera a audacia de cometer o crime á sua porta, em sua casa, não merecia a fôrca: merecia o esquartejamento.

Era digno da justiça o ouvidor geral. Replicou outra vez com energia, que o verdadeiro assassino fugira, e que Francisco da Veiga era inocente. Protestou, jurou, opôs-se com independencia e consciencia.

D. Garcia, a isto, enfureceu-se mais. A sua réplica foi dura e intolerante, soberba como um trovão do velho Jupiter:

— A vós mando que obedeçais ao meu mandado, como Viso-Rei que sou! O matador não matara, se este o não ajudara.

E a energia do velho Viso-Rei agiu logo, não querendo perder a satisfação do seu rancor. O ouvidor geral recebeu, sem demora, das mãos dum escrivão, um mandado imperioso: que sem embargo, sem óbices de leis nem ordens de juizo, fôsse enforcar Francisco da Veiga, como cumplice dum homicida que lhe manchara a porta de sua casa, ofendendo, na pessôa do Viso-Rei, a de S. Alteza, o senhor D. João III, Rei de Portugal.

E D. Garcia de Noronha não fôra assim rispido por vigor de nervos: tão doente andava, que, para assinar o mandado, foi preciso um criado mover-lhe a mão anemica e tremula.

O caso fês impressão profunda. Francisco da Veiga era cristão-novo e todos os ricos mercadores da Rua Direita, a Rua-Nova de Gôa, se ofereceram para o resgatarem, pesando-o todo a prata.

O Visc-Rei continuou a opôr a tudo o seu rancor, a sua vaidade, a sua furia. Quem o abordou a favor do desgraçado, teve sempre despedida áspera, chicotadas de improperios.

Na maior angustia, os amigos de Francisco da Veiga correram então a invocar o prestigio de D. João Afonso d'Albuquerque, bispo de Gôa.

O prelado era bom cristão, tão sem pompas, que a sua vida era protesto e exemplo contra a luxuria e avareza doutros principes da egreja. Castelhano d'origem, viera cêdo para a Ordem Franciscana—colmeia de heróes!—de Portugal, e era português pelo sentimento.

Confessor e prégador ativo, humilde como o menor dos franciscanos, penetrava até ao intimo o coração humano. E ao velho avarento, e coração duro que era D. Garcia de Noronha, muito bem o conhecia o bispo, de varios lances e casos.

Correu o prelado ao palacio do Viso-Rei. Encontrou-o cadaverico, de barbas eriçadas e incultas, hediondo d'olhar, como fera moribunda. Não viu o bispo maneira de lhe enternecer o coração, e logo conheceu que, entrando direito no assunto, só podia sair mal ferido, maguado sem proveito, repelido sem fruto. Falou-lhe, porisso, na saúde, visivelmente alquebrada. O Viso-Rei quiz chorar a sua ruina, e, afinal, crispou simplesmente as unhas amarelas, como se segurasse um cofre. A dôr nelle, mesmo na agonia, quando não era ódio, era fóme d'oiro, era desespero de ambição sem cura nem vergonha.

Apezar disso, o bispo encaminhou a conversa com suavidade e com prudencia:

—Deveis confessar-vos, comungar, concertar a vossa alma, já que sentis tão duvidosa a saúde...

Mas D. Garcia de Noronha compreendeu todo o alcance do conselho. O ódio, como todas as paixões, dá cegueira, mas tem uma terrivel astucia, quando o combatem: vê tudo que lhe desagrada, num só olhar. O Viso-Rei replicou ao bispo, acentuando as palavras e sorrindo desbotadamente:

—Eu bem sei porque me convidais com a confissão. Eu o farei, quando me cumprir.

D. João Afonso d'Albuquerque não foi então direito ao fim. O Viso-Rei era de pedra, embora limada de todo por annos e vicios. Voltou só a insistir pelos sacramentos.

Nulos todos os argumentos do prelado. Esgotadas as razões, nulas foram tambem as maiores ameaças do poder espiritual.

Saiu o bispo do palacio sem ter conseguido nada do que queria, apezar de ter jurado ao Viso-Rei, que não lhe permitiria sepultura cristã, se morresse sem os sacramentos, incontrito, rebelde.

D. João Afonso d'Albuquerque ia, afinal, convencido de que estava tão morto para a vida mundana Francisco da Veiga, como para a Eternidade o Viso-Rei.

Entretanto, não podendo pensar em conseguir a vida do preso, lutou ainda por salvar o nome cristão de D. Garcia de Noronha.

Dirigiu-se aos filhos do Viso-Rei e expôs-lhes a vergonha de ser negada a sepultura cristã a seu pai, se elle se obstinasse contra os sacramentos, elle, a primeira autoridade da India. E este recurso deu todo o resultado, pelo menos nas aparencias.

O Viso-Rei, apertado e increpado pelos seus, confessou-se e comungou emfim, sem contrição, mas com habil hipocrisia.

Conseguido isto, D. João Afonso d'Albuquerque optimista por indole, teve uma esperança. Voltou ao palacio do Viso-Rei. Falou-lhe abertamente por Francisco da Veiga, confiando no arrependimento que vira despontar.

D. Garcia mostrou-se firme no mesmo rancor. Por fim, para cortar a conversa, disse ao bispo, que já não era tempo, porque o Veiga devia áquellas horas estar enforcado, como fôra ordem sua.

E, apenas saiu o bispo, o grande miseravel chamou o ouvidor geral e ordenou-lhe que mandasse enforcar imediatamente o preso. E acrescentou, com rancor, que, da janela, o ia ver caminhar para o tronco.

Resistiu o ouvidor ainda com nobreza. Mas D. Garcia chegou ao cúmulo da furia. Ameaçou-o a elle com o enforcamento que se negava a aplicar ao insolente Francisco da Veiga.

O ouvidor geral obedeceu então, como um escravo a uma fera. A' porta do tronco mandou fazer logo um auto de tudo e ordenou ao juiz que o cumprisse. Francisco da Veiga, emfim, saiu do cárcere para a forca, armada diante do palacio do Viso-Rei, para o grande funcionario não ter duvidas sobre a execução.

Com o réo veio muito povo em grita, entre indignado e dorído. A dôr era intensa. Grandes clamores de *Senhor Deus, misericordia!* subiram ás janelas do palacio, gritos lancinantes de angustia.

D. Garcia de Noronha deu apenas uma resposta a tantos pedidos, mandar fechar todas as janelas ás suplicas do povo—cerrar os ouvidos, de pedra como a alma.

E, pouco depois, Francisco da Veiga baloiçava-se estrangulado na fôrca. Era isto, a 3 d'Abril, na manhã dum sabado. A's 11 da noite do mesmo dia,

o Viso-Rei finava-se como que fulminado — disseram varios goenses, ao ser sabida no domingo, domingo de Pascoela, ao outro dia, a noticia da morte.

Assim fôra o 3.º Viso-Rei da India, o velho sucessor de Nuno da Cunha.

Sucedia-lhe no governo um homem, ilustre por ser filho de Vasco da Gama e pelos seus proprios feitos desde 1524 em que fôra com seu pai á India, como capitão-mór do mar, na nau Santa Catarina do Monte Sinai, acompanhado de seu irmão Paulo da Gama, um heroi morto na guerra de Malaca dez annos depois.

Estevão da Gama voltára naquelle mesmo anno de 1524 ao reino, mas em 1532 reapareceu na India, feito capitão de Malaca. Fôra com o Governador a Cambaia em 1533. Cometêra prodigios de bravura em Cochim e contra o rei de Ugentana em 1534, vingando a morte do seu infeliz irmão Paulo. Voltára triunfante a Malaca em 1535, depois duma verdadeira epopeia, dum rosario de assombros.

Recomeçando em 1536 a guerra, de que saira triunfante, juntara ás glorias havidas glorias novas, de primeira grandeza. A defeza da cidadela de Malaca em 1538 mostrou o valor do seu braço e do seu cerebro. Acabara em 1539 o seu tempo de capitão de Malaca.

Foram-lhe dizer que D. Garcia, morrendo, deixara toda a capital da India em festa, porque todos julgavam que se perdia por completo a India, se elle mais vivesse.

E soube como, oculta pelos familiares a morte até domingo de manhã, se juntaram logo todos os fidalgos, nesse domingo, apenas a souberam, á roda do cadaver do Viso-Rei, e o foram sepultar, com a pompa do costume, ao meio da capela-mór, na catedral, seguidos de curiosos sem dôr.

Depois, contaram-lhe todo o cerimonial da sucessão.

No meio da Sé colocaram bancos para os fidalgos se sentarem. Sentados todos, ficaram de pé sómente Fernão Rodrígues Castelo-Branco, veador da fazenda, e o seu secretario João da Costa.

Abriu o veador, num silencio profundo, um cofresinho. Dentro delle estava um pequeno saco atado com um fio de seda. O fio era lacrado pelo sêlo das armas reaes, e dizia o sobrescrito junto: *Sucessões da India por El-rei nosso senhor.*

Depôs o veador o saco pequenino nas mãos do secretario e ordenou-lhe que o mostrasse a todos os fidalgos assistentes, para o examinarem e dizerem se em algum ponto fôra violado, o que se declararia no auto que ia fazer-se.

Verificaram os nobres que estava intacto. Fês-se então o auto, assinado pelo capitão da cidade e por 12 dos principaes senhores.

João da Costa, o secretario, feito isto, ergueu alto o saquinho com a maior solenidade, e cortou-lhe o fio.

Dentro estavam tres sucessões, tres cartas, com chancelas das armas reaes em cada um dos quatro cantos. A primeira sucessão, ou carta, tinha, assinado por S. Alteza, este sobrescrito: *A primeira sucessão do Governador que será da India, que se não abrirá senão sendo primeiro falecido D. Garcia de Noronha, Viso-Rei.* Verificaram todos a autenticidade da assinatura e proclamaram-na, unanimes.

Depois disto, o secretario cortou as chancelas, lançando as duas cartas lacradas ao fundo do saquinho, depois de o atarem e de lhe lacrarem o fio com as armas da Camara de Gôa.

E, sempre com grande solenidade, o veador tornou a meter o saco no cofre que fechou por completo.

Levantou então o secretario acima das cabeças de todos a carta, a primeira sucessão, e perguntou com voz vibrante, se alguem ali duvidava da legalidade do que viam, e queria pôr embargos áquelle áto.

Responderam todos negativamente, sem a discrepancia duma voz,

Ouvindo isto, João da Costa abriu a carta e leu com sonora clareza a carta de D. João III, que fôra dada a 10 de Março de 1538. Vinha nomeado Martim Afonso de Sousa.

Mas Martim Afonso estava no reino e os fidalgos, tendo medo de que Fernão Rodrigues Castelo-Branco, o veador da fazenda, empolgasse o governo até á vinda de Martim Afonso, o que a todos desagradava, pediram se abrisse a segunda sucessão.

O veador concordou sem relutancia.

Aberta a segunda carta, viu-se nomeado D. Estevão da Gama.

Soube de tudo isto o novo Governador com comoção, pois que, ao darem-lhe a noticia, Estevão da Gama ficou profundamente triste, ao contrario do que esperavam.

Aos alviçareiros disse elle com profunda melancolia, abatido de feições:

— Será pago vosso trabalho, mas a nova que me dais é para mim de muita canceira e muitos cuidados e grandes lides, porque heide contentar tanto povo. Praza a Nosso Senhor que me dê entendimento do seu bem, para fazer seu santo serviço.

Nisto, rodearam-no mais fidalgos, cortejando-o, saudando-o, felicitando-o.

Com grande comitiva se dirigiu então Estevão da Gama á cidade de Gôa, como era mister.

A' entrada da cidade, acorreram mais nobres e grandes ondas de povo em festa.

Trovejaram os fortes em salvas de poderosa artilharia, e as bandeiras ondularam como espiritos em vôo.

As aclamações e as musicas encheram toda a capital da India de entusiasmo e estrondo. Indiretamente, faziam assim com ironia os verdadeiros funeraes do 3.º Viso-Rei.

Seguiu D. Estevão da Gama para a catedral. Vieram recebê-lo com água benta o bispo D. João Afonso d'Albuquerque e toda a cleresia.

Avançou até á capela-mór e, depois de fazer vocalmente um juramento perante o bispo e o veador da fazenda, que estava acompanhado pelo secretario, assinou o que, por escrito, lhe apresentaram, e onde prometia guardar, em nome de Deus e d'El-Rei, o direito das partes com direita justiça sem olhar a categorias, nem a raças — moiros, gentios ou estrangeiros — observando sempre os regimentos e provisões reaes.

E, acabada a cerimonia, vibraram as trombetas, as charamelas e os atabales. Um clamor, muito d'alma, o cobriu d'aplausos. A alma de Gôa, de toda a India, esteve com elle em esperanças e anceios.

Cercado de brilhante comitiva, e seguido pela enorme multidão, deu emfim entrada nas casas do Sabaio, no seu palacio, o duodecimo Governador da India, D. Estevão da Gama.

A toda a solenidade assistira Fr. Manuel da Salvação, que convalescia em Gôa duma doença terrivel, recebida em Ormuz, doença que lhe adiantara dez annos a vida.

Recolhido o Governador ao palacio, o frade, já encanecido, parecendo, pelas rugas e pelo cansaço, um octogenario, seguira até ao paço do Bispo, onde tinha pousada, onde era querido como um pai.

D. João Afonso d'Albuquerque não o deixou ir

descançar. Chamara-o, e Fr. Manuel fôra, vergado e triste, com o sorriso especial dos contemplativos que têm de trocar, a cada passo, o céo pela terra.

Tinha minguado de estatura. O sol tisnara-o: o sofrimento comprimira-o. Nem um cabelo preto, nem uma gota de sangue rubro. Anemico e cheio de rugas, decrepito, tendo apenas 61 annos, só os olhos ainda relampejavam, de inteligencia e talvez de nostalgia. O bispo de Gôa respeitava-o, porque deveras o amava e prezava. Com elle confidenciava os seus planos de cristão militante, em que dispendia tempo, entendimento e saude, sem um interesse pequeno, como uma consciencia incomparavel.

Fr. Manuel era o prototipo dos conselheiros. Nunca adulava e nunca era brutal. Vivia as ideias elevadas sem as desvirtuar e, quando era preciso um sacrificio, não inculcava os outros como martires, oferecia-se com simplicidade, dando pouco valor ao heroismo, achando um nada o que era tudo.

D. João Afonso, porisso, consultava-o em todos os lances, ouvia-o em todos os projectos.

Queria ouvi-lo agora a respeito de D. Estevão da Gama.

—Chamastes-me—dissera Fr. Manuel, entrando nos aposentos do prelado com natural humildade. Desejais de mim algum serviço?

—O do vosso conselho, Fr. Manuel da Salvação.

—Dizei, sr. D. João Afonso... se algum valor tem elle.

—Que vos parece D. Estevão da Gama?

—Bem sabeis como elle tem sido bom soldado. Quanto ao seu amor de Deus, melhor será julgá-lo, depois de vós mesmo o ouvirdes.

—Mas eu ouvi-o já, Fr. Manuel, e mostrou grande prazimento na noticia da vinda do P.e Francisco Xavier, que nos anunciam de Roma.

—Muitos fidalgos o esperam com egual ancia, pelo que se diz da sua virtude. Deus nos faça a mercê da sua chegada á India sem perigo. Desde 1534, que o virtuoso filho de Jesus pensa só em vir prégar aos infieis... E' como a um Afonso d'Albuquerque que, nas conquistas de Deus, todos o esperamos. A India está eheia de vicios e ha mister de grandes pelejadores assim.

—E parece-vos que D. Estevão da Gama será sincero de fé?

—Assim o julgo, snr. D. João Afonso, pelo que delle tenho ouvido dizer, e pelos nobres exemplos de seu pai, o grande D. Vasco da Gama. Segundo me dizem, muito lhe doeu o escandalo de impenitencia dado por D. Garcia de Noronha que Deus salve por sua infinita misericordia.

—Sim, Fr. Manuel, a nossa nobreza é, felizmente, religiosa. Disso não ha razão de maior queixa. Pena é que tantos, no procedimento, desdigam o que professam.

—Sim, alguns... murmurou o frade, empalidecendo muito.

—E entre elles, tornou o bispo, a meia-voz—um que tanto tendes aconselhado e que tanto amais...

—Manuel de Sousa Sepulveda—disse baixinho, d'olhos humidos, Fr. Manuel da Salvação.

—Perdoai-me, mas bem mau exemplo tem dado esse fidalgo...

—Não de valor, arriscou o frade, tão pequeno de estatura, como se quizesse desaparecer.

—Não de valor—acudiu D. João Afonso—Na guerra de Antonio da Silveira, em Cambaia, lá o viram á frente de todos, grande entre os maiores. Correu com Martim Afonso a Cranganor em socorro do rei de Cochim, e foi tão valente, que, sendo todos grandes, quasi ficaram pequenos ao pé delle. Foi

elle que destruiu Repelim ha 4 annos: e em Chalé a sua gloria cresceu sempre ao pé das mais puras. Não, em valor, pois, como vêdes, não tenho reparos a fazer ao brioso capitão de Diu...

—E não dos mais crueis, observou timidamente o frade, erguendo mais a fronte rugosa.

—Nem dos menos tementes a Deus, volveu D. João Afonso d'Albuquerque. Mas, devoto, a sua vida é a dum infiel em costumes e praticas. Vêde como elle seduziu aquella mulher casada de quem houve filhos com tanto escandalo, e como tem feito chorar lagrimas de sangue a tantas mães canarins, deshonestando-lhes as filhas sem as receber e salvar. Com elle tem falhado o vosso zelo, sempre tão cheio de frutos...

—Se eu o tivera sempre junto de mim... disse o frade com amargura—Junto de mim é tão outro!...

—Mas não podeis acompanhá-lo, como um aio, bem o sabeis. E assim, Manuel de Sousa, que julgaveis a caminho, quando em Portugal, só veio corromper-se e corromper os outros na India.

—Não como roubador, nem avarento...

—Não, Fr. Manuel, e grandes virtudes tem elle de amor-da-patria e honradez. Mas a sua luxuria mancha-o tanto, que quasi esquecem as suas boas qualidades. Perdoai que vos fále assim, mas os cristãos luxuriosos são os mais daninhos á Fé pelo descredito da pureza da doutrina. E não penseis que vos culpo do que não é vossa culpa. Rogo a Deus, sim, que vos ajude a tê-lo mais perto de vós, a vêr se toma estado e põe ponto em escandalos.

—Ainda lhe faltam 5 annos para acabar o tempo de capitão de Diu... suspirou o frade, muito sucumbido.

—Entretanto, escreveis-lhe muitas vezes...

—Sim, snr. D. João Afonso, volveu Fr. Ma-

nuel da Salvação com firmeza e dôr convulsa. Ainda ha dias lhe mandei carta bem magoada. Lembrava-lhe como me prometera sofrear paixões e como a tudo faltára, parecendo embora emendar-se. Dizia-lhe quanto elle esbanjava os muitos afétos que o tem cercado: já não digo o meu, que nada vale, nem o do conde de Portalegre, que era forçado, mas o da donzela que perdeu em Evora e o de D. Beatriz, a engeitada, a pupila do conde de Portalegre, e que veio, como sabeis, morrer de queixa de peito nos braços delle, ouvindo-lhe sempre dizer, que só para manceba a quizera. Lembrava-lhe estas cruezas e outras sabidas por toda a India, e mostrava-lhe o mal que fazia a Cristo e á Patria, dando tantos escandalos destes no seu alto cargo de capitão de Diu, escandalos que Deus ha de punir... Mas o pobre Manuel de Sousa...

—Respondeu-vos?

—Não, snr. D. João Afonso, mas a sua resposta é sempre a mesma: confessar, prometer emenda e...

—Continuar, disse o bispo com ironia amarga.

E, depois dum pequeno silencio, proseguiu:

—E são estes ainda mais inimigos de Deus do que os gentios. Vêde tambem os escandalos de Luiz Falcão...

—Oh! esse muito mais duro d'alma! disse Fr. Manuel, esquecendo-se de toda a caridade, mas logo confuso de o ter dito.

—Não vos pejeis de o dizer, que só nisto falamos para remediar um mal, cada vez mais publico. E Luiz Falcão, sem tantas virtudes de capitão e de governador como Manuel de Sousa, tem sido tambem um valente braço de El-rei. Guarda-mór e hoje capitão d'Ormuz, assinalou-se bem na tomada de Baçaim, onde tantos trabalhos sofrestes. Mas vêde a sua ferocidade e a sua luxuria, a sua

ambição e injustiça. como o fazem mais daninho do que o peor gentio. Ah! Fr. Manuel da Salvação, estou comvosco nisto: havemos mais mister de apóstolos do que de soldados. Os governadores não devem de ser barbaros e avaros como D. Garcia de Noronha: deviam ter a pureza de costumes de Lopo Vaz de Sampaio, tão caluniado, a energia e tática de D. Afonso d'Albuquerque, a Fé, mas sem a dureza que o prejudicava, de D. Vasco da Gama. Poderá ser isto D. Estevão da Gama? Praza a Deus que sim, para que o P.e Xavier e outros missionarios semeiem na terra e não em pedras...

Mas D. João Afonso, atentando melhor no frade, levantou-se, nisto, comovido, como um filho que acóde a seu pai.

—Chorais? disse-lhe o bispo com doçura. Magoei-vos? E acarinhava-o, contristado.

—Não, senhor—respondeu Fr. Manuel da Salvação, estrangulado de soluços: não sois vós que me magoais: quem me magôa é a minha vileza...

—A vossa? extranhou o bispo com dôr.

—Sim, senhor D. João Afonso, em não ter forças para remediar tantos males.

E o bispo de Gôa viu-o chorar como uma criança e depois emudecer como um cadaver.

II

Ao luar

No MIRADOIRO daquella casa estava-se tão perto do céo azul da India, que mesmo a quem pudesse olhar de muito alto, não lembraria admirar a figura imponente de Gôa, a Gôa Velha, que estava ao Sul, emquanto a Nova, pomposa por ser a residencia do Governador e dos Portuguêses, nem atentava no valor da outra, mais fortaleza e mais magestade no seu silencio, nem sonhava ser um dia substituida pela Novissima, a linda Pangim de hoje.

Duas jovens senhoras, ao cair da tarde, olhavam, do miradoiro, mais para o céo do que para a terra, porque o firmamento na India, quando as estrelas despontam, é mais extranho de fluidos misteriosos, de relampagos astraes, do que o melhor céo da Europa.

A mais alta era uma escultura. Desde a fronte aos pés, as linhas eram tão opulentas, como cheias d'arte. Nem só os olhos primavam por grandes e luminosos: tambem o sorriso na boca, afinal tão pequenina como rubra, tinha a grandeza da bondade e a luz da melhor sinceridade d'alma.

A sua cutis era duma alvura tão brilhante, que

parecia radiosa; e a floresta solta dos cabelos, perfumados e crespos, não só a cobria até aos hombros, que o decote deixava vêr, de leite e muito redondos, mas dava-lhe tambem a neve resplandescente da carne do rosto, do pescoço e das espáduas, um fundo escuro-doirado que o luar nascente esbatia já em prata.

A outra, mais pequena, mais infantil, tinha menos magestade e mais languidez. A primeira impunha-se, logo a principio, e encantava depois: a segunda enternecia, como uma flôr campestre, pendida sobre um veio d'agua pura, e não esquecia porque era simples.

Estavam sentadas. A mais alta parecia posta num trono: a outra parecia recostada num berço.

Conversavam em dialogo cortado. A noite descia, o luar subia. A India, nas noites estreladas, não permite muitas palavras, alevanta as almas sobre os palmares, sobre os rios, sobre os montes em pompa, e abandona-as, mudas e extaticas, no Sonho, no Infinito. Conversa-se como quem sonha, mais com o espirito do que com os labios.

—Que noite! dissera a mais alta, simplesmente, olhando por além fóra.

—Sim, Leonor, noite dos anjos—volveu-lhe a outra, sorrindo com afabilidade.

—Vês, Joaninha, como as estrelas despontam...

—Parecem olhos a abrir...

—Anjos a despertar...

—A lua vem cheia...

—Como um coração separado do corpo, quando se estava a encher de lagrimas.

—Talvez que o perdesse algum santo.

—Ou alguma pobre traída pelo seu amado.

E calaram-se. A noite descia de todo. O luar era esplendido.

Os olhos dellas, atraídos, resplandescentes, subiam tanto como se os levassem as almas.

E julgavam ambas vêr mundos novos, estrelas com entranhas de flôres d'oiro e neve, onde vivessem espiritos em envolucros de tanta luz, que estonteavam e absorviam.

E subindo, tinham ancia de subir mais, sentindo-se desprender da carne escultural, visionando regiões de prata e oiro onde havia, entre azas e auréolas, figuras tão suaves, tão meigas, tão risonhas, que olhar agora para a lua já parecia treva e tristeza.

E, neste pairo de espiritos, Leonor, muito enlevada, chamou a atenção da irmã com voz doce e quasi sumida:

—Não vês, Joaninha, uma figura de homem, pura de feições, rosto moreno-doirado, de nariz direito e fino, e um olhar tão carinhoso, tão bom, que faz a gente mais pacifica? Não vês?...

—Não, Leonor.

—Tem o cabelo longo e barbas sedosas como as de Cristo. O seu sorríso é triste, é pungente...

—Vejo só estrelas, muitas estrelas, e, ás vezes, julgo vêr, entre ellas, rostos de criancinhas loiras... Mas isto é engano, que tanto não mereceriamos a Deus. Isto são tonturas de estarmos tão alto.

Novo silencio. As duas irmãs estavam proximas uma da outra, de mãos dadas, afétuosas, solidarias em tudo. Depois, recostaram as frontes ao rebordo do miradoiro, ficando d'olhos fixos no céo magnifico.

Entretanto, ao esplendor do luar, podia descobrir-se, de tão alto, se não fossem os montes sobranceiros, toda a configuração da ilha de Gôa, 10 kilometros de terra em comprimento com cinco em largura. Ver-se-ia uma ilha fragosa, cheia de grandes cortinas de pedra bruta. Poucas varzeas, e essas cobertas de arrozaes, mas muitas escarpas, cheias de

arvoredos gigantes, de gramineas emaranhadas, de relvas altas e fôfas. As florestas, ricas de palmeiras, de magnolias, de bambús, de folhagens verdes, luzentes, largas, variadas de recorte, de caules caprichosos, ora curvos, ora hirtos, de grandes troncos e arbustos esbeltos com flores miudas como estrelas em céo alto: mas sem rugidos de feras, apenas com o sussurro lugubre de pequenas cobras, de capêlo, de mordedura mortal quasi sempre.

E toda a ilha se notaria muito perto da terra firme, e cingida por um rio com dois desembocadoiros; um, ao Sul, diante de Gôa, a Velha; e outro, ao Norte, diante de Gôa, a Nova.

E esta, onde ficava o miradoiro, como que esmagada por dois montes, grandes e elevados, superiores a ella, alvejando no topo do mais gigante uma ermida de Nossa Senhora.

No porto, o golpe de grandes vasadoiros para naus e galés, mais seguras no mar do que no rio onde o busano, implacavel, e os crocodilos, pestilenciaes e crueis, esperam com eterna fome naus e marinheiros.

Nas costas da cidade, uma linda lagôa d'agua dôce, como um protesto de paz inofensiva contra os estertores do rio e os impetos do Oceano, apezar de que essa lagôa mais tarde foi fóco das epidemias que despovoaram a Nova Gôa em proveito da Novissima.

Assim se poderia vêr a ilha de Tissuari, ou de Gôa, de Tissuari, *ou das cem aldeias,* que é o que significa aquelle nome canarim, na costa do Daquem, a mais formosa de todo o mundo, e que vai desde o rio Cintacora até á baía de Bombaim.

Mas da boa parte de tudo isto que Leonor e Joana poderiam avistar, ao clarão magnifico duma lua sonhadora e pura, ellas ou estavam já aborreci-

das, ou, naquella noite, sugestiva como poucas de espiritualismo, não podiam ser observadoras enlevadas.

Entretanto, Joana cortou o silencio, talvês por fatigada de voar acima dos astros:

—Que pena estar tão longe o pai!

—E' assim mais triste, é, aprovou Leonor, quási inconscientemente.

—Desde que viemos de Baçaim, ainda o temos menos comnosco. Pois quando o foi substituir Rui Lourenço de Tavora, esperei vê-lo mais junto de nós.

Leonor, falando no pai, baixou, pouco a pouco, ás realidades da terra.

—Sim, tambem eu, Joaninha—disse ella com bastante comoção.

E, desfitando o céo, como já o fizera a irmã, proseguiu:

—E vai-se carregando dos annos o nosso pai. Bem precisava de repoiso.

—Mas vereis que lh'o não dão, Leonor.

—Antes fôra menos ilustre, e já Nuno da Cunha não lhe teria dado os grandes trabalhos de Baçaim e Diu, quando venceu os mogores, trabalhos em que perdeu tanto a saude...

—E, afinal—observou Joana com amargura—para ficar na India como por mercê do Governador, pois que El-rei o mandou substituír e...

—E prender... e confiscar-lhe os bens. Se Nuno da Cunha não fôra tão justo e resoluto, tê-loia mandado debaixo de ferros ao reino, ao nosso pai, tão honrado, tão nobre!

—Intrigas bem ruins, Leonor!... Estavamos tão bem então aqui, em Gôa!... Já mal nos lembravam os sobresaltos de Malaca que nós, ainda tamaninas, pouco tinhamos sentido.

—Lembram-me bem a mim, Joaninha, que sou mais velha. Fôram tres annos de alvoroço: todos os

dias, a cavalo, a seguir para os matos, cercado de espadas e de peloiros. E eu sempre á espera de má noticia, sempre a vê-lo chegar, coberto de sangue, talvês morto. Imaginas lá o jubilo de o vêr substituido por Paulo da Gama! Mal imaginava eu que a armada de Martim Afonso trazia, de El-rei, as ordens que trouxe!

—Mas o nosso honrado pai ficou, Leonor. As intrigas desfizeram-se.

—Sim, Joaninha, mas ficou para sofrer ainda. Triste destino o dos vassalos de El-rei: ou presos e infamados, ou obrigados a servir em todos os perigos, quando S. Alteza os distingue com o seu prazimento!

Joana aprovou com um meneio de cabeça e ficou calada e meditabunda.

A noite, cálida e duma serenidade divina, parecia absorver todos os aromas capitosos da Terra e dissemina-los pelas existencias até ao coração.

Não soprava mais do que uma aragem maritima, que subia, muito mansa, da baía de Gôa, cingindo á esquerda, com beijos de ninfa, o grande monte que parecia desabar sobre as ondas para ellas ajoelharem diante da ermida de N. Senhora do Cabo que estava lá no topo. E, correndo todo o golpe ingreme da montanha, que lançava pelo mar dentro uma pedregosa restinga, torcida e recurva, beijava a meza que vinha da terra firme, lançando uma grande ponta pelas ondas dentro, e doidejava depois, tão alquebrada pelos vales e pelos relevos, que, ao chegar ao miradoiro, era um halito suave de arcanjo, ou de silfo.

Leonor e Joana tinham, além dum espirito profundamente religioso, a sensibilidade fina dos seus poucos annos, ainda menos de dezoito a mais velha. A aragem daquella noite indiana casava-se, porisso,

tanto com os seus halitos perfumados, que lhes ficava no sangue e, d'aí, se lhes coava, pelos corações, até ás almas.

Com maliciosa ternura, Joana tentou rumo de conversa:

—E que dizeis vós, Leonor, á vossa côrte de linda rainha?

—Que me enfada—volveu-lhe a irmã com simplicidade.

—Deixai lá, Leonor, que nenhuma filha de rajá é tão requestada...

—E julgais que me ensoberbeço?

—Bem sei que não, Leonor, mas tambem vos não desprazerá de todo algum cortezão...

—Pois iludis-vos, Joaninha, nenhum me alvorota.

—Nem o filho do Viso-Rei, nem D. Antonio de Noronha? perguntou Joana, muito pálida.

—Nem esse, apezar de tão pretendido pelas donzellas fidalgas de Gôa.

—Dizei-lo de verdade? tornou com ancia Joana.

—Porque duvidais? Por ser elle, ao que dizem, o mais belo e mais forte da India?

—O mais formoso e robusto, sem duvida.

—Tambem o julgo assim e, todavia, nunca me fês outra impressão que não seja a duma grande estatua...

—Não vos fala á alma, Leonor. Mas que lhe encontrais?

—Muita vaidade de ser o que é.

—São assim todos os moços daquellas linhagens.

—Um olhar duro, um sorriso frio, parece que falta de coração, quando fala.

—Talvês porque não vos pretende.

—Talvês.

Mergulharam-se ambas no silencio. Joana, vivamente rosada, parecia agora mais alegre.

Olhou por toda a cidade, desde a ermida da Senhora do Monte ás margens da lagôa, da ponta de Rebanda á Sé, do mosteiro de S. Francisco ao ancoradoiro, ao caes, ao baluarte da Ribeira, á Casa da Alfandega — o Mandovim — parecendo chegar ainda o seu olhar até á direção em que fica o passo de Dangim e a ilha de Divar.

Depois, enternecida e jubilosa, disse a Leonor:

— E se o amasse eu, irmãsinha?

— A quem? ao filho de D. Garcia de Noronha?

— Sim, que dizieis de verdade?

— Que vos fizesseis amar por elle.

— Oh! Leonor, como sois bondosa!

E Joana abraçou-a contra o coração e beijou-a nos olhos com meiguice.

— Mas temieis-vos de mim? perguntou Leonor, um pouco doída.

— Não vos agasteis, que este temor é o vosso elogio. Pois se tendes tanta formosura!

— Pobre Joaninha!

— Porque falais assim? D. Antonio de Noronha deu já o seu coração porventura?

— Não, que eu o saiba. Mas podeis sofrer muito, visto que tanto amais. Se soubesseis o que eu, porisso, temo as paixões!

— Ora, Leonor, mas todas se desposam, na nossa edade. Na India a mulher começa aos 13 annos.

— Sim, mas quantas desditosas lançadas ao largo! E, depois de casadas, quantas martires!

— Nem todos são maus.

— Os melhores, Joana, são voluveis como a sorte das armas. Ha de ser do habito de tudo verem mudavel nas pelejas.

— Tambem os ha firmes.

—Depois—continuou Leonor com grande gravidade—os firmes, ás vezes por desconfiança, não querem esposas, querem mancebas.

—Os menos fidalgos por certo.

—Tal não digais, Joana.

E, a meia voz, mais séria, muito comovida, continuou:

—Bem nobre fidalgo é D. Garcia de Sá, nosso honrado pai, e vêde como elle, depois de viuvo de D. Brites, trouxe para a India D. Catarina, nossa mãe, arrancando-a da sua casa de Miragaia no Porto, e só a desposou, ao vê-la na agonia...

Joana fitou Leonor com um olhar maguado e repreensivo, e não respondeu.

Leonor caiu em si do seu arranco de justiça e acrescentou:

—Não é isto fazer censura ao nosso pai, Joaninha: é para que vejais como os melhores têm, ás vezes, de ser duros.

Joana nada replicou ainda. Meditava, d'olhos levemente humidos. O seu fanatismo pelo pai era duma sensibilidade extrema.

Ganhou, porém, serenidade, pouco a pouco, alevantou olhos menos severos para a irmã, e disse:

—Que quereis? Dizem que o amor não pensa...

E proseguiu, singelamente:

—Nem D. Antonio de Noronha sabe disto. Deus nos aproximará, se tivermos de ser um do outro.

—Repelis, portanto, de vez Luís Falcão?

—O capitão d'Ormuz?... Ah! Leonor, julgais-me tão ensandecida que dê ouvidos a um homem tão rude e feio? Depois, não vos cortejou elle primeiro?

—Sem o resultado dum sorriso, podeis crer, que tudo nelle me despraz.

—Só nosso pai o acha belo e grande. Os outros todos contam delle barbaridades e insolencias...

—E até crimes, Joaninha!

—E D. Garcia de Sá não vêr isso!...

—Não vos disse, ha pouco, que os melhores têm grandes defeitos?

Então Joana, muito infantil, com os olhos lacrimosos, abraçou a irmã, ternamente, pela cintura. Depois, inclinando o rostosinho de creança sobre o solido hombro della, disse-lhe suplicante:

—Jurais fazer-me uma mercê?

—Dizei, Joaninha.

—Não vos molesta, o que peço, a vós nem a alguem a quem dispenseis carinho. Jurai.

—Pois juro, irmã.

—Jurai-me auxilio contra Luís Falcão, se o pai o aceitar para mim.

—Para que jurar-vos tal? Não sabeis o que D. Garcia de Sá quer dar ao capitão d'Ormuz?

—Dizei.

—Não é a vossa mão: é a minha!

—Disse-vo-lo?

—Não: mas entendi-o.

—E vós?

—Repeli-lo-ei, como a tantos, moços e velhos, que ha dois annos me cercam de amavios.

—Pois bem, Leonor: ajudar-vos-ei nisso.

—Obrigada, Joaninha.

Mas, nisto, ouviram ao largo um galope. Joana alvoroçada, ficou á escuta, convulsa de alvoroço e Leonor, um pouco triste, ergueu-se com impeto.

—Será elle? disse Joana, de labios convulsos.

Leonor fês-lhe um gesto de atenção.

O galope dirigia-se para aquella casa.

Uma voz alegre, forte, voz de homem, um pouco imperiosa, disse ao fundo, na rua estreita como um canal:

—Estão deitadas, moça?

As duas irmãs já não ouviram a cantada resposta da canarim que estava á porta.

Radiantes, felizes, egualmente infantis, desceram a receber o pai, emquanto a lua subia cada vês mais, como que a receber o Infinito, sempre estatica, sempre indiferente á vida mesquinha da Terra.

III

Como a India caía

ESTAVA diante do Governador o capitão de Baçaim, Rui Lourenço de Tavora.

Estevão da Gama ouvia-o com mais tristeza do que serenidade, prudentissimo.

Rui Lourenço falava com grande cortezia, mas maguado:

—Todo o inverno vos escrevi, senhor, a pedir socorro. O trabalho com a gente de Cambaia, tão visinha de Baçaim e tão ousada de assaltos, requeria soldados bem pagos, e não ha dinheiro na fortaleza. Porisso a entreguei ao alcaide-mór e aqui estou na vossa presença, reclamando o que tanto é pressa...

—Deixastes, pois, todos ao desamparo?

—Acalme-se vossa senhoria, que a guerra por agora está vencida. Mas, se não pagarmos á gente que tão trabalhada está, como lhe pediremos mais trabalhos?

—Já vos disse, Rui Lourenço, um por um, os gastos com soldados e navios, e como tive de recorrer ao cofre dos orfãos, porque El-rei não tem tambem dinheiro e porisso vieram as derradeiras naus sem elle.

—Pois, senhor, se El-rei não tem com que pagar á gente, não tenha fortalezas—redarguiu o capitão de Baçaim, que era fidalgo de boa linhagem, e rispido de genio.

E, como Estevão da Gama franzisse muito o sobrolho, continuou ainda com altaneria:

—Eu sem gente não posso guardar a sua fortaleza de Baçaim.

—Todos havemos que sacrificar-nos, Rui Lourenço.

—Assim será para quem isso seja possivel—volveu o fidalgo com desespero. Quanto a mim, aqui vos entrego a fortaleza de Baçaim, e faço serviço de dois annos da minha capitania, que os não quero, nem hei mister.

A isto se aprumou todo o Governador, d'olhos lampejantes.

Num rasgo de indignação. disse a Rui Lourenço:

—O serviço a El-rei não se faz com folguêdos: faz-se com trabalhos e angustias. Bem sabeis, senhor capitão de Baçaim, que muitas vêses na India honrados fidalgos têm sustentado fortalezas com grandes agonias e opressões dos lascaris e do povo e muito trabalho do campo.

Mas Rui Lourenço replicou, sem quebrar a firmeza:

—Assim é. Mas á capitania de Baçaim não hei-de eu de tornar, e se El-rei disso me pedir conta, eu lh'a darei tão boa, que me ficará devendo dinheiro.

Estevão da Gama teve um repelão de energia, mas, dominando-se logo, respondeu com frieza:

—Senhor Rui Lourenço, vós sabereis nisso o que vos cumpre. Baçaim aqui tem capitão e que o não tivera não faltaria um honrado fidalgo que o fosse. Engeitais a capitania pelo muito trabalho. Eu a proverei. Seja como pedis.

—Muito vo-lo agradeço, disse então o fidalgo com grande polidez; e muito maior mercê seria que me desseis embarcação para o Reino. Bem sei que só é bom serviço o que dá grande trabalho, mas quando só arriscamos as nossas pessoas, fazenda e criados. O que não posso é servir com suores alheios mal pagos e homens aleijados de feridas, que vão morrer no hospital ao desamparo, cheios de fome.

E, muito exaltado, continuou, com entoação despejadamente sarcastica:

—Depois, tenho bem entendido como tudo isto corre, e bem vejo as mercês que se fazem aos que bem servem e vejo as honras e proveitos que se fazem a chatins ricos.

O Governador, pálido, mas firme, deixou-o dizer e disse ao secretario com voz serena:

—Fazei-lhe o despacho para embarcação.

E despediu Rui Lourenço de Tavora com um gesto polido.

Todo o dia se ocupou o Governador em despachos. Ao outro dia, voltou com a mesma atividade. Ao meio da manhã, veio um fidalgo seu amigo e disse-lhe:

—Sabeis o que ha?

—Dizei.

—Rui Lourenço de Tavora acaba de se bater á espada com D. Francisco de Menezes, por vós indicado para a capitania de Baçaim.

—E donde veio a briga?

—De ditos. Mas ficaram amigos, depois de ambos feridos. Foi além do outeiro de Santa Maria do Monte contra o Passo Sêco.

—Melhor é que amigos ficassem.—E, voltando-se para o secretario:

—Dai ordem para Rui Lourenço seguir já para Cochim e de lá para o Reino.

—Mas D. Francisco de Menezes já não quer ir a Baçaim—disse, timidamente, o privado.

D. Estevão da Gama reflétiu um pouco e volveu com grande placidez:

—Seja como quer. Que vos parece Antonio de Lemos?

—Bom soldado, D. Estevão da Gama.

—Pois esse irá servir os dois annos que faltavam a Rui Lourenço de Tavora.

—Mas D. Francisco de Menezes...

—Dizei.

—Pede-vos a mercê de o deixardes ir comvosco na expedição ao Estreito de Meca... e que, depois, o tendes ás ordens para capitão de Baçaim, ou peor capitania...

—Pois irá ao Estreito.

E D. Estevão da Gama ficou mais prazenteiro, com mostras de penhorado.

Era um grande sonho do filho de Vasco da Gama aquella expedição. Quem para tal se lhe oferecesse comovia-o, porque até o lisongeava sem querer.

Desanuviado de rosto, o Governador ia abrir-se com o privado: o sonho de ferir o inimigo no coração, no centro vital de todas as suas forças, uma gloria enorme para a Patria, uma grande festa para a cristandade inteira.

Mas, nisto, um fidalgo de barba negra, nariz d'aguia e os olhos muito vivos e grandes, pediu licença para entrar.

O Governador, apenas o avistou, cortou a conversa e dirigiu-se a elle com amizade:

—Bem vindo sejaes!—disse muito risonho—vindes saber noticias da expedição? Della estavamos falando. Sentai-vos, amigo.

O recem-chegado sentou-se com grande corte-

zia e esperou as palavras de D. Estevão da Gama.

O Governador, muito radiante, tornou logo:

—Se Deus nos fizer mercê, devemos seguir para o Estreito em janeiro do anno que vem, de 1541. Tenho já em preparação a frota. Que vos parece? Sessenta e sete fustas e catures, e tres galeotas. Para capitães, vós, D. Cristovão da Gama, D. Manuel de Lima, João Manuel, D. Jorge Telo de Menezes, Francisco de Mello, Rui de Mello, Francisco de Sá e outros do mesmo esforço. E mais doze velas grossas com artilharia e mantimentos...

—Grande poder, volveu o outro com alegria.

—Ides provar outra vez o valor, Manuel de Sousa—disse Estevão da Gama, fitando-o sempre com grande aféto.

E logo, com a volubilidade do entusiasmo, disse aos dois:

—Quereis vós vir vêr os trabalhos á Ribeira das naus?

—Mas muito me prazeria—replicou logo o Sepulveda.

E o outro fidalgo, levantando-se, acrescentou:

—São dignas já de vêr-se. Ainda hontem lá estive a admirar naus e bocas de fogo.

Sairam logo. Em poucos minutos chegaram aos estaleiros, perto do logar da varação de naus e galés e perto do caes da cidade.

Via-se dali muito bem grande parte da baía de Gôa, com a sua entrada ao sul, do lado da terra firme, onde corria o canal, direito, sem curvas, facilmente acessivel, se costeassem bem de perto a terra firme, porque, longe della, a um tiro de espingarda, havia alguns parceis, penedia e restingas.

A faina da Ribeira das Naus em Gôa não era menor do que a da Ribeira das Naus em Lisboa e,

naquella ocasião, ás instantes ordens do Governador, todos corriam com denodo ao trabalho.

D. Estevão da Gama, Manuel de Sousa Sepulveda e o privado do Governador sorriram á lide dos carpinteiros e maquinistas.

O Sepulveda, que se afizera ao mar, preferindo-o muito á vida em terra, observava com olhos de tecnico visivelmente satisfeito.

—Que vos parece? que vos parece? perguntava a cada passo Estevão da Gama.

E Manuel de Sousa Sepulveda, para quem principalmente era a pergunta, respondia quasi sempre:

—Tudo bem forte e bem disposto, senhor.

Mas, nisto, veio saltea-los um grande alvoroço. Repicavam sinos a rebate. Ouvia-se uma vozearia enorme. Da fortaleza faziam sinaes e davam ordens.

O Governador não se deteve e os dois acompanharam-no naquella pressa, a caminho dos acontecimentos.

A meio da corrida, vieram muitos gritar-lhes:

—Gonçalo Vaz Coutinho fugiu do tronco! Fugiu elle! Fugiram muitos! — Assim fôra.

Gonçalo Vaz Coutinho, fidalgo de boa linhagem, era um fascinora. Cometera crimes odiosos, fizera verdadeiras atrocidades. Fôra porisso encarcerado no tronco. Juntos com elle estavam outros selerados, muitos dos bandidos que iam de Portugal á India intrigar, roubar e desflorar, á sombra da bandeira da Patria.

Conchavaram-se os presos num plano de fuga. Gonçalo Vaz mandou que lhe levasse a comida ás portas do carcere, uma linda escrava que tinha. E a escrava passou a servir o seu senhor, por ordem do tronqueiro, Domingos da Fonseca, cafre honesto e chefe de familia. Este diretor das cadeias tinha ao seu serviço um jau, escravo robustissimo, que era o

carcereiro, o que fechava portas, algemava presos e dava depois as chaves a Domingos da Fonseca.

Induziu Gonçalo Vaz a escrava a enfeitiçar o jau. A escrava teve faceis artes para cumprir o que lhe ordenavam. Secretamente medraram os amores dos dois e, a breve trecho, a escrava levou o escravo a dar soltura a Gonçalo Vaz e aos demais altos bandidos.

O jau não podera resistir á promessa que ella lhe fizera de se lhe entregar de todo, logo que tal fuga se realizasse, e dizendo-lhe que depois fugiriam para a terra firme, onde viveriam para sempre juntos e felizes.

A principio teve algumas hesitações, mas Gonçalo Vaz Continho jurou-lhe tal proteção e valimento, que o jau, levado pelo amor e pela ambição, rendeu-se d'alma e vida.

O plano foi executado, lenta e astutamente.

O carcereiro ia cedendo, pouco a pouco, as chaves, e os criminosos tiravam-lhes os moldes e mandavam fabricar outras eguaes, secretamente, dando-as depois ao jau. Experimentadas todas com grande atenção, trataram os amigos, que Gonçalo Vaz e os outros presos tinham em Gôa, de preparar uma grande embarcação que depois foi varar, coberta de palha, na ribeira do Mandovim. E ali a tiveram muitos dias com os remos enterrados debaixo della, como a um barco abandonado.

Emfim, certa noite, resolveram-se a fugir. A fuga havia de ser de manhã. O carcereiro não aliviou das algemas nenhum dos fugitivos, emquanto não veio o filho do tronqueiro passar a revista noturna aos grilhões dos presos e depois só lhes aconselhou que, com uns ferros para isso já adquiridos, se desalgemassem uns aos outros logo que o tronqueiro se retirasse, depois da visita que fazia todas as manhãs.

Assim procederam. Veio ao meio da manhã o tronqueiro, examinou as algemas de todos, deixou todas as portas fechadas, e encerrou todas as chaves numa arca que fechou com outra chave grande, a qual trazia pendente do braço.

E, seguro de si como de costume, foi ouvir missa, com tenção de ir depois a um leilão.

O jau, apenas elle saiu, foi a um cabide, tirou dez ou doze lanças e chuças e, pondo-as ao sol, começou a limpa-las com outros escravos negros, da ferrugem que as gastava.

Mas, entregando depois todo o trabalho aos negros, foi dentro, tirou as chaves falsas que tinha e abriu todas as portas aos presos.

Entretanto, cá fóra da fortaleza, muitos amigos já esperavam os criminosos.

Na porta da ribeira que conduzia á cidade já andavam os negros que haviam de tripular a embarcação.

De repente, Gonçalo Vaz Coutinho e os companheiros apareceram diante dos escravos que limpavam as lanças e as chuças. E, com grande afeto, disseram-lhes:

—Filhos, vamos para terra firme, e não sereis cativos.

Os escravos entusiasmaram-se com a miragem repentina daquella liberdade.

Seguiram-nos. Gonçalo Vaz, tão cheio de ousadia como de astucia, levou comsigo o jau e a amante, e com todos os fugitivos foi, por entre o muro e a barbacã, desfechar á porta da Ribeira.

Ali, ouviram um clamor aflito. Vinha de casa do tronqueiro. Um dos filhos do Domingos da Fonseca déra o primeiro sinal d'alarme. E este grito fôra logo reforçado pela mãe e pelas irmãs.

E, nisto, acudiram soldados. Mas os presos ti-

veram por si a defeza encarniçada de muitos amigos.

Entretanto, um criado de D. João d'Eça, capitão da fortaleza, foi tocar o sino a rebate.

Ouviu o capitão o repique, quando passeava descuidado na Rua Direita.

Tomando logo uma lança que lhe deram, correu á Ribeira até onde já tinham chegado os presos. Dava-se ali uma grande refrega entre estes e alguns soldados da fortaleza. Mas muitos dos que pareciam acudir tudo baralhavam para que os criminosos fugissem.

Houve então brados á d'El-rei, uma confusão doida, pandemonica.

Estevão da Gama e os dois fidalgos acorreram nisto. O Governador deu ordens energicas, mas, quando as forças e a justiça chegaram, a embarcação de Gonçalo Vaz Coutinho já navegava longe.

—Mais piratas para vergonha de Portugal! rugiu Manuel de Sousa Sepulveda, chorando de raiva.

—Nisto está dando a India de meu pai, murmurou Estevão da Gama, livido e abatido.

Entretanto, ao largo, a manchua de Gonçalo Vaz erguia-se no dorso do mar em cachão e sumia-se depois em demanda da costa do Pegu e de Bengala com o entusiasmo torpe dos corsarios que se vêm livres para tragarem oiro e sangue.

IV

Dentro da consciencia

MANUEL de Sousa Sepulveda estava ancioso por seguir para Meca.

Roía-o a saudade das batalhas, porque, desde que estivera em Chalé, a sua vida era quasi ociosa, uma vida em que só colhia espinhos para a consciencia.

A sós, como neste dia, o penultimo de dezembro, na pousada que alugara para si, para os filhos bastardos e para uma pobre indiana, muito doente, que desflorara em Diu, Manuel de Souza, pouco amigo sempre do aconchego da familia, sofria de se isolar no quarto em que meditava, habitualmente, mas muito mais sofreria, se tivesse alguem junto delle.

Nestas horas de paz, quando a espada lhe dormia na bainha, feria-se-lhe no coração uma peleja que o acovardava sempre.

Mas, neste dia, ao fim da tarde, o desasocêgo era tão grande, que o queimava de febre.

O clima de Gôa enervava-o e pungia-o. Sem saber porquê, dentro da ilha de Tissuari, era mais triste, mais descontente comsigo.

Não era só por ter perto o clamor severo — e

tão paternal — de Fr. Manuel da Salvação, o amigo unico. Era talvês porque os vicios daquella cidade, por excessivos, em vês de o alevantarem aos seus próprios olhos, davam-lhe rebates duma ameaça cruel: a de resvalar tambem, pouco a pouco, no mesmo pantano.

E elle não queria uma gôta da lama em que viviam tantos sicarios, tantos piratas. Não tinha fóme d'oiro, nem se lhe fechara o coração ainda á luz da Fé.

Não. Via ainda, acima de tudo, Deus e a Patria, Cristo e Portugal, e por uma conquista de terra, por um punhado d'almas remidas, daria ainda contente toda a sua vida.

O que elle vira desabrochar dentro de si, frutificando vergonhosamente, fôra a luxuria, os apetites bestiaes que em Lisbôa lograva dominar tão bem. Nisso, a India vencia-o, envenenava-o, e só tinha algum colapso de frieza naquella febre, quando o invadia a outra loucura — a de pelejar, tomar cidadelas, abrazar navios.

Caía a tarde como uma angustia que cresce, pouco a pouco, ao passo que a esperança se vai desfazendo.

Cercava-o a penumbra, qualquer coisa de dôr e de misterio. E elle, sabendo-se só, julgava-se áquella hora acompanhado, como que por vagas sombras animadas, e cerrava os grandes ólhos, perlados de lágrimas.

A luz pungente do crepusculo animava-lhe o pensamento e feria-lhe o sentimento.

O que nelle havia de efemero e de automatico, a carne, parecia de todo adormentado, e o seu espirito, ganhando uma visão nova e profunda, penetrava a região dos espiritos com a profundeza, tão inteligente e tão assombrosa, da verdadeira dôr.

E então julgou vêr uma figura de joven, d'olhos

verde-escuros, palida como o luar; com um sorriso triste nos labios exangues, mas belos ainda.

E essa figura cresceu para elle, como uma nuvem de fumo com fórma humana. Fitou-o, fez um gesto de angustia e, sem lhe falar, comunicou-lhe, pelo subtil fluido do pensamento, umas queixas tão doloridas, que Manuel de Sousa Sepulveda ficou livido como um cadaver.

O altivo fidalgo iria jurar que estivera ali a infeliz que deixara em Evora, desflorada, ludibriada sem dó.

Mas, abrindo bem os olhos, voltando com tenacidade á vida concreta, Sepulveda viu dissipar de subito a visão e, ainda calafriado, riu-se de si proprio, como se dentro daquella existencia de ferro houvesse uma ridicula creança de que fosse preciso corrigir as fantasias.

Mas a consciencia não o deixava em paz.

A noite ia chegando e, com ella, um invencivel vôo pelo misterio dos seres.

Sem elle poder opôr-se, todo o seu passado lhe gritava á porta do coração, e a inteligencia, sucumbida, quasi miseravel, não lhe dava apoio á vontade, d'ordinario hercúlea, com que afrontava os remorsos mais implacaveis.

E, de subito, muito nitida, muito dolorosa, julgou vêr ainda a figura de Beatriz.

Vinha numa galera escura. Golfando sangue pela bôca, desembarcava em Gôa, a Nova. Percorria a capital da India, a soluçar e a agonisar.

Depois, ia encontrá-lo em Cambaia. Corria para elle entre setas ervadas e peloiros estridentes. Dizia-lhe que estava ali para tudo. E que não fizesse caso da sua magreza de cadaver, nem das suas hemoptises. Tinha ainda vivo e forte todo o coração, e elle a salvaria, amando-a, consentindo-a ao seu lado no

meio de todos os perigos. E elle repelia-a, mas Beatriz, repelida, abraçava-lhe os joelhos e beijava-lhe os pés. A sua suplica era lancinante de humildade; que bem se sabia indigna do nome de esposa, ella, uma miseravel que toda a sua juventude consumira a oferecer-se a um homem. Mas que podia ser uma escrava, porque tinha o direito de morrer por quem amava.

E seguira-se a noite de nupcias com um cadaver. Nunca tivera nos braços carne tão gelada com sangue tão ardente. Mas, ao outro dia, ao romper d'alva, ao curvar-se para ella num beijo piedoso, Beatriz sorrira-lhe sem se mover. Vira-a melhor, palpara-a, auscultara-a, e sempre o mesmo sorriso de felicidade tranquila. Estava morta.

Manuel de Sousa evocou isto, ao julgar ver Beatriz, a aproximar-se, ainda apaixonada, com o seu sorriso de orgulhosa que a paixão convertera em amargura.

E pareceu-lhe sentir a mão fluidica, levemente morna, sobre a sua, como em despedida saudosa. E então olhou, olhou, e nada mais viu.

Mas, no seu delirio, outra figura sucedeu áquela. Era esta a dum homem. Belo, robusto, com a face coberta de lagrimas, o seu olhar tinha, porém, uma terrivel expressão d'odio. Brotava-lhe o sangue, ás torrentes, de dois golpes no pescoço que elle proprio vibrara num desespero sinistro.

E, ao lado, vinha, curvada, negra, ruina torpe duma grande formosura, uma mulher que elle trazia presa por uma corrente de lagrimas e de blasfemias.

Eram as mesmas feições do homem a quem roubara a esposa, o que para o desgraçado foi o mesmo que roubar-lhe a vida na mais demente das angustias.

Eram as mesmas feições da adultera, que raptara, levando-a para longe do lar, e fazendo-a mãe dalguns dos seus filhos, até que, de subito, quando julgava poder amar pela primeira vês na vida uma mulher, ella descaira, fria como uma grande lagrima gelada, na terra dos que apodrecem.

Manuel de Sousa, tomado de terror, consultou com humildade a consciencia.

Porque não repoisava ella nestas horas de silencio e isolamento? Porque é que, quando todos devem ter paz intima, só elle tinha na alma uma guerra tão cruel, que fazia suaves todos os perigos das pelejas em que vivia na India?

E, como um balsamo, lembraram-lhe o olhar, o sorriso, a voz, de Fr. Manuel da Salvação. E, depois, pasmou de como toda a dôr diminuia, de como no meio de tanto desespero e tédio de si proprio, de tédio que chegava a horror, só o pensar naquelle velho, nas suas palavras, nas suas lagrimas, nas suas doçuras repreensivas, lhe vertia dentro de si um bem-estar delicioso, gradual, elevando-o, sem esforço, á fome do sofrimento, entregando-o sem rebeldia ao poder duma justiça, feita de luz e de boa-vontade.

E então toda a epopeia da India, em que elle alevantava um exemplo integro, que o desvanecia, lhe pareceu maior, mais digna, mais completa, como que mais consciente. Não, não se pelejava pelo amor da carnificina. O combate era um instrumento de Deus. Se a guerra parecia abominavel pelas perdas de tantas existencias, era-o mais aos ólhos dos que julgam tudo a vida na terra, insignificancia passageira em face da Eternidade.

Criminosos eram os que matavam por matar, bandidos que se disfarçavam em heróes, piratas que se aninhavam nas galés que o Infante D. Henrique

impelira ao mar profundo. O guerreiro, se o levava o Ideal, se o arrastava o amor-de-Deus e da Pátria, esse tinha, nas batalhas, muito do enviado do Senhor: cada golpe de ferro era um sulco da sementeira da Cruz.

Que pena que elle, em tudo, não fosse digno desse Ideal sublime! Como o encantava agora a pureza austera do Santo Condestabre, castidade que dificilmente transigiu com o casamento na juventude, velhice que não viu melhor abrigo do que o claustro poetico do Carmo!

Nestes pensamentos, alquebrou-se tanto, que ficou como adormecido,

Fê-lo voltar mais á realidade a luz dum candelabro. Trazia-o uma joven parda, de sorriso dorido, macilenta como um espétro.

E a pobresinha, vendo-o de cabeça entre as mãos, respirando com certa angustia, poisou de manso o candelabro, e foi escutar-lhe a respiração.

Dormiria?

Esteve imovel e indecisa alguns instantes.

Depois, animando-se, murmurou-lhe ao ouvido:

— Manuel de Sousa!

O Sepulveda alevantou a cabeça, estremunhado ainda, e mostrou-lhe o rosto pálido, com o suor muito pronunciado na fronte.

— Padeceis? acudiu ella com sincera ángustia.

— Muito, disse elle em tom profundo.

— Que vos dóe? tornou ella com ingenuidade, acariciando-o.

E elle replicou, d'ólhos humidos e brilhantes:

— Ter sido sempre tão amado... e não ter amado ninguem.

E, depois, cingindo-lhe a cintura com um afeto brando que nunca lhe mostrara, continuou com lagrimas na voz:

—Não sabeis que é esta dôr. E' o mesmo que ter coração e elle não bater, sangue e sentir o corpo todo frio.

—E porque não chamais o fisico? disse ella com a mesma ingenuidade.

—Para quê? redarguiu elle com amargura.

—Sim, dizeis bem, tornou ella com simplicidade. Os fisicos só acertam, quando Deus nos não quer levar. Vêde o que elles me têm feito. Sofro cada vês mais, e todos os dias julgo que vos apareço morta no leito.

—Não tenhaes essas ideias, que é pecado tê-las.

—Pois que Deus m'as perdôe, mas eu tenho-as. Oh! e a morte...

—Custar-vos-ia muito morrer?

A canarim fêz-se tão escura como uma noite sem estrêlas, mas não respondeu.

—Dizei—insistiu o Sepulveda—custar-vos-ia muito morrer?

—Muito, Manuel de Sousa.

—Pelos filhos?

—Por vós!...

—E, comtudo, só de mim tendes desgostos...

—Não são de vós: são das mulheres que vos perseguem...

—Porque eu as persigo...

—Porque não pódem resistir aos vossos ólhos.

—Olhos malditos!

—Oh! bemditos! bemditos!

E a canarim beijou-lh'os com paixão.

—Mas, dizei-me, que julgais vós de mim, que vos fui desinquietar a casa de vossos pais onde vivieis feliz e honesta?

—Que tendes uma má estrela.

—Explicai-vos.

—Pois não sofreis por ser assim?

— Sofrer? disse Manuel de Sousa, levantando-se convulso. Conheceis então que eu sôfro?

— Talvês que todos os vossos achaques venham desse padecer de dentro.

— Tendes então um grande dó de mim?

— Tão grande... que, para serdes feliz, não me importava morrer...

— Pois ouvi: eu sôfro tanto, que vou dizer-vos o que ides escutar.

— Dizei, Manuel de Sousa.

— Sôfro tanto, tanto,... que, ouvindo-vos tudo isso, eu, o capitão valente que dizem, e poderoso como tantos me julgam... não posso amar-vos!

— E' de me verdes feia e doente — acudiu, côr da terra, a canarim, contendo as lagrimas.

— Não, não, boa amiga, é de eu ser um condenado para sempre!

E o Sepulveda, espantado do que dissera, parou ao meio do quarto com ar indeciso.

Depois, foi tomar a gorra, pô-la na cabeça, e disse com brandura:

— Não vos agonieis, se eu hoje recolher tarde.

— Ides... a algum sarau? Ide, ide, desanuviai-vos!

— Não, vou procurar o meu amigo.

— Fr. Manuel?

— Sim, o meu fisico.

— Ah! ide, ide. Tambem eu precisava da sua medicina.

O Sepulveda contemplou-a algum tempo com profunda tristeza e, tomando-lhe o rosto com as mãos tremulas de nevrose, beijou-lh'o piedosamente.

Depois, levando a direita á cintura, verificou se levava comsigo a espada.

Parou ainda, como quem vai dizer alguma coisa.

A canarim, deliciada com o beijo, esperava em extasis.

Mas, sem um palavra, o fidalgo encaminhou-se para a porta e saiu.

A canarim correu ofegante á janela, a vê-lo ir.

Manuel de Sousa caminhou para os lados da Sé e desapareceu depressa.

E ella então recolheu-se, entre aniquilada e meditabunda.

Pelo mover dos lábios, via-se que falava baixinho.

No seu passo languido de canarim e de enferma subiu ao outro andar. Em dois pequenos leitos dormiam duas creancinhas de cutis côr-de-perola, risonhas no seu sôno, lindas na alvura radiante dos linhos.

A mancêba de Manuel de Sousa foi-se ajoelhar entre os dois berços.

Depois, beijou um por um os meninos adormecidos e ficou-se a contemplá-los na serenidade do seu culto profundo.

Ouviam-se ao longe os brados das sentinelas da fortaleza de Gôa.

A espaços, sentiam-se passos de cavalaria. A cidade ía adormecendo. A temperatura era morna e suave.

A canarim adormeceu, como um cadaver, entre dois anjos.

V

Para o Estreito de Méca

FINDAVA, trabalhado de sobresaltos para o Governador, o anno de 1540.

Além da fuga de Gonçalo Vaz Coutinho e dos cuidados com a capitania de Baçaim, Estevão da Gama tivera que julgar ásperamente uma grande briga.

Tinham-se tomado de razões por causa duma mancêba dois fidalgos de nome Fernão Drago e Cristovão de Lacerda. Interveio o Governador com prudencia, aconselhando ao Drago, homem de menos valimento do que o Lacerda, que não saisse de casa até se acalmar a furia do inimigo.

Drago, que vivia no primeiro andar do palacio do Governador, obedeceu. D. Estevão da Gama, depois, chamou Cristovão de Lacerda e instou com elle para que se reconciliasse com o Drago. Mas o soberbo fidalgo resistiu a todos os argumentos e pedidos. Foram vãos todos os meios de que o Governador lançou mão com grande brandura.

Vendo isto, Estevão da Gama disse com serena firmeza a Cristovão de Lacerda:

—Pois que assim é, olhai bem o que fazeis,

porque aquelle homem está em minha casa e o tomo sobre mim. Portanto, olhai que não tomeis maus conselhos.

O Lacerda encolheu os hombros desdenhosamente e saiu sem dar resposta.

Dali foi ter com os seus amigos e com elles concertou um plano de morte contra Fernão Drago.

E, um dia que o Governador estava na Ribeira a vêr concluir as naus, entrou á força com muitos dos seus em casa de Drago e caiu sobre elle, de ferros nús. Drago caiu varado por muitas estocadas. Mas acudiu gente do Governador e feriu-se uma refrega sangrenta.

Vinha Estevão da Gama a cavalo para o seu palacio, quando lhe foram dar noticia de mais aquelle motim. Mas muitos pelejadores, que tinham bons vigias, avisados a tempo, fugiram antes de elle chegar.

Chegou a justiça. Foi preso, porque não fugiu, Cristovão de Lacerda, como cabeça do tumulto.

D. Estevão da Gama, inflexivel, muito calmo, disse apenas as palavras precisas para entenderem que o queria degolado na Picota, que ficava fóra da cidade.

Muitos intercederam por Cristovão de Lacerda. Alguns, para ganharem tempo, lembraram o alvoroço que haveria sendo o degolamento fóra da cidade, e disseram que era melhor fazer-se dentro da fortaleza.

A resposta do Governador foi simples e rapida:

—O logar em que El-rei manda fazer justiça aos malfeitores é a Picota. Ao pé della ha de ser degolado. Bem folgaria eu que alguem o quizesse tomar á justiça, para que eu podesse fazer mais cumprimento de justiça nos que fugiram.

No dia seguinte mandou levar Cristovão de Lacerda para a Picota. Entretanto caminhou para a

Ribeira, cobrindo tudo de tropas para prevenir qualquer lance, como o de Gonçalo Vaz Coutinho. Cristovão de Lacerda foi decapitado e D. Estevão da Gama, firme no seu espirito de justiça, perseguiu os principaes cumplices do justiçado, Cristovão de Mello e Diogo Soares, fidalgo galêgo. Mas estes conseguiram fugir e mais tarde os encontrou, como a verdadeiros piratas, na costa de Melinde, o governador da India Martim Afonso de Sousa, que tudo lhes perdoou.

Amargurava-se muito o Governador com estes casos, e só a sua querida expedição a Meca conseguia desanuviá-lo em tantas contrariedades.

Entretanto, mandou vir de Cochim seu irmão Cristovão da Gama, o qual chegou a Gôa com 29 navios, que eram galés, galeotas, caravelas, fustas e dois galéos novos.

Preparava-se ativamente para a expedição.

Mas, estando já ausente de Cochim Cristovão da Gama, morreu o Samorim de Calecut, aliado dos portuguêses. Sucedeu-lhe um principe que jurara vingar as ofensas recebidas do Rei de Cochim por seu pai, e romper as hostilidades com os proprios portuguêses, se auxiliassem aquelle rei.

Era outro grave lance, principalmente porque o rei de Calecut, para provocar o de Cochim, fez pazes muito afetuosas com o rei de Cranganor.

E, assim aliados, mataram dois naires do rei de Cochim que faziam guarda ao pagode de Cranganor.

Afrontou-se logo com isto o rei de Cochim e deu largas ao seu desespero em protestos de vingança sangrenta. Não houve conselhos que o demovessem de fazer guerra a Cranganor.

Estevão da Gama, que conhecia bem a India, viu depressa os perigos de se envolver numa guerra tão pequena, quando o seu pensamento era mais alto.

Quiz manter a neutralidade. Mas os portuguêses da feitoria de Cochim, sem esperarem ordens de Gôa, tinham saltado já em terras de Cranganor.

Com grande e trabalhosa diplomacia convenceu o inimigo do rei de Cochim de que só á leviandade dalguns soldados ignorantes se deviam as hostilidades portuguêsas. O rei de Cranganor, emfim, convenceu-se disso, e Estevão da Gama conseguiu afastar mais uma guerra inoportuna.

Cada vês mais entusiasmado com a expedição ao Estreito de Meca, o Governador adiou ainda, para quando voltasse, uma questão com o rei de Cambaia por causa da guerra de Baçaim.

Entretanto, chegara Martim Afonso de Mello, requerendo prisão para o rei d'Ormuz, onde Martim Afonso era capitão da fortaleza.

Estevão da Gama afastou ainda este estorvo, mandando proceder a uma devassa. E, finalmente, no primeiro dia de Janeiro daquelle anno de 1541, estava pronta para ir a Meca a frota, que levava dois mil soldados. Estevão da Gama já confiara o governo ao veador da fazenda.

Era domingo. Toda a Gôa foi ao caes vêr partir a armada. Celebrou missa o bispo D. João Afonso d'Albuquerque. Depois, sairam todos da Sé com grande pompa, em procissão.

O embarque fês-se no meio dum verdadeiro festival. Beijou o Governador o retabulo de N. Senhora e entrou na nau. Deitou solenemente a benção a toda a armada o Bispo.

Quando deram á vela, toda a Ribeira era um mar de cabeças, de gritos, de aclamações. Tangiam charamelas e atabales; acenavam com panos e bandeiras. Ribombou nisto, cava e formidavel, a artilharia da fortaleza. Responderam, do mar, as fustas com grande espingardaria.

Foi dormir a frota no mar alto.

Ao outro dia, ainda voltou Estevão da Gama, num catur, a Gôa por vêr que faltavam algumas fustas.

Mas regressou depressa á armada. Correu logo esta a costa até á grande praia de Bardez e dali aos Ilhéos Queimados, ou seja um grupo de numerosas ilhasinhas, das quaes dez se destacavam muito, sendo cinco mais proximas da terra firme, mas todas sêcas, sem um sorriso de verdura,

Passado o caminho entre a aguada de Gôa e a ponta de Bardez, costa da qual escorriam seis rios, sendo os mais poderosos o Chaporá e o Bamdá, navegaveis para galés, e o segundo o mais caudaloso e imponente, chegou a armada, 13 dias depois, a Socotorá, fugindo a um temporal, que lhe roubou uma fusta, metendo-a a pique.

Só no dia 19 poderam afrontar o oceano. Entre varios lances, apertados de ameaças das ondas, viram chegar de Chaul, numa fusta, Duarte de Mello que ia saudar o Governador. Estevão da Gama lisongeou-se com a homenagem, mas, ao passar a armada pela fusta, Duarte de Mello, que lhe fazia as saudações mais vivas, desequilibrou-se, caiu ao mar e nunca mais foi visto.

— Parece tudo mau agoiro — disse o Governador com grande tristeza.

Mas logo, cheio de energia, mandou proseguir viagem. E a frota navegou. Porém, numa noite, o temporal reapareceu, cavando abismos de espuma e alevantando muros verdenegros. Rompeu-se a ordem de marcha da armada. Um impeto furioso de mar cortou á frota um braço de oito naus, comandadas por Cristovão da Gama. Quando veio a bonança, tinham desaparecido todas no misterio da imensidão das aguas.

O Governador julgou-as apenas atrazadas. Depois compreendeu que se tinham transviado. Para as reunir ao corpo da frota, mandou logo tres caturés ás ordens de D. Luis d'Ataide, Miguel Carvalho e Antonio Pereira com ordem de seguirem até ao porto dos Malemos á boca do Estreito. Seguiram. Encontraram realmente lá os desgarrados para os quaes, segundo as instruções, procuraram pilotos em terra.

Entretanto, o governador arribava a Aden. No dia 28, estava junto ás naus de Cristovão da Gama.

Findavam as primeiras angustias. A frota, ao ver-se inteira de novo, fês um grande festival em que a artilharia salvou com estrondo.

Entretanto, tinham noticias de grandes preparativos do inimigo, já avisado. A armada surgira no porto de Bandel. Mandou Estevão da Gama procurar pilotos em Beibolo. Mas encontraram apenas os restos duma povoação que os proprios moradores tinham queimado, fugindo logo para o sertão.

Estevão da Gama via que o inimigo tinha grandes avisos, mas não descoroçoou. Deu logo ordem para navegar, indo á frente Cristovão da Gama, seu irmão, o qual, guiado por um piloto moiro que traziam de Diu, entrou no canal do Abexim.

Mas, ao anoitecer, caiu a borrasca de subito. Quebrou-se novamente a ordem de marcha com o panico. Procuravam as naus, com angustia, os abrigos que se lhes deparavam.

Só ao romper do dia seguinte, a frota voltou a estar toda reunida.

Tocaram então numa ilha, a muitos kilometros de Maçuá.

Desembarcando, mataram um camêlo que lhes apareceu, e logo deram á ilha o nome de Camêlo. Olhando á roda, viram mais ilhas. Correram-nas

e tomaram cabras e vacas que encontraram pastando.

Numa destas ilhas saltou Fernão Lourenço de Lima com doze homens no seu catur, deixando os outros a governar o barco. Pretendiam procurar gados, para os tomarem.

Mal tinham dádo alguns passos, porém, veio uma nuvem de indigenas. Caiu sobre Fernão de Lima e os seus uma terrivel saraivada de pedras.

A defeza era impossivel. Antes de poderem resistir, estavam cercados e cobertos de feridas. Pouco depois, caiam todos cheios de sangue, com grande desespero dos poucos que guardavam o catur.

Estevão da Gama, sabendo isto, teve repelões de vingança e presentimentos de maiores desastres.

Mas, sempre tenaz, ordenou que déssem de novo á vela.

Sem maiores incidentes, seguiu a frota. Tocaram, ao outro dia, na ilha de Dalaca.

Cercaram-na logo os catures. Desembarcaram soldados bem apercebidos.

Deparou-se-lhes uma cidade grande, com casas baixas, construidas á europeia. Mas estava deserta, sem gente e sem gados. Apenas poderam beber da excelente agua das cisternas, que eram numerosas e vastas.

Depois disto, foram ter com Cristovão da Gama, que ia sempre á frente, a Maçuá. Eram 11 de Fevereiro. Ali soube Estevão da Gama dos acontecimentos do reino do Preste João, onde, por morte do soberano, havia uma invasão de vizinhos a aproveitarem-se das antipatias que muitos sentiam pelo herdeiro do trono.

Em Maçuá reparou o Governador toda a frota e, reunindo conselho, deliberou deixar ali as embarcações grandes, fazendo capitão-mór Manuel da Gama, e só levar as pequenas até Suez.

Eram 20 de Fevereiro quando Estevão da Gama saiu de Maçuá, talvês com mil homens. Aquella viagem ao longo da costa da Abissinia era perigosa e lenta, porque só navegavam de dia por causa dos baixos e das restingas.

Vendo esta demora, o Governador mandou seguir depressa seu irmão Cristovão da Gama a tomar a ilha de Suaquem e a sua cidade, não deixando escapar os habitantes, para os obrigar a darem-lhe piloto até ao Suez.

Eram 500 kilometros de viagem. Para Cristovão da Gama não havia, porém, dificuldades.

Em poucos dias chegou a Suaquem, mas encontrou-a êrma como Maçuá.

Mas Suaquem, cidade rica, de edificios monumentaes, não fôra abandonada com o preciso vagar. Encontraram-se muitas mercadorias, viveres, e barcos no rio. Além disso, o rei de Suaquem ficara com a sua guarda de quarenta rumes.

Cristovão da Gama quis respeitar o soberano. Mandou-lhe dizer por Antonio Pereira que lhe mandasse um homem da sua confiança para servir de moço dos recados que pretendia enviar-lhe.

O rei não se demorou em fazer-lhe a vontade. Veio um moiro circumspéto e respeitavel.

Recebeu-o fidalgamente D. Cristovão da Gama e por este moiro, que foi acompanhado de Antonio Pereira, pediu aliança de paz e os pilotos de que a frota carecia.

Reuniu o rei o seu conselho. O capitão da guarda então disse que muito se admirava de que um Governador da India se arriscasse assim pelo Estreito dentro, porque, se os turcos o soubessem, decerto estaria perdido.

Antonio Pereira replicou com desdem:

— Veio o Governador até aqui á busca das ga-

lés dos rumes. Como as não acha, irá buscá-las ao Suez para as queimar.

As negociações fôram proseguindo. O rei de Suaquem chegou a prometer entregar os rumes, dos quaes se queixava, se os portuguêses o assegurassem contra as represalias dos compatriotas delles, que não se demorariam a vingá-los. Como Cristovão da Gama não podia prometer tanto, o rei mandou dizer que não estava disposto a ficar em guerra com o poder dos rumes, emquanto o Governador se recolhia á India muito socegado.

D. Cristovão da Gama, furioso, mandou-lhe um ultimatum: ou mandar-lhe grande soma de dinheiro, ou arriscar-se a ver queimada toda a cidade.

O soberano prometeu logo dar o dinheiro, mas exigiu refens para segurança da povoação.

Nisto, chegou a frota do Governador. Era no dia 1 de Março. Estevão da Gama enviou logo ao rei Vasco da Cunha, a pedir pilotos. O moiro foi-o entretendo com evasivas, emquanto não lhe chegavam soccorros que já pedira a ocultas.

O Governador compreendeu o manejo. A 8 de Março, invadiram Suaquem, fazendo grande saque, incendiando toda a cidade.

E no dia 10 fês-se de véla a armada. A expedição ia gloriosa pelo Estreito dentro, mas, apezar do valor de todos, tinha de merecer este juizo de Manuel de Sousa Sepulveda ao ouvido do Governador:

—Não foi mais do que uma correria de malfeitores, senhor.

E, como D. Estevão da Gama se doêsse, o antigo capitão de Diu acrescentou:

—Não vos agasteis. São isto saudades de verdadeiras pelejas.

VI

Tempestade ao longe

PANTALEÃO DE SÁ ouvia seu pai com grande mau humor, nervosamente.

Era todo elle das irmãs, principalmente da mais velha, e achava-as muito moças ainda, para que pensassem já em desposá-las, em escravisar-lhes a juventude. Garcia de Sá, d'ordinario alegre e tolerante, andava sombrio, pouco ria, como se tivesse mudado, de subito, de compleição.

Comtudo, quanto a Leonor, respeitava-lhe tanto a natural magestade, que chamára o filho para, numa afetada confidencia, a ir informando indiretamente da firmeza dos seus propositos, cada vez mais claros.

Era então Garcia de Sá um velho gentil, de barba alvissima, muito longa, a descer-lhe, em ondas puras, sobre o coração tão puro como ellas. De estatura mediana, mas desempenada, de rosto belo, radiante de franqueza e aféto, inteligente e prestavel, tão sincero amigo da sua patria como da sua propria honra, tão incapaz de mentir como de usurpar um maravedi, honrado, valente, encantador de maneiras, a sua figura de velho era talvez a mais formosa da India naquelle tempo, a mais veneranda.

Era proverbial a cultura da sua inteligencia mas não menos o era a doçura do seu caráter, jovial e afétuoso, incapaz duma doblez, ou dum rigor intolerante.

Nas pelejas, comtudo, o seu valor ainda era extraordinario. Mas combatia, porque amava; combatia sem o rancor dos sanguinarios e sempre com a luminosa bravura dos abnegados, dos quasi-santos.

De boa linhagem, 5.º filho de João Rodrigues de Sá, o 1.º alcaide-mór da cidade do Porto, viera para a India na armada de Diogo Lopes de Sequeira que chegára a Gôa em setembro de 1518.

Os seus serviços eram eminentes. Como capitão de Malaca encheu-se de gloria. Intrigado pelos reptis das côrtes de Lisboa e Gôa, tudo vencera com o eloquente testimunho da sua pobreza que Nuno da Cunha verificou com assombro, acendendo-se depois no fogo do protesto.

Substituido em Baçaim, vivia agora em Gôa, donde se ausentava ás temporadas, mas cada vês menos, porque os seus annos tão trabalhados iam-se turvando de achaques, iam-no derrocando.

E a sua mediania de recursos obrigava-o a pensar com alvoroço no futuro de Leonor e Joana, suas filhas. Não era rigorosamente pobre; tinha talvês o bastante agora, depois de rehabilitado e de melhor recompensado, para ellas viverem com um pouco de desafogo; mas Garcia de Sá sonhára sempre para ellas tão grandes fortunas, que tudo lhe parecia escasso, a não entrar pelo superfluo, a não ser opulencia de principe oriental.

Havia muito que o tomara, inexplicavelmente, uma forte simpatia pelo capitão d'Ormuz, Luís Falcão.

Já desse aféto dera rebates aos ouvidos das filhas. Mas, inteligente, pareceu-lhe que ellas repe-

liam o projéto e evitou tocar mais nisso, esperando que mais se adiantassem na edade, chegando-lhes o senso pratico que vem depois dos sonhos e das fantasias.

Ultimamente, porém, ia-se sentindo mais quebrado, mais enfermo. Não lhe parecia iminente a chegada da morte, mas desejava dispôr tudo com tempo, como bom estrategico, numa disposição serena de luta.

— Não vos parece, pois, um excelente consorcio? perguntava elle ao filho com alguma aspereza.

Pantaleão de Sá fez um gesto de impaciencia e não respondeu, deixou ficar os olhos fitos no pavimento.

— E' um bom cavaleiro, de grande linhagem e de grande futuro — continuou elle, franzindo a sobrancelha de neve, contendo-se com dificuldade.

Pantaleão de Sá ficou mudo como estava e nem sequer fez um gesto.

— Emfim, volveu D. Garcia, sabeis o que espero de vós? Que a vades convencendo...

— Qual? perguntou o filho então com frieza, com uma frieza adoçada pelo respeito.

— Leonor, pois quem? E' a mais velha... e a mais formosa.

— Ainda tão moça...

— Mas ninguem o dirá. Está senhora feita ha muito, que na India tudo vem depressa. E não sabeis de tantas, desposadas aos 13 e até aos 12 annos?

— Sim, pai. Mas, se ella não puder ter aféto a Luís Falcão?

— Já vo-lo disse?

— Não, senhor meu pai. Mas não poderá suceder?

— Conheceis-lhe já amizade a alguem?

— Juro-vos que não.

— Que quereis então dizer?

—Que póde não amar ninguem e não poder vir a amar o capitão d'Ormuz.

Garcia de Sá não deu logo resposta. Ficou d'olhos pregados no chão durante alguns minutos. Depois, com a sua antiga afabilidade, tornou-lhe, dominando-se por completo:

—Mas não lhe imponho isto para já. Luís Falcão ainda nem pensa em tomar estado, apesar de já varão. Falou-me della com prazimento, que eu bem o entendi, mas só para quando lhe acabar o tempo d'Ormuz.

—Então para que apertar com Leonor?

—Leviano vos mostrais, perguntando isso—acudiu D. Garcia de má sombra. Para quê? Para se não prender com ninguem, perdendo um marido de vantagem.

—E conhecei-lo vós bem?

—Conhecei-lo então vós?

—Fidalgo soberbo, duro de coração...

—Fiais-vos de invejosos afeminados? Quereis um capitão d'Ormuz com doçuras de dama?

Pantaleão de Sá encolheu ligeiramente os hombros, e não respondeu, nem se moveu.

—Quanto a Joana—continuou Garcia de Sá—tenho um projeto não menor...

—Até essa, senhor meu pai?!... disse então o moço.

—Que me dizeis a D. Antonio de Noronha, filho do finado Viso-Rei?

—Mas que é um magnifico cavaleiro!—acudiu, jubiloso, Pantaleão de Sá, de face iluminada.

—Pois esse tenho pensado em ser o esposo de Joaninha.

—Melhor ideia acho eu essa vossa.

—Como? perguntou D. Garcia, deveras contente e um pouco assombrado. Por ser talvês o fidalgo mais belo da India?

— Não, senhor meu pai; é porque...
— Dizei, dizei.
— Não o revelais?
— Juro-vo-lo, filho.
— Joaninha tem grande afeto a esse moço.
— Disse-vo-lo ella?
— Alguem m'o disse.
— Talvês Leonor...
— Perdoai que nada mais sobre tal vos diga.
— Calmai-vos, senhor guarda dos segredos! clamou satisfeito D. Garcia de Sá, passeando com animação. E, levantando-se, com a antiga jovialidade, acariciou as barbas do filho, como se este ainda fôra criancinha, e foi respirar á janella em alivio franco, d'olhos claros, radioso de alegria.

Nesse momento atentou em alguem que passava na rua, e gritou-lhe de cima com a sua voz cheia:

— Não vos praz descançar?

Só elle entendeu em cima a resposta, dada em voz sumida, voz fatigada, de velho.

D. Garcia, voltando-se para o filho, explicou, pouco depois:

— E' Fr. Manuel da Salvação. Vai para o paço.

Depois, recolheu-se e pôs-se a falar sobre a expedição ao Estreito, donde vinham novas de grandes devastações no inimigo, de incendios de cidades, de grandes feitos a ferro e fogo.

Garcia de Sá, que recuperara a antiga alegria, poucas vezes a desabafava como agora, com tanta febre, com tanto alvoroço.

Desejava ter pretexto para dizer muitas palavras sonoras, para comunicar a todos o grande jubilo duma esperança legitima, e não o encontrava, principalmente porque o filho estava grave, com sinaes de apreensivo, descaindo-lhe a satisfação no temor.

Emfim, o antigo capitão de Malaca, não podendo conter-se, perguntou a Pantaleão de Sá:

—As vossas irmãs? Onde estão as vossas irmãs?

—Julgo-as no jardim, senhor meu pai.

—E' justo, é justo: que flores bem formosas são ellas.

E saiu em sua procura.

Pantaleão de Sá, ficando só, abismou-se na tristeza doente a que era atreito.

Amava sua irmã Leonor com uma religião tão pura, que tudo que a magoasse a ella o trespassava de dôr muito maior do que a que podia sofrer Leonor.

Cheio de saudades duma mulher amada que lhe morrera havia pouco tempo, até essa querida sombra lhe esquecia, quando qualquer desgosto vincava, de leve que fosse, o rosto divino de Leonor.

Parecia ter ficado no logar da mãe para velar por ella, e tanto o pensava, que tinha remorsos de não prevenir as menores contrariedades que, por acaso, molestavam a irmã.

E, naquelle amor modelarmente fraternal, havia um respeito tão sagrado, que, deante della, todo o seu aféto era uma humildade, que parecia fanatismo.

Leonor prezava-o muito, sabia-o muito seu, mas nunca vira bem quanto elle se apequenava para a fazer só grande a ella. Habituada a ser rainha, nem dava pelos extremos delicados daquelle seu cortezão com devoções de verdadeiro sacerdote.

Percebera cedo Leonor os projétos de Garcia de Sá com respeito a Luís Falcão.

Cedo se habituara a repeli-los, a pensar em os repelir, apezar de nunca seu pai lhe ter falado delles abertamente.

Abrira-se com o irmão e havia uma repugnan-

cia tão grande pelo capitão d'Ormuz na sua confidencia, que Pantaleão de Sá jurara a si proprio opôr a propria vida, se seu pai não abandonasse o plano. Mas Garcia de Sá não voltara a falar nisso.

Occupado com as refregas de Baçaim, pareceu esquecido de tal, e, se, depois, em Gôa, um dia, apresentou em sua casa de novo Luís Falcão, que viera receber instrucções e dinheiro do Governador, D. Garcia apenas insinuára o projecto, sem consultar a filha, sem mostrar mesmo com clareza a qual dellas o destinava.

Mas agora era evidente que o velho projecto reaparecia e apontando claramente quem nelle era envolvido.

A energia de seu pai revelara-se de todo numa completa obstinação, amolecida apenas muito passageiramente por ver d'acordo com os delle os sonhos da outra filha, de Joaninha.

Nestas lucubrações, apunhalava-o, mordia-o, uma angustia infinita.

Via o perigo, via a tempestade, via a luta.

Conhecia o animo e a sinceridade de Leonor. Muito inteligente, muito firme de resolução, até na quasi virilidade do caracter lembrava ella uma grande rainha.

Amava Leonor a seu pai, como amava todos os seus, com abnegação, mas com dignidade singular.

No fundo da sua alma o que predominava, afinal, devéras, ainda mais do que a indulgencia, era o profundo amor da justiça.

Incapaz de mentir como seu pai, era, como elle, incapaz de fingir e de transigir.

Prezava a grandeza, o bem-estar, uma certa pompa: mas preferiria a fóme a rebaixar o caráter.

Não tinha ambições d'oiro ou prestigio: julgava-se com o direito a ser opulenta e adorada.

Mas, se lhe dissessem que, para ser grande ou venturosa, teria de pôr uma máscara no rosto e sorrir a quem detestasse, ella preferiria a indigencia, a agonia, a morte, sem vacilar um momento.

A's vêses, tinha impetos de dureza: era só quando lhe falavam na necessidade de lisongear um defeito.

Mas esta quási austeridade era prodigiosamente aliada nella a uma ternura, tão profunda, que parecia inverosimil em tão rigorosa tempera.

E o seu amor era profundo, desinteressado, duma saúde esplendida. Não tinha os graciosos histerismos de Joaninha, nenhuma das suas meiguices doentes, que no desfechar dos risos, acusavam, ás vêses, estranho sabor a lágrimas. Quando acariciava, como que protegia: não suplicava.

Amava como quem se abnega, mas como quem julga que o objeto do seu amor se abnega egualmente.

Isto nos afetos pelo pai e pelos irmãos, no afeto ás suas amigas, que do outro amor não experimentara ainda rebates e delle muito se receava, de tão falso e dificil de correspondencia que o supunha.

Pensando nesta psicologia de Leonor, Pantaleão de Sá tinha naturalmente grandes torturas íntimas.

Mas, de repente, pareceu animado por uma ideia inopinada, redentora como uma aparição de Deus.

E pôs-se a discutir comsigo.

Porque não procuraria Luís Falcão, quando elle viesse a Gôa?

Não poderia dizer-lhe, com prudencia, o inexito certo das suas pretensões?

Homem violento e duro, mas altivo, não preferiria elle ver prevenida uma recusa humilhante?

E, se elle insistisse? Mas de que servia, afinal, a Leonor o afeto do seu irmão? Não tinha elle mil pretextos para obstar a tudo, até á força da espada,

se fôsse preciso, forjando e provocando uma afronta, facil de surdir diante da prosapia do capitão d'Ormuz? Não era elle capaz de ir até aos ultimos sacrificios?

Vinha ainda longe o perigo inteiro: mas, porisso, não o podia remover com mais vantagem?

Pantaleão de Sá, refletido isto, ficou de rosto sereno e aberto, com a força augusta da Fé.

Correu á janela a ver o movimento da rua, sinuosa e estreita como um corredor de alcaçar moirisco. Viu, sem a distinguir, num nevoeiro, a multidão em azafama. Dispôs-se a recrear um pouco a alma com aquelas marés humanas.

Mas, nesse momento, voltava seu pai num passo tardio e inseguro.

Carrancudo, nervoso, rubro de cólera, acercou-se do filho, que mal teve tempo de voltar-se, e descarregou uma violenta punhada no peitoril da janela, de dentes cerrados e ólhos turvos.

Depois, mordendo os labios com o gesto dos que se obstinam, gritou num destempêro:

—Leonor, a vossa irmã, disse-me que o meu projecto, para hoje, para amanhã, ou daqui a annos, é grande sandice. Ouvistes? E' preciso que a vades convencendo. E' preciso, ou eu deixo de ser D. Garcia de Sá.

O filho estremeceu, descórou, mas nada disse, ficando d'olhos pregados na parede.

—Ouvistes? rugiu D. Garcia, colerico como nunca, alevantando a cabeça branca num rasgo leonino.

—Senhor, sim—murmurou o filho surdamente, cheio de paciencia.

—E compreendeis o vosso papel?

—Não, senhor meu pai.

—Tambem vós?! vozeou, um pouco teatral, o antigo capitão de Malaca.

— Tambem eu — disse, com tranquilidade gelada, Pantaleão de Sá.

— Atentai no que dizeis — tornou D. Garcia, chegado á maior cólera.

Pantaleão de Sá não replicou e fês um movimento de tédio que encobria revolta.

A isto, Garcia de Sá, brutal pela primeira vês, cresceu para elle, como para agredi-lo, d'olhos cerrados, de rosto em braza.

Mas o humido e sereno olhar do filho conteve-o, envergonhou-o, venceu-o.

Voltou-se então de golpe, arrepelando as barbas alvissimas, e saiu com menos impeto do que entrara, mas com o rosto mais pendido, com uma pontada extranha no meio do coração.

VII

A culpa dum justo

A ESPADA de Portugal — a espada e a ancora — a gloria dos nossos soldados, servira, como pudera, mas com um heroismo digno da Iliada, digno dos Lusiadas, o Christianismo e, portanto, a Civilização.

Não tinham ido tão longe as Cruzadas em epopeias: tinham só agora alguma similhança nas ignominias que a corrução deixava, ferretes e escandalos na face da obra pura.

Portugal estava na India pela Fé; pela Fé animava tudo quanto possuia de glorioso: mas a branca espada já se transmudava em alvião de mina; procurava mais os veios do oiro, do que os ferros dos gentios e dos turcos: procurava mais o lodo, do que as trevas, para as illuminar e fecundar.

Mas a Cruz vigiava a Espada. Deus fazia guarda á sua vinha. Os maus rendeiros tinham a sentinela da Justiça á porta dos templos que teimavam em fazer antros. O Espirito vigiava a Carne.

Os dois aliados, a Espada e a Cruz, continuavam a obra no mesmo caminho, no mesmo combate; mas aquelle que era incoercivelmente ideal não se

seduzira, por fortuna, com a vegetação luxuriante que encobria ao outro um pantano profundo, em que se atolava só porque era por natureza mais mundano, mais das paixões da terra.

Os portuguêses ainda eram heróis: o que doía é que tambem eram piratas. E' horrivel quando as fôlhas das espadas tem bôcas: então esses gumes mordem como dentes.

Porisso os planos geniaes de Afonso d'Albuquerque emocionavam os heróis da India, mas não podiam ter a realisação luminosa que lhes sonhara o grande general. Nasciam da luz e desfechavam na penumbra. A expedição ao Estreito de Meca com o genio de Afonso d'Albuquerque, e com a virtude ainda esplendida da maior parte dos seus capitães e soldados, teria sido a corôa eterna da obra da India, da Civilisação Moderna: com Estevão da Gama, apezar das suas qualidades, e com os seus soldados, apezar dalguns ainda dignos do recente Passado, foi simplesmente uma correria audaz, mais aventura de corsarios do que victoria de conquistadores. Não tinha sido uma tempestade: fôra uma ventania esteril.

A Fé descaira dentro daquelles peitos d'aço, pelo que perderam a tempera e se amoldaram em ambições estreitas, arraigadas pelo egoismo. Acima da Crença, rugia principalmente o devorismo.

Mas Jesus velava, como sempre. Espirito sublime, viu o Evangelho feito envólucro de lodo e mandou luz ás almas, para que o seu encêrro transformasse o limo em pérolas.

Com um grande amor ao Ideal, amor de fidalgo antigo, amor cavalheiroso, amor intimo como o amor que resume toda a nossa vida, Francisco de Xavier saira, havia muito, do seu solar da Navarra para os estudos de Paris, e da França para a vida combatente de Roma.

Basco-navarrês, rico do vivo sangue dos Jassu e Azpilcueta, nascêra em Xavier a 7 de abril de 1506.

Encontrou, vendo a luz, a pompa, a fortuna. O seu solar era uma côrte. Seus pais, D. João de Jassu e D. Maria Azpilcueta, eram fidalgos de linha, religiosos, mas poderosos, francos e lavados como as serras da região.

Sim, o poder, o oiro, as honras, não brilhavam tanto nelles como a pureza, a caridade, a devoção profunda.

Acima de fidalgos, eram crentes.

A espada de Jassu não descançava na bainha por covarde: mas o valor não lhe tolhia a bondade profunda do coração, parece que a fazia mais enternecida. A Cruz e a Espada no senhor de Jassu viviam tão brilhantes e dignas do Ideal, como na alma generosa do filho de Branca de Castela, de S. Luís.

Francisco de Xavier viveu aquela vida de grandeza até 1512, anno em que o solar de Xavier sofreu brecha da desfortuna.

Naquelles annos tenros, entretanto, a sua alma revelou-se toda — primeiro que tudo, sincera e ardente.

Como diz quem o conheceu, o dr. Navarro, Francisco de Xavier era duma doçura admiravel de caráter. Duma inteligencia penetrante, o seu coração era afetuoso sem exagêros, tinha o aféto da sinceridade, tinha a sinceridade da verdadeira abnegação.

Tinha a polidês da caridade, inatamente. Religioso por indole, a sua fé não procurava severidades: conprazia-se numa jovialidade sadia e comunicativa. Transbordava delle a alegria da consciencia em paz.

A sua paixão unica era saber, possuir as qualidades dum perfeito fidalgo, ser digno dos seus.

Aos 6 annos era assim Francisco de Xavier.

Esperavam, pois, delle um brilhante soldado, um pelejador galhardo.

Não tiveram decéção rigorosa. O seu espirito militante persistia: o campo da batalha da sua escolha é que não foi o das armas; foi o das ideias; foi o da Fé.

Entretanto, João de Jassu entrava na vida diplomatica. Depois, morrendo, deixava perdida a fortuna, já em ruína desde 1512.

Ficou a Francisco de Xavier um segundo pai em seu avô Martins de Azpilcueta, o marido de D. Joana Aznarez. Francisco de Xavier não deplorou o luxo que vira até 1512 no seu solar. A modesta vida que teve de 1516 a 1521 achou-a tão alegre, como se o castelo de Xavier fôsse em tudo — opulencia, fragor d'armas e honrarias — o grande paço de Jassu dos seus avós, fortaleza realenga a cinco kilómetros de S. Jean-Pied-de-Port, nas cumiadas nevosas da Navarra.

Risonho, heroico, simples de costumes, o moço estudava e orava. Preparava-se assim para as batalhas queridas, para os perigos da luta pela Fé, dando á alma destreza e pureza, vigor e bom sangue.

Seus irmãos sonhavam-no em refregas sangrentas á roda da bandeira da Patria, illustre e celebre, glorioso como o Cid. Havia apenas uma diferença, embora profunda: Francisco de Xavier queria bater-se tanto pela Patria como pela Humanidade, não derramando o sangue alheio, mas oferecendo o seu.

Ao chamarem-no para o campo da batalha, sorriu, e mostrou a sua espada: a cruz do Calvario.

Não houve que demovê-lo. A 25 de Outubro de 1525 chegava a Paris. Ia completar a sua educação mental. Até 1529 residiu no grande coração da Europa.

Ali se afeiçoou a Inacio de Loiola: ali se alistou na cruzada do soldado de Pamplona.

De 1537 a 1540, Francisco de Xavier viveu na Italia. Sempre jovial e sempre puro, sempre estudioso e sempre sincero. O seu sonho fortificava-se. Era ir derramar luz nas almas que vivessem nas trevas. Era combater com a palavra e com o exemplo tudo que o espirito do mal semeára á custa da ignorancia e da perfidia.

Não sonhava uma honraria, um poder, um punhado d'oiro. Porisso a sua face era lisa, sem rugas de paixões, sem tristezas de ambição estreita, da embriaguês que nunca mata, e antes excita, a sêde e a febre.

Nesta ancia pura, o colheu de surpreza a missão na India. A uma carta de André Gouveia que perguntava, em nome de D. João III, se algum dos religiosos da Sociedade de Jesus podia ir missionar na India, respondêra afirmativamente, em nome dos seus confrades, o padre Le Févre, a 23 de Novembro de 1538.

Xavier viu nomeado para a missão da India Nicolau de Bobadilla, impetuoso, talvês agressivo na sua Fé, homem chão e austero, que de Palencia, sua terra, fôra tambem estudar a Paris. Uma missão é um combate. Estava bem escolhido Nicolau de Bobadilla.

Resignou-se, suspirando, obrigado pela obediencia, Francisco de Xavier. Dentro da sua alma ficou decerto a doer-lhe a nostalgia mais extranha do coração humano: a nostalgia dum país que se viveu apenas em sonho.

Mas, de subito, o que lhe parecera utopia, ficou realidade. O que esperava muito ao longe, tornou-se próximo.

Bobadilla adoeceu; não podia partir e, a 10 de Março de 1540, sabia-se na côrte de Lisbôa, que o missionario da India seria Francisco de Xavier.

O filho de João Jassu teve o jubilo maior da sua vida: o heroismo de Portugal teve o melhor aliado.

Era uma força herculea contra os dois maiores inimigos então da nossa Patria: a barbaria e a corrução.

Francisco de Xavier seguiu para Lisboa. Em Portugal penetrou elle a lama da côrte de D. João III com grandes golpes de fé. Por Lisboa estudou Gôa, fazendo os primeiros exercicios da sua grande luta no Oriente. Francisco de Xavier retesava os musculos com um ardor brilhante e decidido e já ia com prestigio de valente capitão.

E, a 7 de Abril de 1541, depois dum sermão enternecido ao povo que enchia a praia de Belem, partiu em direcção a Gôa, na armada de Martim Afonso de Souza. Acompanhavam-nos dois padres, *micer* Paulo e Monsilhas.

Os cristãos da India esperaram-no com anciedade durante longos mêses. D. João Afonso d'Albuquerque, o bispo de Gôa, todos os dias confidenciava a Fr. Manuel da Salvação as suas esperanças, puras e abnegadas como a sua estamenha de franciscano, escura e, comtudo, transparente como o cristal.

Já o bispo, nomeado para a Sé da India a 12 de abril de 1537, trouxera de Lisboa a noticia dos anélos indomaveis de Xavier, anélos que o filho de João Jassu comunicava, por um presentimento constante, a todos os padres portuguêses, a todos que amavam as glorias de Portugal.

Cristo alentava-os assim, dando-lhes o rebate dum grande auxilio. O Ideal recompensava os seus martires.

Mas o apostolo não chegava e a anciedade crescia dolorosamente.

Findára o anno de 1541. O desgosto dos cristãos

da India era enorme. Não havia em Gôa a menor noticia; só se falava em naufragios, ou carnificinas de cafres.

Entrado o anno de 1542, todos os dias D. João Afonso d'Albuquerque dizia ao seu velho amigo o que dentro d'alma lhe corroia as esperanças. E Fr. Manuel da Salvação, habituado a sofrer, enxugava duas lágrimas, e orava com ancia, obstinado, comtudo, na sua grande Fé.

Naquelle dia, manhã dos principios de Março, o bispo de Gôa parecia de todo desanuviado.

Fr. Manuel encontrou-o d'olhar brilhante e sereno, como que em extasis. Sorria e o sorriso falava por todo elle.

—Boas-novas? perguntou o velho frade, a medo ainda, embora bem esperançado.

—Boas-novas que, ha muito, desejavamos saber—respondeu-lhe D. João Afonso com triunfal alegria.

—Que dizeis? tornou o frade com o mesmo jubilo santo, atendendo-o, d'olhos humidos de boas lágrimas.

—Que ha novas seguras do que foi feito da frota de Martim Afonso de Sousa em que vem o nosso missionario.

—Salvo?! Meu Deus! Porque duvidaremos nós tanto de vós?

—Depois de muitos perigos e trabalhos, como a Deus prouve...

—Compreendeis a minha ancia, a minha angustia...

—Não vo-las retardarei sem luz, Fr. Manuel, bom amigo. Vem o P.e Francisco Xavier com os padres Paulo e Monsilhas na armada de Martim Afonso de Sousa...

—Bom soldado que aqui foi na India, apezar de muito duro por vêses de coração.

—Mas, em setembro do anno passado, ergueu-se grande mar contra a frota. Estiveram em risco todas as náus de irem a pique. O homem que veio, com alguns, de mar em mar, até trazer a noticia, passou grandes calamidades, porque se desgarrou numa fusta e, batido de ventos e vagalhões, só por milagre acaba de arribar á India. Pintou-nos elle os horrores da viagem e como a frota teve de abrigar-se em Moçambique d'onde só neste mês de Março poderá ter monção que a traga a salvamento...

—Louvado seja Deus!

—E vêm algumas noticias tristes...

—De Portugal, senhor D. João Afonso?

—D. Estevão da Gama vai ser privado do Governo.

—De que o acusam? Depois, filho de D. Vasco da Gama...

—E protegido pelo irmão conde da Vidigueira e pelo cunhado conde do Vimioso, o que é mais... Mas D. João III, por desventura, a todos prefere D. Antonio d'Ataide, que fês conde da Castanheira. A rainha, Carneiro e Pedro d'Alcaçova, e outros leaes validos têm de sofrer aquelle poder...

—Nem sempre bemfazejo...

—Poucas vêses, Fr. Manuel. S. Alteza, logo que na côrte, pelas cartas de D. Estevão, se soube da morte do mal aventurado D. Garcia de Noronha, viu-se apertado pelo conde da Castanheira em favor do primo co-irmão deste, Martim Afonso de Sousa. E nomeou-o Governador, mandando-o em abril do anno passado com a armada em que vêm os nossos missionarios.

—Não ha crédito assim nas sucessões de El-rei.

—Póde Martim Afonso valer mais do que D. Estevão, que ruim politica é esta de ferir quem bem serve e, com o tempo, talvês grandes serviços podia ainda prestar. Isto magôa e desanima.

— Grande felicidade para a India é que o novo governador venha ter ao seu lado os santos missionarios.

— E' na verdade, o que me dá esperanças de que a sucessão de D. Estevão seja fecunda para a cristandade de Gôa.

— Assim se amaciará decerto Martim Afonso, o valente soldado de Cranganor...

Nesta conversa, que descaiu em silencio de extasis, os dois espiritos delles alheavam-se das provações de apóstolos já trabalhados em demasia. Alheavam-se para se dispôrem a maiores lides.

Estavam ambos com a serenidade dos crentes, com a luz da fé consolada, da fé que triunfa.

Penetrados de esperança, esqueceu-lhes toda a contingencia terrestre e, de subito, a India subiu diante dos seus ólhos como uma creoula lasciva e enorme que ganhasse azas d'arcanjo.

Nesta meditação jubilosa, qualquer golpe da vida mundana seria um suplicio. O seu entranhado contemplativismo nobilitava-se aos proprios ólhos, como essencialmente fecundo.

Os sonhos vagos e fugitivos tomaram corpo de realidades luminosas, de consolações que davam frutos para todos os pobres da luz suprema, para todos os grandes infelizes.

Nunca se tinham visto assim ditosos. Saiam dum quasi isolamento de velhos combalidos para a camaradagem carinhosa com jovens fortes, ardentes, inacessiveis ao menor desanimo.

Como elles viam agora Jesus-Cristo, tendo as chagas abertas a cobrirem-se já com as flôres puras que caíam, aos braçados, das mãos dos jóvens missionarios, como d'arvores cheias de seiva! E aquelles pagodes monstruosos, aquelles idolos de toda a costa do Daquem a vacilarem sem arremêssos de basiliscos,

sem explósões de minas, sem naufragios de paráos, á simples e luminosa força do Evangelho, á doçura dos canticos e das orações, doçura mais invencivel e formidavel do que o estridor metalico das trombetas!

Que sonhos! Que sonhos de realidade esplendida, da realidade das maravilhas de Deus, maná das almas e paz dos corações, força das inteligencias e fecundidade radiosa do suór e do sangue!

Nisto, porém, um padre annunciou alguem ao bispo, em voz muito alta.

D. João Afonso fês o gesto de quem dispensa sempre cerimonias. No seu paço ninguem entrava importunamente. Para elle havia só uma inconveniencia escandalosa: a hipocrisia, o excessivo respeito humano.

E uma canarim, jóven ainda, mas espétral de aspéto, deu alguns passos no meio da sala, de mãos estorcidas e os ólhos rasos de lagrimas.

Vendo-a, Fr. Manuel da Salvação escondeu o rosto entre as mãos transparentes e imobilisou-se como se tivesse morrido.

—Sentai-vos—disse logo o bispo á canarim, sentai-vos e falai socegada.

A joven, fitando Fr. Manuel, estacara cheia de vergonha. Volveu ainda os ólhos á porta, como se quizesse fugir, mas, sentindo tremer as pernas, apoiou-se ao espaldar duma cadeira e nella se deixou cair abandonadamente, d'olhos esgazeados, espantada do seu arrojo.

Fr. Manuel continuava de rosto oculto, imovel e aniquilado.

D. João Afonso, frisando muito a doçura, tornou com singeleza á canarim, que não ousava fitá-lo, e arquejava muito:

—Repoisai, e falareis depois.

A joven esgazeou mais dolorosamente ainda os

grandes ólhos, escuros como um remorso, e começou:

—Senhor bispo, eu vinha rogar-vos o vosso valimento...

—Que é de todo vosso—disse D. João Afonso, sorrindo-lhe, atendendo-a com todo o interesse.

—O vosso valimento—continuou ella, enleada—junto de Fr. Manuel... junto de Fr. Manuel da Salvação...

E, ao espanto do bispo, a canarim acudiu, muito nervosa, dorida de vergonha:

—Eu não sabia que elle aqui estivesse... não sabia...

O silencio, depois destas palavras, foi profundo e opressivo. Fr. Manuel continuava de face escondida e D. João Afonso, vendo lampejar estranhamente os ólhos da canarim, estudava-a com o seu olhar firme e tranquilo, mas de animo perplexo, a meditar, a julgar o que ouvia e via.

A joven, ferida dôcemente por aquelle olhar, humildava-se e ficava sem acôrdo de si, encolhendo-se e afogueando-se.

Faltavam-lhe as palavras, mas o desespero que trazia adoçava-se-lhe muito, como o dizia a maior paz do olhar e do sorriso.

Tentou, porém, exprimir tudo e, de mãos cruzadas no regaço, começou de novo, menos afogada de voz:

—Vós não me conheceis, senhor bispo...

—Não, minha filha—atalhou D. João Afonso—mas, se padeceis, sois minha irmã de ha muito.

—Padecer?!

A canarim soltou esta palavra, e levantou-se de arremêsso. Tomada de subita audacia, foi rapida até Fr. Manuel e, sacudindo-o por um braço, gritou-lhe em voz de suplica e de desespero:

—Dizei-lh'o, Fr. Manuel, que sabeis melhores palavras do que eu, e de tudo sabeis!

E, como Fr. Manuel da Salvação mostrasse um rosto contrariado, guardando a sua mudez dorida, o bispo disse-lhe com algum espanto:

—Pois nada dizeis, amigo?

Fr. Manuel então ergueu-se livido, deu dois passos para o bispo e ajoelhou, desatando, de repente, a soluçar. Mas, conservando-se de joelhos, enxugou depressa as lagrimas, e começou com a tranquilidade maguada dum confitente que já chorou as suas culpas, mas que vai pedir a absolvição:

—Senhor, esta canarim é uma desgraçada, porque eu a desgracei. Se não fôra eu, senhor, nem ella aqui estaria, nem antes teria caido nos braços de Manuel de Sousa de Sepulveda.

D. João Afonso, branco de cêra, quiz interrompê-lo, mas Fr. Manuel continuava:

—Quando Manuel de Sousa teve a primeira enfermidade em Diu, fui eu que lhe dei por enfermeira esta mulher, que falei a ella e aos seus da desventura do fidalgo, queimado de febre e tratado com desamor por alguns escravos... Conhecia-a como uma das mais piedosas da minha egreja. Julguei-a enfermeira do corpo e da alma. Esperei que o levasse á paz de consciencia e á honra, formosa e virtuosa como ella era. Quiz dar-lhe uma esposa que o livrasse do que sabeis...

Fr. Manuel fês uma leve pausa e continuou:

—Iludi-me. Deus puniu-me por querer entrar nos segredos duma alma esteril como a de Manuel de Sousa. O antigo moço-fidalgo que na côrte, a meu rôgo, se dominou a ponto de não cometer uma infamia, na India perdeu toda a continencia e, da enfermeira, fês a manceba, a filha que deshonra seus pais... e seus filhos. E não a despozou: e nunca a desposará.

A canarim ouvia-o inquieta. Por varias vêses o quizera interromper. Mas, a isto, não se conteve e disse com energia maguada, emquanto Fr. Manuel curvava a cabeça, parecendo estenuado:

—Para que vos culpais assim? Queixo-me acaso de vós? Déstes-me o homem da minha alma. Podieis acaso adivinhar que elle era tão infeliz, que a ninguem póde amar?... No que tendes culpa, sim, é em me fugirdes, quando preciso tanto de vós, negardes-vos, quando vos procuro, não quererdes estar ao pé de mim, quando não sei novas de Manuel de Sousa... E ao senhor Bispo vinha eu pedir que vos tocasse o coração para que assim me não desprezasseis, pois que se com elle não sou recebida, Fr. Manuel, deveis saber que não é por falta minha.

E, aproximando-se com meiguice do velho frade, continuou:

—Dizei-me: Manuel de Sousa vive ainda?

Só nisto D. João Afonso reparou em que o frade continuava de joelhos a tremer todo.

Sem uma palavra foi obrigá-lo a levantar e, vendo-o convulso e aniquilado, foi elle quem respondeu á canarim:

—Por Deus vos juro, que ainda vive. Quanto a Fr. Manuel não vos ter ido falar, é dor...

—Remorso! corrigiu sombriamente o frade, num protesto severo.

—Deus vê as intenções das nossas obras, disse o bispo com serenidade, magestoso de justiça.

E, voltando-se para a canarim, concluiu:

—Minha filha, não tendes que atormentar-vos. Nas saudades que tendes de Manuel de Sousa, se ellas vos dóem tanto, aprendei a espiar as vossas culpas... mas não vos desespereis, que a dôr com desespero é uma afronta a Deus. Quem ama, sofre. Cristo sofreu muito mais, tendo direito, ao menos, ao amor daquel-

les por quem sofria. E vós bem sabeis como o tendes amado, esquecendo-o pela vossa pessoa ao primeiro desgosto... Por vós julgais, pois, a infinita dôr de quem tudo nos dá... "

Ide-vos. Não atormenteis um vosso amigo. Mas, se a palavra delle vos é bálsamo, eu vou pedir-lhe que vo-la não negue, vou pedir-lhe que vos fale e consóle, d'onde a onde.

A isto, acercou-se do velho frade e disse-lhe, humildemente, com os labios convulsos de comoção:

—Fr. Manuel, meu bom amigo, ouvistes o que eu disse?

—Sim, senhor D. João Afonso, respondeu o frade solemnemente, alevantando os ólhos já enxutos.

—E que respondeis?

—A ella, ou a vós, senhor?

—Aos dois, Fr. Manuel.

—A ella, se m'o permitis, volveu o frade com uma humildade profunda, enternecendo-se de novo, digo-lhe que me perdôe a falta de caridade que comsigo tenho tido: a vós, senhor bispo de Gôa, peço-vos que me castigueis, como fôr mister.

—Oh! Fr. Manuel!...

Colhêra-o nos braços o bispo, exclamando assim. Depois tentava ver-lhe o rosto, mas o frade fugia-lhe como se fôsse um miseravel.

D. João Afonso, porém, obrigou-o a aceitar o amplexo. E, a meia voz, derramou-lhe na alma a emoção da sua palavra. Depois, mais severo, mostrou-lhe a inconsistencia dos exagerados escrupulos e lembrou-lhe quanto a devoção é nobre, quando acompanhada duma abnegação perfeita.

Porque fugia da pobre canarim? Era pelo remorso? Mas, se o merecia, que maior penitencia do que o remorso podia ter a sua culpa? Onde estava

a sua religião sem ardores doentios, tão fecunda e tão tolerante?

E, nisto, voltou-se para falar á manceba de Manuel de Sousa Sepulveda. Voltou-se, mas a canarim já tinha desaparecido e Fr. Manuel da Salvação, hirto deante delle, dizia-lhe:

—Permitis que me afaste?

—Ide, Fr. Manuel... a descançar decerto.

—Não, senhor D. João Afonso, vou-me, mas é a trabalhar, a trabalhar com os cilicios, já que com a carne tanto tenho descançado.

E saiu tambem, dobrado como uma árvore partida.

VIII

Noite íntima

A CANARIM saiu do paço do Bispo com uma comoção estranha que parecia panico e tambem era vergonha.

Tudo nella era espanto e agonia. Tudo nella era assombro e mágua. Mas, acima disso, tudo nella era arrependimento.

Vendo Fr. Manuel humilhado, achara-se tão pequena, que nem julgou digna de ouvir-se a sua suplica de perdão.

Ao sair do paço, não caminhava, arrastava-se. Pobre manceba dum fidalgo, fôra procurar balsamo, e salpicára de lama a figura dum santo, e apunhalára-o, ou, pelo menos, alargára cruelmente a ferida, cravando mais o punhal.

Os seus nervos, muito doentes, vinham mais convulsos. A dôr excessiva do frade mostrava-lhe a inconsciencia em que vivera, a profundidade da lama em que se atolára.

E nem os filhos lhe lembravam. Nem Manuel de Sepulveda. Descêra ao fundo dum poço, o da consciencia. Ao avaliar bem as suas trevas, caira como que de joelhos sobre si mesma e não via mais nada, mais ninguem.

Nunca vira como agora a sua falta de direitos. Nunca assim vira a miseria dos deveres que lhe era licito cumprir.

Deveres? Quaes eram os seus? Rojar-se, ser pavimento do desprezo de todos. Tinham-na impelido como enfermeira e redemtora, e nunca passára duma serviçal que déra filhos ao seu senhor, máquina imunda dos apetites delle.

E quem a quizera levantar a ella até anjo, tinha remorsos de ver que ella ficára simplesmente farrapo. Mas então os farrapos, quando ensopados em lágrimas, não podiam valer um coração?

Ia andando e despertando. As pernas vergavam-lhe e a alma subia.

Ajoelhava-lhe o corpo: o espirito procurava Deus.

E encontrou-o, emquanto a noite ia descendo.

Onde? Não o via, e contemplava-o inteiro onde a sua vista fisica não podia estar: dentro de si mesma.

As almas, batidas pelo Mundo, descáem na mais rasa das poeiras, mas da extrema humildade é que se sóbe a Deus.

Não ha golpe como o do desalento absoluto para impelir uma existencia acima da Terra.

A canarim era religiosa. Sua mãe, uma indiana do Canará, convertêra-se a Cristo, amando o soldado português que a amou e desposou.

E, com o mesmo fervor com que ouvira os bramanes em moça, ouviu os frades portuguêses, os capelães maritimos que na India ficavam a prégar. Depois, criando a filha, deu-lhe toda a sua nova fé no melhor leite.

Facilmente resplandecia no intimo da amante de Manuel de Sousa o misticismo que herdára da mãe, outrora toda enlevada no ideal de Buda.

A palavra de Fr. Manuel mostrara-lhe a gran-

deza e pureza duma missão sagrada, fazendo-lhe jurar que em tudo seria digna della. Falaria ao enfermo em virtude, no amor-da-familia, na saúde que vem da paz da consciencia. Curar-lhe-ia a alma e o corpo ao mesmo tempo. E, se elle lhe falasse em amor, para o santificar logo, ella decidiria segundo o seu gosto. Acharam os pais della digna de Jesus-Cristo uma missão tão alta. Ouvindo celebrar a nobreza e dignidade de Manuel de Sousa, aceitaram que a filha o pudesse desposar. Do pundonor della tinham elles e o frade a ideia mais nobre.

A joven canarim resistira sempre a todas as seduções. Um dia, requestada brutalmente, defendêra-se com um heroismo tão selvagem, que a sua beleza ganhou este prestigio raro: o da pureza.

E ella fôra, cheia de caridade. Manuel de Sousa estava em delirio. Ao vê-la, quiz agredi-la, chamando-lhe Beatriz, fantasma feito de remorsos.

A enfermidade descaira no fim de crises rudes. Depois, começara lentamente a convalescença.

O fidalgo pouco falava: contemplava-a. Ella pouco lhe respondia: sorria.

Numa noite, elle apertou-lhe muito a mão, e ella repeliu-o. Até ao romper d'alva não lhe appareceu e, quando veio, acompanhava-a a mãe que fôra com ella como ajudante.

Manuel de Sousa, mudo e suspiroso, fitou-a e viu que ella olhava para o chão. Mais pálida, muito firme, sentindo-se incapaz de exercer a sua missão espiritual, fês-lhe uma pergunta leve e retirou-se.

Continuou a mãe a obra que já encetara em algumas conversas, pondo de parte o enlace da filha, porque julgava esta ferida de antipatia pelo enfermo.

— Nunca vos tem lembrado mais — perguntou a dama a Manuel de Sousa — os vossos propositos de ha dias?

—Voto a Cristo, que sim.

—Tendes sido tão grande causa de escandalo...

Manuel de Sousa franziu o sobrolho e volveu:

—E sou eu o unico, senhora?

—E deixais de ter culpa porisso?

O convalescente mostrou-se importunado e pôs-se a cantar uma modinha alemtejana.

—Conheço essa cantiga—observou a dama.

—E' de Evora, da minha terra.

—Tambem o meu esposo a canta.

—Tambem? Mas será elle do Alemtejo?

—Não sei: a terra delle tem o nome de Villa-Viçosa.

—Ah!

Manuel de Sousa via o Alemtejo num rapto, esquecendo-se já de tudo. Voltava-lhe a saúde, mas a nostalgia que, por vêses, o lancetava, doia-lhe mais. O leito é amigo das evocações. As convalescenças, ás vêses, restauram o corpo e adoecem a alma.

D'olhos humidos, o capitão de Diu acrescentava pouco depois:

—Evora, o Alemtejo, Portugal!... Nem sei se mereceu a pena vir á India!... Porque vim eu? Pela gloria? Mas não havia de fugir a duas desgraçadas, para ter uma gloria perfeita, bafejada por Deus.

E levantava-se, rubro, d'olhos brilhantes, com o corpo em convulsão.

A indiana acudiu-lhe com ternura:

—Calmai-vos, Manuel de Sousa, que vos torna a febre.

Mas o fidalgo não a ouvia. Sentia, sim, bater as arterias das temporas, sentia a lingua sêca e gretada, os labios fendidos e ardentes, e uma grande necessidade de gritar, de espetorar o fogo que lhe roia as entranhas.

—Depois, que tenho feito? Pelejar. Mas pelejo com piratas. A inveja faz demitir os de valor e subir os maus. Tudo rouba, tudo mente, tudo intriga. Os governadores são reis, mas só no luxo, na grandeza e nos melindres. A sua bravura ou é sandice ou é hipocrisia. Não ha um plano duradoiro, não ha uma devoção verdadeira.

Olhou para ella como quem espera resposta, mas continuou logo:

—Cristo! Cristo! E' só para nos dar a vitoria, e a vitoría é oiro, sêdas, honras! Ser letrado na India é um crime. O que aprendi em Evora tem-me valido tanto como ser cristão. Aqui querem-se feras, verdadeiras feras, crueldades e dissimulações como as das feras. Senhora, eu tenho dado escandalos? Terei, não o nego; mas, se fordes á minha arca, não encontrareis quiçá duas moedas d'oiro. Sabeis o que lá tenho? Armas, algumas roupas, alguns livros que não leio, e... recordações de mulheres. Quereis maior franqueza, senhora?

—E porque não protestais em tudo com o exemplo? perguntou ella, comovida.

—Porquê? rugiu desabridamente o fidalgo—porque a vossa terra, senhora, é de peste, é de veneno. Não vos agasteis, mas aqui até o sol envenêna. Na minha Patria um prado póde ser leito: aqui uma varzea é um pantano.

E, se não nos afoga o lodo, matam-nos as viboras, devoram-nos os crocodilos.

—Mas, antes de virem os portuguêses...

—Dizei! dizei! que era isto? Pensais que o não sabemos?

—Viviamos em paz...

—E em trevas. Porque sois vós hoje cristã?

—Meu Deus, Manuel de Sousa, porque vi a luz da verdade.

— E vivieis melhor antes de nós?

— Mas, senhor fidalgo, os vossos desvarios, os desvios de todos, ainda nos enchem de mais trevas.

— Bem sei: são as palavras ásperas de Fr. Manuel. Não o escuteis sempre, senhora. O frade é tonto.

— O vosso melhor amigo?!

— O meu carrasco.

E, vendo o espanto della, acudiu com os ólhos humidos:

— Sim, o meu carrasco, porque é um santo. Porque me não deixa elle ir a pique em tudo, como tenho ido na luxuria com governadores, capitães e soldados? Que lucro eu em ter remorsos?

A indiana curvou a fronte com imensa tristeza. Depois, não sabendo que replicar áquelle delirio, começou a chorar baixinho, como uma creatura simples, esmagada por uma blasfemia.

A filha ouviu estas angustias e entrou. Vinha austera e rigida. Fitou o tresloucado e disse-lhe de cima duma grande justiça:

— Pagais assim, senhor fidalgo, a devoção de minha mãe?

A isto, a excitação de Manuel de Sousa sossobrou. Depois, fitando a jóven, quis falar, mas não teve palavras.

Empalidecendo muito, sentou-se e imobilisou-se. Era a sua maneira de chorar.

A jóven tambem estava pálida. Fitou sua mãe, aproximou-se della e acarinhou-a.

Vendo-a chorar, disse-lhe com voz trémula:

— Ainda o não conheceis? E' de pedra...

Denunciara-se sem querer. Manuel de Sousa tinha a terrivel clarividencia dos sedutores. Ouvindo-a, levantou a cabeça. Aparecia o tigre. A seguir, viria o crocodilo.

Picado de sensualidade, toda a sua boa indole

recuou como uma virgem repelida. Levantou-se. Aproximou-se dellas. Disse umas palavras astutas de melancolia.

Ninguem lhe respondeu, mas o fogo estava semeado.

Ao outro dia, ficaram sós uns instantes. A joven, sem uma palavra, arrumava o quarto cuidadosamente.

—Tendes-me, pois, muita malquerença? perguntou Manuel de Sousa, dando á voz um timbre de lagrimas.

—Tenho dó... balbuciou ella, severamente, sem o fitar.

—De mim, senhora?

—De vós e dos que vos são afeiçoados.

—Posso contar-vos entre esses?

—Muito desinteressadamente.

—E se eu vos amasse?... arriscou elle com impeto, como quem não sabe conter-se.

—Nunca mais me verieis.

Na noite daquelle dia tornaram a ficar sós. Ella acendera-lhe o candelabro e elle viera, de manso, com olhos tristes, como quem tem vontade de chorar.

—Ser-vos-ei sempre objéto de repulsão? disse elle, a meia-voz, com requintada humildade.

—De dó—tornou ella, um pouco convulsa, mas rigida pouco depois.

—Sómente?

—E que mais quererieis?

—Bem o sabeis.

—Boa noite.

E Manuel de Sousa ficou sósinho, muito livido e humilhado. Mas, pouco depois, o seu olhar tempestuava. Apagou o candelabro. Em seguida, escutou. Tremia todo. Seguiu pela escuridão. Ouviu as vozes da mãe e da filha. Deitavam-se. Os seus leitos eram num mesmo quarto, a vinte passos do quarto delle.

Esperou nas trevas muito tempo. Depois, ouvindo-as dormir, continuou a andar.

Minutos volvidos, estava junto dum leito, a tremer como um covarde.

Fês um gesto, um impulso, mas a mãe da joven despertava e, ouvindo um rangedoiro de pavimento, perguntou quem estava ali.

Manuel de Sousa fugiu espavorido. Foi ás apalpadelas até ao seu leito e escondeu o rosto, como se o estivessem a contemplar, depois de o terem perseguido.

Não ouviu mais nada. Adormeceu, cheio de febre, com dificuldade.

Durante dias, apareceu aos olhos dellas, triste como nunca. Não comia. Dormia mal. Aquella dôr d'alma matava-o, peorava-o pelo menos. O fisico todos os dias lhe achava mais febre. A sua palidez era cadaverica. E, um dia, estando a sós com elle, disse-lhe a joven num repelão angustiado:

—Porque não comeis?

—Porque desejo morrer.

—Vós?!

—Eu, senhora!

A joven não respondeu. Córava e empalidecia. Tremia muito.

De repente, cheia de audacia, perguntou-lhe:

—Sois então sincero?

—Quereis rir-vos?

—Não, senhor Manuel de Sousa.

—Pois não o vêdes? Não me vêdes morrer aos pedaços?

—Sim, não comeis, não dormís...

—Matais-me!

A joven parecia espétral. Sorria, com as lagrimas nos olhos.

Noutro repelão, voltou-se para elle e tornou, abaixando muito a voz:

—Quereis então a vida honesta? deixais a triste vida que tendes levado?

—Sim, toda essa vida triste...

—Pois... balbuciou ella, d'olhos baixos, falai a meu pai e a minha mãe.

E retirou-se, ligeira como uma visão.

Manuel de Sousa foi aceite pelos pais da joven. Começou o idilio. O casamento foi marcado para um dia não muito remoto. A joven adorava-o. Poucos dias depois do primeiro beijo, Manuel de Sousa arrastara-a á torpeza, e ella, só depois de despenhada, compreendeu que caira.

E, depois, vieram os pretextos para adiar o casamento. Depois vieram as lagrimas e a resignação della. Acabou entretanto o tempo da capitania de Diu.

Manuel de Sousa foi despedir-se ao jardim da casa della, na ultima das entrevistas.

—Ides-vos? perguntou ella, d'olhos cheios de pranto e com o coração apertado.

—Vou. O casamento...

—Não mintaes, Manuel de Sousa! Esse... nunca!...

—Deixai vêr... Mais tarde... Quando vier a paz...

—A paz na India? Ah! depois que vós viestes...

—Se quizesseis ir comigo a Gôa...

—Deixar meus pais...

—Se não tendes pensamento em alguem...

—Quereis que eu vá?

—O nosso filho...

—Sim, Manuel de Sousa, faltam dois mézes. Ouvi. Vou comvosco, Não posso viver sem vós.

. . . . . .

Era a sua historia. Viera de rojo, e de rojo vivia. Como ousára ella ir pedir a D. João Afonso d'Albuquerque o que uma manceba não pode pedir?

Para que fôra maguar Fr. Manuel da Salvação? Não devia envergonhar-se antes de tão mal ter seguido o caminho que elle lhe apontára?

Acotovelavam-na os transeuntes. Não os sentia. A terrivel doença que a minava parecia agora exacerbada pela angustia.

Cambaleante de febre, chegou a julgar que ia cair.

Mas ha um arrastar heroico que só a agonia permite.

A canarim arrastou-se com um impeto, que parecia o de quem pode caminhar sempre.

Arrastou-se e, ao entrar em casa, sentiu um sabor a fósforo, levou as mãos ao peito, e caíu, golfando sangue.

Lá fóra uma cavalgada passava a galope, abalando a rua inteira.

IX

Injustiças e miserias

A' MEIA-NOITE de 5 de Abril de 1542, um tumulto estranho perturbou as casas do Sabaio, em que vivia D. Estevão da Gama, regressado, havia pouco, da expedição.

Os familiares do Governador estavam em alvoroço. Falava-se alto, com cólera, com indignação.

Tinham ouvido zunir sobre o palacio um peloiro estridente, que fôra enterrar-se no jardim.

Haveria algum inesperado ataque de Turcos? Alguma revolta do gentio?

Entretanto, batiam com estrondo á porta. A violencia denunciava insolencia. Quem batia tinha a rispidês duma alçada das justiças d'El-Rei.

D. Estevão da Gama levantou-se, irritado. Ao sair do quarto, um familiar veio dizer-lhe, que duma galeota, dirigida por Diogo Soares de Mello, e que estava atracada no caes, tinha desembarcado Antonio de Sousa, letrado e Secretario de Martim Afonso de Sousa, com o Camareiro Jerónimo Gonçalves Sarmento e outros, depois de dispararem aquelle tiro insólito.

O Governador, calmando-se com heroismo, se-

guiu, envolvido num simples roupão, até ao alto da escada.

A porta estava patente. Vinham subindo tres homens com ares pesados e solenes.

Apenas no patamar, Antonio Cardoso fez uma venia de mal dissimulada ironia, e disse lentamente a D. Estevão:

—Manda-nos o senhor Governador Martim Afonso de Sousa beijar-vos as mãos e pedir noticias da vossa preciosa saude. Tambem vos comunica a sua chegada á India.

—Não precisarieis—respondeu tranquilamente o Governador—anunciar-vos com peloiros, que é sinal de inimigos, e a uma hora tão mal cabida.

—Foi fantasia de Diogo Soares de Mello, para vos despertar—disse o letrado com livido sorriso.

—Sem me intimidar—volveu D. Estevão com grande desdem.

E, medindo os emissarios com o seu olhar frio e pungente, continuou:

—Mas, emfim, onde poisa Martim Afonso?

—A Santos, nas vizinhanças da cidade—respondeu Antonio Cardoso—nas casas que Antonio Pessoa Corrêa tem no caminho de S. Pedro. Lá o deixou a galeota em que viemos ás 11 horas da noite.

—Sim, sim, tornou D. Estevão, meneando a cabeça com mais amargura do que rancor—assim me toma o senhor Martim Afonso como ladrão!

E, descançado de voz e de gesto, com o olhar puro e firme como a inocencia, acrescentou:

—Ora dizei-lhe, que a sua vinda seja boa. E, sem mais palavra, voltou-lhe as costas, recolhendo-se aos aposentos.

Entretanto os demais emissarios de Martim Afonso, Gonçalves Sarmento e outro da confiança do

novo Governador, percorriam audaciosamente o palacio, á procura do Secretario, do Tesoureiro e doutros oficiaes, em altos gritos.

Entrando-lhes nos aposentos, as suas palavras tinham a febre e a insolencia de quem julga a todos cumplices num tenebroso crime. Não cumprimentavam: assaltavam e ofendiam.

—Senhores, gritou-lhes Gonçalves Sarmento, ordena-nos o Senhor Governador Martim Afonso de Sousa de nos acompanhardes já á sua presença com todos os papeis das contas do Governo...

Estas palavras rudes e sêcas pareceram queimar as faces do Secretario e do Tesoureiro.

Uma indignação ardente lhes lampejou nos olhos e os outros oficiaes levaram maquinalmente as mãos ás cinturas, esquecidos de que não tinham comsigo as espadas.

Mas Gonçalves Sarmento continuava com enfase:

—Pretendeis resistir ao Governador em nome d'El-Rei?

Esta apostrofe aquietou-os. Gonçalves Sarmento então, colhendo-os em tanto enleio, começou a impeli-los para a porta, como a um rebanho, sem os deixar acabar de vestir.

E, pouco depois, saiam todos numa confusão singular.

Entretanto, um creado subia aos aposentos de D. Estevão, chamando-o já de longe.

—Senhor... disse o creado ao chegar á antecamara, sentindo-lhe os passos.

O Governador apareceu logo, muito pálido, a ouvi-lo, envolvendo-se nervosamente no roupão.

O familiar, confundido, começou d'olhos baixos:

—O Secretario e o Tesoureiro de Vossa Senhoria...

—Quero descançar: a estas horas não lhes dou despacho—atalhou D. Estevão, impaciente.

—Senhor, sairam com os homens de Martim Afonso...

—A quê?

—Nem os deixaram acabar de vestir... Levaram comsigo os livros das contas...

—Foram-se a estas horas?!

Mas D. Estevão fês a pergunta e acrescentou logo:

—Que vão em paz.

E, com uma melancolia que o tornava maior de estatura, porque lhe aprumava mais a cabeça, disse com brandura ao criado:

—Recolhei-vos. E' o ultimo dia em que me obedeceis.

—Senhor... começou o creado, pretendendo replicar.

Mas, abafado pelas lagrimas, recuou, recuou e desappareceu de subito.

D. Estevão recolheu-se, deitou-se e não pôde dormir.

O seu sonho de gloria estava cortado com o insulto e com a ingratidão. Em Portugal julgavam-no um ladrão miseravel, como tinham julgado outros, com a mesma injustiça; a Lopo Vaz de Sampaio, por exemplo. Aquellas insolencias eram-lhe jogadas pela côrte. Os seus serviços eram, menos que suspeitos, nulos, aos olhos de El-Rei e dos seus aulicos.

Para a afronta ser maior, quem lhe mandavam a demiti-lo? Um seu pessoal inimigo, Martim Afonso de Sousa. Mas que admirava? Não sucedêra o mesmo a Afonso d'Albuquerque, o Grande, o heroi que elle queria tomar como Mestre?

Mas feriam-no só a elle? Não feriam a India? Martim Afonso era um valente; mas seria um ho-

mem honrado? Não corriam tristes famas da sua ambição como da sua crueldade?

Com enorme tristeza, D. Estevão da Gama viu toda a India do seu tempo e, em relance, a grande Patria que nas morbidezas della se estorcia.

Seu pai abrira o caminho daquelle Paraiso. Sem a sua bussola não podia ter havido o Imperio de Afonso d'Albuquerque: mas como todos tinham degenerado da Bussola e da Espada dos dois maximos gigantes da epopeia da India!

Logo depois de Vasco da Gama, viera o Sodré. A unha depois da manopla. O descobridor e conquistador rebaixara-se depressa no explorador e no traficante.

Depois de Vasco da Gama e Afonso d'Albuquerque não havia feitos: havia arrancos. Não havia expedições: havia piratarias. Elle mesmo, utopista generoso, julgara pelejar em Meca, e só devastara. Julgara purificar Gôa, e só pudera impôr á superficie uma moralidade hipocrita.

Religião, amor-patrio, Ideal, tudo decaira numa simples formalidade. O geral dos portuguêses não pedia senão isto: oiro. As honrarias ainda deliciavam vaidades; mas, se as não acompanhasse a riqueza, até essas eram desdenhadas e ridiculisadas.

E a riqueza era conquistada sem um plano de interesse comum. Ninguem pensava em ir fortificar a vida economica da Patria, o Portugal exausto por tantos dispendios e vicios: queria-se o oiro apenas para a satisfação dos apetites, para a impunidade duma indolencia de pequenos rajás.

Copiava-se, em cada familia fidalga, uma côrte do Oriente. Os mesmos esplendores vãos, a mesma ociosidade magestática.

Havia a coragem, a bravura atávica dos portuguêses? Sim, como num corpo desgastado ainda póde

haver terriveis repelões de nervos. Ha valentias tremendas: são as dos epileticos. A força muscular dum alcoolico é, ás vêses, herculea. Mas o colapso vem depressa, e o braço que parecia de ferro, não tarda a ser de lama.

D. Estevão em si mesmo notava este mal. Pelejava aos impetos. Já não havia aquella possança egual, e épica sempre, que fês, de Duarte Pacheco, um rival legitimo do Aquiles da lenda.

Que faltava aos homens de 1542? Porque tinham desmerecido tanto num tão breve lapso de tempo?

D. Estevão encontrava na consciencia a resposta austera de D. João Afonso d'Albuquerque, o bispo de Gôa.

Não havia muitos dias que o doce franciscano lhe respondera, de lagrimas nos olhos, áquella mesma pergunta. O que faltava aos heroes d'agora era a força moral, era a saude da alma. Cristãos e catolicos, já o eram mais pelo amor das exterioridades do que pela verdade e pureza dos sentimentos. Os templos, até esses, eram para elles logar de exibição. A Fé dava-lhes grande confiança contra o inimigo, gentio ou moiro, mas, conseguida a vitória, punham-na de lado como uma espada que se embainha e se traz depois á cintura com ostentação.

A Religião tinham-na reduzido ao papel de disciplina militar e de cobertura doirada de ambições e torpezas.

E de quem era a culpa? Só do tumulto das paixões? Só da ambição insaciavel? Só da moleza do clima da India, dos seus encantos mundanos, do olhar das suas mulheres, das faiscas dos seus diamantes?

Seguindo atentamente o que lhe observava o bispo, D. Estevão da Gama via outra resposta. A culpa estava na metropole.

Apezar do tino de Antonio Carneiro e de Pedro d'Alcaçova, apezar da sagacidade e pureza da rainha, os Condes da Castanheira e de Sortelha, Antonio d'Ataide e Luiz da Silveira, imperavam e dirigiam muito D. João III.

A' volta delles fervilhavam soldados da India que tinham aprendido na escola da pirataria. E, apoiados pela intriga, iam expulsando do governo do Oriente todos que em Gôa pudessem opôr um dique á torrente de lodo que a ambição lá fizera brotar entre as purpuras e magnificencias dos rájás.

Lisboa, envenenada por Gôa, mandava á capital da India, todos os mêses, o que tinha de mais venenoso, e o Imperio Oriental assim expelia, donde a onde, o virus e recebia-o, como que periodicamente, mais átivo, mais letal, mais irremediavel.

Com esta ruina d'almas coincidia uma miseria mental que estava indicando, por exemplo, á Holanda onde podia talhar um grande imperio.

Em Portugal as letras tinham progredido apenas decorativamente, e sendo grande o seu passo, e tambem luminoso o da Siencia, ilustrada por Pedro Nunes, o Brissot, Gouveia, etc., o que ellas não tinham fomentado era uma verdadeira educação civica. A Patria era um Orgulho: não era uma Consciencia. Deus não era, como devia de ser, o alvo logico e supremo de toda a obra do cidadão e do patriota: era um Poder Invencivel a cuja sombra a vitória pertence sempre a quem em nome delle combate, embora com a fé só nos labios.

O português não sabia pensar no interesse colétivo, senão pelo prisma da vaidade. O fim era vencer, matar, aterrar, para colher oiro e não deixar desfeiteada uma bandeira orgulhosa. Depois, o inimigo era o escravo, cristão sem se lhe prégar a Fé, cidadão sem se lhe fazer amar a Patria Nova, homem

livre sem liberdade, tudo á força, sem perfeita consciencia.

A administração publica tinha de resentir-se disto. Com tal ignorancia do interésse comum, com um patriotismo todo radicado mais na aventura e na soberba do que no Ideal e na Consciencia, era impossivel o humanitarismo que a ideia cristã ensina e fortalece. Por outro lado, a Sciencia, ainda perfeitamente decorativa, ia dar a espiritos sem sentimentos fortes e puros, noções plenamente inuteis na vida pratica. Além disso, o Clero estava na decadencia moral que tinha provocado a Reforma e tambem tinha alevantado os vôos de Tereza de Jesus e feito o plano da batalha de Inacio de Loiola.

Sem ideias definidas e positivas e sem sentimentos generosos, como havia de ser a administração publica? Como é que Portugal não havia de desperdiçar tanto tempo precioso, e esquecer-se da colonisação, e não lhe vêr sequer uma das linhas geraes que, pouco depois, a Holanda e, mais tarde, a Inglaterra, traçaram com tanto vigor e fruto, semeando para seculos?

A metropole, a opulenta enferma, viu ainda a maior gravidade do Mal: a ruina da verdadeira Fé. A isto obedeceu a ideia dos missionarios da India.

Mas — pensava amargamente D. Estevão da Gama — quem mandavam com Francisco Xavier? Martim Afonso de Sousa. Cristo mandava S. Paulo: Cesar dava-lhe como auxiliar qualquer coisa de Nero.

Passou o filho de Vasco da Gama a noite nestes pensamentos.

Medindo, pelos da Patria, os seus males, então achou-os insignificantes.

Havia ainda portuguêses com sangue puro nas veias. A sementeira da espada do Condestabre, sementeira de ideias e sentimentos, encontrára humus

numa geração heroica que recuava com dificuldade deante da maré de lama.

D. Estevão não era completamente puro; mas, entre os seus defeitos, quasi todos secundarios, conservara grandes qualidades que não tiveram tempo nem ensejo forte de desabrochamento.

Ao romper d'alva, notou que toda a Gôa se alvoraçava.

Nem foi saber o que era.

Conhecia muito o seu *meio*. O escandalo dos acontecimentos era sempre uma delicia na India.

Comentariam as insolencias de Martim Afonso.

Rir-se-iam da quéda subita de D. Estevão os que o chamavam visionario e puritano.

Preparavam-se todos para lhe voltarem as costas e erguerem nos escudos o novo Governador.

Evidentemente, áquellas horas, madrugava-se em Gôa para haver o gosto feroz de assistir ao apeamento dum poderoso da véspera.

Se o acoimavam de ladrão, outros o classificariam de assassino.

Fervilhariam provas. Abundariam casos e lances.

Maguado, mas sereno, D. Estevão levantou-se com o sol.

Esperavam-no já parentes e amigos na sala da recéção.

D. Estevão apareceu-lhes pálido, mas firme, cortejando-os com o mesmo aprumo.

Houve, a principio, poucas palavras. Parecia uma visita de pezames.

Mas, depois, a conversa animou-se. Alguns, excitados ficticiamente, deram largas a protestos e ameaças. Outros, sorrindo equivocos, soltaram consolações banaes, escondendo o prazer de tamanho escandalo. Os mais sinceros calaram-se e morderam as barbas, pensando na injustiça vitoriosa.

Entre estes, estava Manuel de Sousa Sepulveda. Muito branco, visivelmente nervoso, o seu olhar poizava em todos com certo desdem e demorava-se na figura plácida de D. Estevão com simpatia ardente. O filho de Vasco da Gama compreendeu-o e sorriu-lhe com reconhecimento.

Um fidalgo imbecil que perguntava todos os dias, a qualquer lance, o que devia fazer, disse nisto:

—Vossa Senhoria ainda dá ordens?

—Porque o dizeis? replicou D. Estevão.

—Para saber que tratamento dar-vos...

—Dai-me... o de ladrão, se vos prouvér.

O cretino pasmou e embuchou, mas, fazendo um gesto de insolente ameaça, cochichou com outro uma infamia inedita.

Manuel de Sousa segurou-o então pela gorja e disse-lhe ao ouvido:

—Ninguem vos tólhe irdes lamber os pantufos de Martim Afonso...

—Que quereis dizer? rugiu, livido, o outro.

—Que, se continuaes a insultar D. Estevão da Gama, vos levo as orelhas na ponta desta espada.

O imbecil fitou-o espavorido, recuou para o meio dos outros, e depois desapareceu.

Entretanto, D. Estevão da Gama tinha mandado chamar Fernão Rodrigues de Castelo Branco, veador da Fazenda e o Secretario João da Costa e outros vereadores, oficiaes e fidalgos.

Apenas presentes, tomou a palavra com uma serenidade magnifica:

—S. Alteza El-Rei D. João III, que Deus guarde, houve por bem transferir o Governo da India para o senhor Martim Afonso de Sousa, já chegado. Peço-vos me acompanheis ás suas casas para lhe fazer, como cumpre, entrega da India.

Curvaram todos solenemente a cabeça.

Dentro em pouco, a comitiva estava em ordem.

D. Estevão vestiu-se com a magestade dos seus melhores dias e, despedindo-se dos familiares com grande simplicidade, desceu a escada lentamente.

A' porta do palacio do Sabaio, os curiosos formavam um muro oscilante e negro.

Milhares d'olhos se cravaram na face branca e tranquila de D. Estevão da Gama.

Alguns labios tinham o franzir especial da ironia.

O ex-Governador olhou para todos, cortejou-os e viu que o respeito predominava sobre a curiosidade.

A sua placidês de inocente e de homem de linhagem esmagava a populaça.

Pouco depois, Martim Afonso de Sousa era avisado da chegada de D. Estevão.

Levantou-se á pressa, e, sorrindo com grande altivês, preparou a fisionomia mais amavel e dulçorosa.

O sol enchia tudo de luz triunfal. Estava um dia esplendido.

A's vezes, Deus concede luz á apoteose injusta dos que ha de punir mais tarde.

X

Deus e Cesar

MANUEL de Sousa Sepulveda, chegado no dia 4 de Abril, duma aventura galante, na qual despenhára, logo depois de vir de Méca, ainda não tinha ido ver a canarim e os filhos, quando houve noticia da vinda de Martim Afonso.

Pela cidade se entretivera, colhendo impressões e pesando boatos, com aquelle esquecimento de tudo que o tomava, quando ou o amor passageiro ou os negocios publicos lhe punham em vibração o espirito.

Manuel de Sousa não nascêra para a vida da familia. Qualquer acontecimento invulgar o fazia esquecido do domicilio, o fazia vaguear, pernoitando ao acaso, perto dos locaes onde a vida de Gôa era mais intensa.

Desde que desembarcára, colhêra no ar a nova de grandes acontecimentos e fôra logo procurar amigos e companheiros, tão boêmio como se não tivesse casa.

Depois, o estridente peloiro de Diogo Soares de Mello arrastara-o a casa do Governador.

Quando encarou a injustiça que feria D. Estevão, teve impulsos de colera. Se então o chamassem

para pelejar numa revolta, Manuel de Sousa não vacilaria.

Mas a tranquilidade digna de D. Estevão ensinou-lhe depressa o dever. Diante da honra e socêgo da Patria, nada valiam as mais justas reclamações pessoaes.

O valente capitão de Diu curvou a cabeça e guardou o seu valor para um lance em que a gloria nacional saisse pura e engrandecida.

Ainda havia esta virtude no espirito coletivo. A multidão, o exercito, ainda pensava assim, embora como que por instinto.

Acompanhou, profundamente silencioso, o Governador demitido.

A comitiva de D. Estevão pouco esperou á porta das casas de Antonio Pessoa. Martim Afonso de Sousa, radiante, estudadamente benevolo, correu a receber o seu antecessor.

E, apenas o viu, armou um sorriso de sarcasmo tão mal disfarçado, que a sua amabilidade ficou toda, como a das feras, no entremostrar dos dentes.

D. Estevão conhecia-o de ha muito. Tinha um intimo desprezo pela sua ambição doente. Lamentava-lhe a baixeza moral e conhecia, a preceito, que no novo Governador a mentalidade era um lugubre deserto.

A astucia inhabilmente fingia nelle de inteligencia e, quando conseguia superficialidades ilusorias, era desmentida e desmascarada pela pobreza de sentimento.

Não o surpreendeu, pois, a incompleta hipocrisia de Martim Afonso, nem lh'a levou a mal, porque o sabia seu inimigo.

Saudando-o com fria polidez, ouviu-lhe os cumprimentos assucarados em excesso, respondeu com palavras breves, rapidas como as ideias, e fês lavrar

o auto da entrega. Apenas João da Costa, o Secretario, lavrou o auto deante do Veador da Fazenda Fernão Rodrigues de Castelo-Branco, D. Estevão perguntou, fitando em cheio a face dura de Martim Afonso:

—Ordenais mais alguma coisa?

—Nada vos ordeno, atalhou o Governador: e só vos rogo me perdoeis...

—Boas vindas, disse D. Estevão e, fugindo ás doçuras forçadas de Martim Afonso, retirou-se de golpe, seguido de Manuel de Sousa e outros.

Fóra da casa de Antonio Pessoa, Estevão da Gama despediu-se dos seus amigos.

—Aonde ides? perguntou Manuel de Sousa, comovido.

—Ao caes, a embarcar para Pangim. Lá espero passar o inverno.

—E despedis-nos, senhor?

—Pois tambem quereis ir a Pangim?

—Mas haveis de permitir-nos que vos digamos adeus no caes.

—Se assim o quereis...

E D. Estevão da Gama mostrou no olhar humido e sintilante o seu reconhecimento inteiro.

No caminho, porém, ninguem disse palavra.

Chegados ao caes, o ex-Governador abraçou-os, um por um, dizendo-lhes simplesmente:

—Amigos!

Depois, muito nervoso, muito pálido, saltou para um catur.

Ficaram todos, sempre silenciosos, a vê-lo partir, com tanta dôr como se seguisse para muito longe.

Um momento, o viram acenar ao largo. Depois, as ondas da baía pareceram submergi-lo. Desaparecera.

Manuel de Sousa então voltou-se para todos e disse com ironia amarga:

—E viva o senhor Martim Afonso de Sousa!

Ninguem respondeu.

Passados dias, o Sepulveda e os mesmos amigos de D. Estevão entravam num cortejo pomposo, organisado pelos Vereadores.

A cidade estava em festa. As colgaduras e os galhardetes enchiam Gôa de magnificencia.

—Que é isto? perguntou um moiro a um canarim.

—O novo Governador!

—Ah! já entrou?

—Sim, senhor negociante, acudiu o canarim com loquacidade, pondo-se no bico dos pés, porque era muito pequeno de estatura. E já foi abaixo o Veador da Fazenda, aquelle soberbão do Castelo-Branco...

—Pudéra! atalhou, do lado, outro indio, rangendo os dentes como se o ofendessem. O senhor Martim Afonso pôs fóra o Castelo-Branco para dar o logar ao parente, ao tal Aleixo de Sousa. Disto é que não fazia D. Estevão...

—Ora! ora! volveu o outro. Ao menos este, tem prestimo. D. Estevão era um unhas de fóme...

—Mas não para ficar rico, que dizem que saiu pobre de todo...

—Tomara eu a pobreza delle.

—E mais eu, murmurou um popular macilento.

Mas o clangor das trombetas aproximava-se. As aclamações ferviam. Vinha perto o galope de muitos cavaleiros. De subito, cercado de fidalgos, apareceu Martim Afonso de Sousa. O Governador trazia opa de brocado e um barrete redondo, golpeado de pedrarias.

Sorria com os labios: os olhos apunhalavam os vestuarios e adornos de todos.

Cavalgava com mais soberba do que elegancia. A mão que poisava na côxa direita era larga, pequena, encordoada e vermelha, como a dum magarefe.

A's aclamações, não cortejava, fazia o gesto de quem protege.

A cada grito, se tornava mais sarcastico. Quando lhe choveram flores sobre o barrete, não sorriu, teve uma vertigem, porque as flores pareceram-lhe pingos de sangue.

E Martim Afonso passou como um fantasma cruel.

Entretanto, outro cortejo, mais simples, mais tocante, seguia para o Hospital.

Tres padres, seguidos de muita cleresia e povo, caminhavam a pé, exaustos pela viagem, mas tão sorridentes como humildes.

Um delles, alto, de fisionomia alegre e tranquila, com olhos dôces, muito vivos, ia á direita do bispo de Gôa que era seguido por um velho frade, curvo da espinha, como se estivesse arruinado.

O bispo dizia ao recem-vindo palavras de grande aféto e elle, respondendo, ia analisando com interesse o aspéto da multidão.

De porte modesto e, comtudo, fidalgo, a sua presença atraia logo e, depois, inspirava uma confiança e um bem-estar intimo inexplicaveis.

A sua voz, com acento espanhol, tinha a melodia cantante dum orador-poeta.

Estava cançado mas radioso, e, encolhendo-se todo ao lado do bispo, a sua figura era naturalmente predominante.

—Francisco Xavier, o Padre Mestre Francisco Xavier—disseram na multidão.

E então muitos, sem saberem porquê, ajoelharam.

—Repousareis até á cerimonia da Sé—dizia D. João Afonso.

—Assim o ordenais? perguntou Francisco Xavier.

—Se tanto é mister, que pouco tempo é esse de repoiso. Podeis apenas mudar de vestes.

Entraram os padres no Hospital entre aclamações frementes. Muitas mulheres piedosas choravam de alegria. Fr. Manuel da Salvação, vendo-as de joelhos naquelle extasis, abençoava-as em silencio e voltava a inclinar a fronte para o chão.

Mas, pouco depois, Francisco Xavier e os dois companheiros saíam do Hospital a caminho da Sé.

Martim Afonso de Sousa fazia o seu juramento solene nas mãos do Bispo de Gôa.

O cerimonial teve a costumada pompa. Os Vereadores tinham sido prodigos em despezas. O povo aplaudia a festa com entusiasmo, facil de calor e instabilidade de afétos.

Francisco Xavier estava, porém, agora mais triste. Vira de relance toda a côrte de Gôa. Eram muitos fidalgos ventrudos, carregados de joias e sedas. Eram fidalgos macilentos, com os olhos queimados de febre, ambiciosos e séticos.

As damas ostentavam pompas de rainhas. Muitas dellas tinham adornos de cortezãs. Flacidas e hirtas, comtudo, quasi todas tinham a carne pisada e marcada de nódoas que se não viam e, afinal, salpicavam claramente a magnificencia dos brocados. Eram as manchas das almas.

Não havia, senão por acaso, donde a onde, um olhar firme e suave. Ou olhos quebrados, volutuosos, covardes, ou a ousadia de miradas febris, humidas e chispantes, lubricas como as das selvagens do

Malabar. A cleresia era quasi o mesmo. As figuras simples e brancas de D. João Afonso e de Fr. Manuel estavam pouco menos de isoladas entre as adiposas e pesadas corpulencias de muitos cónegos e letrados.

Aqui, espantoso como Sileno na murça dum prebendado, impunha o escandalo do ventre um cónego de face curta, redonda, incendiada. Mal fitava o altar, a Cruz, e trazia perdidos os olhos nas ondas de purpura, em cabelos perfumados e doiraduras sintilantes.

Acolá um padre joven, languido, de ademanes senhoris, aprumava-se como Adonis diante da apoteóse. E o povo, frivolo, curioso, desatento ao culto, parecia irmão daquelles fidalgos e daquelles padres.

Emquanto o Clero entoava o *Te-Deum*, os populares cochichavam, murmuravam, mordiam.

Os burguêses iludiam melhor. Magestaticos, impondo a sua abastança, olhavam para tudo com ar severo e só profundo na aparencia. Mas a severidade era soberba, não era austeridade. A profundeza era análise, não era devoção. E a análise nem sequer o era de inteligentes: era o de traficantes, á procura dum filão, á busca dum interesse. Quanto ao mais, o seu ar carrancudo não era o da dignidade: era o da vaidade e da inveja.

Quando a solenidade terminou, D. João Afonso tambem estava, mais do que triste, humilhado.

A caminho do Hospital, depois de despedidos do Governador, o bispo disse a Francisco Xavier:

—Padre Mestre, vistes a nossa vinha...

—Sim, senhor bispo, peor ainda do que a de Lisbôa.

—Fraco guardador tenho sido.

—Forte tem sido o inimigo do vosso trabalho. Tendes vivido sem ajuda...

—Tambem é culpa da minha fraqueza.

—Não vos acuseis. Na Europa tem sucedido o mesmo. A que veio o Padre Mestre Inacio senão a dar o remedio a isto?

—E da-lo-êmos?

—Porque não? Moralisêmos nós os nossos soldados, que o inimigo depressa se vence. O mal está ainda mais nos nossos do que nos contrarios. Se assim não fôra, poderia ter havido um Martinho Lutero?

—Assim tudo nisso nos auxilie.

—Bem sei, senhor bispo—atalhou, sorrindo, Francisco Xavier—bem sei que Cesar auxilia muito mal o que é de Deus. Portugal manda homens valentes á India e... mais nada.

—Conheceis bem, Padre Mestre, a Martim Afonso de Sousa?

—E' digno de toda a caridade. Em toda a viagem o notei. Muito carecido de catequese, muito estragado pela India e por Lisboa.

Cortou-lhes o dialogo a saudação do povo, á entrada do edificio.

Ao longe, entretanto, Martim Afonso entrava no palacio no meio de grande estrondo.

A sua côrte cingia-o como um organismo cerca o espirito que nelle vai viver em acôrdo perfeito.

Acotovelavam-se os fidalgos. Os sorrisos do Governador eram disputados com febre.

Manuel de Sousa Sepulveda deixou acalmar a onda e foi apresentar com simplicidade os seus respeitos de soldado.

Martim Afonso fitou-o com atenção e conheceu-o.

—Éreis amigo de D. Estevão: tambem o sereis meu—disse elle com ar balôfo.

—Vosso servo, senhor.

Martim Afonso, com grande volubilidade, tornou logo:

—Sabeis já decerto o que corre. D. Estevão mandou chamar a Pangim o Ouvidor Geral e o Provedor-mór dos elefantes com os seus Escrivães e mandou-lhes fazer o inventario de toda a sua fazenda... E' que eu venho disposto a fazer justiça...

—E tambem sei, senhor—observou Manuel de Sousa com ligeira ironia—que se lhe acharam de menos cincoenta mil pardáos dos que tinha, antes de tomar conta do Governo. E' que o senhor D. Estevão da Gama, como o vai mostrar a El-Rei por certidões, gastou do que era seu na expedição ao Estreito...

—Aonde tambem iremos, Manuel de Sousa Sepulveda, acudiu Martim Afonso, de sobrolho enrugado. E, voltando-se para um fidalguinho efeminado que o festejava de longe, disse com brutalidade:

—Ali tendes um alfenim que cabe debaixo da pata dum cavalo!

E desatou a rir com o riso cavernoso das *bocas* aguardentadas.

XI

Sêna de morte

ATORDOADO pelos acontecimentos, Manuel de Sousa, até se despedir do novo Governador, mal pensára na companheira e nos filhos. Deixára-lhes recursos, e o coração, embotado sempre para o amor da familia, não lhe ditava a menor urgencia em ir vêlos e acarinhá-los.

Mal lhes mandára noticia da sua vinda, ao desembarcar. E se algum novo caso o fizesse sair de Gôa, estava convencido de que não hesitaria em partir sem ter ido ver primeiro os seus.

Agora, resignado com o novo Governo e aborrecido comsigo proprio, é que lhe vinham á ideia a canarim e as creanças. O lar é o refugio certo de todos os vencidos da vida, de todos os escarmentados por inimigos e até amigos.

Pensando assim, encaminhou-se indolentemente para casa. A cidade ainda estava em alvoroço. Estrugiam ainda trombetas e charamelas. A espaços, passavam esquadrões de brilhantes cavaleiros.

Manuel de Sousa desviara-se, entediado, dos festeiros e seguia, de fronte um pouco baixa.

Costumava fitar audaciosamente as mulheres.

Desta vês, até ellas lhe aborreciam. Embrenhou-se em vielas.

Deu uma grande volta para evitar a multidão.

Avistando a sua casa, parou. Hesitava.

Que ia lá fazer? Ver os filhos? No intimo da consciencia, incomodavam-no. Não eram alegres: choravam, com a impertinencia de quem flagela. Eram pardos, duma côr de azeitona verde, tristes, fracos, doentes.

Pareciam filhos da maldição.

Vêr a amante? Pobre espétro, só lhe lembrava outros espétros. Era uma ruina gemente, uma moribunda de pé. Vista bem, acusava-o em tudo de assassino. E que remedio podia elle dar-lhe?

Mas descançar... precisava de descançar, não tanto de corpo, como do espirito, sofrendo novas sensações, esquecendo num tédio o outro tédio.

Quási sem consciencia, chegou assim á sua porta e impeliu-a devagar. Não cedeu, como era costume áquellas horas.

Apurou o ouvido e pareceu-lhe ouvir gemer.

Bateu então, e esperou. Depois dalguns minutos, vieram abrir. Mas quem veio não foi a canarim; foi uma velha portuguêsa que lhe fazia recados.

Manuel de Sousa fitou-a, e viu que tinha olhos de chorar.

—Então? disse elle, simplesmente.

—Muito mal, muito mal, respondeu a velha entre soluços.

E, depois, proseguiu com voz dorida e lenta:

—Porque não viestes antes, senhor?

Manuel de Sousa, que tinha compreendido, não respondeu, alçou os hombros.

Mas ficára profundamente triste. A atmosfera da casa tinha olores irritantes de medicinas. Ou-

via-se chorar baixinho uma creança. O gemedoiro debil da doente era maguado como uma angustia resignada.

A velha dizia-lhe a meia voz:

—Não lhe faleis alto, que a ella tudo a sobresalta. Tem chorado muito, por terdes vindo ha tantos dias e não terdes aparecido.

Manuel de Sousa voltou-se e fitou-a com imperio.

A velha replicou baixo, áquelle gesto:

—Não digo mais, socegai.

E seguiram.

A doente viu-o de longe, e quiz soerguer-se. Não o podendo fazer, ficou d'olhos muito abertos, a derivarem lágrimas para os lábios sêcos.

Manuel de Sousa, compadecido, fês-lhe um gesto de aféto. E bastou para que ella sorrisse.

Depois, tomando ao cólo a criança que soluçava, dirigiu-se á enferma e beijou-a na fronte. A sua bôca poisou em mármore viscoso. Recuou sem querer, mas, disfarçando, disse com bastante ternura:

—Assim vos sentis mal?

—Muito mal, Manuel de Sousa. Mas agora estou melhor já.

—Ah! Eram saudades?

—Duvidais?

—Não, não duvido. Mas que quereis? Estes negocios do Governo... deveis saber. Já não é Governador D. Estevão da Gama.

—E vem molestar-vos isso?

—Fui sempre amigo de D. Estevão.

—Talvês elle seja mais feliz, livre de tão grande cárgo.

—Talvez ..

—Não o sereis mesmo vós, longe da côrte?

—Talvês... em Evora, em Portugal...

—E mesmo aqui, Manuel de Sousa, mesmo aqui, se amor me tivesseis...

—Talvez...

—Assim, nem vós, nem eu.

—Mas aquietai-vos—acudiu elle, nervosamente... Tem vindo o fisico?

—Duas vêses e para que mais? Isto é mal sem cura.

—Só Deus o sabe.

—Espero, sim, o outro fisico.

—O outro?

Bateram nisto de leve á porta. A velha correu logo com vivacidade e disse, irrequieta de alvoroço:

—Deve ser elle mesmo.

Depois, como batessem de novo, com mais um pouco de fôrça:

—E' elle, é elle.

E desceu logo a escada, rezando a meia voz as suas orações.

—Mas elle, quem? perguntou Manuel de Sousa com mau humor.

—Fr. Manuel, respondeu a doente com uma placidês profunda. Foram-m'o chamar ao Hospital, e elle bem disse que vinha já.

—Ides então confessar-vos?

—Sim, Manuel de Sousa, porque vou morrer.

O antigo capitão de Diu nada replicou. Sentia-se triste, muito triste, mas esmagado, ainda mais. Se pudesse fugir á presença do frade, fugiria. Se pudesse desaparecer, deixar de vês a India, talvês a vida, tê-lo-ia feito então.

Entretanto, os passos de Fr. Manuel sentiam-se perto.

O velho frade, naquelles lances, ganhava forças de joven.

Ia muito adiante da velha a quem o alvoroço dera uma grande ligeireza de movimentos.

Vendo Fr. Manuel, o fidalgo levantou-se, mas de fronte baixa.

O frade, muito palido, saudou-o, contemplou-o com amargura, e correu á doente:

—Estais então muito enferma? Mas não muito o pareceis. Comtudo, bom é sempre estardes bem com Deus. E confiai, que os vossos pecados serão perdoados. Se sentirdes a morte, não choreis a vida. Pelo que tendes padecido, muito tendes merecido. Outros, mais do que vós, terão remorsos e talvês não sintam a vossa contrição.

Depois, fês um sinal simples.

Deixaram-no a sós com a doente.

Manuel de Sousa retirou-se com uma intenção firme: sair, e não voltar mais.

Mas o frade parecêra adivinhar tudo.

Quando ia como por acaso, até á porta, tomou-lhe o passo a velha.

—Senhor Manuel de Sousa...

—Que quereis?

—Não sei se ides saír...

—E então?

—Logo que vos soube aqui, na escada Fr. Manuel me disse que queria falar-vos depois da confissão.

O fidalgo não respondeu. Fês-se muito palido e tornou a subir.

Volvida meia hora, o frade apareceu e foi-lhe tocar no hombro.

Manuel de Sousa murmurou humildemente:

—Senhor...

E Fr. Manuel da Salvação retorquiu:

—Cumplice!

Manuel de Sousa ergueu os olhos e tornou a baixa-los.

O frade, fitando-o, lancetava-lhe o coração.

E Fr. Manuel tornou:

—O vosso trabalho, honrado fidalgo, está quasi concluido. A vossa manceba durará algumas horas. Tomará o Viatico e, se tendes alma, receber-vos-á como esposo.

—Minha esposa?! rugiu o fidalgo, levantando-se de chofre.

—Porque não, se tendes tudo della, desde a honra aos filhos? Julgais ainda poucas vitimas?

—Fr. Manuel, replicou Manuel de Sousa, atacado de soberba e rompente de energia: eu não posso desposar quem não seja da minha linhagem.

—Linhagens! linhagens!—cortou o frade com sarcasmo—e sabeis vós quem é hoje fidalgo em terras da India? E' então porisso que a tendes feito manceba? Jurai, Manuel de Sousa, é porisso... ou por falta de coração?

—Não vos agasteis, mas não serei esposo duma canarim—tornou insanamente Manuel de Sousa.

—Ah! é questão de raça agora? O puro filho de Abel não desposa a maldita filha de Caim! Mas tendes exemplos do contrario. Muitos fidalgos...

—Bem sei—clamou Manuel de Sousa com impaciencia—argumentaes com D. Garcia de Sá que dizem ter desposado, á hora da morte della, uma humilde manceba. Mas essa, Fr. Manuel, não era canarim: era portuguêsa!

—Iludis-vos—disse então o frade com melancolia. Eu nem sequer argumento. Pergunto-vos, Manuel de Sousa: quereis mais um remorso? Que, quanto a ella, Deus lhe perdoará...

—E quem vos diz que tenho remorsos?

—A vossa soberba, tanto á sobre-posse.

O fidalgo enrugou a fronte e calou-se.

Fr. Manuel tornou a tocar-lhe no hombro e dis-

se-lhe com grande brandura, com lagrimas na voz:

—Filho, desposais a desgraçada? Legitimais os vossos filhos?

O fidalgo refletiu, ergueu o olhar duro para a face angustiada do frade e respondeu de golpe:

—Não.

—Quereis refletir ainda?

—Deixai-me! deixai-me! gritou Manuel de Sousa num destempero histerico. Se tem de morrer, que morra, que ninguem a matou. Manceba ou esposa, que tem isso aos olhos de Deus, se eu é que tenho a culpa de que ella vá assim?

Fr. Manuel da Salvação ia a responder, quando um ai pungente e desconforme lhe cortou a resposta,

—Ouviu tudo, disse o frade, de lagrimas em fio, voltando o rosto para dentro.

E a velha serva apareceu, anciosa, suplicante, falando a meia voz, de mãos erguidas:

— Senhores, que a pobresinha está a finar-se!

Fr. Manuel meneou dolorosamente a cabeça e correu para a enferma. Manuel de Sousa vacilou, crispou os punhos, murmurou palavras doidas, mas seguiu-o resolutamente.

A pobre moribunda viu-os, sorriu-lhes e estendeu logo a mão fria ao fidalgo.

Depois, a arquejar muito, falou, mas ninguem lhe compreendeu uma palavra.

Curvou-se para ella o frade, rezando em voz alta, e Manuel de Sousa, livido e tremulo, pretendeu balbuciar-lhe palavras de conforto.

A canarim fitava-o com um ardor e uma fixidêz que nunca tivera no olhar.

Depois, vendo Manuel de Sousa muito triste, muito humilhado, tornou a mover os labios com ex-

pressão de riso, mas as palavras resultavam-lhe sempre indistintas, afogadas.

A sua mão fria, cada vês mais viscosa, apertou então muito a delle, e voltou a face um pouco mais para Fr. Manuel, parecendo repetir as suas orações.

Quando o frade lhe deu o Crucificado, apertou-o ao coração, mas o seu olhar triste e penetrante cravou-se ainda, durante momentos, no rosto convulso de Manuel do Sousa.

Esteve instantes com o Crucificado junto do peito, orando com Fr. Manuel a quem apertou tambem a mão direita com imenso nervosismo, agradecendô-lhe tudo por meio de olhares doloridos.

Depois, fês sinal de lhe levarem os filhos.

Afastou-se um pouco o frade, rezando sempre. Correu Manuel de Sousa a levar-lhe as crianças.

A velha foi buscar o menino que chorava no berço.

Mas, diante de mãe, calou-se como se compreendesse tudo, d'olhinhos enxutos, muito esgazeados.

A moribunda ainda beijou o mais velhinho, e então Manuel de Sousa, tocado de subita piedade, foi colher-lhe um beijo tambem, a tremer todo.

Este beijo impulsivo animou inefavelmente a canarim e fês estremecer de consolo o frade.

Pelo espirito de Fr. Manuel perpassou de novo a ideia dos desposorios. Mas, nisto, a moribunda fêsse muito escura, os olhos encheram-se-lhe de lagrimas, um grito lancinante, e muito claro, lhe rasgou a garganta afogada: «Manuel!» e, sem vigor para apertar as mãos do fidalgo e do frade, que tinha corrido a ampara-la, caiu de vês, inteiriçada, com duas enormes lagrimas cristalisadas ao canto dos olhos.

—Morreu, disse com terror Manuel de Sousa, tendo o olhar desmesuradamente aberto.

—Resuscitou! retorquiu-lhe o frade, que orava já de joelhos, de fronte sobre o peito.

O antigo capitão de Diu, nisto, chamou a si os filhos e ajoelhou com elles. A velha serva, a soluçar, foi pôr no berço a criancinha de peito e veio depois orar tambem.

E, nisto, Manuel de Sousa julgou ver uma figura vaporosa e branca sobre o cadaver.

Seguiu-a com os olhos e pensou que a via diluir-se, desfazer-se em bruma, constelada de pequenos astros.

Baixou a fronte, e pareceu-lhe que duas grandes lagrimas rolavam no firmamento.

Seguiu essas lagrimas no seu ondular de cristal, e afigurou-se-lhe que se convertiam em estrelas, a subirem depois na esteira da figura que se diluira.

E julgou que adormecera de joelhos, e que sonhava, que se desprendia de todo o ambiente.

A morta estava viva, e elle é que estava morto. Ella era pura, diafana, luminosa: elle era uma podridão a fermentar, coberta de ferro e de sangue. E a amante animava-o, chamava-o, apontando-lhe um caminho todo cheio de lagrimas e abismos, mas com uma linda claridade ao fim.

A voz de Fr. Manuel despertou-o, com a tonalidade austera dum dobre.

—Enterrai-a, ao menos, honestamente.

—Duvidais, amigo?

—Não me chameis amigo, que fingis.

—Fr. Manuel, não me perdoais então?

—Mais um crime? Só Deus.

E o frade comtemplou o cadáver e sorriu com amargura, parecendo descrente de si e de todos.

Depois, fitando Manuel de Sousa com grande bondade, murmurou-lhe, cavamente, maguadamente:

— Ide-vos preparando, desditoso. A vossa hora de lagrimas deve de ser horrivel.

Disse isto, já levantado, apertou-lhe a mão com a antiga indulgencia e saiu, enxugando os olhos pisados.

Manuel de Souza, então atraído pungentemente pelo cadáver, foi sentar-se-lhe á beira e ficou imovel como pedra despenhada na bôca dum abismo.

XII

O Santo

O PADRE Mestre Francisco Xavier e os seus companheiros não conheceram o perfeito repoiso nem na noite do dia em que chegaram.

Tinham escolhido o Hospital para domicilio e logo começaram a tratar dos enfermos, a servi-los, a confortá-los, a fortifica-los. Naquella mesma noite lhes foram enfermeiros e companheiros, com ardor e com amor.

Francisco Xavier encheu logo de luz e de paz as enfermarias. Passadas poucas horas, os doentes já o procuravam com ólhos anciosos, com saudade.

E elle parecia ubiquo; aparecia em toda a parte com todo o soccorro e com todo o alento. Ninguem lhe via sinal de cansaço nem de impaciencia. Não se perturbava com a maior febre; não recuava diante das chagas mais ascorosas.

Pelo contrario, quanto mais hediondas, mais o atraíam, mais risonho o encontravam.

Por vêses, fazia-se livido, parecendo que ia cair de subito. Mas, alteando o olhar, Francisco Xavier orava com tanta fé, que o rosto recuperava côr e luz, o corpo enchia-se-lhe de vigor.

E, como se aquelle colapso fôra um crime, uma culpa sua, redobrava de ardor e de santo entusiasmo, envergonhado da fraqueza momentanea.

Nada tinha de severo. A sua face era banhada de alegria pura. Sorria sempre, sem esforço, como um pai a muitos filhos, que lhe mendigassem o amor e os sacrificios os quaes elle lhes dava como um servo seu.

Segundo os temperamentos e os sexos, as edades e as doenças, assim era jovial ou grave, mas sempre terno.

Quando encontrava um enfermo com o olhar desvairado, embora sem febre patente, caprichoso, brusco, insociavel, afeiçoava-se-lhe com uma predileção tocante, não mais o abandonava.

Quasi sempre, encontrava nesse enfermo um sético, um homem gasto pelas paixões, e era quando mais recompensado por Deus se julgava, ao deparar-se-lhe.

Mansamente, bondosamente, discutia com elle. Mas o seu discutir não era o de quem impõe, nem até o de quem ensina: era o de quem aprende e medita com um companheiro na Dôr.

E a discussão, que só o era por parte do doente, ficava depressa reduzida á troca de confidencias.

O enfermo, como nunca o fizera em toda a sua vida, desabafava todas as torturas intimas, e Francisco Xavier, procurando explicar-lh'as, dava-lhes o balsamo unico, modestamente, sem alardes de infalibilidade, como que aconselhando-se.

E não precipitava a vitoria. Deixava-o a um pretexto verosimil e voltava ao outro dia, sem parecer preocupado com o que se seguira naquella consciencia, com o caminho da luz nas trevas.

D'ordinario, ao voltar, encontrava um homem novo dentro daquelle exterior devastado. O doente estava

tros: se mais parecia fazer, era porque elle só na missão se ocupava, ao passo que os bispos e outros clerigos tanto tinham em que ocupar o seu tempo e o seu zelo. Não fazia milagres: Deus é que os fazia para que todos vissem como do pó se fazem estrêlas.

Elle, o mais humilde de todos, era de todos o mais feliz, por ser o mais ocioso, o mais livre por Deus de canceiras mundanas.

Depois, ao levantar-se do chão, a sua eloquencia era uma torrente de cristal. Suspendiam-se todos dos seus labios.

Muitos, no fervor da sua Fe, viam-lhe á roda da fronte uma aureola d'oiro.

Em seguida, caminhava até aos templos, visitava os paraliticos, dava esmola aos pobres.

Ninguem que o visse e ouvisse deixava de o esmolar. O Santo reunira um pequeno tesoiro e ia distribui-lo pelos indigentes.

Era um dia festa a sua entrada nos tugurios. Cada uma daquellas grutas, grutas pela pobreza e pelas trevas, fazia-se uma egreja. Os infelizes, nada mais tendo, juncavam o pavimento de flôres.

E, quando o Santo aparecia, era um verdadeiro hino o jubilo dos desgraçados. Beijavam-lhe as vestes. As creanças sorriam-lhe como a um Pai comum. Os velhos pediam a Deus que a sua agonia fosse nos braços nervosos e fortes daquelle padre admiravel.

Duma vês, Fr. Manuel da Salvação entrou com elle numa choupana, perto da Ribeira.

Jazia em palhas uma velha enrugada e livida. Aos pés della uma joven, esqueleto coberto de lagrimas, pudera apenas amontoar algumas flôres em honra de Francisco Xavier.

Entrou o Santo com pão e sorrisos. A joven iluminou-se toda. A velha teve tanta alegria, que

os seus braços encarquilhados e imoveis alçaram-se num gesto de prece.

Grande assombro de todos. O Padre sorria sempre e ia rezando com doçura e serenidade.

Depois de olhar á roda com ternura, fitou a paralitica e, num movimento encantador, colheu-lhe a mão e beijou-a, profundamente, como se beija a mão duma mãe querida.

A velha, envergonhando-se, quiz retira-la e, naquelle esforço, sentou-se no leito, e viu-se cheia de vigor, capaz de andar, de voltar a ter movimento.

A este prodigio enorme, a enferma desentranhou-se em louvores e em lagrimas. Todos choraram e pasmaram.

Entretanto, a joven, mais rosada, mais alegre, dizia com contrição, num impulso de sinceridade, ajoelhando:

— Santo, resgatastes-me. Ah! eu bem sabia que, quando fosse perdoada a minha culpa, voltaria a saude de minha mãe e a minha. Conheço que me perdoastes!

— Perdoou-vos Deus, minha filha — disse Francisco Xavier, erguendo-a, ungindo-a de luz e bondade.

E chorou com ella com tanto sentimento, que nem Fr. Manuel nem ninguem poderam represar as lagrimas.

Na noite desse dia, quando Francisco Xavier já recolhera ao Hospital, Fr. Manuel procurou-o.

Estava o Santo a confessar um moribundo. Teve o frade de esperar durante quasi uma hora.

Depois, recebido com amor, Fr. Manuel disse lentamente ao missionario, que o ouviu cheio de respeito:

— Reverendo Padre Mestre, está diante de vós um grande pecador.

—Como diante de vós, Fr. Manuel—atalhou Francisco Xavier, d'olhos tristes.

—Assim o quer a vossa humildade. Reverendo Padre Mestre, não venho só rogar-vos que peçais a Deus por mim nas vossas santas orações, venho pedir-vos por um grande desgraçado...

—Por um querido irmão, não é isso, Fr. Manuel?

—Querido, sim, Padre Mestre Francisco Xavier, que, mais do que como irmão, como filho o tenho amado sempre. Mas os annos volvem, e o infeliz não se redime.

—Jesus-Cristo tudo pode.

—Mas é preciso que o arrependimento verdadeiro nos eleve, e o meu filho adotivo é impenitente.

—Não desespereis nunca. Conheceis os exemplos de S. Paulo e de Santo Agostinho.

—Poderieis vós falar-lhe para o converterdes?

—E porque não, Fr. Manuel? Quem sabe? Talvês Deus me dispense mais essa grande vitoria. E, depois, tenho pressa em servir-vos, se Deus me fizer tal mercê, porque eu não fico na India: tenho vinha mais agra e urgente na China e no Japão.

—Tão longe!... murmurou Fr. Manuel, cheio de tristeza pungente, tremendo-lhe os labios brancos.

—Assim Deus o determina e, quanto mais agruras me conceder, mais misericordia comigo terá—tornou Francisco Xavier com alegria pura.

—Precisam de vós as almas dos gentios de todo o Oriente... dos gentios e tambem dos cristãos—apoiou o frade com calor.

—Não de mim, Fr. Manuel, que nada sou, mas da luz de Jesus-Cristo, que tudo é. Os meus queridos companheiros valem mais do que eu, mas pensam como eu penso.

E, depois duma pausa breve, acrescentou com a maior humildade:

—Aonde quereis que eu vá comvosco para tocar esse coração triste?

—Virá elle aqui, Padre Mestre Francisco Xavier—respondeu o frade com firmeza.

—Não, não—atalhou o Santo imediatamente. Não tem elle o dever de visitar-me: eu é que o tenho de servi-lo. Dizei-me só quando e onde...

—Quando puderdes, quando o determinardes... já que assim o desejais.

—Quereis agora mesmo? acudiu o Santo com o alvoroço duma alma simples.

—Não, Padre Mestre Francisco Xavier, que deveis estar cançado da peregrinação pela cidade.

—Cançado, dizeis vós? Mas que importa o corpo, se o espirito não cança? Se vos não despraz, iamos, pois, agora mesmo. E Francisco Xavier levantou-se, radiante de simplicidade.

Fr. Manuel curvou a cabeça comovidamente. Quiz opor-se, mas o olhar do missionario suplicava-lhe que o não fizesse.

A noite era profunda, quando os dois sairam, profunda e sem estrêlas, ameaçadora de chuva.

Francisco Xavier, embuçado como se fora um criminoso, não deixava, comtudo, de fazer perguntas ao frade.

—Quem é o vosso enfermo? dizia elle, a meia voz, interessado devéras.

—Um fidalgo de grande coragem, respondeu Fr. Manuel: de grandes feitos e boa jerarquia.

—Novo? tornou o Santo.

—Na virilidade. Forte de corpo e de espirito. Muito trabalhado de guerras, mas duro e resistente como o aço...

—Rico talvês!

— Muito pobre, por muito honrado — declarou Fr. Manuel, de cabeça um pouco mais alta.

Os belos olhos de Francisco Xavier relampejaram de alegria, e continuou:

— Coração duro?

— Dizei antes, Padre Mestre Francisco, um coração misterioso — duro e comovido, ao mesmo tempo.

— Solteiro? tornou o Santo, d'olhos fixos nas trevas.

— Sim, mas vivendo até ha pouco em mancebia... no pecado.

Francisco Xavier calou-se. Parecia estar como que na pista duma alma. Tinha o olhar penetrante e, comtudo, vago de quem procura uma consciencia. A principio, Fr. Manuel julgou que elle lhe ia dizer alguma coisa, mas notou depressa que falava apenas comsigo. Monologava? Talvês; mas o fervor com que o fazia mostrava mais um dialogo com Deus, a oração.

Fr. Manuel da Salvação acompanhou-o sinceramente naquella prece e assim foi caminhando cabisbaixo.

Parava o movimento da cidade. Só, e muito a espaço, passavam as cavalarias da policia daquelle tempo.

Ouvia-se aqui e ali um ruido de vatolagem, um grito, uma gargalhada, a voz duma sentinela do forte.

Os dois estremeciam, mas continuavam o seu caminho. Comtudo, as tavolagens depois tornaram-se mais frequentes.

Era ao pé das casernas. Trescalava ali o olor irritante das cavalariças, dos paiões dos quarteis.

Canções de marujos e de rameiras cortavam mais de perto os ouvidos, os corações.

E num cotovelo de rua, abriu-se de repente

diante delles, como uma chaga desconforme, uma tavolagem das mais tristes. Estava de porta escancarada. Ferviam pragas e blasfemias. Bebia-se, e aqui e ali fermentavam rixas. Um homem alto, muito ébrio, mostrava á luz baça a lamina, o relampago dum punhal.

Francisco Xavier encaminhou-se para o limiar resolutamente e ia a dizer não sabemos que palavras, quando a confusão de todos o surpreendeu. Fugiam para os aposentos contiguos, e depois escapuliam-se por uma porta que dava para a outra rua. Todos elles escondiam o rosto e os poucos que ficavam, pendiam a fronte, como se os tivessem esmagado. Nem um apupo. O olhar do Santo parecia varre-los ou subjuga-los.

— Vamos, disse apenas, sorrindo, Francisco Xavier, recolham a suas casas, que lá têm quem os ajude a pedir perdão a Deus.

E, dando vivamente o braço a Fr. Manuel, que ficára atónito e enlevado, continuou o seu caminho e disse-lhe:

— Acabais de prestar um grande serviço a Deus. Se não fôra vós chamardes-me cá fóra, teria havido aqui um crime.

E o frade mrumurou a medo:

—Como os espiritos têm olhos!...

Depois, incapaz duma palavra, seguiu a conversar com Deus.

XIII

Temporal iminente

D. Garcia de Sá recolhia de Pangim, da futura sucessora de Gôa.

O velho fidalgo fôra dos poucos que, depois da subida de Martim Afonso, pesára a ingratidão de tantos para com D. Estevão da Gama, embora só logo depois de notar a banalidade do seu proprio retraimento.

E, fundamentalmente justo, não se arreceou emfim do que podia pensar o novo Governador, o aspero e facioso Martim Afonso.

Não acompanhara D. Estevão de perto, por uma prudencia propositada. N'ella havia o medo de irritar a vaidade do Governador, levando-o talvês a perigosas audacias, que muito o feririam naquelles annos de vida decadente. D. Garcia de Sá lembrava-se, a preceito da credulidade da côrte diante de acusações de lôdo. De sobejo lh'o tinha mostrado o que elle proprio padecera no tempo de Nuno da Cunha, o seu amigo devotado e justo.

Conhecia muitos factos similhantes. Sofrera pungentemente pela crueza havida com Lopo Vaz de Sampaio e com outros de menor destaque, mas integros de probidade e fé.

E, se apenas o receio de excitar o odio, facilmente impune, de Martim Afonso o contivera naquella neutralidade parecendo, afinal, fazer delle um pueril covarde, a sua consciencia, pura e muito fortificada pela boa cultura, levava-o a fazer agora o que, na verdade, só por doentio ciume de Martim Afonso, lhe poderia acarretar desgosto.

Não se retraiu, pois, mais. Seguiu o exemplo de fidalgos dos mais respeitadores dos regimentos de El-rei.

Foi apresentar as suas homenágens ao novo Governador, e com estes fidalgos, correu a Pangim, a assegurar a D. Estevão o melhor do seu respeito e justiça, a saudá-lo, a venerá-lo.

Em Pangim encontrou o seu amigo Luís Falcão que seguia para Gôa, alvorotado por varios pensamentos.

Luís Falcão andava aborrecido com a capitania d'Ormuz e anciava por chegar á capital da India, na esperança de conseguir outro posto, vida mais de côrte, mais larga e mais livre para o seu animo dissipado.

Vivia em constantes aventuras. Sedutor brutal de mulheres de todos os estados, rugiam em torno delle ódios que o preocupavam. Um dia, junto a uma enorme floresta de palmares, tinha-lhe zumbido perto um tiro que ninguem soube dizer donde ia e que lhe matou o escravo que ia á sua esquerda.

Luís Falcão era um valente soldado, mas aterrava-o, porisso mesmo, morrer sem gloria. Além disso, o seu proprio orgulho lhe fazia mais dolorosa a perspetiva de acabar, miseravelmeute, ás mãos dum vingador que ficaria a rir sobre o seu cadaver, tripudiando com elle tantos seus inimigos.

O sonho de Falcão era um logar em Gôa, logar de destaque, tendo sempre muito mais segura a vida

do que em Ormuz, pouco policiada, cheia de verdadeiros barbaros, como elle chamava aos homens de costume mais austeros.

Vendo D. Garcia de Sá, o olhar torvo e sanguineo de Luís Falcão clareou-se muito.

O velho fidalgo tinha grande prestigio na India, e mostrara-lhe sempre uma simpatia, que o assombrava, porque a sua brutalidade nativa afastava-lhe as amizades de ordinario.

D. Garcia folgou egualmente, apenas o reconheceu.

Prendia-o a Luís Falcão um aféto que não sabia explicar. Impunha-se-lhe aquella linha de homem forte, quasi herculeo como D. Antonio de Noronha, o filho do 3.º Viso-Rei, aquella altivês acompanhada duma força e duma brutalidade que o velho fidalgo, apezar de muito inteligente, confundia, por estranha fraqueza, com a austeridade, com a integridade de carater.

Luís Falcão para elle era um verdadeiro braço, o Positivo. Todo o idealista tem destas simpatias absurdas. Conta-se de muitas aves devaneadoras o hipnotismo que sentem no olhar duro, penetrante, nu, sinistramente calmo, da serpente rasteira.

—Em Pangim! exclamou D. Garcia de Sá, logo que viu Falcão perto delle, a sorrir-lhe.

O capitão d'Ormuz, jubiloso com aquelle espanto cordeal, correu a abraça-lo vigorosamente.

—Voto a Cristo, que não esperava encontrar-vos... disse, encostando-o ao coração com bastante carinho.

—Nem eu, tornou o velho fidalgo, enternecido sinceramente.

E, fitando-o nos olhos duros, dum fulvo lampejante:

—Sempre forte e valoroso!

— Assim tem prazido a Deus.

— Seguis hoje para Gôa?

— Agora mesmo.

— Exatamente como eu.

E tinham vindo até Gôa em conversa animada e amiga, numa fusta veleira.

Falaram primeiro de D. Estevão e depois da chegada de Francisco Xavier, o grande missionario.

O capitão d'Ormuz encolhia friamente os hombros ao ouvir falar dos prodigios do Santo.

D. Garcia de Sá jurava-lhe ter presenciado verdadeiros milagres. A palavra do missionario tinha uma força tão invencivel, que os proprios bramanes se convertiam, deixando a fé profunda dos seus avós. Na opinião delle, quem vinha conquistar a India para sempre, melhor do que as espadas delles todos, era aquelle padre inofensivo, radiante de eloquencia e de sinceridade.

Luís Falcão concordava por calculo, sorrindo séticamente. Não lhe convinha ferir o animo do velho fidalgo e, porisso, reprimia o pensamento intimo sobre a nova missão.

Já perto de Gôa, o capitão d'Ormuz rompeu com audacia:

— Deveis de ter muito valimento junto de Martim Afonso...

— Algum terei quiçá... Precisais de mim? rompeu D. Garcia com interesse e alegria.

— Vivo mal em Ormuz, replicou Falcão. Como sabeis, sou homem fogoso, e entro em aventuras que muitos desgostos me criam.

— Precisaveis casar-vos — acudiu o velho fidalgo em alvoroço, pronto para chegar a tudo.

— Sim, quando tenha um logar alto e firme.

— E porque não?

— Sou pouco ditoso — disse Falcão com tristeza

forçada. Pensais, porventura, que, se eu tivesse já posição de boa grandeza, não vos teria recordado os nossos velhos projetos?

—Minha filha, a minha Leonor... Dar-vo-la-ia de todo o coração.

—Tendes-lhe falado em mim?

D. Garcia córou e empalideceu, mas pouco depois tornou-lhe:

—Bem sabeis que, apezar de senhora feita, é muito verde de edade. Não tenho ainda que a consultar, e depois tendes-me sempre dito como desejais casar-vos só depois de passado o maior fogo das vossas paixões...

—Assim é, D. Garcia. Não quero esposa para martir. Mas, se eu lograsse posição bastante, em dois ou tres annos não seria casar cedo...

—Não era, não. Outras têm casado ainda mais moças. E Leonor, não é por ser minha filha, mas faz esquecer as maiores belezas...

—E' formosissima, D. Garcia, como nenhuma em toda a India.

—E aquelle bom senso, aquella gravidade, em annos tão tenros...

—Tem o ar duma rainha.

—Aquelle bom coração, aquelle carater...

—Permitis-me decerto que vá apresentar-lhe os meus respeitos...

—Gracejais? Onde tereis mais cordeal hospedagem? gritou D. Garcia com grande fogo.

—Pois quereis!... balbuciou o Falcão, profundamente espantado.

—Ordeno-vo-lo e não vos admito replica—disse D. Garcia com rispidês cómica.

Entravam em Gôa pelo meio-dia, desembarcando alegres como dois antigos companheiros d'armas que, ha muito, se não tivessem visto.

A cidade tomára um aspeto novo. Não se via aquelle costumado ar rancoroso dos indios, humildes só no exterior, e afinal odientos até á ferocidade. O povo em geral tinha um aspéto mais aberto e mais feliz. O trabalho era alegre, vivo, tocado dum singular espirito de bondade.

Repicavam jubilosos os sinos dos templos e a labuta era mais intensa e desoprimida nas ruas e nas praças. Trabalho e Fé, parecia o lêma agora de Gôa, rejuvenescida, tranquila.

O novo espirito religioso dera á fisionomia da cidade uma expressão de gravidade satisfeita, do bem estar colétivo que faz, das cidades, familias enormes e pacificas.

E a atmosfera em tudo parecia mais limpida e leve. Se alguns soldados, correídos da brutalidade especial que faz os ambiciosos de espada, manchavam de rudeza e até cinismo as ondas vivas do povo quasi em festa, a nota subita diluia-se em luz esplendida, uma luz que vinha, progressiva e integra, da força e saude das almas.

Para Luís Falcão era uma inesprimivel novidade que, no fundo, o contrariava.

Espirito grosseiro e corruto, sentia-se mal, como o peixe fóra da agua.

Sentia-se privado de muito da sua audacia e, porisso, oprimido no melhor da sua força.

A sua brutalidade triumfante achava se deslocada, contrafeita, e nos olhares dos que passavam julgava ver, como nunca, assestada sobre elle, uma piedosa mas constante ironia.

—Tem havido muitos sermões... disse Falcão, sem poder conter-se, num juizo instintivo.

Mas Garcia de Sá não teve tempo de responder.

Falcão, avistando um homem alto e grave, ain-

da moço, que vinha cabisbaixo dos lados da Sé, voltava-se para o velho fidalgo, a rir muito:

—Não querem vêr? O padre-mestre converteria aquelle demonio?

—E' Manuel de Sousa Sepulveda, disse Garcia de Sá com indiferença. Valente fidalgo, mas de modos um tanto extravagantes...

—Sim, apoiou o Falcão, ora triste como a noite, ora esquentado e volteiro como poucos. Não vos dais com elle?

—Com muita cortezia.

—Não vos praz? Bello moço é elle.

—Belo moço, mas fatal, ao que dizem...

—Fatal?! Ah! para mulheres... Não mais o tem sido do que eu... disse o capitão d'Ormuz, ridiculo de vangloria.

—Não sei, não sei... balbuciou Garcia de Sá com grande movimento de antipatia.

—E é um letrado—continuou Luís Falcão—Já teve murça de cónego. O missionario já encontra meia obra feita.

E, erguendo a voz metalica sobre o ruido da multidão:

—Manuel de Sousa!... Grande birbante!

O fidalgo ouviu o brado e alevantou a cabeça bruscamente, de mau humor.

Depois, vendo o Falcão, sorriu com grande melancolia, e parou, ainda indeciso.

—Ides falar-lhe? perguntou D. Garcia, de sobrôlho crespo, cofiando a barba de prata.

—Se vos não molesto...

O velho fidalgo encolheu os hombros e não redarguiu.

Entretanto, Manuel de Sousa atravessára lentamente a populaça e Falcão seguia ao seu encontro. Garcia de Sá acompanhou-o maquinalmente, d'olhos muito baixos.

—D. Garcia... disse Manuel de Sousa, cumprimentando o velho. Ha muito vos não vejo.

—Pois tenho-vos eu visto—replicou D. Garcia com polidês fria, fitando-o de travez. Desculpai-me que vos não tenha ido comprimentar pelo vosso desgosto, mas, se falam a verdade, não enviuvastes, perdestes mancêba...

—Sim sim...—acudiu Manuel de Sousa, tambem d'olhos baixos, mas irónicos—perdi mancêba. Só lhe faltou porém, que eu a desposasse á hora da sua morte...

D. Garcia de Sá sentiu a estocada, mas não respondeu: cerrou os olhos desdenhosamente.

Falcão, entretanto, cortava o dialogo com ruido, meneando-se:

—Ah! por isso andais tão merencório! Viva Deus, que não é por predicas desse maniaco do frade, nem por milagre do Padre-Mestre...

E, sem o deixar responder, tornou com grande alegria:

—Isto de viver em Gôa é tão bom, ou melhor, do que estar na côrte de S. Alteza. Olhai, Manuel de Sousa, que linda canarim, de bilha debaixo do braço!...

—Sempre o mesmo, Luís Falcão...

—E vós, grande birbante?

—O mesmo tambem, amigo.

—Com que seriedade!...

—Com que amargura!...

—Mas que tendes vós, Manuel de Sousa? Muitas mancêbas tenho eu perdido, e não tenho deixado de comer e rir.

O fidalgo olhou muito para o capitão d'Ormuz e sorriu de novo. Depois mudando de conversa, disse-lhe lentamente, penetrando-o com o olhar:

—A que vindes vós com essa alegria?

—A que venho? A falar-vos e a todos os amigos. Ormuz é um desterro. Sereis vós quiçá de poder junto de Martim Afonso?

—Nem junto de mim, disse Manuel de Sousa, abatidamente, cheio de verdadeiro desconsôlo.

—Por Satanaz! Vós tendes desgosto mofino. Será algum remorso?

—Perguntai-o a D. Garcia da Sá.

—A mim?! respondeu o velho fidalgo com aspereza. Tenho algo com a vosa vida, senhor fidalgo?

—Desculpai—atalhou Manuel de Sousa, brandamente. Julguei que conhecieis com dôr o meu desgosto. Sois tão amigo de Fr. Manuel da Salvação...

—Sim, sou, disse D. Garcia, calmando-se com grande esforço. E em vós me tem falado.

—Com grande angustia decerto...

—Não, não—tornou D. Garcia com nitida friesa: como se fala de qualquer.

Manuel de Sousa animou todo o rosto, ficou calado a ler-lhe na face, crispada tambem, e murmurou palavras vagas que ninguem percebeu. Mas, animando-se de subito, disse ao Falcão:

—Emfim, vindes estar em Gôa?

—Alguns dias.

—Procurais outro cargo talvês?

—Acertastes.

—E onde assistis?

—Nas casas do honrado fidalgo D. Garcia de Sá, que nos ouve.

—Por aí nos encontraremos—volveu o Sepulveda com simplicidade.

—E não ireis a visitar-me? D. Garcia decerto vos acolherá como fidalgo...

O velho curvou a cabeça numa afirmativa cortês, mas visivelmente forçada.

—E depois—quem sabe?—continuou o Fal-

cão com grande despejo — se prometerdes não fazer a côrte a D. Leonor, que espero seja minha, lá tendes D. Joana, uma donzela interessante que D. Garcia decerto não quer para freira...

O velho fidalgo, dorido com a leviandade do Falcão, ia a responder, mas o capitão d'Ormuz, seguro do seu predominio, proseguiu ás risadas:

— Elle desculpa estas audacias, que é meu amigo do coração, e bem sabe que quero desanuviar-vos. D. Joana, com efeito, é linda como os amores... mas...

— Tem já o seu destino, disse D. Garcia com grande impaciencia, tão agressivo de tom, que tinha a voz cavernosa e aspera.

— Mas segui o vosso caminho — acudiu logo Manuel de Sousa, sorrindo e alçando o sobrolho: Devieis saber, Luis Falcão, que nem todas as horas são bôas para doidejar e rir.

E, saudando profundamente o capitão d'Ormuz, continuou com tristeza ironica:

— Folgai, amigo Luis Falcão. A qualquer hora nos veremos e falaremos.

Manuel de Sousa disse isto e cortou logo para o lado donde viera, sem voltar o rosto.

— Que vos parece? perguntou Falcão a D. Garcia, apenas o amigo se afastou.

— Quem? o vosso amigo? Um homem de má sombra, que me faz frio...

E a sua resposta foi quasi ordem de não se voltar mais ao assunto.

Continuaram o seu caminho. D. Garcia desanuviara-se, pouco a pouco, e, ao entrar nas suas casas, resplandecia-lhe já tanto o rosto, que parecia um joven, encanecido só por capricho da natureza.

Quem lhes apareceu primeiro foi Pantaleão de Sá, sempre grave e pensativo.

O mancebo estremeceu, vendo Luis Falcão, mas, contendo-se habilmente, saudou-o com grande primor e, depois, correndo para seu pai, beijou-lhe com respeito a mão e a face.

—Que novas me dais? disse D. Garcia, com ar satisfeito.

—Nenhumas, senhor meu pai.

—Leonor e Joana?

—Muito bem.

—Pois eu trago-vos uma grande nova...

—Vistes D. Estevão?

—Vi, e falei-lhe.

—Resignado?

—Sim, filho: resignado e limpo, o que é melhor.

—Mas eu já o esperava. Já o esperaveis tambem vós, senhor meu pai.

—E' que não é essa a grande nova...

—Qual? Mais de alvoroço?

—Trago-vos um hospede, o senhor capitão d'Ormuz.

—Grande honra nos faz—disse o moço, cerrando os olhos, colericos de subito.

—Assim m'o ordenou D. Garcia—observou Luis Falcão com vaidade e estridor.

—Correi a chama-las—ordenou o velho fidalgo.

E, cheio de estranho infantilismo, continuou:

—Bem sabeis que a terra só produz depois de paciente sementeira. Entendeis-me, filho?

Pantaleão de Sá sorriu desbotadamente e retirou-se devagar.

—E' bem grave este moço—disse Falcão, ao vê-lo sair, mostrando o olhar mais fulvo.

—Grave e, ás vesês, concentrado demais.

—Dizem que perdeu a noiva.

—E tem ás irmãs um amor de pai.

—Ah!

—Bom carater, só um pouco teimoso.

—Compreendo.

—Compreendeis? Mas haveis de dizer-me o quê. Talvês o não entendais.

—Voto a Cristo, que sim.

—Dizei, dizei.

—O senhor Pantaleão de Sá quereria que não casassem suas irmãs...

—Principalmente Leonor...

—Senão, ao bom talante dellas...

—Sois de penetrante juizo.

—Mas tem razão. Deixa-las ser crianças.

—E, depois ouvirão o que lhes convem. Belo discernimento!

E Garcia de Sá, radiante, continuou:

—Uma dellas, Joana, já escolheu. Por mercê de Deus ama quem lhe eu destinei. E' D. Antonio de Noronha, aquelle belo moço...

—Preferiu-a a D. Leonor?! disse o Falcão, não escondendo o espanto.

—D. Antonio de Noronha é um espirito sensato. Impetos e caprichos só os tem nos combates onde é valente como poucos. Quanto ao coração, disse-me elle, hade pertencer a quem melhor lhe possa governar as fazendas. Quando soube da inclinação de Joana, ficou tão satisfeito como quem sobe de posto. Casará quando ella fôr doutra idade e quando elle tenha vida mais repoisada. Está tudo ajustado. Quanto áquella, Luis Falcão, se Deus me der vida, vê-la-ei feliz dentro de tres ou quatro annos. E Leonor convosco no mesmo tempo ou antes.

Depois morrerei descançado, que lhes deixo quem as eleve tanto ou mais do que seu pai.

Intorromperam-nos passos. A voz de Pantaleão de Sá ouvia-se confusamente em conversa com vo-

zes argentinas. Parecia dorida, mas firme, aquella voz.

Aproximaram-se. A' porta da sala appareceram os tres irmãos: primeiro Leonor, altiva, entre triste e desdenhosa; depois Joana, d'olhar vivo e humido; atraz della o irmão, singularmente palido, mas de cabeça alta, quasi agressivo.

Luis Falcão, fascinado e confundido, levantara-se com a maior cortezia, mas, recuperando logo o sangue-frio, lançara em cheio sobre Leonor o seu olhar de ave de rapina.

E, nisto, sem deixar falar ninguem, declarava lentamente:

—Para obedecer ás ordens do senhor D. Garcia de Sá, me vejo forçado, senhoras, a incomodar-vos com a minha companhia de alguns dias...

—Mas sentai-vos, senhor capitão d'Ormuz—atalhou Leonor, sentando-se e fazendo sentar a irmã, com um desembaraço desafetado.

E, depois, cheia da sobranceria que lhe dava muita mais edade:

—Vindes então d'Ormuz?

—Sim, senhora D. Leonor.

—Veio comigo de Pangim—acrescentou Garcia de Sá, correndo rapidamente um olhar profundo pelos seus tres filhos, e pretendendo impô-lo a Leonor.

—Tendes pelejado muito? tornou ella, fitando serenamente Luiz Falcão, sempre risonho.

—Em Ormuz, senhora, por desventura, não ha pelejas; ha refregas pequeninas. Vida de tédio e, sem familia como eu...

—Desejais talvez vir para Gôa. Tendes razão. Eu tambem ainda tenho horror á vida de Baçaim.

—Éreis uma estrela escondida.

—Muito vos agradeço a amabilidade. Muito...

E Leonor, levantando-se inesperadamente. acrescentou, de cabeça muito erguida:

—Espero vos não aborreçais muito aqui. E, se me dais licença, vós e meu pai, deixar-vos-ei... Fica Joana, mais vivaz e entendida que eu.

Fez uma mesura estranhamente palaciana, sorriu contrafeitamente aos irmãos e ao pai, e, pálida e severa d'olhar, saiu sem mais palavra, com lentidão, mas com firmeza.

Joana córou, empalideceu, olhou para o pai e para o irmão e, fazendo um visivel esforço, continuou a conversar em voz tomada:

—Ha muito não vinheis a Gôa...

—Ha muito, senhora D. Joana.

Mas Luiz Falcão estava deveras humilhado pela brusca ausencia de Leonor.

Queria animar a conversa e faltavam-lhe as palavras.

D. Garcia, cheio de nervosismo, continha-se com grande esforço.

Pantaleão de Sá, receoso e perturbado, fitava o chão num gesto que lhe era habitual, quando o colhia qualquer embaraço.

Fez-se um silencio incomodativo. Joana, enleiada e muda, aproximou-se, nisto, do irmão como quem se defende, a dizer-lhe a meia voz algumas banalidades, perturbada e agoniada.

Depois, voltando-se de golpe, animou-se toda para tornar menos ofensiva a fuga.

—Senhor capitão d'Ormuz, disse ella com um belo sorriso, mas toda rosada: Leonor chama-me. Trazemos em mãos um trabalho de que o senhor meu pai muito gosta!

E, para o pai, tremendo-lhe um pouco a voz:

—Lembrais-vos? E' aquella volta que vos andamos bordando...

Disse isto, recuou com mêdo de que a não deixassem retirar, e, de subito, desatou a correr com alegria forçadamente travêssa, com o coração todo aos pulos.

E então D. Garcia de Sá, convulso, voltou-se para Pantaleão de Sá, e disse-lhe, de dentes cerrados, no auge da cólera:

—Bem, vêdes, filho, que isto não pode ser assim. Ide, ide dar bons conselhos a essas estouvadas. Por Deus! .. Não me desesperem!...

XIV

Madrugada d'alma

A SÉ de Gôa estava cheia de fieis. Pareciam d'oiro os sinos no seu repique.

Era domingo, dia de flôres e sol. O povo e os fidalgos, com fraternidade tocante, esperavam no templo a voz de Francisco Xavier que ia prégar, e a qual nunca se fatigavam de ouvir.

A compostura de todos era grave e simples. As cortezãs amesquinhavam-se detraz dos canarins pobres, como se temessem provocar um protesto. A fidalguia, imponente sempre, perdêra a altaneria provocante com que costumava destacar-se no meio das multidões, e assistia com recolhimento.

No altar-mór, o bispo D. João Afonso d'Albuquerque e demais cleresia, sentavam-se para ouvirem o sermão do apostolo. As luzes deslumbravam pelos seus reflexos nas pratas.

E, de subito, a figura serena de Francisco Xavier alevantou-se no pulpito.

Apenas elle appareceu, uns olhos formosos e penetrantes se cravaram nelle como em extasis.

Eram os de Leonor d'Albuquerque e Sá. Sua irmã contemplava-o tambem, mas com menos força, porventura com mais perturbação, com mais timidês.

Leonor fôra á festividade com verdadeira sêde de palavras balsamicas. Depois que Luís Falcão se lhe hospedara em casa, sentia um espirito mau ao pé dos seus sonhos puros.

Não amava ninguem, a não ser o pai e os irmãos, e não podia admitir a possibilidade de amar um homem como o capitão d'Ormuz. Dulçoroso como elle se fingia, no olhar delle descortinava ella sempre uma punhalada de fel, constante, implacavel.

E, quanto mais o pai a impelia e até verberava a ocultas, mais Luís Falcão lhe parecia hediondo, com a hediondês dum homem brutal que não sabe vestir-se de flôres, por mais que as procure com astucia, de todas as especies, brilhantes ás vezes, mas artificiaes sempre.

A sua vida agora era uma batalha triste e surda. Tão joven, tão longe ainda, pela edade, de pensar em ser mãe de familia, molestava-a, ofendia-a, escandalisava-a até, ter de ouvir a seu pai, cada vez mais despejadamente, falar num projéto que por tudo lhe repugnava.

E, com estrategia feminina, afastava quanto podia sênas violentas, chamando a terreiro os amores de Joana, gracejando ácerca delles, fazendo por embriagar o pai com aquella felicidade tão prodigiosamente completa. Depois, nas horas de desfalecimento, corria para o irmão, colhia forças no seu aféto heroico e, entretanto, ao falar a Luís Falcão, magoava-o o menos que podia.

Mas Leonor era duma indole nativamente austera. Não sabia lisongear nem iludir. Depois de vêr que o capitão d'Ormuz acariciava uma esperança, destruia-lh'a com uma só palavra, por fórma que tinha de o ferir até ao coração, de lhe despertar o facil rancor.

D. Garcia acompanhava esta batalha surda com

angustia e com faciosismo. Por vêses, ouvindo qualquer resposta incisiva, o velho fidalgo chamava de parte a filha e repreendia-a com um rigor que ameaçava, até com brutalidade.

Se Leonor tivesse outra astucia, teria desarmado o inimigo por muito tempo. Luís Falcão porfiava por se vêr tão repelido, e porisso aproveitava todos os pretextos para demorar a hospedagem.

Se ella tivesse sabido insinuar-lhe uma esperança, o capitão d'Ormuz já se teria retirado, iludido, mas menos perturbador, confiado em que dali a annos teria a mão de Leonor de Sá. E seria uma trégua util. E podia dar origem a melhores acontecimentos.

Nos ultimos dias houvera sênas mais decisivas, e uma dellas terminante e grave.

Numa tarde, Leonor, estando só no jardim, viu chegar Luís Falcão.

Empalideceu, mas ficou firme. Não desviou o olhar: fitou-o. Não franziu o sobrolho; esperou-o com a mirada penetrante e magnetica de quem tem consciencia da sua força.

Luis Falcão, incendiado, mas resoluto, em tudo mostrava uma tenção extrema: no passo, no olhar, no sarcasmo do sorriso acerado.

Quando se aproximou mais, viu que no banco de pedra em que ella estava, havia logar para elle, e sentou-se desenleadamente. Cobria-os uma folhagem espessa e luzente. Ondulava um perfume tão capitoso, que enlanguescia.

O capitão d'Ormuz curvou-se todo para ella, e disse-lhe com firmeza e arrojo:

—Devaneais, formósa senhora D. Leonor?

—Gózo o jardim de meu pai, senhor Luís Falcão—volveu ella com voz metalica.

—Ainda sem devaneios?

— Nem sei o que isso é.

— Assim tendes o coração tão cerrado?

— O coração e os ouvidos — acentuou Leonor expressivamente.

— Se vos não molestasse...

— Dizei.

— Porque me olhais tão de má sombra?

— Meu Deus! Olho-vos como ólho para todos.

— Sois para todos assim?

— E como havia eu de ser, senhor capitão d'Ormuz?

— E' certo que nunca amastes?

— Não, senhor Luiz Falcão, tenho amado, amo e amarei muito.

O fidalgo esverdeou-se todo e, recuando um pouco, disse logo com insolencia, incapaz de conter a sua vaidade:

— Ah! então tendes enganado os vossos com essa aparencia de santa!...

— Enganá-los?! replicou Leonor com desdem fulminante. Por quem me tomais vós?

E, com a ironia mais pungente, mais piedosa:

— Engano então meu pai, amando-o de sempre? Engano meu irmão?

— Ah! referíeis-vos... disse elle, contrariado, repêso já tarde do seu impeto.

— E, se a outrem me referisse, tornou ella asperamente, julgaís-vos então com direito a saber dos meus segredos?

— Talvez — rouquejou elle, convulso — talvez vos pudera dar util conselho...

— Decerto, se vo-lo pedissem, e se eu não tivera pai nem irmãos...

— Assim me despedis, senhora? exclamou elle, impaciente, disposto a todas as grosserias.

— Mas não vos entendo.

—Não quereis entender-me.

E Luis Falcão, entre colerico e astuto, colheu-lhe a mão com audacia brutal.

Depois, aparentando grande angustia, disse-lhe a meia voz:

—D. Leonor, amo-vos e vosso pai, bem o sabeis, tem grande prazimento neste amor.

—Cuidado, senhor capitão d'Ormuz, disse ella, repelindo-o com energia: que não é de cavaleiro maguardes-me tanto esta pobre mão que não vos fêz mal algum.

E, desprendendo-se por completo, afastou-se mais e disse-lhe com terrivel ironia:

—Mas por certo andais cégo. Já vistes a vossa edade e a minha? Se velha vos pareço, iludis-vos, que estou longe dos vinte annos. E meu pai, se tanto vos quer, não ha-de expôr-vos ao ridiculo de vos dar como esposa quem podia ser vossa filha.

Luis Falcão rugiu uma surda insolencia e pôs-se a pé. Leonor continuava, d'olhos fixos:

—E tende de vós para vós, que eu respeito e não temo. Estimo muito os amigos do senhor meu pai. Insolencias nem ameaças... sabei-o bem—não lh'as permito.

Ha muito me provocais. Que mal vos fiz eu? Porque viestes perturbar a paz dos meus? Chamei-vos? Dei-vos alguma esperança? Se meu pai vos quer, não vêdes que vos não quero?

—Reparai bem... reparai bem... rouquejou Luis Falcão, d'olhos cheios de sangue.

—Em quê? No vosso ódio? No desespêro de meu pai? Mas, senhor capitão d'Ormuz, inexperiente e moça como sou, conheço quem vale mais do que vós ambos. Sabeis quem é? Deus.

—Sermões do Padre-Mestre... ironiou Luis Falcão, bamboleando-se.

—Talvês, senhor capitão d'Ormuz. Mas, afinal, que tendes vós com a minha alma?

—Dizei, dizei, D. Leonor.

—Nada mais tenho que dizer-vos.

—Pois eu, senhora, vos digo só, que deixeis passar algum tempo...

—O tempo hade passar sempre.

—E, depois...

—Depois...

Luis Falcão desatou a rir nervosamente. Em seguida, afastando-se com grosseiro desdem, disse-lhe já do alto da escada de pedra:

—Depois, senhora, beijos em vês de picadas...

E desapareceu.

Aquelle lance convulsionára Leonor. Voltando a casa, evitou o pai e procurou o irmão.

Pantaleão de Sá disse-lhe que D. Garcia estava excessivo de cólera. Falcão tudo lhe contara.

—Deus me valerá—respondeu ella, muito pálida.

—Podeis contar comigo—disse elle apenas, todo resoluto.

—Que ides fazer?

—Eu sei! Provocar o capitão d'Ormuz, matá-lo, se fôr preciso!

—Meu Deus! exclamou ella, livida, estorcendo as mãos deliciosas.

—Não vos aterreis, acudiu o irmão com sinceridade. Procederei primeiro com prudencia. Forcejarei por iludi-lo com manha, a ver se o afugentamos. O pai ficará livre daquelle negro feitiço...

Mas este impeto heroico do irmão angustiára-a.

Demais sabia ella, nos ultimos tempos, como o aféto delle, que a principio não conhecia profundamente, tinha muito de loucura. Seu irmão seria tão capaz de

matar quem a perseguisse como de derramar o seu sangue por quem ella amasse.

Era um amor puro, verdadeiramente fraternal, mas doentio de requinte.

Quando D. Garcia de Sá disse ás filhas sombriamente, que iriam ao sermão de Francisco Xavier, Leonor exultou. Carccia de orar a Deus, de pedir um milagre naquella agonia.

Fôra para o templo com alvoroço. Ajoelhára, pungida e triste. Luis Falcão ficara perto, olhando-a constantemente de sosláio. Porém ella viu-o apenas num relance. Depois esqueceu-o.

Cantavam no altar-mór. Uma grande Fé adejava sobre todas as cabeças.

Ouvia-se o ritmo de muitos corações, pulsando em peitos alvoroçados.

Ondas de incenso iam passando, lentas, caprichosas, brancas como o Cordeiro do altar-mór.

Leonor sentiu-se arrancada da argila, do mundo. Conheceu que a oração a fazia dialogar com Deus.

E julgou que uma voz misiricordiosa e dôce lhe ia dizendo:

—Não temas a Luís Falcão, mas espera sempre angustias na vida.

Ao que ella, orando extatica, ia respondendo:

—Mas, meu Deus! porque heide ter eu sempre angustias?

—Francisco Xavier t'o vai dizer! julgou ella ouvir.

Efetivamente, voltavam-se todos, e o belo missionario surdia no pulpito.

Apenas elle assomou, Leonor dirigiu-lhe um olhar profundo e ancioso.

E pareceu-lhe a ella que o Santo a vira e que, sorrindo com tristeza e bondade, a acalmava com um olhar enorme e luminoso.

Francisco Xavier começou o sermão com o texto dum Santo Padre, sem enfase, sem retumbancia, no tom de quem lê uma lição.

A sua palavra, muito simples e muito profunda, principalmente muito sentida, explicava o texto com grande clareza e altura d'alma.

Todos o compreendiam e todos o admiravam, sem elle impôr o assombro.

A eloquencia, limpida como as águas puras, derivava com grande naturalidade.

Mas, de subito, o lago fês-se Mar em brilho e som.

Francisco Xavier, banhado em lagrimas, descrevia as atribulações do justo.

O justo não se desviava do caminho do Bem e agredia-o todo o Mal. Não tinha um remorso, e feria-o toda a provação. Não mentia, não odiava, não dava largas á carne mesquinha, e via guerreadas pelo Mundo as suas aspirações mais legitimas.

Quando tantos maus conseguiam um lar, a elle roubava-lhe a desventura o menor tugurio. Quando verdadeiros criminosos tinham beijos, as bôcas dos outros só poisavam na face delle para lh'a morderem. O amigo mais dileto era Judas. A espôsa tão amada resultava-lhe Messalina, o filho mais amado era, pela consciencia, um parricida.

Não tinha uma torpeza, e todos o classificavam de hipócrita, o que, na linguagem do Mundo, é o mesmo que apontar a larva dum Monstro.

Qual a infinita desgraça desse justo? Francisco Xaxier dizia que era o Desespêro.

Se o justo desesperava, merecia então todas as injustiças do Mundo. Então nem a inteligencia nem o sentimento estavam com elle. Perdia a Fé e, descaindo de subito, ajuntava á desgraça presente a desgraça futura.

Porque — dizia o Santo — não ha ninguem mais a caminho da Eterna Felicidade do que o grande desgraçado. A desgraça com virtude é a Salvação. Quem traduz bem o valor duma lagrima, vertida do fundo do coração, encontra sempre uma linda estrêla.

E Francisco Xavier, enxutas as lagrimas, alteava-se num hino esplendido e novo.

Qual dos seus ouvintes era o mais desgraçado, o mais pobre, o mais triste, o mais perseguido?

Pois esse era o maior de todos! Como Jesus-Cristo, descomunal no patibulo, depois de incomparavel no Apostolado, esse miseravel aos olhos do mundo era o mais sublime aos ólhos de Deus.

Sofria inenarravelmente? Caminhava, solida e brilhantemente, para a Gloria. Cada dôr era um degrau. Cada passo era uma apoteóse.

E Francisco Xavier, como se adivinhasse as angustias de Leonor, voltou-se para onde ella estava. A sua voz pareceu mais triste, mais sentida. O olhar ganhou a expressão estranha dum relampago permanente.

Virgens piedosas, radiosas de honestidade, podem espantar-se de que a Vida só lhes ofereça o fel no meio do seu caminho puro. Mais puro era Jesus e só fel lhe deram os homens.

Mais pura era Maria de Nazaret e só a amargura lhe gretou os labios e a alma.

Viver não é afugentar a Desgraça: viver é fazer, do Infortunio, a Suprema Paciencia e a Suprema Humildade. A Desventura, quanto mais excessiva, mais fecunda: quanto mais injusta, mais nos assegura a proxima e eterna Justiça.

Neste momento, Leonor, consolada, fortificada, mais feliz, olhou para seu pai e viu-o meditabundo; fitou Luis Falcão e viu-o livido, como indignado.

Contra quem? Contra o trovão despertado da sua propria consciencia.

Não se iluminam os antros: fazem-se lugubres apenas com a luz pura. O salitre das suas paredes decompõe-na e refrange-a em colorações sinistras.

Ao alto do templo, perto de Fr. Manuel da Salvação, Manuel de Sousa Sepulveda ouvia tambem o missionario.

Era a repetição, maravilhosamente nova, do que elle lhe fôra dizer a casa, numa surpreza que o perturbara para todo o sempre.

Aquilo mesmo. Que não afugentasse dôr nenhuma, e menos a do justo remorso, porque a Dôr é a Alegria Eterna, é o caminho para a Bemaventurança de sempre; mas que, purificando-se conscientemente por meio dessa Dôr, não se espantasse de sofrer tanto mais quanto mais puro se visse.

A pureza não era mais do que um requerimento de angustias terrenas, porque só é puro quem não vive em conformidade com as paixões do Mundo, e só se é puro, sofrendo-lhes a constante hostilidade, que é o que nós chamamos Desgraça, quando esta não é mais do que a maior felicidade, um pouco da consciencia de nos furtarmos ao Efemero e nos aproximarmos do Eterno.

Fr. Manuel da Salvação lia admiravelmente estes pensamentos intimos no olhar brilhante e vago de Manuel de Sousa Sepulveda.

Quando o sermão concluiu, o velho frade disse ao fidalgo:

—Como vos sentis?

—Destruido, respondeu elle.

—Destruido, Manuel de Sousa?

—Destruido e remido, penso eu.

Depois, saindo da Sé, encontraram-se ambos mais amigos, mais livres de enleio.

E o antigo capitão de Diu, dando o braço fraternalmente ao frade, disse-lhe:

—Vamos, Fr. Manuel. Preciso hoje muito de vós.

—Não vos molesto?

— Bem deveis saber que não.

—Pela primeira vês...

—Dizeis bem, Fr. Manuel, pela primeira vês.

E o fidalgo, fremente de comoção, continuou:

—Francisco Xavier fês-me despir uma vestidura de ferro e deu-me uma de lagrimas.

Aceito-a, porque, sofrendo tanto agora, acho-me mais sereno.

Vou criar e amar os meus filhos, e, se encontrar no meu caminho uma mulher que me compreenda, que deseje ser companheira do meu Calvario, desposa-la-ei. Não mais me vereis mancebas, que não sejam as armas, companheiros de aventura, que não sejam os livros.

Mas é singular: como me dóem a cabeça e o coração!

—E' a despedida da Carne...

—Despedida dolorosa... mas Francisco Xavier diz bem, o melhor remedio á Dôr é a maior Dôr.

—E' a despedida da Carne e a vinda da Alma, disse o frade.

—Dizeis bem, meu santo Amigo, a vinda da Alma, que não sei onde a deixara...

—No caminho da Illusão e da Paixão, Manuel de Sousa.

Nisto, uma voz grave, um pouco tremula, saudou Fr. Manuel.

O frade cortejou com humildade. Era D. Garcia de Sá que passava com as filhas e com Luís Falcão.

Manuel de Sousa fês um vago cumprimento, ao qual Garcia de Sá correspondeu com frieza e o ca-

pitão d'Ormuz com algum ruido de palavras levianas.

Leonor de Sá saudou ligeiramente Manuel de Sousa, mas, depois, atraída irresistivelmente, tornou a fita-lo, estremeceu toda e voltou a cabeça com ar brusco.

Sepulveda ficara deslumbrado e apreensivo. Nunca a tinha contemplado tão bem. Não a julgava tão formosa e imponente.

O frade leu-lhe nos olhos a fascinação, e sorriu com alegria.

Para Fr. Manuel o melhor caminho de Manuel de Sousa era a vida honesta do lar.

Adivinhara-lhe sempre impetos de sangue vivo, uma natureza exuberante e indomavel e sonhara como possivel nelle a virtude dum excelente pai de familia, se quizesse guiar-se pelos bons principios.

Não seria chegado o tempo de ver operado esse milagre?

Que melhor genro podia querer D. Garcia de Sá, se Sepulveda se regenerasse?

Preocupava-o apenas ver com o velho fidalgo a figura insolente e dura de Luís Falcão.

Mas as filhas eram duas, e talvês estivesse livre a que impressionara Sepulveda.

No espirito do bom frade surdiu logo um dever novo: estudar a impressão recebida pelo fidalgo, ver se ella caminhava, tomando o rumo desejado, e fazer-se medianeiro.

Entretanto, Manuel de Sousa perguntava:

—Conheceis de perto D. Garcia?

—Muito de perto.

—Podereis saber uma coisa?

—Dizei.

—Porque lhe serei eu tão antipatico?

—Quem vo-lo disse?

—Tenho-o eu notado.

—Talvês a vossa fama...

—E tem-na melhor Luís Falcão?

—Talvês os unam interesses particulares.

—Bem particulares... murmurou Manuel de Sousa com amargura.

—Ah! sabeis?

—Falcão disse-me, embora a rir, que pretende Leonor...

—A mais velha?

—E a mais linda.

—Fica livre a mais nova.

—Nem essa, que o disse muito a serio D. Garcia. Mas a mais nova... a mais nova...

—Não vale a mais velha?...

—Voto a Cristo, que não. Pois não as vistes?

—Julgais-me entendido nesses assuntos?

—Ah! perdoai, Fr. Manuel, vós viveis muito acima de mim.

—Mas sempre convosco pelo coração.

—Bem o sei, bem o sei, e muito ingrato tenho eu sido.

—Não falêmos nisso. Vestistes novo traje. Despertou dentro de vós toda a alma. Agora o caminho é para diante. Deus nos amparará e iluminará.

Manuel de Sousa Sepulveda não respondeu.

Passavam fidalgos, clerigos e povo.

Um verdadeiro mar se estendia desde o largo da Sé ás bocas das ruas proximas.

Nisto, apareceu o bispo, muito humilde, caminhando a pé, levando ao lado o missionario que sorria, timido e rosado como uma creança.

E logo todo o povo, em alvoroço, d'olhos brilhantes, vozeou:

—O Santo! o Santo!

E mães, pálidas de comoção, levantavam os filhinhos para que elle os abençoasse.

Homens velhos, de barbas muito de neve, ajoelhavam e faziam ajoelhar os moços, emquanto um ou outro soldado, perdido na turba, estacava livido, perfilava-se como diante dum rei, e sentia os olhos humidos ao vêr passar o Apostolo.

O pequeno cortejo caminhava lentamente.

Quando Francisco Xavier chegou junto do frade e de Manuel de Sousa e os viu de joelhos, sorriu-lhes com ar de repreensão.

Mas nenhum delles se ergueu. Só o fizeram, quando o povo, acotovelando-se atraz do bispo e de Francisco Xavier, ameaçou esmaga-los na sua onda enorme.

Quando se levantaram, o cortejo ia longe, mas o mesmo clamor corria, ardente e profundo, como um trovão da consciencia colétiva:

—O Santo! O Santo!

FIM DA PRIMEIRA PARTE E DO PRIMEIRO VOLUME

INDICE

PROLOGO

PAG.

A caminho da côrte 3
Luz do céo 12
O tédio d'El-Rei 22
Dois moços-fidalgos 33
Pelejas de corações 44
Naus e tédio 58
Nas trevas 69
Mexericos e diplomacia 79
Abyssus abyssum... 90
Carta da India 101
Mestre Gil 110
Para a India! 122

PRIMEIRA PARTE

Um novo governador 135
Ao luar 149
Como a India caía 161
Dentro da consciencia 169
Para o Estreito de Méca 178
Tempestade ao longe 187
A culpa dum justo 197
Noite íntima 212
Injustiças e miserias 222
Deus e Cesar 233
Sêna de morte 242
O Santo 252
Temporal iminente 264
Madrugada d'alma 279